



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO AMBIENTE**

JULIANA ABRÃO DA SILVA CASTILHO

**FEIRA DAS MANAS:
ECONOMIA CRIATIVA, EMPODERAMENTO E SUSTENTABILIDADE EM
PALMAS/TO**

Palmas, TO

2024

Juliana Abrão da Silva Castilho

**Feira das Manas:
economia criativa, empoderamento e sustentabilidade em Palmas/TO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente da Universidade Federal do Tocantins, como requisito à obtenção do grau de Doutorado.

Orientadora: Profa. Dra. Marina Haizenreder Ertzogue

Palmas, TO

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- C352f Castilho, Juliana Abrão da Silva.
 Feira das Manas:: economia criativa, empoderamento e sustentabilidade em Palmas/TO. / Juliana Abrão da Silva Castilho. – Palmas, TO, 2024.
 222 f.
- Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Pós-Graduação (Doutorado) em Ciências do Ambiente, 2024.
 Orientadora : Marina Haizenreder Ertzogue
1. Feira de artesanato. 2. Empoderamento feminino. 3. Economia criativa. 4. Representações sociais. I. Título

CDD 628

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Juliana Abrão da Silva Castilho

Feira das Manas
economia criativa, empoderamento e sustentabilidade em Palmas/TO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente da Universidade Federal do Tocantins e avaliada para a obtenção do título Doutora e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data da aprovação 15/03/2024.

Banca Examinadora:

Orientadora e Presidente da Banca Professora Dra. Marina Haizenreder Ertzogue, UFT

Professora Dra. Cynthia Mara Miranda, UFT

Professora Dra. Gleys Ially Ramos dos Santos, UFT

Professor Dr. Carlos Eduardo Panosso, IFTO

Professor Dr. Wildes Souza Andrade, IFTO

1º Suplente: Prof. Dra. Isabel Rosa Gritti, UFFS

2º Suplente: Professora Dra. Ana Daisy Araújo Zagallo, UFT

*A quem interessar possa
Vamos escolher
O que devemos ecoar
O que nos fala, o que nos move
O que vai fazer mudar uma rede
De violência e de falta de memória*
Trecho da Música *Prezada Mulher*, Projeto Ecoar do Grupo Mana

AGRADECIMENTOS

À divindade que nos ampara todos os momentos e aos bons espíritos e mensageiros divinos que nos orientam na jornada reencarnatória.

Agradecer à memória das minhas mães (mãe, tia, avó, o trio que fez de mim parte do que sou). Maria Lúcia, Maria Helena e Helena foram as minhas primeiras motivadoras, que desde a infância me estimularam a ser mais e melhor, que partiram cedo demais, mas deixaram suas marcas na pessoa que sou. Vocês me ensinaram a pegar um limão e fazer um suflê de limão, pois a limonada seria muito fácil. Obrigada!

Ao meu esposo, que agiu como um verdadeiro companheiro, sempre me estimulando e amparando. Ele tomou para si todo o peso possível e imaginável de ser cônjuge de alguém que estava claramente tentando alçar um voo sem saber voar direito. Ele foi a mola propulsora que me catapultou ao início dessa trajetória, sempre oferecendo um colchão de ar para os momentos de queda. Gostaria de explicar como se deu esse movimento, mas, como você vai corrigir a parte física da coisa e apontar gentilmente todos os erros de elaboração teórica e prática, só posso afirmar que a velocidade foi bem alta, maior que a gravidade certamente. Amor, amigo e companheiro é pouco para te definir.

A meus filhos, Maria Lúcia e João Francisco, mais que agradecimento devo perdão, atenção e carinho, pois eles são o alívio da tempestade, o afago e o afeto que eu dei e recebi para continuar em frente. Seguir necessitou, para além do impulso do moção, um estímulo a mais. Para vocês sou exemplo e não queria ser um exemplo de desistência. Nada contra quem desiste. Sei que às vezes é preciso. Isso aqui não foi fácil. Não que eu seja forte. Só finjo bem. Obrigada, amores, monstro mamãe manda mordidinhas e cosquinhas para vocês! Perdão pelas ausências, muitas delas presentes.

À família Castilho, especialmente meus sogros, Aparecida e João Francisco, que sempre estiveram prontos a nos servir e auxiliar sem pestanejar, quando sozinhos não conseguimos dar conta do recado. À minha sogra, por substituir minha mãe em tantos momentos da minha jornada. A meus cunhados Danilo, Dayana e Eliane, a concunhada Lú e a minhas sobrinhas queridas, agradeço por todo afago e por me apoiarem ao longo destes 26 anos de convívio.

A meu pai Romeu, minha querida mãedrastra Laís, meus irmãos, Roberto e Rúbia, o querido cunhado Adalto e meus sobrinhos queridos, sou muito grata por muitas vezes estarem presentes, embora eu também tenha sido bastante ausente neste período todo.

À minha querida e admirável orientadora, por ser quem é. O conjunto da obra completa. Ah, professora Doutora Marina, minha conexão com você é real! Como posso começar a agradecer? Não foi só orientação! Sei que orientar é seu trabalho... Mas fazer como a senhora fez, com dedicação e delicadeza, como me mostrou o caminho a seguir... Isso foi somente parte da pessoa maravilhosa e da profissional competente e dedicada que você é. Agradeço todos os dias por ter saltado na sua frente logo após sua primeira aula no programa e pedido para que me orientasse. Você é um exemplo de garra, força, persistência e dedicação. Uma supermulher! Uma amiga. Obrigada!....

Estendo esse agradecimento ao meu ex-orientador, professor Doutor Jordão Horta Nunes. Com quase 20 anos de atraso, estou concluindo a etapa do doutorado que você me recomendou buscar assim que terminei o mestrado. E grande parte do que aprendi e coloquei em prática devo também a você.

Gostaria de agradecer às colegas do grupo de orientação, que foram pessoas cuja interação me deu sempre fôlego. Em especial, obrigada a Susie e a Sônia, por todos os momentos.

Às doutorandas da turma de 2020 agradeço o companheirismo, juntas, todas mulheres, vencemos o invencível. Quase dois anos de aulas *online*, cuidando de todas as nossas atribuições originais e daquelas que a sociedade nos impõe, como mulheres e, muitas de nós, mães. A jornada não seria a mesma sem vocês. Vencemos! (Ou espero que sim... vai saber como será a defesa?!). Sei que piramos, adoecemos, desdobramo-nos, mas terminamos! Parabéns a todas vocês, amigas!

Às queridas Renata, Patrícia, Samara e Maria Rita. A todas amigas agradeço em seus nomes. A vocês devo uma parte desta realização. Vocês estavam lá quando eu precisei. Isso é sororidade, para além da amizade! Amo vocês, irmãs do coração. Obrigada!

Ao chefe e a colegas de trabalho. Cadu, amigo que me deve 700 reais (precisava deixar registrado, rsrs). Vou considerar essa dívida BEN quitada. Junto aos colegas das ciências humanas temos um longo caminho de trabalho pela frente, rumo à aposentadoria, vocês deixam a jornada mais colorida e bonita. Estendo esse agradecimento ao IFTO, que me proporcionou afastamento e condições para esta qualificação e aprimoramento pessoal.

Ao nosso querido e sempre Presidente Lula e a minha admirada presidenta Dilma, que sofreu perseguição imensa por tentar fazer o melhor. Sem as políticas educacionais que ambos os governos proporcionaram, hoje eu não seria professora federal. O Brasil voltou!

Às Manas e ex-Manas. Ahhhhhh, Manas! Minhas preciosas Manas, que me fazem crer que um futuro de mais igualdade, empoderamento e sororidade é possível. Ver a jornada

inspiradora de todas e cada uma, em busca de um lugar, literalmente, ao sol do Tocantins foi inspirador! Vocês me receberam com tanto cuidado e carinho! Tornaram-se amigas que levarei para a vida. Em especial, Renata, Ana Maria, Suen, Bia e Patrícia, que estão ou estiveram à frente do grupo e a quem agradeço por me auxiliar e direcionar meus primeiros passos. Todas as Manas têm um cantinho no meu coração.

Também preciso dar à Gleys e à equipe de administração do *Indique uma Mana no Tocantins* um “obrigado” especial. Sem o IUMT a Feira das Manas não existiria. A ideia de impulsionar mulheres a se unirem em coletivo e materializarem movimentos de empoderamento feminino encontrou lá terreno fértil para nascer e se desenvolver. De lá alçou voo. Parabéns! Seu trabalho dá frutos e tira muitas mulheres de situações que vocês nem conseguem imaginar! Sinto que precisamos materializar e ouvir essas histórias. Tirar as mulheres das sombras e colocá-las sob a luz da verdade, dando visibilidade às suas jornadas de empoderamento. Vamos ao trabalho?

Aos amigos e companheiros do Núcleo Espírita Caridade, o Caminho. Casa de amor e luz da qual sou médium ativa e coordenadora há mais de 15 anos. Obrigada por me apoiarem em todas as instâncias, ajudando-me por meio do exemplo e das preces. Estendo os agradecimentos aos jovens da Mocidade Raio de Luz, aos que estão presentes e aos que cresceram sob minha tutela. Tia Ju os ama profundamente, como filhos queridos do coração. Às amigas do enxoval Maria de Nazaré, minha rede de amigas queridas e empoderadas, desculpem as ausências, estou voltando! Prometo ficar virando e colocando punhos durante um mês para pagar os quatro anos de ausência.

Aos amigos da Palmas Judô Clube, em especial às mulheres fortes e empoderadas que encontrei no judô para mulheres. Gisela, minha querida parceira e amiga! Na prática do judô, deixei parte da ansiedade e do medo que estava me impedindo de continuar. Lutando e adquirindo algumas marcas roxas, eu enfrentei minhas dificuldades internas e meus limites.

Por fim, agradeço a todas as mulheres brasileiras. Nós que estávamos envoltas em um mar de escuridão machista e à beira do fascismo, em especial nos últimos anos, já vivemos e sobrevivemos a coisas ruins demais ao longo da nossa história. O feminismo é a estrada que todas percorremos de uma ou outra forma. Juntas podemos mais! Mulheres brasileiras, uni-vos!

RESUMO

Em Palmas/TO, um grupo de artesãs estruturou-se sobre as égides do empoderamento feminino e da economia criativa e fundou uma feira itinerante. A Feira das Manas, organizada a partir de movimentos de sociabilidade em uma rede social *online*, se apresenta enquanto modelo sustentável para gerar, por meio da economia criativa, trabalho e renda para mulheres. A perspectiva desenvolvida na análise conta com o subsídio teórico da Psicologia Social, mais especificamente da Teoria das Representações Sociais, analisada neste documento. O referencial teórico busca estabelecer a cidade de Palmas como palco para o desenvolvimento do grupo, além de abordar os principais aspectos das unidades e das categorias que subsidiam a análise. Busca-se oferecer aparato teórico para as discussões realizadas a partir do levantamento de dados. Este manuscrito também resgata o percurso metodológico seguido para desenvolvimento da pesquisa e integração de diferentes instrumentos de coleta e análise de dados. Resgata-se, por meio da netnografia e de entrevistas, a formação do grupo, sua jornada durante o período de afastamento social, motivado pela pandemia de COVID-19, e as estratégias de retorno da feira para o ambiente urbano. Busca-se relacionar os locais de feira e as estruturas imaginárias presentes no grupo, bem como a construção de uma performance identitária a partir da sustentabilidade, do empoderamento feminino e da economia criativa, enquanto representações sociais significativas para o grupo.

Palavras-chave: Feira de artesanato. Empoderamento feminino. Economia criativa. Representações sociais.

ABSTRACT

In Palmas/TO, a group of artisans structured themselves under the auspices of female empowerment and creative economy and founded a traveling fair. The "Feira das Manas", organized through social networking movements online, presents itself as a sustainable model for generating employment and income for women through creative economy. The perspective developed in the analysis is supported by the theoretical framework of Social Psychology, specifically the Theory of Social Representations, as analyzed in this document. The theoretical framework seeks to establish the city of Palmas as a stage for the group's development, as well as to address the main aspects of the units and categories that support the analysis. The aim is to provide theoretical support for discussions based on data collection. This manuscript also retraces the methodological path followed for the development of the research and the integration of different data collection and analysis instruments. Through netnography and interviews, the formation of the group, its journey during the period of social distancing prompted by the COVID-19 pandemic, and the strategies for the fair's return to the urban environment are recounted. The aim is to relate the fair locations and the imaginary structures present in the group, as well as the construction of an identity performance based on sustainability, female empowerment, and creative economy, as significant social representations for the group.

Keywords: Craft fair. Female empowerment. Creative economy. Social representations.

RESUMEN

En Palmas/TO, un grupo de artesanas se estructuró bajo los auspicios del empoderamiento femenino y la economía creativa, y fundó una feria itinerante. La "Feira das Manas", organizada a través de movimientos en redes sociales en línea, se presenta como un modelo sostenible para generar empleo e ingresos para mujeres a través de la economía creativa. La perspectiva desarrollada en el análisis se apoya en el marco teórico de la Psicología Social, específicamente la Teoría de las Representaciones Sociales, como se analiza en este documento. El marco teórico busca establecer la ciudad de Palmas como escenario para el desarrollo del grupo, así como abordar los principales aspectos de las unidades y categorías que respaldan el análisis. El objetivo es proporcionar apoyo teórico para las discusiones basadas en la recopilación de datos. Este manuscrito también repasa el camino metodológico seguido para el desarrollo de la investigación y la integración de diferentes instrumentos de recopilación y análisis de datos. A través de la netnografía y entrevistas, se relata la formación del grupo, su trayectoria durante el período de distanciamiento social provocado por la pandemia de COVID-19 y las estrategias para el regreso de la feria al entorno urbano. El objetivo es relacionar los lugares de la feria y las estructuras imaginarias presentes en el grupo, así como la construcción de una actuación identitaria basada en la sostenibilidad, el empoderamiento femenino y la economía creativa, como representaciones sociales significativas para el grupo.

Palabras clave: Feira artesanal. Empoderamiento femenino. Economía creativa. Representaciones sociales.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Dinâmica do desenvolvimento da pesquisa.

Figura 2 – Registro fotográfico da reunião ordinária em outubro de 2023, em Palmas/TO.

Figura 3 – Registros fotográficos feitos por feirante da presença da pesquisadora em campo, orla da Praia da Graciosa, em Palmas/TO, no dia 21 de maio de 2022.

Figura 4 – Registro fotográfico das Manas presentes na feira do Dia das Mães ocorrida em 7 de maio de 2022, no Calçadão da orla da Praia da Graciosa, em Palmas/TO.

Figura 5 – Registro fotográfico de observação de campo na feira ocorrida em 4 de fevereiro de 2023, no Parque dos Povos Indígenas, em Palmas/TO.

Figura 6 – Registro fotográfico de observação de campo na feira ocorrida em 8 de novembro de 2022, na orla da praia da Graciosa, em Palmas/TO.

Figura 7 – Registro fotográfico da entrevista feita em 1 de dezembro de 2022, na feira realizada no saguão da Ordem dos Advogados do Tocantins (OAB/TO), em Palmas/TO.

Figura 8 – Registro fotográfico de entrevista feita em 22 de abril de 2023, na feira realizada na orla Praia da Graciosa, em Palmas/TO.

Figura 9 – Registro fotográfico da feira no dia 23 de abril de 2022, no calçadão da orla da Praia da Graciosa, em Palmas/TO.

Figura 10 – Logomarca da Feira das Manas.

Figura 11 – Publicação no *Facebook* que gerou a organização da primeira feira exclusivamente formada por mulheres no Tocantins.

Figura 12 – Reprodução digital de anúncio da primeira Feira das Manas publicado no *Instagram* do grupo, no dia 4 de janeiro de 2019.

Figura 13 – Publicações do *Instagram* convidando para as edições da Feira das Manas, em 18 e 23 de janeiro de 2019, respectivamente.

Figura 14 – Comunicado sobre adiamento da feira do dia 21 de março de 2020.

Figura 15 – Organização para a realização de uma transmissão ao vivo (live) para a venda de produtos em 19 de fevereiro de 2022, em Palmas/TO.

Figura 16 – Publicações de combate à violência doméstica no *Instagram* da Feira das Manas Tocantins, em 13 de maio de 2020.

Figura 17 – Feira montada no espaço de mesas do restaurante em abril de 2022, na orla da Praia da Graciosa, em Palmas/TO.

Figura 18 – Publicação de *Instagram* realizada em 17 de agosto de 2022, anunciando o retorno das feiras itinerantes após primeira autorização dada pela prefeitura à feira em 2022.

Figura 19 – Foto da Feira das Manas na Praia da Graciosa, em dezembro de 2021, em Palmas/TO.

Figura 20 – Foto aérea da Feira das Manas após montagem das bancas em março de 2023, na orla da Praia da Graciosa, em Palmas/TO.

Figura 21 – Foto da Feira das Manas, em 21 de outubro de 2023, na Praia da Graciosa, em Palmas/TO.

Figura 22 – Manas realizando a montagem de suas bancas, em 21 de outubro de 2023, na orla da Praia da Graciosa, em Palmas/TO.

Figura 23 – Ana Maria realizando a montagem de sua banca, em 16 de setembro de 2023, no Parque dos Povos Indígenas, em Palmas/TO.

Figura 24 – Stelamares realizando a montagem da sua banca, em 16 de setembro de 2023, no Parque dos Povos Indígenas, em Palmas/TO.

Figura 25 – Feirantes unem-se para ajudar umas às outras na montagem de suas bancas, em 16 de setembro de 2023, no Parque dos Povos Indígenas, em Palmas/TO.

Figura 26 – Feirantes durante a montagem de suas bancas, em 16 de setembro de 2023, no Parque dos Povos Indígenas, em Palmas/TO.

Figura 27 – Feira das Manas após montagem parcial das bancas, em setembro de 2023, no Parque dos Povos Indígenas, em Palmas/TO.

Figura 28 – Foto aérea da Feira das Manas após montagem parcial das bancas, em setembro de 2023, no Parque dos Povos Indígenas, em Palmas/TO.

Figura 29 – Foto da Feira das Manas, em 22 de abril de 2023, na Praia da Graciosa, em Palmas/TO.

Figura 30 – A feira durante a apresentação circense em 16 de abril de 2022, na Praia da Graciosa, em Palmas/TO.

Figura 31 – Artesã confeccionando tapetes durante a Feira das Manas, em abril de 2022, na Praia da Graciosa, em Palmas/TO.

Figura 32 – Albânia expondo seus produtos na Feira das Manas, em abril de 2022, na orla da Praia da Graciosa, Palmas/TO.

Figura 33 – Mãe e filha (Ariadne e Suely) expondo suas peças na Feira das Manas, em abril de 2022, na orla da Praia da Graciosa, Palmas/TO.

Figura 34 - Beatriz expondo suas peças na Feira das Manas, em abril de 2023, no Parque Cesamar, Palmas/TO.

Figura 35 – Suen expondo seus produtos na Feira das Manas (esq.), biscoitos decorados (dir.), em abril de 2022, na orla da Praia da Graciosa Palmas/TO.

Figura 36 – Patrícia expondo suas peças de costura criativa na Feira das Manas, em março de 2023, na orla da Praia da Graciosa, Palmas/TO.

Figura 37 – Janeide expondo suas peças na Feira das Manas, em 8 de outubro de 2022, na orla da Praia da Graciosa, Palmas/TO.

Figura 38 – Marlene expondo suas peças na Feira das Manas, em abril de 2023, no Parque Cesamar, em Palmas/TO.

Figura 39 – Analice e Kátia expondo suas peças na Feira das Manas, em março de 2023, no Espaço Cultural José Gomes Sobrinho, em Palmas/TO.

Figura 40 – Foto registra presença do brechô Wild Pequi na primeira Feira das Manas.

Figura 41 – Conjunto de publicações do *Instagram* da Feira das Manas em 9 de novembro de 2019.

Figura 42 – Registo das Manas presentes em feira ocorrida, em 15 e 16 de dezembro de 2022, no Tribunal de Justiça do Tocantins, em Palmas/TO.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Lista de participantes e informações sobre a entrevista

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Publicações do *Instagram* da Feira das Manas por ano

Gráfico 2 – Classificação de postagens do *Instagram* por ano (2019-2022)

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

FIRJAN – Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro

FLIT – Feira Literária

IUMT – Indique Uma Mana no Tocantins

OMS – Organização Mundial de Saúde

ONU – Organização das Nações Unidas

PNAD – Pesquisa Anual por Amostra de Domicílios

PS – Psicologia Social

RS – Representação Social

SEDEM – Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Emprego

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TRS – Teoria das Representações Sociais

UFT – Universidade Federal do Tocantins

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	19
1.1 Os caminhos para construção da pesquisa	19
1.2 Apresentação do tema e do problema	21
1.3 Estrutura da tese	24
2 REFERENCIAL TEÓRICO	28
2.1 A Teoria das Representações Sociais	28
2.2 As representações sobre a cidade e sua organização produtiva	37
3 DO ESTRANHAMENTO À CONVIVÊNCIA: CAMINHOS DA PESQUISA COM A FEIRA DAS MANAS	39
3.1 Aproximação e contratualização	40
3.2 Coleta e produção de dados	46
3.2.1 Netnografia e técnicas de pesquisa <i>online</i>	49
3.2.2 Instrumentos etnográficos	52
3.3 A contratualização: do estranhamento à convivência	58
3.4 Análise de conteúdo	60
4 A FEIRA E AS MANAS	62
4.1 A jornada criativa das Manas nas redes sociais	69
4.2 A feira em tempos de COVID-19	78
4.2.1 O costurando alternativas durante a pandemia	83
4.2.2 A feira retorna às ruas da cidade	95
4.3 A feira em ação: a vivência etnográfica	98
5 PALMAS: CONCRETUDE E IMAGINÁRIO	110
5.1 A promessa de uma cidade sustentável	113
5.2 Tangibilidade e simbologia na capital do Tocantins	118
6 NAS FEIRAS, A ECONOMIA, A CULTURA E O AMBIENTE SE ENCONTRAM?	131
6.1 Uma breve narrativa sobre a história das feiras	132
6.2 As feiras e a economia urbana no Brasil	136
6.3 A economia criativa e a produção cultural	142
6.4 Entre a arte e a cultura: o artesanato e as artesãs em Palmas	144
6.5 As feiras de artesanato	162
7 AS DIVERSAS INTERFACES DE UMA FEIRA EXCLUSIVAMENTE COMPOSTA POR MULHERES	163
7.1 Gênero enquanto categoria útil de análise: o patriarcado e o feminismo	166
7.2 Ser feirante e produzir seu sustento: modos de ser feminista na contemporaneidade	172
7.3 O levante feminista é todo dia: a Feira das Manas e o empoderamento feminino	177

8 ÚLTIMAS CONVERSAS	185
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	199
REFERÊNCIAS	206

1 INTRODUÇÃO

1.1 Os caminhos para construção da pesquisa

A preocupação sobre como interagem gênero, trabalho e empoderamento feminino está presente em minha experiência pessoal desde a primeira infância. Vivi em um lar exclusivamente composto por mulheres, que, além do emprego formal, produziam diferentes produtos artesanais para complementar a renda familiar. Minhas tardes de domingo, ao pé da máquina de costura de minha mãe ou organizando os novelos de lã da minha avó (é justo confessar que eu mesma os embarçava), me fizeram aprender várias técnicas artesanais e percebê-las enquanto alternativas econômicas para o sustento familiar. Aprendi quase tudo que se possa fazer artesanalmente com linhas, tecidos e tintas, como parte das tradições familiares e como meio de ganhar dinheiro desde muito jovem.

Ao longo dos anos, tenho observado como mulheres utilizam o conhecimento adquirido a partir da cultura popular, no ramo que hoje é chamado de economia criativa, como forma de obtenção de renda, por vezes conciliada ao emprego formal, ou às atividades de cuidado com a família e o ambiente doméstico. Por outro lado, os estudos sobre as relações entre gênero e trabalho permearam minha formação na graduação em Ciências Sociais, na iniciação científica e até no tema escolhido para a pesquisa de mestrado.

A preocupação com essa relação permaneceu presente na vida profissional como professora e pesquisadora. A evolução, nesse sentido, é uma escalada contínua e não só intelectual, pois as discussões da área não se circunscrevem unicamente ao aprendizado e às elucubrações teóricas.

Estudar gênero, para uma mulher, é um movimento transformador perene, que ativa algo em cada uma de nós mulheres. É como um interruptor, que, quando acionado, ativa a luz sobre situações e vivências. Éramos atingidas e nos sentíamos incomodadas, mas, até então, não compreendíamos totalmente até que aos poucos entendemos e simplesmente sabemos. O empoderamento feminino vem de “dentro”, porém sentir-se empoderada desperta o desejo de uma certa ressonância, de obter uma resposta do que está “fora” de cada uma de nós mulheres. Esse anseio de reciprocidade faz do empoderamento um exercício cotidiano, uma questão de urgência, pois permite libertar-se das amarras historicamente impostas pelo patriarcado. Esta tese

é sobre mulheres que vivenciam cotidianamente, mesmo sem perceber, esse *click* do interruptor e acendem suas luzes, fazendo-as brilhar, em conjunto, sob o sol de Palmas.

O grupo de mulheres da Feira das Manas saltou aos meus olhos como objeto de pesquisa enquanto símbolo desse movimento empoderador. A forma como resistem às intempéries do trabalho duro, barganham por matéria-prima e materiais, confeccionam seus produtos e os levam para a venda na realidade de uma feira sob o sol quente ou a chuva caudalosa de Palmas/TO me pareceu mais um ato de resistência e sobrevivência de quem, como eu, sabe como pode ser difícil a busca do seu lugar no mundo. Essa dificuldade se dá, em parte, por causa da perspectiva de gênero no discurso de empoderamento, presente em todas as comunicações do grupo, como também por integrarem a primeira iniciativa desse tipo que acompanhei desde o início, mesmo que enquanto expectadora.

Essa feira pareceu ser, na ocasião, um movimento único, com atrações culturais e muito riso, conversa e sororidade, um espaço amigável e receptivo entre iguais, para todos. Acompanhei a formação do grupo pelas redes sociais e visitei algumas das feiras desde a primeira edição em 2019, tornando-me uma frequentadora assídua. Essas observações instigaram minha imaginação sociológica e geraram alguns questionamentos iniciais. Até então só havia visitado feiras de produtores regionais, em que eram comercializados itens de artesanato e roupas nas cidades de Goiânia/GO, Belo Horizonte/MG e Brasília/DF. Na cidade de Palmas, já havia um evento de comercialização de itens de vestuário, no formato de feira, chamado de Feira do Hangar, num galpão para eventos, localizado na quadra 812 Sul, porém era uma iniciativa, preponderantemente, de fabricantes e comerciantes de polos de confecções de estados vizinhos, que vinham mensalmente à cidade vender seus produtos.

A Feira das Manas pareceu ser uma proposta inédita, ou rara, pois unia princípios de economia criativa, empoderamento e sustentabilidade. Como o discurso de geração de renda, inclusão social e empoderamento feminino colaborariam para que o grupo estabelecesse seu lugar na cidade por meio de uma feira itinerante? Por que realizar uma feira sem local fixo? Por que, ao longo do tempo, sempre escolhiam preferencialmente um parque ou uma praça e não um dos ambientes comerciais com estrutura adequada e cobertura disponibilizada para feirantes na cidade? Qual a relação entre a escolha dos lugares de feira e a performance identitária de empoderamento? A promessa da imaginação sociológica me direcionou para observação mais detalhada da trama tecida e das costuras realizadas na composição da performance identitária

sustentada pelo grupo em suas redes sociais e nas situações de feira, a partir das Representações Sociais (RS) que conduzem as ações das Manas.

1.2 Apresentação do tema e do problema

Os caminhos da pesquisa nem sempre são construídos apenas de elaborações provenientes de métodos científicos, em especial a escolha do objeto, pois são influenciados tanto por nossa trajetória acadêmica quanto por fatores de nossa vivência pessoal. Certamente a ciência é uma vocação para aqueles que se propõem a tratar o coletivo enquanto objeto de análise. A promessa feita por Wright Mills (1965), quando bem entendida, transforma a imaginação sociológica em um instrumento de uso pessoal. Transformar o óbvio em único e, assim, perceber finas teias interligando comportamentos simbólicos que tecem mudanças e revoluções, interpretando o comportamento coletivo, é parte do cotidiano dos cientistas que têm a sociedade enquanto objeto.

A modernidade apresenta algumas promessas simbólicas imperceptíveis ao olhar desatento. A perspectiva sempre iminente de crise ambiental impulsiona a busca por comportamentos sustentáveis, enquanto gera discursos sobre sustentabilidade que se alinham à composição imagética sobre qualidade de vida nos ambientes urbanos. A apropriação desse imaginário por parte de grandes empresas gerenciadoras de commodities do setor fundiário e a conivência das políticas públicas colaboram para a distribuição desigual da forma da cidade, que, embora atendam aos anseios de moradia das classes economicamente dominantes, promovem um ambiente urbano desigual em Palmas/TO.

Movimentos de reapropriação do espaço urbano por parte de cidadãos, há muito marginalizados, se dão em diversas vertentes. As feiras, que compõem o circuito inferior da economia urbana, representam uma resistência econômica e espacial à marginalização social. A junção de economia criativa e empoderamento feminino parece ser a forma como as integrantes da Feira das Manas rompem com a marginalização econômica, espacial e simbólica.

O fazer artesanal pode ser considerado enquanto obra artística, no qual o indivíduo acredita estar impregnando exclusivamente conteúdo subjetivo, que considera único, exclusivo e como reprodução de seus desejos ou emoções. Por outro lado, o artesanato, enquanto produto da obra humana, expressa a tradição laboral coletiva ancestral, manifestando o arcabouço cultural de um grupo ou uma família (Jourdain, 2018). As intencionalidades na fabricação, no comércio

e no uso de um produto artesanalmente originado abarcam uma gama de fatores individuais e coletivos dispostos na trama contextual em que o artesão está inserido.

O fruto laboral do artesão é um produto exclusivo, realizado total ou parcialmente fora do circuito de produção industrial, por um indivíduo, como resultado de seu conhecimento da técnica empregada e do componente subjetivo. As artesãs, que são foco desta pesquisa, encontraram na ação conjunta um meio de satisfazer interesses individuais de empreender, por intermédio de uma rede de trabalhadoras informais da economia criativa, gerando uma malha de solidariedade, que, em conjunto, produz novas formas de consumo enquanto conquistam seu espaço na cidade.

Iniciada em 2019, a Feira das Manas é um grupo de mulheres formado por pequenas produtoras do ramo da economia criativa (artesãs, pequenas produtoras, confeitadeiras e costureiras) que se uniram para realizar uma feira itinerante que funciona nos parques e nos logradouros de Palmas/TO.

Durante o período entre 2020 e 2021, o isolamento social, imposto pela pandemia da COVID-19, resultou na paralisação das atividades de feiras presenciais e na diminuição temporária de participantes no grupo. A proibição de eventos públicos no município de Palmas impossibilitou a realização das feiras, uma vez que foram cadastradas junto à prefeitura enquanto um evento público e não como uma feira.

O grupo manteve sua atuação e visibilidade pública articulando as artesãs com seus clientes por meio das redes sociais. A exposição de produtos e as vendas passaram a ser realizadas majoritariamente por intermédio das plataformas digitais. No *Instagram*, eram realizadas as negociações iniciais para encomenda ou compra, que, em geral, eram concluídas por meio de ligação telefônica ou por *WhatsApp*. Após um período de suspensão de feiras presenciais, mas com intensa atividade na internet, as coordenadoras realizaram uma nova chamada de participantes e, em agosto de 2020, a feira já contava com 42 expositores, e 4 delas coordenam a feira.

A Feira das Manas se apresenta como aparato para o empoderamento feminino e modelo de ação sustentável em atividade coletiva de produtoras do ramo da economia criativa. Trata-se de um grupo composto exclusivamente por mulheres que teceram uma rede de colaboração para venda de produtos artesanais como uma alternativa ao mercado de bens industrializados no formato de uma feira itinerante. Este trabalho pretende demonstrar os fatores que compõem a investigação, a coleta de dados e a análise sobre a atuação coletiva e colaborativa das integrantes

do grupo, autodenominadas Manas, analisando como seu comportamento coletivo reflete as Representações Sociais (RS) sobre economia criativa, empoderamento feminino e a relação com o espaço urbano.

Esta pesquisa parte do pressuposto de que novas formas de conceber a relação dos indivíduos com o meio ambiente estão em constante desenvolvimento. O foco está nas relações, nas representações e nas performances identitárias, socialmente construídas, que acarretam práticas produtivas sustentáveis, materializadas no ambiente urbano.

Esta pesquisa pretendeu investigar uma possível articulação entre empoderamento social e econômico na trama urbana local. Pretende-se colaborar com pesquisas que se utilizam da interação entre economia urbana, ambiente e gênero, tendo como referência um grupo em que essas três unidades temáticas se mostram imbricadas. O enfoque desta investigação foi determinado a partir de uma possível correlação entre a organização de feiras em locais turísticos e de alta visibilidade na cidade e a consolidação do grupo de mulheres na busca por inserção e reconhecimento no contexto da economia urbana. A reprodução do discurso feminista e a personalidade de Mana se manifestam enquanto uma identidade social estruturada por representações sociais sobre as categorias abordadas desde o projeto.

Este estudo tem como objetivo geral analisar a relação entre economia criativa e empoderamento feminino, considerando-os como resultados da proposta de desenvolvimento sustentável na produção e na comercialização do artesanato na Feira das Manas. Para alcançar esse propósito, foram elaboradas diretrizes e abordagens específicas que incluem realização de uma análise socioeconômica detalhada do grupo participante da feira, investigando fatores sociais e geoeconômicos para uma compreensão aprofundada da realidade das participantes. Além disso, busca-se explorar o papel das representações sociais relacionadas à sustentabilidade e ao empoderamento feminino, compreendendo como essas representações influenciam a composição do cenário e a construção da identidade das integrantes da feira. Também se objetiva analisar a transição dos grupos de ambientes virtuais para a prática cotidiana na feira, considerando o papel desses ambientes, virtuais e urbanos, para que o grupo atinja suas finalidades propostas. A investigação da dinâmica entre as representações sociais no imaginário urbano e o surgimento da Feira das Manas foi outro ponto chave deste estudo. Por fim, busca-se compreender a cidade de Palmas, considerando seu ambiente natural e construído, como um espaço propício para o desenvolvimento de formas econômicas, ambientais e sociais, a partir da análise da Feira das Manas e suas contribuições nesses aspectos.

Esta pesquisa também contempla uma investigação abrangente sobre a interseção entre economia criativa e empoderamento feminino, visando entender como esses dois elementos se entrelaçam como resultado da proposta de desenvolvimento sustentável na Feira das Manas. Busca-se traçar uma análise minuciosa dos impactos dessa relação, destacando o papel do artesanato na produção e na comercialização como catalisador desse processo. Para tanto, buscou-se delinear uma abordagem multifacetada, que inclui desde uma análise socioeconômica do grupo participante até a investigação das representações sociais sobre sustentabilidade e empoderamento feminino, reconhecendo sua influência na performance identitária das integrantes da feira itinerante em Palmas/TO.

A transposição dos grupos de ambientes virtuais para a prática cotidiana na feira foi um ponto de interesse crucial, pois permite compreender o papel dos espaços virtuais e urbanos na concretização dos objetivos do grupo. Além disso, a dinâmica entre o imaginário urbano, as representações sociais e a escolha dos locais para realização das edições da feira revelaram entendimentos importantes sobre como esses elementos se entrelaçam e moldam a experiência das participantes. Essa compreensão mais ampla se estende à análise da cidade de Palmas como um todo, considerando não apenas seu ambiente natural, mas também o construído, e reconhecendo seu potencial como espaço propício para o desenvolvimento de formas econômicas, ambientais e sociais que emergem a partir das atividades da Feira das Manas.

1.3 Estrutura da tese

A primeira parte deste documento de tese diz respeito às motivações para a escolha do tema de estudo e o encontro com o grupo observado. Buscaram-se analisar as possíveis motivações da pesquisa e apresenta-se uma abordagem ensaísta sobre o encontro da pesquisadora, de sua vocação (aludindo à perspectiva weberiana) e a jornada dos participantes da pesquisa, melhor descrita mais à frente.

A descrição do referencial teórico, capítulo seguinte, tem como tema central a análise histórica e conceitual das representações sociais, enquanto objeto de estudo. Inclui aspectos basilares da Teoria das Representações Sociais, utilizados para o encontro com as categorias analisadas na pesquisa, bem como resultado do amadurecimento da pesquisa na área, até então, superficialmente conhecida pela pesquisadora. Cabe nesta introdução salientar que as

representações sociais são denominadas de objeto de análise e as Manas são consideradas participantes da pesquisa.

A descrição do método empregado na pesquisa foi realizada no capítulo “Do estranhamento à convivência: caminhos da pesquisa com a Feira das Manas”. A busca e a descrição de um modelo ideal de produção e análise de dados são o objeto deste segmento. O uso intencional de instrumentos e métodos de abordagem desencadeou uma bricolagem metodológica. O aperfeiçoamento do uso de diferentes métodos de produção de dados, conforme a necessidade da pesquisa, não é um recurso novo, porém sempre desafiador, pois resulta em uma busca constante de adequação dos padrões científicos, fortemente estabelecidos ao longo dos tempos, ao contexto, ao objeto e ao grupo pesquisado. O contexto de pandemia de COVID-19 alargou as fronteiras metodológicas ao mesmo tempo em que as barreiras sanitárias foram erguidas, exigindo que a pesquisa inicial fosse remodelada em decorrência de um, então, futuro incerto. O encontro com o grupo é também abordado neste item, por ser um relato fundamental para aproximação entre a pesquisadora e as participantes da pesquisa e ter influenciado decisivamente em escolhas de instrumentos, técnicas e meios de produção de informações utilizadas na pesquisa e na análise dos resultados

A seguir, inicia-se a relatoria da produção de resultados, com a descrição do grupo observado e do objeto de pesquisa. Utiliza-se a bricolagem entre dados netnográficos e etnográficos para produzir conhecimento sobre o grupo, com apoio de arcabouço teórico e bibliográfico. O item que trata da feira em tempos de COVID-19 gerou a publicação de um artigo em periódico, intitulado *A jornada criativa da Feira das Manas em contexto de COVID-19*, na revista *Coisas do Gênero*, volume 9, número 1. E a vivência etnográfica foi resultado de pesquisa apresentado e publicado em congresso internacional, a Reunião de Antropologia do Mercosul, no Grupo de Trabalho 90, Mercados culturais e trabalho: desafios e fazeres etnográficos, com o título de *Feira das Manas: lugar e não lugar das trabalhadoras da economia criativa em Palmas/TO*.

Após essa discussão, segue-se a análise das demais categorias elencadas para fazer parte do escopo da pesquisa. Inicia-se pela concepção de sustentabilidade como forte componente imagético decisivo para atração das imigrantes para o ambiente urbano. Os componentes pesquisados sobre a relação entre o tecido urbano e a emergência de uma feira composta por migrantes foram apresentados no II Fórum Online de Educação, Meio Ambiente e

Sustentabilidade e publicados na Revista de Tecnologia & Gestão Sustentável, volume 2, número 5, sob o título: *Palmas Cidade Verde: entre o imaginário e o concreto*.

Nas feiras a economia, a cultura e o ambiente se encontram? é o subtítulo que precede uma discussão aprofundada sobre a importância histórica do circuito inferior da economia urbana, representado aqui pelas feiras, e da economia criativa, em especial da produção artesanal. A revisão bibliográfica dá suporte para análise de parte dos resultados produzidos e para caracterização da representação social da economia criativa para as Manas, enquanto basilar para a criação da Feira das Manas.

A última categoria analisada é o empoderamento. Para tanto, fez-se necessário remontar como o surgimento do movimento feminista desencadeia, por um lado, o aprofundamento dos estudos de gênero e, por outro, a luta política do movimento feminista por empoderamento das mulheres. Escolheu-se essa categoria para finalizar a análise dos resultados, por, nos depoimentos das participantes, ser aquela que inter-relaciona as representações sobre sustentabilidade e economia criativa.

Terminadas as análises e a relatoria da pesquisa, há um texto dedicado às Manas. Denominado *Últimas Conversas*, representa uma tentativa de desconstruir modelos acadêmicos fechados de produção de resultados, além de buscar responder a algumas das solicitações das Manas no processo de pesquisa-ação. Uma das percepções emergidas nas observações participantes foi de que as integrantes da feira não compreendiam completamente quais fatores as mantinham unidas, embora muitas delas já tivessem alçado o sucesso individualmente com seus ateliês e fossem capazes de manter sua renda sem ter de participar da feira. O texto foi elaborado como uma carta e tenta dar sentido a algumas interpelações recorrentes das Manas que afirmam que, mesmo que façam poucas vendas durante as feiras, e que sua participação e produção para o evento lhe tomem um tempo precioso, priorizam a participação em todas as edições propostas pelo grupo.

Esse monólogo autoetnográfico busca dar protagonismo às participantes da feira e foi produzido a partir do conteúdo residual das informações vivenciadas em campo e nas entrevistas com as participantes. Trata-se de uma exposição de resultados que busca reconstruir o pensamento do indivíduo sobre um ou mais temas que vão ao encontro do pensamento do grupo, colaborando para conhecimento das representações sociais. Essa conversa pretende conferir coesão correlacional às categorias analisadas separadamente ao longo deste documento de tese. Portanto, nela a objetivação das representações sociais verificadas a partir das categorias

propostas e analisadas interagem livremente, como ocorre na vivência social cotidiana dos sujeitos coletivos.

Finalmente, estão dispostas algumas considerações sobre este trabalho, não se pretende dar a ele respostas ou finalizações, mas sintetização dos principais achados e reflexões sobre as principais questões levantadas durante o processo de pesquisa, análise e produção de resultados.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A Teoria das Representações Sociais

Estabelecer uma perspectiva humanística para o meio ambiente não nos abstém de reconhecer a importância de instrumentos de coleta e análise subsidiados pela estrutura cartesiana do pensamento e, ainda assim, desenhar modelos metodológicos com base em teorias robustas e adequadas à compreensão simbólica desses temas, que subsidiam a ação humana sobre o espaço.

O universo do conhecimento se divide em duas instâncias: mundo reificado e mundo consensual. O mundo reificado agrega o conhecimento sobre fatos e coisas, o conhecimento científico, que despersonaliza, “onde a linguagem é substituída por equações e as noções retiradas ao cotidiano são desfamiliarizadas e desindividualizadas” (Castro, 2002, p. 906). Já no mundo consensual, estão todos os processos mentais concernentes ao mundo interior de cada indivíduo; nele a construção da realidade (do concreto) recebe uma interpretação social. As RS permeiam o universo consensual das relações sociais. Nele estão as crenças, as teorias do senso comum, o imaginário, as ideias e as interpretações de mundo compartilhadas. Segundo Castro (2002), embora esses universos sejam teoricamente separados enquanto objeto de análise, o mundo consensual pode ser acessado por meio dos instrumentos fornecidos pela ciência. Os processos de ancoragem e objetivação são os movimentos responsáveis por essa relação, mais detalhada à frente.

A base para o conhecimento das ciências humanas se desenvolveu a partir do racionalismo científico de caráter positivista, que perdeu força explicativa ante a observação de fenômenos que necessitavam de tratamento qualitativo e do alargamento das limitações disciplinares das ciências para além do ceticismo metodológico de Descartes e seus herdeiros intelectuais.

O surgimento das ciências humanas se deu a partir da necessidade de responder a perguntas e problemas no plano do real impossíveis de serem explicados por outros modelos científicos. As ciências naturais, como a Química e a Física, por exemplo, têm relativo sucesso em elaborar leis e postulados que antecedem o comportamento de elementos materiais ou naturais em circunstâncias laboratoriais e generalizar a atuação dos objetos observados. A formulação de paradigmas de pesquisa e análise de resultados, capazes de abarcar uma ampla gama de fenômenos, passou a ser característica do fazer científico. Esse modelo de validação e prova das

teorias aplicadas, historicamente posterior ao Renascimento Cultural, colaborou para consolidação da ciência moderna ocidental e refletiu, em um primeiro momento, em todas as ciências, estabelecendo limites de atuação, categorização e organização das áreas do conhecimento humano. O desenvolvimento da humanidade permaneceu por muito tempo associado ao direcionamento das políticas de gestão de Estado.

A disciplinarização do conhecimento com separações rígidas entre áreas se tornou ineficaz para análise de alguns objetos. A Teoria das Representações Sociais (TRS), de Moscovici, que subsidia teoricamente este trabalho, é integrante da área da Psicologia Social (PS), que ganhou grande fôlego acadêmico para análise de situações que a Sociologia, por meio da vertente macrosociológica, não fornece explicações razoáveis, e a Psicologia não designa parâmetros razoáveis para compreensão dos fenômenos observados, sem estender seu olhar para o âmbito coletivo. A trajetória das ciências, que tomaria para si a análise de fatos que interconectam a Sociologia e a Psicologia, passou por diferentes perspectivas de análise e desenvolvimento.

A preocupação sobre como se dão as relações entre os indivíduos e a sociedade permeia a maior parte, senão todas, das obras sociológicas fundamentais, dando maior ou menor relevância ao papel do coletivo em detrimento ao indivíduo na formação dos fenômenos observados. Já a PS realiza o caminho inverso. Torres e Neiva (2011) resgatam as principais contribuições teóricas de diversas áreas à concepção do campo da PS. Na Inglaterra, Hebert Spencer (1820-1903), ao se aproximar das teorias de Darwin e fornecer bases para ao evolucionismo social, já superado no ambiente acadêmico, abriu possibilidade para a compreensão de que as relações sociais, políticas e econômicas, adaptadas ao meio, teriam relação com a mudança social e a capacidade do coletivo de evoluir.

Essa percepção colabora, em um segundo momento, para algumas das teorias precursoras da PS. O alemão Wilhelm Wundt (1832-1920), um dos fundadores da Psicologia Experimental, explorou, por meio do método histórico-comparativo, os estágios superiores dos processos mentais e, conseqüentemente, verificou uma parcela de contribuição da cultura e da vida em sociedade para a formação da mente.

Na França, Emile Durkheim (1858-1917), um dos fundadores da Sociologia, se deteve na investigação sobre o consciente coletivo, que seria um arcabouço de conhecimentos capazes de informar para os indivíduos o comportamento socialmente desejado, chamado de fato social. A ideia de que haveria uma consciência foi mais tarde reformulada pela PS. A quarta contribuição

para a formação do constructo intelectual da TRS vem de Gabriel Tarde (1843-1904), que analisou a importância da imitação para formação dos indivíduos e sedimentação de comportamentos que uniformizam as experiências coletivas. O pós-guerra marcou o reordenamento dos estudos sociais na Europa, e o esforço de internacionalizar a PS tomou fôlego. Entre os principais representantes da área, estão Henri Tajfel (1919-1982) e Serge Moscovici (1928-2014). O último resgatou os estudos sobre representações coletivas de Durkheim na TRS (Torres; Neiva, 2011).

A crise epistemológica da Psicologia Social no pós-guerra foi provocada pelo questionamento do uso de teorias behavioristas em pesquisas da área e, assim, oportunizou o surgimento de novas perspectivas de estudo na área. A proposta de Moscovici é uma nova forma de perceber como a relação entre as estruturas mentais e as sociais são aplicadas para percepção de fenômenos contemporâneos em que estejam envolvidas a comunicação e a informação.

A preocupação de Moscovici foi, primeiramente, dar sentido social à PS e suas contribuições para mudar a vida coletiva. As atrocidades ocorridas durante a Segunda Guerra Mundial levaram esse pesquisador a se perguntar sobre como as pessoas se deixam influenciar por correntes de pensamento social presentes em um contexto cultural específico, empreendendo ações estranhas a outros contextos. Sua teoria relaciona consciência à cultura, tomando por objeto de estudo o senso comum, enquanto representante do pensamento gerador de práticas sociais.

A sociologia de Émile Durkheim, o pensamento antropológico de Lévy-Bruhl (1857-1939), a teoria da construção do conhecimento de Jean Piaget (1896-1980) e a psicologia sócio-histórica de Lev Vygotsky (1896-1934) foram as quatro principais influências teóricas que fundamentaram a construção da teoria que visa compreender crenças compartilhadas que Moscovici chama de RS (Santos; Guareschi, 2019).

A intersecção ou o atravessamento disciplinar do qual erigiu a PS advém do lugar fronteiro de seu objeto de estudo, em especial quando se trata da TRS. Essa teoria busca entender a relação entre a consciência individual e a coletiva, em termos da dificuldade de apartar ambas, quando se trata de consciências que se entrelaçam nos indivíduos, uma vez que os fenômenos coletivos se materializam nas consciências individuais. São as pessoas que vivenciam as instituições e as estruturas sociais em suas ações habituais junto a outros indivíduos.

Para compreender alguns desses fenômenos, também é necessária uma prática científica que atravesse conhecimentos de diversas áreas, a fim de perceber “o social e o individual como fios entrelaçados num mesmo tecido” (Arruda, 2009, p. 741). A interlocução entre social e

psicológico se dá à medida que essa teoria parte dos fatos sociais sem deixar de observar os processos mentais envolvidos em cada uma das situações observadas, fazendo com que a PS seja uma vertente das Ciências Sociais e da Psicologia, localizada em uma perspectiva científica de cunho fenomenológico.

Quando a TRS foi concebida, o aparato sociológico positivista de Emile Durkheim já estava consolidado e, em vários aspectos, superado. Parte da composição do arcabouço teórico das RS foi erigida a partir da influência dos escritos sobre os processos que geram o senso comum, por meio da Teoria das Representações Coletivas (conceito durkheimiano) e do consciente coletivo. A ideia de um ordenador da realidade inspirou a formulação teórica de Moscovici. Segundo ele, a imutabilidade dos fatos sociais e a rigidez das representações coletivas do francês dariam à sociedade e às relações entre os indivíduos um caráter inflexível facilmente contestado.

O conceito de representação coletiva está firmemente alicerçado na manutenção da coesão das estruturas, proporcionando um artifício de conservação contra possíveis fragmentações ou desintegrações das instituições. As representações coletivas colaboram para manutenção da ordem social, uma vez que fixam padrões de funcionamento da realidade. Seriam mais adequadas à análise de sociedades tradicionais ou antigas, em que o grau de mutabilidade dos comportamentos e do senso comum era baixo.

Moscovici, buscando uma interface mais relativista, chama seu objeto de trabalho de RS, invés de “coletivas”, procurando estabelecê-las enquanto características de sociedades modernas, nas quais as mudanças sociais, econômicas e culturais seriam mais dinâmicas e fluídas. Nelas a ciência e os meios de comunicação em massa teriam papel equivalente ao de mitos e crenças nas sociedades antigas (Moscovici, 2015).

Ao tratar das contribuições de Lévy-Bruhl, é importante destacar que as representações coletivas, para ele, têm origem racional em um dado contexto cultural, pois, para os membros de uma comunidade, toda representação é lógica perante o arcabouço simbólico coletivo. Moscovici (1963, 2015) aproxima-se intelectualmente desse pensamento e destitui de sua teoria a concepção na qual a comunidade universal compartilharia de uma mesma unidade psíquica, uma teoria que agregava muito consenso até então. Esse pensamento fundamenta epistemologicamente diversas teorias sobre a mente humana e algumas teorias sociais. A adaptação antropológica de Lévy-Bruhl para a Psicologia também influencia Piaget e Vygotsky. A desierarquização das culturas e do conhecimento reconstrói a forma de se perceber a cultura ocidental, enquanto base de

comparação para as demais sociedades. Esse seria um primeiro passo para descolonização do pensamento e percepção de como a formação se dá em diferentes contextos culturais.

Essa teoria permitiu lançar luz sobre como se relacionam o social e o individual na formação de uma lógica racional coletiva. Embora se utilize do vocabulário das escolas antropológicas evolucionistas para designar os povos não ocidentais, por ele considerados primitivos, Lévy-Bruhl destaca que não se podem analisar esses povos a partir das formas lógicas e conceituais das sociedades ocidentais, pois o objeto das representações coletivas dessas comunidades não corresponderia às exigências conceituais das culturas ocidentais. Nestas, em alguns casos, não há nem mesmo a separação entre sujeito e objeto do conhecimento, pressuposto epistemológico fundamental da ciência ocidental até aquele momento.

Para diversos grupos humanos, uma essência única pela qual o primitivo se representaria seria uma força vital e mística que habita todos os seres e coisas, essa força, entre outros, recebia o nome de Mana. A existência de uma essência imaterial comum entre todos os seres define os limites de mundos conceituais, que, na cultura ocidental, são apartados, como, por exemplo, pela disposição dicotômica entre indivíduo e natureza. Esse princípio permitiu a relativização do pensamento humano, conforme o contexto de pertencimento dos indivíduos ou das comunidades, e gerou estudos acerca da alteridade, do multiculturalismo e das RS (Santos; Guareschi, 2019).

A relação entre linguagem e símbolo moscoviciana deriva das teorias piagetianas sobre o conhecimento, segundo as quais todas as representações expressam um conteúdo oral ou escrito sobre uma organização simbólica de fatos, atos ou crenças. Piaget dá origem aos estudos do desenvolvimento das representações ao averiguar como, a partir da infância, a interação com os outros indivíduos colabora para a formação de conceitos sobre as coisas. Esse é um processo ativo que ocorre ao longo do desenvolvimento humano, a partir das relações sociais e das experiências pessoais vivenciadas pelo indivíduo durante a infância.

Cada um percebe de uma forma a realidade, a lê e a interpreta e, então, elabora comportamentos e pensamentos. A formação das representações está condicionada aos aparatos disponíveis e às circunstâncias decorrentes da vida em um contexto social. Assim, conforme apontam Osti, Silveira e Brenelli (2013, p. 39), “a criança reelabora as informações do meio a partir de seus próprios instrumentos intelectuais, afetivos e sociais, postos em funcionamento pelos interesses, motivações e necessidades, os quais estão relacionados ao seu contexto social”. Da mesma maneira que Piaget pretendeu explicar como a mente da criança forma representações a partir da interação social e no contexto mais amplo da sociedade ou do grupo, Moscovici analisa

os adultos, as representações e as crenças que direcionam os comportamentos individuais sedimentados e sua mudança.

Para compreender como se formam as crenças sobre um tema, deve-se esclarecer que a formação de conceitos é um grande campo que à TRS pertence. A formação de conceitos para as coisas, ou o ato de definir algo é muito mais complexo que o de nomear. Sua raiz se encontra nas relações entre linguagem e pensamento. A construção de significados é mediada pelo conhecimento cultural, e a internalização de conceitos ocorre por meio da socialização. Para Vygotsky (outra grande influência acadêmica de Moscovici), nossa compreensão das coisas é sempre mediada por sistemas simbólicos que conectam a pessoa e o objeto de conhecimento.

O processo de representação simbólica, abstrata e generalizadora orienta nossa relação com as coisas ou as situações. Os sistemas simbólicos, como a língua, são veículos para a compreensão da realidade, e a complexidade de seu uso caracteriza os estágios superiores da vida e das relações de um grupo. A origem desses sistemas se dá na sociedade e é parte do que é aprendido e utilizado para conduzir as relações com os outros indivíduos e com as coisas no decorrer de nosso desenvolvimento.

Considera-se que todos os conceitos são construções culturais que internalizamos durante o processo de socialização (aprendizado para a vida em grupo) e de desenvolvimento. Portanto, o universo de significados das coisas é fornecido por seu grupo de convívio, que categoriza as coisas e elabora os conceitos, utilizando a língua como intermediário (La Taille; Oliveira; Dantas, 2019). Tanto Vygotsky quanto Piaget direcionam o conhecimento de um fenômeno para compreensão dos processos que os produziram.

A partir desses antecedentes científicos, a TRS foi construída em um contexto de pós-guerra, em que a área da PS questionava a objetividade de seus estudos, seus limites, sua aproximação e o distanciamento com o fazer psicológico de vertente cognitiva. Nesse sentido, a área realiza movimento interdisciplinar junto a outras instâncias do conhecimento, como a Economia, a Sociologia e a Antropologia. Esse atravessamento histórico entre áreas de interesse científico e a interdisciplinaridade metodológica repousa em seu âmago (Arruda, 2009; Palmonari; Cerrato, 2011). A interfronteira é uma forma de quebrar os entraves positivistas das áreas em que se encontram.

A TRS colabora para o rompimento da dualidade entre indivíduo e sociedade que permeava grande parte dos estudos das Ciências Sociais e da Psicologia até então. Enquanto a Psicologia considera como seu objeto de atenção a mente humana e suas manifestações a nível

individual, as Ciências Sociais tomaram para si o coletivo e seus diversos fenômenos ou estruturas. Com base nesses pilares, essas áreas construíram, por décadas, delimitações epistemológicas para a prática científica. A PS se firmou como forma de encontro das áreas e passa a ser utilizada em estudos em que o interesse seja o fenômeno coletivo para o qual os processos mentais tenham relevância ou nas ocasiões em que as manifestações mentais expressam um conteúdo coletivo. Seu “objeto será o estudo das relações cotidianas que se produzem na realidade social, dos fenômenos relacionados à comunicação e à ideologia, ou seja, do conhecimento e das representações sociais” (Palmonari; Cerrato, 2011, p. 406).

No artigo *Attitudes and opinions* (1963), Moscovici se mostra profundamente interessado nas limitações conceituais e nas práticas das pesquisas em PS sobre as opiniões humanas e o comportamento social que geram. Na época, as pesquisas de opinião de levantamento quantitativo de dados eram um modelo bastante utilizado, porém esse modelo não permite a escuta em profundidade do entrevistado, necessária para obter resultados mais confiáveis e amplos sobre as motivações e os aparatos formadores da opinião (Moscovici, 1963).

Esse pensamento se opõe firmemente à realização de pesquisas de opinião, ou sobre a opinião, unicamente desenvolvidas para avaliar a satisfação de um público ou sua proximidade com um tema. Ainda muito popular na atualidade e com inúmeras aplicações, esse tipo de averiguação apresenta limitações quando a pretensão é perceber a formação das opiniões e das crenças e sua modificação. São as opiniões e as crenças que fomentam os comportamentos que podem ser relacionadas aos contextos social, cultural, político e/ou econômico.

Segundo Moscovici (1963, 2015), a PS precisaria de formas diferentes de avaliar a realidade e de aprofundar as investigações para além de teorias behavioristas e dos mecanismos de pesquisa positivistas. Essa perspectiva está envolta pela necessidade de colocar mais luz sobre fenômenos até então pouco explorados pela Psicologia, em especial sobre como se comporta o senso comum (fator coletivo) nas consciências individuais, enquanto formas mentais fortemente influenciadas por visões coletivas de mundo. Para Moscovici (1963), algumas características individuais podem atuar sobre o comportamento ante os temas sociais, entre elas, a capacidade cognitiva, a facilidade de aquiescência ou o preconceito sobre o objeto que se questiona seriam as principais.

A TRS contribui para decifrar como a realidade é construída socialmente. A constituição epistemológica dessa teoria se afasta de formas positivistas de atuação científica, uma vez que presume que o humano seja agente da construção simbólica. Outra característica da área,

salientada por Palmonari e Cerrato (2011), é a percepção histórica dos objetos da vida cotidiana, que direciona o foco de análise para as relações simbolicamente expressas por meio da linguagem.

Para a TRS, o intelecto se divide em dois grandes universos. Por um lado, o conhecimento científico, desenvolvido em grandes centros acadêmicos e de pesquisa, trata das determinações teóricas, analíticas e/ou críticas e sua aplicação. Por outro lado, rotineiramente, os indivíduos direcionam suas condutas e práticas, orientados pelo conhecimento vulgar, também chamado de senso comum. Esforços foram empreendidos para subsidiar uma teoria explicativa sobre “como e por que partilhamos o conhecimento e construímos a realidade e como esse arcabouço intelectual transforma as ideias em prática” (Moscovici, 2015, p. 8). Nesse último âmbito intelectual, estão as RS.

As RS são sistemas de valores, conceitos populares, concepções explicativas, crenças, ideias, interpretações vulgares, opiniões sobre as coisas e o mundo que permeiam o senso comum e são adquiridos por intermédio das relações sociais. Sua função é tornar o que é estranho ou desconhecido, familiar, ou expor a não familiaridade. É por meio do compartilhamento das ideias que os indivíduos, enquanto seres pensantes, se comunicam e consolidam suas concepções enquanto verdadeiras. A forma como as pessoas veem e interpretam as coisas e o mundo real é orientada a partir do comportamento social do grupo com o qual partilham suas vivências, aprendem a decodificar e usar o conhecimento para interpretar diferentes situações.

Nas circunstâncias do dia a dia, diante de um fato ou fenômeno, as pessoas observam o cenário do ocorrido e analisam a conjuntura conforme esse arcabouço informativo e decidem como agir e se expressar (ou se abster) (Moscovici, 2015). Todas as situações vividas em sociedade são permeadas por informações que orientam a conduta, e sua decodificação e interpretação dependem do meio social em que os indivíduos estão inseridos.

Oliveira e Werba (2013, p. 91) destacam que

As Representações Sociais são “teorias” sobre saberes populares e do senso comum, elaboradas e partilhadas coletivamente, com a finalidade de construir e interpretar o real. Por serem dinâmicas, levam os indivíduos a produzir comportamentos e interações com o meio, ações que, sem dúvida, modificam os dois.

Essa teoria pressupõe que a sociedade é composta por seres ativos, pensantes e interativos, o que a afasta do positivismo estrutural e das formas estruturantes do materialismo dialético, nos quais os sujeitos são passivos em relação à estrutura ou à mudança coletiva. Os indivíduos, para a TRS, pensam por si próprios e atuam enquanto agentes participativos em criações de conceitos,

interpretações e crenças. Essa elaboração das ideias tem duas faces, a icônica e a simbólica, uma vez que iguala uma imagem a uma ideia e uma ideia a uma imagem. Por meio desse processo, as duas faces “restauram a consciência coletiva, pois explicam objetos e acontecimentos, tornando-os acessíveis a todos, coincidindo com os interesses imediatos” (Moscovici, 2015, p. 52). Essa concepção foi revolucionária para o âmbito da psicologia por direcionar o olhar científico para além da mente individual.

O problema central é reconhecer que, ao analisar fenômenos psicossociais e representações sociais é necessário analisar o social como totalidade. Isso quer dizer que o social envolve uma dinâmica que é diferente de um agregado de indivíduos (Jovchelovitch, 2009, p. 79).

As RS estão presentes no universo das formas sociais consensuais e não reificadas (fruto da ideologia). São compostas de conteúdos (informações) organizados em forma de conhecimento, que alimentam o sistema cognitivo. Neste, há construção de imagens a partir de informações apreendidas (campo cognitivo). Esse arcabouço de informações simbolicamente construídas serve de guia para que os indivíduos se posicionem ou implementem ações sociais (atitudes).

Toda RS é um complexo simbólico, compartilhado por um grande número de pessoas, construído socialmente nas e pelas interações sociais, com três características: informação, campo cognitivo e atitude (Moscovici, 2015). São meios articuladores das relações sociais que tornam a comunicação viável, são produto e processo social que se utilizam da relação entre o imaginário (no qual seu *corpus* é construído) e da linguagem (a qual é sua expressão principal).

Segundo Jovchelovitch (2009, p. 81), a ancoragem e a objetivação são “formas específicas em que as representações sociais estabelecem mediações, trazendo para um nível quase material a produção simbólica de uma comunidade”; é na vida coletiva que as representações se concretizam em um processo de formação a partir dos elementos que a constituem.

Chama-se objetificação a transformação do abstrato em concreto, a materialização de uma abstração. Nesse processo, é tomado conhecimento sobre o objeto a ser representado, descontextualizados seus elementos componentes, selecionadas as informações que compõem o núcleo figurativo da representação. Essas informações são selecionadas tendo por base valores e experiência, tendo em vista a comunidade de referência do indivíduo. Segundo Jodelet (2002, p. 23), “a representação é, pois, a representante mental do objeto que reconstitui simbolicamente. De outro lado, como conteúdo concreto do ato de pensar, a representação carrega a marca do

sujeito e de sua atividade”. A objetivação é a transposição de ideias e conceitos para imagens ou esquemas mentais concretos no nível da consciência.

A ancoragem completa esse processo, pois relaciona o constructo mental com formas sociais e cria uma interligação do imaginário ao que já existe na consciência coletiva e nas práticas sociais. Nesse processo, o imaginário e o social são ancorados por meio de uma construção mental que transforma o desconhecido em familiar.

A elaboração de unidades de significação, ou unidades temáticas, a partir dessa teoria, norteou a produção de resultados e a percepção da identidade coletiva das participantes. Foram analisadas as representações das participantes da pesquisa sobre o trabalho delas e sua atuação no mundo, e em especial perspectivas, crenças, simbologias e códigos que as caracterizam enquanto grupo atuante na sociedade em um determinado contexto.

2.2 As representações sobre a cidade e sua organização produtiva

A organização produtiva de modelo industrial e sua relação simbiótica com os ambientes urbanos são importantes objetos para compreensão da modernidade e representam um objeto de observação e análise privilegiada para diferentes autores. Os processos vitais do modelo de produção se dão em ambientes urbanos nos quais a segregação social e espacial é normalizada, e o fluxo da vida e do dinheiro é engendrado. Ainda assim, a cidade não é somente composta por homens que ganham a labuta diária no chão de fábrica, ou em grandes escritórios, ou na jornada da construção civil, ou de outros trabalhadores formais.

Invisíveis à formalidade das relações de trabalho, desdobrando-se para trazer para casa o sustento de cada dia, resistindo contra diversas formas de marginalização, estão os milhares de desvalidos, mulheres e homens, que são colocados à margem da boa vida capitalista, que é um privilégio de poucos. Todos estes e muitos outros vivem e convivem no mesmo ambiente.

Cidade é um conceito em evolução, que relaciona território, economia e sociedade. A teoria marxista apresenta a cidade como um espaço no qual se satisfazem as necessidades individuais, por meio da materialização do modelo econômico no meio físico (Marx; Engels, 1984). Essa percepção da cidade, enquanto palco da vida econômica de um povo, foi reconstruída posteriormente por diversos autores. Lefebvre (1978) direciona o conceito de cidade para a organização da sociedade sobre um território, no qual a superestrutura e as relações sociais são projetadas no meio físico, materializando no ambiente urbano as características do

comportamento social. Nesse sentido, as diferenças sociais e as formas de sociabilidade são determinantes para a organização do espaço urbano. Posteriormente, Milton Santos (1994) considerou a cidade como uma materialização concreta e particular, tangível e única, enquanto o urbano seria sua faceta geral e abstrata, que dá sentido ao concreto. Entre o concreto e o abstrato, os conceitos de cidade e urbano dialogam com teorias e categorias, fazendo-se objeto de estudo de diversas ciências.

O conceito de ambiente urbano se destacou enquanto objeto de estudo das cidades no mundo moderno, uma vez que representa o componente imagético, que atribui à cidade um significado, uma forma, um sentido, que está diretamente relacionado ao comportamento humano e social (Orlandi, 2011). O urbano exprime a relação das pessoas com o espaço, e, em seu imaginário, repousam as RS, parte importante desta pesquisa.

O arcabouço epistemológico do pensamento ocidental orientou a maior parte das pesquisas sobre o espaço urbano, porém essa perspectiva não atende à grande parte dos países das Américas. A lógica do processo colonizador também foi abordada por Sérgio Buarque de Holanda (1936) para ressaltar as diferenças culturais impostas no território, no processo de urbanização e na estruturação das cidades brasileiras, como forma de diferenciar-se do modelo civilizatório imposto às demais cidades latino-americanas.

Milton Santos dá um passo para além dessa caracterização demonstrando como o processo de sujeição econômica, política e cultural de países como o Brasil representa uma construção complexa de negação da condição de subdesenvolvimento e periferia, em especial quanto à expressão “países em desenvolvimento”, que nada mais faz do que ressaltar uma possibilidade de vir a se desenvolver, do que a real condição, ainda subdesenvolvida. O eterno *devoir* do termo não colabora ao conhecimento do real. Não é possível equiparar o desenvolvimento econômico de países com raízes históricas tão diferentes.

Esta pesquisa assume a condição de país subdesenvolvido utilizada por Milton Santos em sua obra, *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos* (1979), para entender, no âmbito das RS, como a interlocução entre fatores sociais, ambientais e econômicos confluiu na materialização de uma feira itinerante exclusivamente formada por mulheres em uma cidade de urbanização recente na região Norte do Brasil: a Feira das Manas de Palmas/TO.

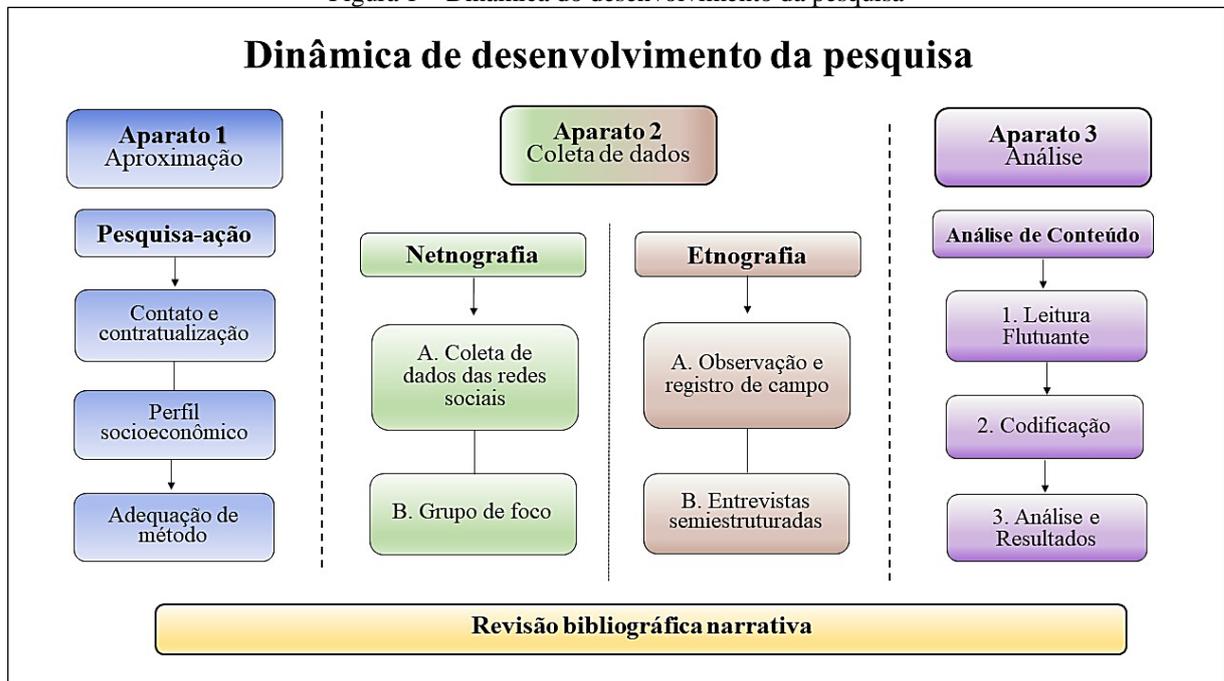
3 DO ESTRANHAMENTO À CONVIVÊNCIA: CAMINHOS DA PESQUISA COM A FEIRA DAS MANAS

Enquanto pesquisadora, em um processo de bricolagem, a busca por adequar instrumentos e técnicas de pesquisa para produção de elementos para análise se tornou uma constante da pesquisa. Na elaboração de um método adequado, considerou-se que o fenômeno abordado é obra de ações intencionais de indivíduos com representações sociais, valores e comportamentos semelhantes, que empenharam ações intencionais e não intencionais, com finalidades e sentidos sociais, ambientais, políticos e culturais únicos. Mariza Peirano (2014) trata o desenvolvimento de uma pesquisa como um processo de constante construção e remodelamento.

As pesquisas que envolvem contato com os participantes impõem o confronto constante entre teoria e as vivências de campo. A produção de dados se torna uma “bricolagem intelectual” ou, utilizando a analogia de W. Mills (2009), um artesanato intelectual, no qual o artesão é o centro do processo e a pesquisa sua colcha de retalhos. Essa busca constante para o sentido é, como na confecção, uma construção metódica, seguindo parâmetros de medidas que buscam, sobretudo, dar coesão ao trabalho. Para Norman Denzin e Yvonna Lincoln (2006, p. 18), o pesquisador desempenha suas funções de maneira análoga à atuação de um artífice, um “bricoleur e confeccionador de colchas, o pesquisador qualitativo utiliza as ferramentas estéticas e materiais do seu ofício, empregando efetivamente quaisquer estratégias, métodos ou materiais empíricos que estejam ao seu alcance”.

A fim de atender o chamado do artesanato intelectual, a implementação da pesquisa requereu a formulação de uma elaboração de método com técnicas e instrumentos oriundos de diferentes tradições metodológicas. A dinâmica de desenvolvimento conta com recursos esquematicamente representados na Figura 1. Cada aparato representa um mecanismo, uma técnica ou um instrumento que guia contato, desenvolvimento, observação, coleta e análise de informações da pesquisa. O uso do termo “aparato” procura desvincular do uso exclusivo e um modelo preconcebido de métodos consagrados.

Figura 1 – Dinâmica do desenvolvimento da pesquisa



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2023).

3.1 Aproximação e contratualização

O “Aparato 1” compõe a primeira etapa de pesquisa executada. Essa fase compreendeu a aproximação do grupo e delimitação do objeto, problemática e contratualização com o grupo analisado.

A revisão de literatura, tanto para conhecimento do objeto e das categorias propostas, quanto para elaboração da base teórica para a tese, perpassa a construção da problemática, acompanha o desenvolvimento do método e interage com todas as fases da pesquisa, especialmente, na análise e na discussão dos resultados (Figueiredo, 1990).

A revisão narrativa é muito utilizada na construção de pesquisas, artigos e teses que não desejam delimitar o levantamento bibliográfico em um período ou a uma única fonte de informações. Buscou-se, dessa maneira, compreender o assunto amplamente, expondo os aspectos relevantes à abordagem. A escolha da revisão narrativa para a construção do arcabouço teórico da tese pareceu mais apropriada por realizar a agregação do conhecimento a respeito do tema proposto e do referencial teórico em diferentes fontes bibliográficas (Rother, 2007).

Para adequar a abordagem pretendida, consideraram-se os participantes da pesquisa enquanto agentes ativos, culturalmente inseridos em processos de transformação social, repletos de significados inerentes a cada situação e ao contexto sociocultural observado. Esses

significados simbólicos são apreendidos, codificados e compartilhados por intermédio da interação dos indivíduos em fluxo constante e direcionam comportamentos e adaptação das pessoas, possibilitando interação com os demais.

A formação identitária é construída em um grupo por meio de fatores de coesão e ação coletiva, e sua percepção e análise perpassam a captação de informações que possibilitem sua apreensão, enquanto construção coletiva, representada nos integrantes do grupo e em como interagem entre si e com o meio que consideram seu local de sociabilidade. Para tanto, buscou-se associar procedimentos, técnicas e instrumentos singulares aos métodos qualitativos: pesquisa-ação, netnografia, etnografia e análise de conteúdo.

Ao desenvolver um método para lidar com grupos imersos em sistemas ideológicos e sujeitos a estereótipos, podemos compreender a influência do coletivo para as formações imagéticas, como as representações sociais. Esses fatores estão enraizados em padrões de comportamento cultural e social que exercem um condicionamento identitário (Lewin, 1946).

Esta pesquisa utilizou instrumentos característicos do método de pesquisa-ação para conduzir a abordagem ao grupo. A pesquisa-ação é um modelo investigativo que leva à ação social e à solução de problemas relevantes para a comunidade, integrando os participantes da pesquisa ao pesquisador. Um ciclo de avaliação e ação é engendrado a partir de etapas cuidadosamente elaboradas, que motivam a interação em campo (Thiollent, 1996). A contratualização se trata de apresentar ao grupo a proposta de pesquisa, explicar a dinâmica utilizada, a forma de abordagem às pessoas e os limites da pesquisa, levantando problemas e necessidades colocados pelo grupo.

O papel do pesquisador é transpor para linguagem popular o conhecimento científico e, posteriormente, apresentar os dados e as informações científicas de forma compreensível aos participantes da pesquisa científica. Nesse método, podem-se utilizar variados instrumentos e percursos na busca conjunta de ações que atendam às necessidades da pesquisa e do grupo, como uma investigação-ação (Barbier, 2002; Tripp, 2005). Esse intercâmbio gera identificação de problemas de pesquisa e determinação de propostas de ação do pesquisador junto a problemas apresentados pelo grupo ou detectados na pesquisa (Lewin, 1946).

A contratualização, a identificação e a delimitação de problemas compõem o primeiro passo para atividade junto ao grupo pesquisado. Esse estágio dá aos participantes a oportunidade de expressar suas expectativas, dúvidas e dificuldades após a apresentação do projeto (Barbier, 2002).

Devido à pandemia, a aproximação junto ao grupo ocorreu de forma gradual, de modo que a coordenação e as Manas concederam autorização à pesquisa após a apresentação formal do projeto ao grupo. O momento de contratualização foi finalizado em uma reunião com o grupo de Manas (doravante chamadas as integrantes da Feira das Manas), em que foi apresentada a pesquisa e seu método, e também se buscou registrar as necessidades do grupo, acertar possíveis problemáticas de pesquisa, bem como os mecanismos de devolutiva. Esse encontro está relatado à frente.

Esse tipo de abordagem estabeleceu um canal de colaboração entre a pesquisadora e as participantes na busca conjunta de soluções para problemas reais. A elaboração colaborativa de metas de pesquisa para abordagem dos aspectos importantes ao grupo colabora para aproximação e integração no grupo em que a pesquisa é desenvolvida (Barbier, 2002; Eckert; Rocha, 2008; Thiollent, 1996). Esse modelo possibilita acesso a informações que, em geral, as pessoas têm maior dificuldade de expor por meios tradicionais (Barbier, 2002; Tripp, 2005). Após adequação das estratégias de pesquisa, foram estruturadas duas frentes de observação, etnografia e netnografia. O levantamento netnográfico foi mais explorado na primeira etapa da pesquisa e o etnográfico em um segundo momento, embora, em muitos casos, as redes sociais foram importante ferramenta de interlocução com as Manas.

Na primeira fase, também se procurou aplicar, em uma das reuniões com as participantes, um breve questionário para coleta de informações socioeconômicas a fim de caracterizar as integrantes da Feira das Manas. As respostas do questionário foram utilizadas para subsidiar análises, gerar novas possibilidades de investigação, além de colaborar para a caracterização do grupo.

Em geral, as reuniões mensais do grupo seguem um mesmo padrão. Em uma reunião ordinária, são oferecidos informes sobre as edições das feiras dos meses seguintes, as negociações com a prefeitura e outras parcerias e são dadas para que as participantes tomem as providências a fim de expor nas feiras propostas pela coordenação. As coordenadoras, após os informes, relatam a pauta tópico a tópico e, quando necessário, buscam apoio junto às participantes para solução de pendências. Nas reuniões, grande parte das pendências é resolvida por integrantes da coordenação. No início das reuniões, também são relatados os possíveis gastos e desgastes do grupo, como o valor para contratação de uma atração para um evento, ou a dificuldade em conseguir autorização junto à prefeitura de Palmas.

A reunião que antecede a um grande evento de feira serve para ouvir as participantes sobre suas expectativas, definir as atividades que seriam necessárias à concretização das expectativas e distribuir tarefas. Um exemplo é a reunião de maio, que antecedeu ao Arraial das Manas (no mês de junho), em que foram definidas as atrações, as barracas extras, a contratação de equipamento de som, a parceria com a administração da orla de Palmas (onde ocorreram os Arraiais de 2022 e 2023), a decoração, a limpeza do espaço e as datas para a realização da atividade. Esses tópicos foram discutidos e analisados e as tarefas relativas a cada um distribuídas às coordenadoras e a algumas das integrantes do grupo.

Após a primeira reunião a que assisti, as demais transcorreram sempre com maior inclusão e aceitação da pesquisa no processo. Fui convidada a colaborar em algumas feiras em que as Manas necessitavam, seja registrando o evento com filmagens *online* (*live*) no perfil do grupo no *Instagram*, seja fotografando para registro ou divulgação. A foto, a seguir, registra um momento de reunião em 2023.

Figura 2 – Registro fotográfico da reunião ordinária em outubro de 2023, em Palmas/TO.



Fonte: Acervo de pesquisa (2023).

Os momentos de reuniões são sempre finalizados com um lanche coletivo. Essas são ocasiões em que a relação das participantes se torna mais íntima. As interações ao final de cada

reunião parecem ser momentos em que as Manas, sempre imersas na confecção de seus produtos ou em afazeres cotidianos, aproveitam para socializar umas com as outras, interagindo entre iguais. Durante o lanche coletivo, organizado a partir da união de quitutes e bebidas levados por todas, são formados grupos de conversa. As Manas mais experientes buscam, em especial, dar atenção especial às recém-chegadas. A receptividade da pesquisadora passou a ser naturalizada, e esses momentos se tornaram espaços de troca e descontração também para mim.

Quanto à pesquisa-ação e sua prática, saliento que, por algum tempo, o olhar inquiridor me seguiu nas reuniões e nas feiras. Em uma das reuniões, pedi permissão para usar o computador para fazer algumas anotações, seria uma reunião sobre as datas das feiras e uma lesão na mão direita dificultava as anotações. Ainda no início da reunião, fui abordada por uma das coordenadoras que me inquiriu se eu poderia anotar todas as principais falas e enviar para que, a partir daí, ela elaborasse as atas de reuniões. Essa passou a ser uma das minhas contribuições corriqueiras com o grupo. A partir de então, as Manas se tornaram mais receptivas e dispostas a colaborar com a pesquisa e passei a ser vista com menor estranhamento. No dia a dia do campo, a pesquisa foi se consolidando, e as Manas foram acostumando-se com a pesquisadora.

A sequência de fotos (Figura 3) foi tirada na primeira ocasião em que utilizei a câmera em campo e foi enviada a mim por uma feirante.

Figura 3 – Registros fotográficos feitos por feirante da presença da pesquisadora em campo, orla da Praia da Graciosa, em Palmas/TO, no dia 21 de maio de 2022



Fonte: Acervo de pesquisa (2022).

A partir dessas experiências, comecei a levar sempre a máquina fotográfica e registrar as feiras (Figura 3), a princípio gerando estranheza. Em certa ocasião, a coordenação me solicitou que fotografasse os compradores em frente a um painel como forma de atrair o público para a feira, durante o mês de abril e maio, em virtude da proximidade com o Dia das Mães no ano de 2022. A minha disposição de colaborar tornou a relação com a Manas mais próxima, percebi que minha presença passou a ser mais bem aceita e deixei de receber tantos olhares desconfiados. Esse episódio também serviu para percepção da importância da reciprocidade e dos sistemas de sociabilidade para o grupo.

A Figura 4 é o registro fotográfico das Manas presentes no evento, ao final da feira. Ele também marca uma atividade de cooperação com o grupo que colaborou para a integração junto

às participantes e para a normalização da minha presença em campo. O ambiente convidativo, repleto de sorrisos e conversa entre bancas e com os frequentadores, representa um dia normal de feira.

Figura 4 – Registro fotográfico das Manas presentes na feira do Dia das Mães ocorrida em 7 de maio de 2022, no Calçadão da orla da Praia da Graciosa, em Palmas/TO.



Fonte: Acervo de pesquisa (2022).

As Manas, para iniciarem na feira, devem, além de preencher um formulário de inscrição, apresentar qual produto pretendem vender. A feira prioriza que as participantes exponham produtos variados e que não haja grande coincidência nas mercadorias expostas, para que se evite a concorrência entre as feirantes. Há também uma taxa mensal a ser paga, a qual cobre custos com atrações culturais, material impresso de divulgação e itens de ambientação para feira. Dependendo do local onde se realiza, o coletivo arca com os custos de limpeza dos sanitários públicos e do espaço de exposição.

3.2 Coleta e produção de dados

A produção de informações para compor a análise da pesquisa se deu por meio de dois métodos, ambos oriundos da tradição antropológica: a netnografia e a etnografia. O contexto do ano 2020, em que o projeto de pesquisa foi aprimorado e modificado pela primeira vez, foi fundamental para influenciar, como à frente se explica, a escolha por iniciar a elaboração de uma

forma alternativa de pesquisa, por meio da internet. As entrevistas colhidas durante a pesquisa contaram tanto com aparatos digitais (aplicativos de mensagem instantânea) e, em um segundo momento, com os instrumentos de produção presenciais (diário de campo e entrevistas gravadas).

As entrevistas e as observações de campo foram precedidas por apresentação e autorização do Comitê de Ética em Pesquisa¹ (CEP) da Universidade Federal do Tocantins (UFT). O Quadro 1 delinea as informações elementares de cada entrevista realizada.

Quadro 1 – Lista de participantes e informações sobre a entrevista

Participante	Idade	Atividade	Produto	Método	Origem	Data	Local da entrevista
Albânia	47 anos	Coordenadora e feirante	Velas aromáticas e perfumaria de ambientes	Etnográfico	Paraíba	17/05/2023	Residência da entrevistada
Aliete	60 anos	Feirante	Sapatos de bebê em crochê	Etnográfico		06/08/2022	Feira na Praia da Graciosa
Ana Maria	68 anos	Coordenadora e feirante	Bolos, biscoitos decorados	Netnográfico	Rio de Janeiro	28/01/2022 (a)	WhatsApp
Ana Maria	68 anos	Coordenadora e feirante	Bolos, biscoitos decorados	Etnográfico	Rio de Janeiro	08/10/2022 (b)	Feira na Praia da Graciosa
Ariadne	31 anos	Feirante	Papelaria criativa	Netnográfico		28/01/2022 (a)	WhatsApp
Ariadne	31 anos	Feirante	Papelaria criativa	Etnográfico		05/11/2022 (b)	Feira na Praia da Graciosa
Beatriz	30 anos	Coordenadora e feirante	Laços infantis e arte sacra	Etnográfico	Mato Grosso	06/08/2022	Feira na Praia da Graciosa
Fernanda	43 anos	Feirante	Bolsas artesanais	Etnográfico	Rio de Janeiro	14/09/2021	WhatsApp
Flaviana	42 anos	Coordenadora e feirante	Pinturas em tela	Etnográfico	Minas Gerais	11/07/2022	Feira no Hotel IBIS
Giane	44 anos	Feirante	Bonecas de pano	Netnográfico	Bahia	09/09/2021	WhatsApp
Gianine	29 anos	Feirante	Pinturas em tela e em madeira	Netnográfico	--	15/09/2021	WhatsApp
Jacira	45 anos	Feirante	Roupas e acessórios em frivolidé	Netnográfico	Maranhão	04/02/2022	Residência da entrevistada
Janeide	61 anos	Coordenadora e feirante	Decoração em MDF e peças em capim dourado	Netnográfico	Pernambuco	27/01/2022	WhatsApp

¹ Em 2021, deu-se início ao processo de autorização junto ao Comitê de Ética. Vale destacar que ainda há um profundo desconhecimento de normas de pesquisa para modelos de produção de dados no âmbito qualitativo, com uso de métodos das ciências humanas. O Comitê de Ética, sem dúvida, é instrumento valioso na proteção de envolvidos em pesquisa, porém não há adequação para análise de projetos em conformidade com a natureza do modelo metodológico, no âmbito da Plataforma Brasil e das diretrizes do cadastro da pesquisa. Todos os formulários e critérios utilizados para a proteção dos participantes parecem ter sido desenhados para contemplar apenas pesquisas na área da saúde, por isso não são suficientes ou mesmo adequados para atender outras áreas de estudo.

Janeide	61 anos	Coordenadora e feirante	Decoração em MDF e peças em capim dourado	Etnográfico	Pernambuco	20/04/2023	Residência da entrevistada
Joyce	39 anos	Feirante	Panos de prato com aplicação	Netnográfico	--	08/02/2022	WhatsApp
Karen	30 anos	Feirante	Bonecos e acessórios em tecido	Netnográfico	Pará	22/09/2021	WhatsApp
Kátia	43 anos	Feirante	Placas decorativas	Netnográfico	--	13/09/2021	WhatsApp
Lisiane	38 anos	Feirante	Brinquedos em feltro	Netnografia	Rio Grande do Sul	13/09/2021	WhatsApp
Lorrany	30 anos	Feirante	Amigurumis em crochê	Etnográfico	Interior do Tocantins	16/04/2022	Feira na Praia da Graciosa
Lucivânia	39 anos	Feirante	Fantasia infantil	Netnográfico	--	19/09/2021	WhatsApp
Maria Neuza	58 anos	Feirante	Pijamas e peças íntimas	Etnográfico	Rondônia	22/04/2023	Feira na Praia da Graciosa
Marielen	31 anos	Feirante	Decoração em biscuit	Netnográfico	--	16/09/2021	WhatsApp
Marlene	63 anos	Feirante	Enxoval bordado	Etnográfico		01/12/2022	Feira na OAB
Marta Maria	66 anos	Feirante	Acessórios e decoração em capim dourado	Etnográfico	Rio de Janeiro	24/09/2023	Feira no IFTO
Patrícia	47 anos	Coordenadora e feirante	Costura criativa	Netnográfico	Goiás	31/08/2021	WhatsApp
Patrícia	47 anos	Coordenadora e feirante	Costura criativa	Etnográfico	Goiás	11/07/2022	Feira Hotel IBIS
Renata	54 anos	Coordenadora e feirante	Panificação e sucos naturais	Netnográfico	Rio de Janeiro	31/08/2021	WhatsApp
Renata	54 anos	Coordenadora e feirante	Panificação e sucos naturais	Etnográfico	Rio de Janeiro	02/05/2022	Residência da entrevistada
Stelamaris	65 anos	Feirante	Tapetes em barbante	Etnográfico	Minas Gerais	09/02/2022	Feira na Praia da Graciosa
Suen	48 anos	Feirante	Biscoitos decorados e petiscos salgados	Etnográfico	Rio de Janeiro	09/03/2023	Residência da entrevistada
Tereza	57 anos	Feirante	Mandalas e pintura em MDF	Netnográfico	Via internet	13/09/2021	WhatsApp

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2023).

Algumas das participantes da pesquisa foram entrevistadas em mais de uma oportunidade, pois parte da coleta se deu durante o isolamento social entre 2020 e 2021, e optou-se por, em algumas entrevistas, delimitar o foco de abordagem e aprofundar a produção de dados relativos ao contexto de então. Algumas entrevistadas naturalmente responderam melhor à abordagem netnográfica, não sendo necessária a realização de uma nova entrevista. É importante ressaltar

que, naquele momento, não se podia prever se seria possível colocar em prática os instrumentos etnográficos, haja vista que, no Brasil, a vacinação da população, até um certo momento, não era garantia imediata de imunidade ou de retorno às atividades de feira. Graças aos esforços dos órgãos municipais e estaduais de saúde pública e da equipe do SUS, a despeito da ineficácia da gestão central do executivo federal, o controle da pandemia de COVID-19 foi feito a passos lentos, e a Feira das Manas retornou às suas atividades normais. Na ocasião, os instrumentos etnográficos foram utilizados para investigar os reflexos daquele contexto para as participantes da pesquisa e as adaptações realizadas pelas artesãs e feirantes para continuidade da feira e de suas atividades produtivas, ante o novo contexto.

3.2.1 Netnografia e técnicas de pesquisa *online*

A netnografia foi originalmente inspirada pela etnografia, transposta para outro ambiente de convívio social: a internet. Parte importante das problemáticas desta pesquisa surgiu após observação consistente e sistemática da atividade do grupo nesse meio. As redes sociais, enquanto locais de exposição pública manipulada, podem servir de palco para os atores demonstrarem uma identidade construída para o outro e, assim, é possível transpor o método etnográfico para o ambiente virtual (Hine, 2000; Kozinets, 2014). As vendas *online* se popularizaram e, mais recentemente, foram impulsionadas pelo contexto da pandemia de COVID-19. As Manas também migraram suas atividades para os ambientes virtuais nesse período e tentaram continuar a articulação do grupo pelas redes sociais.

Representações sociais, valores, normas de convívio, estereótipos e simbologias têm um impacto direto nas comunicações da internet, principalmente porque o grupo em questão atua prioritariamente de forma presencial (Kozinets, 2015). Nesse caso, é necessário conectar os diferentes processos de pesquisa (presencial e *online*) e adaptar técnicas e instrumentos de coleta e de análise de dados, atribuídos a métodos já consagrados, para a construção de um modelo adequado ao objeto, ao contexto ou à problemática da pesquisa (Kozinets, 2014; Peirano, 2014). Edificar um planejamento coerente com o campo de pesquisa perpassa por integrar as informações coletadas por diferentes fontes e instrumentos de pesquisa, direcionando os esforços acadêmicos para compreensão do problema sob diferentes perspectivas, tendo em vista essa diversidade.

O processo de construção narrativa analítica em pesquisas com agrupamentos humanos requer, por vezes, a descrição detalhada dos fenômenos observados. As interações em ambientes virtuais apresentam particularidades e intencionalidades próprias, tal qual na observação etnográfica presencial. Para captar sua essência e interpretar os comportamentos de um grupo, foi preciso acompanhar as interações dos indivíduos no cenário em que são performadas, seguindo o modelo de estudo etnográfico preconizado por Malinowski (1978).

O objeto das netnografias são as interações de grupos mediadas por tecnologias digitais, visando descrever, compreender e analisar comportamentos (Kozinets, 2014). A pesquisa em comunidades virtuais adequa-se a grupos cuja existência e interação não dependem exclusivamente da internet, embora esse meio seja importante para o desenvolvimento de suas atividades e, em especial, para percepção de comportamentos discursivos, valores e crenças que colaboram para a formação identitária. Muitas coletividades interagem por intermédio da internet e, nessas ocasiões, os membros expressam valores e comportamentos significativos para compreender a conduta, o que torna o trabalho netnográfico parte relevante da pesquisa (Garcia *et al.*, 2009).

A abordagem sintonizou-se às características das Manas, tendo em vista que sua formação se deu em uma rede social digital, o *Facebook*, e muitas de suas atividades e interações ainda são mediadas pelo *Instagram*; e, como no modelo etnográfico, o objetivo do uso da netnografia foi produzir informações que colaboraram para decodificar a teia de símbolos e significados das interações do grupo observado (Kozinets, 2014; Polivanov, 2014).

As técnicas desse método foram utilizadas para compreensão da construção social, seus aspectos históricos, políticos e socioeconômicos, a fim de entender como RS colaboraram para a identidade social das Manas. As redes sociais tiveram, e ainda têm, papel relevante na história do grupo, como demonstrado desde o projeto. Tanto os processos ligados à formação da feira em uma comunidade *online* chamada Indique uma Mana no Tocantins (IUMT), quanto a coleta de informações geradas pelo perfil da Feira das Manas na rede *Instagram*, na qual realiza divulgações das feiras, dos produtos das feirantes e transmissões ao vivo das feiras e outras atividades.

O campo netnográfico, nesta pesquisa, é representado pelas redes informacionais *Instagram* e *Facebook*, pelo *Google Meet*, em que ocorreram algumas reuniões do grupo durante a pandemia de COVID-19, e pelas interações realizadas com as integrantes via aplicativos de mensagens instantâneas, em especial, o *WhatsApp*. Esse modelo se adequou a esta pesquisa por

colaborar para observação das participantes que compõem o grupo, seja por meio do mapeamento das interações, seja para determinação do fluxo de atuação do grupo nas redes sociais.

A popularização do uso do meio digital durante a pandemia de COVID-19 suscitou a oportunidade para estabelecer a técnica de um grupo de foco para a coleta de informações e articulação da pesquisa. O grupo de foco é um instrumento de coleta que reúne os integrantes do grupo pesquisado em um ambiente virtual (grupo), para que expressem informações sobre um determinado tópico da pesquisa (foco). Sua principal vantagem foi a possibilidade de manter a discussão ativa por mais tempo, assim a manifestação das Manas poderia ser feita no momento em que tivessem maior disponibilidade para refletir sobre o assunto era foco da discussão a cada momento.

Nos atuais mecanismos de intercomunicação *online* (*WhatsApp*, *Discord* e *Telegram*), há disponibilidade para envio de mensagens de diversos formatos, facilitando a manifestação das participantes e o recebimento de arquivos de vídeo, áudio, texto ou imagens, podendo levantar informações mais rapidamente. No âmbito desta pesquisa, o grupo de foco colaborou para levantamento de informações coletivas sobre as Manas e as feiras. Nesse caso, a maior parte das informações coletadas foi utilizada para dar subsídio às entrevistas realizadas posteriormente.

Para a produção de dados por meio de entrevistas durante o isolamento social, devido à COVID-19, optou-se, em primeira instância, por entrevistar algumas das participantes por *Google Meet*, aplicando a técnica de entrevistas semiestruturadas. Percebeu-se que essa modalidade gerou certo estranhamento e desconforto por parte das entrevistadas. Na ocasião, foram escolhidas duas das coordenadoras, ambas por se mostrarem bastante receptivas. Com o início da atividade, percebeu-se que fazer videochamadas não seria o mais adequado, pois não se conseguiu aprofundar em nenhuma das perguntas realizadas. O principal motivo foi a indisponibilidade para uso desse tipo de comunicação por longos períodos durante a pandemia. As entrevistadas alegaram outros fatores, entre eles, a indisponibilidade de equipamento adequado, limitações pessoais para uso da tecnologia necessária e falta de tempo para dedicar à entrevista.

Buscou-se estabelecer um modelo flexível que possibilitasse o atendimento por parte das participantes. Foi proposto ao grupo que seria feito o envio de perguntas via *WhatsApp* e que elas respondessem por áudio, quando pudessem. Ao término de um primeiro ciclo de perguntas e respostas, outros questionamentos complementares foram realizados, procurando satisfazer os objetivos de pesquisa daquele momento. Essa abordagem se mostrou mais eficaz, pois as

entrevistadas se mostraram mais dispostas a discorrer sobre os temas abordados. Ao receber as mensagens-respostas, foi feita a escuta qualificada e a transcrição. Para dar agilidade à normalização da pesquisa, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) ganhou uma versão *online* pelo aplicativo *Google* Formulários. Todos foram assinados digitalmente antes do início das entrevistas.

A desvantagem principal desse artifício é que as interpeladas conseguem manipular as comunicações emitidas durante a interação, em uma tentativa de gerenciar a impressão desejada sobre os temas e sobre a pesquisadora. Para tanto, optou-se por realizar algumas entrevistas presenciais com as mesmas participantes posteriormente. Outro fator é que sua expressão fica limitada, dependendo do formato por meio do qual se manifesta, por exemplo, a escrita não possibilita que o pesquisador colha expressões de fala ou imagem, que podem conduzir a diferentes interpretações, por outro lado, a escrita suscita comunicações mais bem elaboradas e objetivas.

3.2.2 Instrumentos etnográficos

Parte da coleta de dados desta pesquisa foi composta por técnicas do fazer etnográfico. As etnografias são processos narrativos e interpretativos do comportamento de grupos que consideram o contexto da situação observada, grafam as vivências do pesquisador no campo e analisam os dados produzidos por meio das técnicas utilizadas (Peirano, 2014).

Esta pesquisa adotou esses instrumentos e a postura de campo antropológicas, vinculando-as a campos do conhecimento que não se limitam a fatores culturais. Essa imersão foi conduzida com o propósito de vivenciar os momentos de interação das artesãs, realizando uma observação minuciosa durante os eventos de feira. Além disso, foi enfatizada a prática de uma escuta atenta para captar informações relevantes para a pesquisa (Eckert; Rocha, 2008).

As observações das interações durante os momentos de feira foram relevantes, pois representam um momento ritualístico do grupo, no qual se podem perceber comportamentos, discursos, valores e ideias que colaboram para orientar as condutas das integrantes do grupo (Nunes, 2005). Segundo Geertz (2008), a cultura de povos ou grupos é composta por fios muito sutis que, por meio de sua trama, proporcionam padronagens únicas que conduzem à visão de mundo e direcionam o comportamento humano.

Interpretar a trama e descrever o tecido social, demonstrando os sentidos atribuídos das ações sociais, são tarefas complexas que necessitam de disciplina e olhar apurado. As performances identitárias são manifestação de certa construção da realidade, e as características formadoras dessa composição vão desde a função de cada indivíduo perante o grupo até elementos que compõem seu “personagem”, tais como vestimenta, características étnico-raciais, idade, atitudes, gestos, cenário, ambiente, entre outros (Goffman, 1999). Esse esforço intelectual permitiu desvendar, a partir da descrição densa, o sentido e o significado das situações de interação.

O trabalho de campo presencial, com observação completa e integração ao grupo, se iniciou na primeira fase da pesquisa. O registro das observações foi feito por meio de gravações, fotos e de um diário de campo, que forneceram subsídio para a descrição densa de situações sociais, interações, comportamentos institucionalizados, discursos legitimados, disposições espaciais, expectativas expressas e estruturas de poder observadas e colaboraram para interpretação do comportamento de grupo e as Representações Sociais que influenciam a performance identitária das Manas (Eckert; Rocha, 2008; Geertz, 2008). O registro fotográfico exposto na Figura 5 foi realizado na ocasião de uma observação de campo. Nele uma das coordenadoras do grupo explicava à pesquisadora a escolha por daquela localidade no parque em que a feira estava sendo realizada. A foto foi registrada por uma das Manas. Uma das características interessantes da pesquisa foi a atenção do grupo, em especial das coordenadoras, em relatar e justificar todas as decisões e ações coletivas do grupo à pesquisadora.

Figura 5 – Registro fotográfico da observação de campo na feira ocorrida em 4 de fevereiro de 2023, no Parque dos Povos Indígenas, em Palmas/TO.



Fonte: Acervo de pesquisa (2023).

A Feira das Manas tem periodicidade variada, em geral dois finais de semana por mês, e os locais de realização são definidos pelas Manas e aprovados pela Prefeitura, que autoriza ou não a instalação no espaço escolhido. Os três locais em que foi realizada com maior frequência durante o desenvolvimento da pesquisa foram: o Parque dos Povos Indígenas, o Parque Cesamar e a Praia da Graciosa. Ocasionalmente, ela também foi realizada em áreas públicas, de empresas ou em *halls* de entrada de centros comerciais, órgãos e entidades públicas e entidades de ensino.

O caráter itinerante da feira demandou uma estratégia para seleção dos momentos de observação, em especial por entender que os espaços têm representação simbólica no ambiente das cidades. A princípio, os momentos escolhidos para observação foram os que a coordenação indicou que haveria maior fluxo de pessoas na feira, os eventos que antecedem datas comemorativas (Natal, Dia das Mães, Dia dos Namorados, Dia das Crianças e Dia dos Pais).

Porém, com o início da pesquisa de campo, percebeu-se que a presença da pesquisadora e sua participação em pequenas atividades do grupo colaborou para aproximação com as participantes e sua disponibilidade para participar da pesquisa. A pesquisa de campo se tornou uma constante e a maior parte das feiras entre janeiro de 2022 e novembro de 2023 foram observadas.

A interação constante colaborou para que as Manas se mostrassem mais à vontade com a presença da pesquisadora em campo e se abrissem a demonstrar os sentidos mais ocultos das interações do grupo. Por vezes, eu recebia alguma tarefa junto à feira, como embalar doces, fotografar a movimentação e divulgar a feira pelo *Instagram* do grupo. A inserção se deu naturalmente, e a integração, tal qual Geertz (2008), Malinowski (1978) e os demais precursores do método salientaram, fez com que o comportamento do grupo assumisse sentido apropriado e fosse compreendido, em especial na fase de análise de dados. A Figura 6 é um registro da presença em campo feito por insistência das coordenadoras do grupo quando eu tirava fotos.

Figura 6 – Registro fotográfico da observação de campo na feira ocorrida em 8 de novembro de 2022, na orla da praia da Graciosa, em Palmas/TO.



Fonte: Acervo de pesquisa (2022).

Outro instrumento utilizado foram as entrevistas semiestruturadas na modalidade presencial, bastante importante para a composição de fontes de informação, uma vez que se busca o sentido, o significado e as RS sobre gênero, ambiente e economia para o grupo. Essa posição social muito complexa requereu produção atenta das informações e análise apurada. A escolha das entrevistadas foi realizada por meio de amostragem intencional, que se baseia na seleção de indivíduos que possam somar à pesquisa informações desconhecidas ou que necessitem de aprofundamento (Marconi; Lakatos, 2002). Optou-se por realizar as entrevistas no local de escolha da entrevistada. Algumas preferiram fazer as entrevistas durante os eventos de feira,

enquanto outras, por terem um fluxo de vendas intenso, optaram por realizar em suas residências, ou ambientes formais de trabalho.

Figura 7 – Registro fotográfico da entrevista feita em 1 de dezembro de 2022, na feira realizada no saguão da Ordem dos Advogados do Tocantins (OAB/TO), em Palmas/TO.



Fonte: Acervo de pesquisa (2022).

Flick (2004) orienta que a evolução da entrevista tem como base um roteiro que conta com temas que conduzem o diálogo com o entrevistado, privilegiando a escuta sensível a fim de estabelecer relação favorável com o entrevistado e, assim, obter informações relevantes à pesquisa. Todas as entrevistas foram gravadas, transcritas com fidelidade em todos os aspectos da fala, pausas e demais verbalizações dos entrevistados e da entrevistadora, logo após sua realização. Foi utilizado um *software* adequado para realização de manipulação de dados qualitativos para categorizar as transcrições e o diário de campo, visando colaborar com a dinamização da etapa de análise. Para essa etapa, fez-se uso do *Atlas.ti* 9.

Figura 8 – Registro fotográfico de entrevista feita em 22 de abril de 2023, na feira realizada na orla Praia da Graciosa, em Palmas/TO.



Fonte: Acervo de pesquisa (2023).

O tamanho da amostra das entrevistas foi composto por meio da técnica de “bola de neve”, tipo de amostragem não probabilística, que consiste em captar, para a realização de pesquisa, indivíduos que se adequem ao perfil desejado à pesquisa ou que sejam indicados por entrevistados anteriores. Assim, realização, transcrição e leitura das entrevistas desencadeiam um processo de avaliação da condução e direcionam à busca por novos entrevistados (Flick, 2004; Vinuto, 2016). Deu-se por encerrada a produção de dados por entrevistas no momento em que se constatou a repetição exaustiva de informações e a interpelação da maioria das presentes na feira até o mês de setembro de 2023.

3.3 A contratualização: do estranhamento à convivência

O primeiro contato formal com a coordenação do grupo se deu antes mesmo da pesquisa ser elaborada. Eram, na ocasião, três Manas designadas para responder enquanto coordenadoras do coletivo. Elas dividiam as tarefas de gestão, secretaria, ação política e gerenciamento de redes, suas atividades principais e as demais atribuições eram, na ocasião, realizadas ocasionalmente

por algumas das participantes. Após o primeiro contato, antes mesmo da defesa do projeto junto à Universidade Federal do Tocantins, manteve-se diálogo com as coordenadoras por meio das redes sociais e aplicativos de mensagem instantânea, em especial durante o período de afastamento social em decorrência da COVID-19.

As observações do grupo foram realizadas em dois momentos distintos: as reuniões e as feiras. As Manas se reúnem, ao menos, uma vez a cada mês, para conjuntamente traçar objetivos e dividir tarefas para as atividades a serem realizadas. A primeira reunião assistida foi também em que as coordenadoras me apresentaram ao grupo. Nessa ocasião, estavam reunidas pela primeira vez após o período de afastamento social em decorrência da pandemia da COVID-19.

As coordenadoras, em diálogo por aplicativo de mensagens, me informaram sobre os princípios básicos de organização da feira e que estavam reformulando o regulamento para as participantes.

O grupo autorizou minha participação nas feiras e em todas as reuniões de articulação e planejamento ao longo da execução da pesquisa. Foi enviada ao grupo uma carta de intenções e o projeto de tese, apresentando os objetivos da pesquisa à coordenação, que sempre viu com bons olhos e uma certa lisonja ser alvo de uma pesquisa científica.

A aproximação junto ao grupo foi articulada com intuito de apresentar o projeto de pesquisa e solicitar uma autorização formal para iniciar as atividades de observação e as entrevistas. Nessa etapa, também se deu uma primeira escuta atenta a fim de incorporar os problemas salientados pelas Manas enquanto objetivos para a pesquisa. A contratualização não gerou grandes modificações nos objetivos até então estabelecidos, e a pesquisa foi muito bem recebida pelas participantes, que sentiam necessidade de colaboração em pequenas ações realizadas com o grupo.

O momento de contratualização junto a todo o grupo ocorreu no dia 5 de outubro de 2021. Recebi um arquivo de imagem pelo *WhatsApp* no grupo que montei com as coordenadoras somente por solicitação destas por acreditarem ser esse um meio mais dinâmico para desenvolver o diálogo. No convite enviado também a todas as participantes, havia, além do local e do horário da reunião, um alerta: a reunião ocorreria “chova ou faça sol” na casa de uma das coordenadoras, local em que estive em diversas reuniões posteriormente.

Na primeira reunião, estiveram presentes 38 pessoas. Como era o retorno das atividades em junho de 2021, após a pandemia, muitas das participantes haviam integrado o grupo recentemente, e todas se apresentaram. Foi relatado que, com a pandemia, muitas Manas se

mudaram de Palmas, algumas deixaram de lado suas produções de artesanato ou comidas, e outras preferiram deixar de expor na feira alegando diversos motivos. Fui uma das primeiras pessoas a falar, expus o projeto, meu histórico e minha disposição em colaborar. Percebi que todas já tinham conhecimento e nenhum questionamento foi realizado.

Após esse primeiro momento, recebi alguns olhares de desconfiança, sentia-me uma *outsider*, quase intrusa. O caderno de anotações na mão não ajudou neste momento, vi que ele causou estranhamento e deixei de anotar minhas observações de campo durante o ato. A reunião terminou com uma primeira tentativa de aprovar um novo regulamento, mas muitas Manas solicitaram mais tempo para contribuir ao novo documento. Finalizada a reunião, iniciou-se uma confraternização com um lanche. Nesse momento, aproximei-me das coordenadoras e de uma ou outra participante. Em geral, a aproximação era envolta de dúvidas ou de um certo distanciamento, o que não se deu com as novas integrantes da feira, recebidas com calorosos abraços.

Ajudar as Manas a se perceberem enquanto um projeto inovador se tornou parte da pesquisa. A fala de uma das coordenadoras na primeira reunião observada mostrou que elas têm consciência de seus objetivos e de sua abrangência.

Não somos uma associação ou feira com CNPJ, porque o trabalho é imenso pra isso e a dedicação teria que ser integral. No momento, não conseguiremos isso. A intenção da feira é ocupar espaço, dar protagonismo à mulher, ser uma grande vitrine e ajudar as mulheres a valorizarem seu trabalho. No fim, somos mulheres que se apoiam (RENATA, 2022).

[Antes da pandemia de COVID-19] Eu estava expondo sempre nas praças e na praia. Através desta exposição da feira, eles [os clientes] foram conhecendo meu trabalho e foi passando boca a boca. Através dessas vendas, fui arrumando mais clientes. Um foi passando para o outro (JACIRA, 2022).

Como parte da pesquisa-ação, solicitei que me apresentassem problemas os quais acreditassem que poderia colaborar para que a feira continuasse sua trajetória. Fazendo a pesquisa-ação, o pesquisador tem a oportunidade de colaborar no que é necessário e, assim, conseguir extrair as informações que lhe são caras para completar a pesquisa.

Por outro lado, nem sempre o grupo abordado compreende o que significa na totalidade a presença e a colaboração em um projeto de pesquisa. Em um primeiro momento, o desejo é que o grupo se abra à observação, que ceda não somente a permissão verbalizada, importante, mas insuficiente para de fato conhecer os mecanismos que permitem compreender o significado de uma piscadela (Geertz, 2008). Com o tempo, os significados, os questionamentos e algumas solicitações surgiram.

A transformação que a feira provoca em cada uma e para o coletivo passou a ser parte da problemática abordada. As Manas, todas mulheres migrantes, demonstraram a necessidade de se sentirem parte da cidade, de terem seu lugar, mas não necessariamente um espaço geograficamente determinado. A inclusão econômica e social é uma das problemáticas que emergiu da convivência com as participantes.

3.4 Análise de conteúdo

Para Jodelet (2002, p. 26), o estudo das RS requer a percepção de como se articulam, no grupo observado, “elementos afetivos, mentais e sociais e integrando, ao lado da cognição, da linguagem e da comunicação, a consideração das relações sociais que afetam as representações e a realidade material, social e ideal sobre a qual elas intervêm”.

Para realizar a análise do conteúdo, optou-se por utilizar a proposta de Bardin (1995), por agregar técnicas e procedimentos que priorizam indicar o conteúdo dos dados, organizando o processo de análise dos dados por meio do sentido ao qual as mensagens se relacionam.

A primeira etapa da análise do conteúdo (após a entrevista e a transcrição) foi a pré-leitura de todo o conteúdo. Essa fase colabora para o conhecimento generalizado do material, a partir de uma leitura flutuante de todo o texto gerado pelas entrevistas. A finalidade é apropriar-se do conteúdo, pré-selecionado, para avaliar todo o material que pode ser relevante para a análise. A leitura de todo o material em uma única etapa visa fornecer ao pesquisador maior apropriação dos dados. Além de promover a elaboração de unidades de análise e a revisão da seleção do que poderia ser usado na pesquisa, essa etapa também indicou a necessidade da realização de entrevistas complementares (Bardin, 1995).

Na segunda etapa, realizou-se a codificação de todo o material selecionado para análise, seguindo os direcionamentos formulados para cada unidade de análise e categoria concebida, usando critérios de exaustividade, representatividade e pertinência para a seleção do conteúdo. Os *softwares* disponíveis possibilitaram que o material triado não perdesse sua identidade e fosse alocado corretamente nas unidades temáticas e categorias construídas.

A fase final do uso desse método consistiu na utilização do referencial teórico e na revisão de literatura para a análise dos dados e realização de inferências, associando os resultados da triagem de informações, que a técnica proporciona à teoria disponível e, assim, alcançar os objetivos e atender à problemática proposta (Bardin, 1995).

Esse percurso, enquanto método próprio da pesquisa, pretendeu avançar para além da narrativa dos fatos observados e da descrição do material coletado, por meio da interpretação dos sentidos construídos pelo grupo, e suas implicações ambientais e econômicas. O tratamento das informações buscou desvendar a teia de significados que envolvem o grupo observado, sua presença simbólica no contexto urbano e como esses fatores geram identidade e uma gama de representações. Essas são as interfaces pelas quais as Manas relacionam o empoderamento, a economia criativa e o imaginário de sustentabilidade, para conquistar seu lugar na cidade.

4 A FEIRA E AS MANAS

Mana é um substantivo feminino, termo coloquial, geralmente utilizado para tratamento pessoal entre irmãos, como uma redução coloquial da palavra irmã (mana) ou irmão (mano). *Mana* (ou mano) também é usado como uma forma carinhosa de se referir a amigos ou pessoas próximas, em alguns locais do Brasil, em especial na região amazônica. O termo *Mana* também pode ser encontrado como adaptado à linguagem cotidiana com alusão à palavra irmã como uma acepção empoderadora e desconstrutora de padrões de gênero ou como acepção da diversidade entre pessoas LGBTQIAP+. Entre os Melanésios, Mana tem acepção religiosa e indica uma força sobrenatural capaz de transmitir características mágicas ao ser humano e, assim, unir o grupo, como um poder em si, que, segundo Mauss (1974), apresenta variada gama de conteúdos míticos e simbólicos e gera coesão social, podendo inclusive ser usado para se referir à abundância.

A Feira das Manas parece articular, mesmo que não intencionalmente, essas acepções do termo. Desde 2019, algumas artesãs da cidade de Palmas/TO e do distrito de Taquaruçu uniram forças e propósitos para implementar uma atividade de feira com finalidade de divulgar e alavancar seus negócios (muitos deles informais) no ramo alimentício e de artesanato. Sua essência conta com fatores que unem essas mulheres, como irmãs, em torno de um propósito e direcionam as ações do grupo. Nesta pesquisa, por meio de uma perspectiva humanística, a Feira das Manas é compreendida enquanto fenômeno social. Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, uma persona se destacou: a Mana. A percepção da existência dessa identidade reorientou algumas escolhas metodológicas e colaborou para reafirmar a escolha pelo estudo das RS para responder os problemas levantados.

A Feira das Manas é um espaço em que o acolhimento de mulheres em suas mais distintas expressões, ele é possível, ele é real. Eu tenho muito respeito pela Feira das Manas porque lá nós temos filhas, mães, avós, bisavós, mulheres que estão mulheres que só trabalham do artesanato, mulheres que têm outros trabalhos, têm uma renda fixa, pessoas que não têm, ou quase não têm uma escolaridade fechada e pessoas que estão trabalhando e indo pra os mais elevados níveis de escolaridade e ali, naquele momento, existe uma troca de experiências que torna a feira um espaço importante que ela é, tá? (ALBÂNIA, 2023).

A feira, para mim, é muito importante por causa do calor humano. Sabe? Esse calor humano, essa energia que as amigas têm, a feira é o contato com os trabalhos diferentes, que outras artesãs têm, e que é maravilhoso. Esse é um universo muito amplo, muito grande. É tão gratificante a gente conhecer outras pessoas que têm um objetivo e que têm dons manuais igual a mim. Cada uma do seu jeitinho, com a sua diversidade. Para mim, estar fora da feira, longe da feira, é ruim não estar perto das amigas, porque elas fazem falta. Faz falta o cheirinho da feira, das guloseimas deliciosas. Fazem falta as meninas do circo, que, com alegria delas, deixa tudo colorido, alegra as crianças. Para

mim, a feira é como ir a uma festa, é um encontro, é uma alegria muito grande (GIANE, 2021).

Nas observações nos momentos de feira e nas conversas presenciadas entre as integrantes do grupo nas situações de feira e em reuniões, que acompanhei enquanto convidada, a Mana se manifestou enquanto persona. Mana é como chamam umas às outras, as integrantes da Feira das Manas. Ser Mana evidencia a adesão tácita não só a um empreendimento coletivo, ou a uma organização econômica no formato de feira. Ser Mana é um chamado à ação. Uma personalidade colaboradora e cooperativa da causa, que é a feira. Ser Mana é estar no grupo e compartilhar um comportamento solidário com as demais. A Mana é sempre a participante do coletivo de mulheres feirantes, como também é uma persona, um símbolo ao mesmo tempo coletivo e individual, que representa todas e cada uma. Um ser coletivo, mas que tem individualidade, personalidade.

Figura 9 – Registro fotográfico da feira no dia 23 de abril de 2022, no calçadão da orla da Praia da Graciosa, em Palmas/TO.



Fonte: Acervo de pesquisa (2022).

Ser Mana é uma atribuição de reconhecimento. Mana é, para o grupo, um substantivo próprio, que nomeia uma identidade específica. Cada Mana reconhece a outra enquanto parte de um coletivo e exclui aquelas que não são reconhecidas como parte do grupo. Esta pesquisadora nunca foi chamada de Mana, embora tenha sido apresentada a todas enquanto uma aliada e parceira e frequentemente tenha participado de atividades do grupo de forma ativa, acompanhado

reuniões, feiras, exposições e sempre cumprido algum papel designado e ativo para a atividade de feira, até mesmo esteve junto ao grupo há mais tempo que as feirantes mais recentes.

Essa percepção ajuda a compreender que Mana não é qualquer pessoa, nem qualquer mulher, nem mesmo uma aliada. A Mana é aquela que compartilha realidade semelhante às das demais. É a artesã, a confeitadeira ou a vendedora autônoma, a empreendedora que usa a feira como forma de divulgar seu trabalho e vender sua produção, evidenciando a si ou seu produto. A etapa de percepção dessa persona se destaca como núcleo da observação etnográfica.

A Mana tem, em sua caracterização, um traje: a camiseta oficial do grupo, utilizada por todas durante os eventos e que é recebida pelas novas integrantes assim que se associam à feira. Essa associação é quase como um ritual de ingresso. Após a confirmação por parte da coordenação da possibilidade de integrar a feira, a nova Mana participa de uma primeira reunião, preenche um formulário com seus dados pessoais e se apresenta às demais, falando de sua história de vida, suas expectativas para a feira e sua atividade produtiva, além de elencar os produtos que escolheu vender na feira.

É nesse momento que a nova integrante recebe normas que regem sua relação com as demais. As mulheres a quem esse vocábulo é atribuído estão em constante rotatividade, e o fluxo de novas Manas é intenso, assim como o de desistências também, porém o termo Mana e todas as expectativas comportamentais com relação a ela são as mesmas.

A Mana é o que dá estabilidade à feira, é o nome usado para se referir à companheira de luta, à aliada. Mana pode ser um termo que evoca, aos olhos do pesquisador, o Mana que Marcel Mauss, na obra *Sociologia e Antropologia* (2018), descreveu como uma força interior que aflora sobre e nos membros da comunidade que compartilham os mesmos sentidos e que gera laços de sociabilidade e reciprocidade. É necessário, porém, apresentar mais adequadamente as Manas, enquanto coletivo.

O estabelecimento de um perfil socioeconômico das participantes do grupo iniciou pela aplicação de um questionário para verificar informações gerais, tais como faixa etária, estado civil, local de residência, entre outros. Até o momento da coleta de dados, em março de 2022, estavam vinculadas à Feira 34 mulheres, com idades entre 30 e 65 anos. A média de idade das integrantes da feira era 49 anos. Porém, a composição da feira se alterou muito frequentemente durante a pesquisa. Algumas deixaram o movimento e novas integrantes passam a fazer parte da Feira, com isso o perfil socioeconômico se altera de maneira bastante fluida ao longo do tempo. Apesar de não determinante do perfil socioeconômico a longo prazo, o estudo foi importante para

compreender o grupo no início da pesquisa e oferecer um princípio norteador. Por esse motivo, não se pode atribuir a esta pesquisa um *status* de quali/quantitativo que outros tipos de análise buscam estabelecer.

Nessa exploração quantitativa, averiguou-se que a metade das participantes é casada, e a maioria é mãe. Apenas 6 das declarantes do questionário socioeconômico aplicado informou não ter filhos, sendo que pelo menos 20 participantes têm 2 ou mais filhos. A idade das participantes em relação às informações sobre fecundidade pode indicar o uso das atividades artesanais como uma tentativa de retorno da mulher que, por um longo período, assumiu unicamente os papéis de dona de casa e mãe de família, as atividades laborais. A realidade de muitas mulheres é de permanência no lar e na manutenção das atividades de cuidado com a casa e com os familiares. Muitas permanecem em uma dupla ou tripla jornada de trabalho, por um tempo relativamente longo de suas vidas. Esse tempo é condicionado a fatores sociais, econômicos e culturais. Várias dessas mulheres necessitam de apoio para realizar a mudança de perspectiva que as (re)insira em atividades econômicas após longo período de dedicação exclusiva ao ambiente doméstico, que deixou uma lacuna em sua vida profissional, materializada em seu currículo. Rosaldo (1995) esclarece que essa é uma ocorrência relativamente comum.

Há uma disposição social de distanciar a mulher do ambiente de trabalho durante sua vida reprodutiva, o que a direciona para as atividades domésticas e de criação dos filhos. Essa assimetria sexual coloca o homem como persona dominante da esfera pública e das atividades de trabalho formal remuneradas, dando ao masculino maior poder devido à dominação econômica. Os fatores reprodutivos não são os únicos causadores dessa realidade, o afastamento das mulheres do mercado de trabalho deve ser analisado em relação ao contexto observado.

Palmas/TO é uma jovem capital, a maioria das integrantes é oriunda de outras cidades, e, em grande maioria, migrando à procura de estabilidade econômica. Durante as entrevistas realizadas, essa foi uma informação que se repetiu em diversas ocasiões, ou seja, diversas Manas do grupo vieram para a cidade acompanhando seus cônjuges.

Quanto ao local de moradia, a maioria das respondentes reside na área da cidade correspondente ao Plano Diretor. Apenas duas residem no Setor Taquari e uma no Setor Morada do Sol. A maior parte das 33 respondentes, 19 Manas, declarou residir na região sul no Plano Diretor da cidade. É importante destacar que o planejamento urbano da cidade privilegiou, em um primeiro momento, a elaboração de uma proposta urbanística chamada de Plano Diretor e compreende as quadras mais próximas à porção central da capital. Já a dinâmica ocupacional da

cidade de Palmas, como dito anteriormente, acabou por expulsar do perímetro central pessoas de menor poder aquisitivo. Morar no Plano Diretor pode ser considerado um privilégio, quando se deixa de considerar que há áreas que podem não ser geograficamente periféricas, mas que são socialmente marginalizadas. Entre elas, algumas quadras da região norte, em sua porção oeste e as quadras finais do Plano Diretor Sul.

Grande parte das integrantes do grupo tem no artesanato sua única fonte de renda pessoal. Conforme o questionário socioeconômico, 63% das respondentes se declararam autônomas, e 26% declararam ter algum vínculo empregatício. A adesão a atividades no ramo da economia criativa vem crescendo substancialmente nos últimos anos, com a sistematização de novos modelos de obtenção de renda em diversos países. Manter uma dinâmica de produção e um plano de negócios que direcionem os produtores desse ramo numa perspectiva de crescimento da produção com sustentabilidade é uma busca constante, que envolve uma cadeia de relações econômicas dinâmicas e informacionais, levando à transformação de pequenos produtores em empresas.

Sabe-se que há modelos desenvolvidos para estabelecer, por intermédio da economia criativa, negócios que mantenham as etapas de criação, logística e conquista de mercado consumidor, respeitando os princípios da sustentabilidade. A proposta de produção inovadora, em meio à instabilidade econômica e social, para as grandes empresas do ramo criativo, como examinada por autores como Castro e Figueiredo (2016), está muito distante da realidade das pequenas artesãs. É vastamente conhecido como as empresas da área colaboram para promoção cultural, tanto quanto para geração de emprego e renda, porém a falta de políticas públicas, investimento e recursos no setor vêm impedindo o crescimento, conforme alertaram os estudos de Serra e Fernandez (2014).

A descrição do grupo a partir do levantamento socioeconômico não pode determinar um perfil etário, situação econômica ou localização geográfica coesa. O grupo se mostrou bastante diverso quanto a esses aspectos. A logomarca da feira, concebida pelo grupo (Figura 10), reflete um grupo que é, ao mesmo tempo, diverso e coeso. A tentativa de traçar uma caracterização por meio de um perfil único pode descaracterizar aquilo que torna o grupo singular.

Figura 10 – Logomarca da Feira das Manas



Fonte: Cedida pela organização da Feira das Manas (2022).

A diversidade e as diferenças de perfil são sobrepujadas pelas semelhanças e pelo que as une: os ideais do grupo, a sua busca por empoderamento e por um lugar no mundo. As Manas comungam, assim como todas as mulheres, “vulnerabilidade ante a violência masculina, a discriminação pela instituição cultural da dominância masculina e a mistificação da superioridade do homem, a despeito de suas diferenças de idade, etnia, classe e proveniência” (Garcia, 2017, p. 56). As diferenças são exaltadas como mecanismo motivador da união. Faz-se necessário, então, descrever para entender sua jornada.

Embate e articulação, característicos de movimentos sociais, são menos constantes no grupo, porém não deixaram de ocorrer em alguns momentos. A discordância de opiniões sobre os rumos da feira gerou a saída de participantes em mais de uma ocasião. Em especial durante uma reunião em que a coordenação buscou aprovação de um novo regulamento, esse movimento foi orquestrado por um grupo de feirantes. No regulamento, estão as normas de aceite, permanência, conduta e exclusão das participantes no grupo. Segundo Carrieri, Saraiva e Pimentel (2008), a elaboração de normas faz parte da institucionalização de grupos desse tipo, mesmo que naqueles que trazem em seu âmago um grau de informalidade, a organização e a regulamentação são constantes em instituições e associações. A reformulação de normativas do

grupo pode significar uma nova etapa, ou a consagração de um percurso escolhido. No caso das Manas, alguns embates calorosos e poucas cisões ocorreram a partir desse momento, que dividiu o grupo entre as que desejavam aprovar as regras ou torná-las ainda mais inflexíveis e as que discordavam de parte da proposta. Quando questionadas, as coordenadoras expuseram que os itens mais controversos dessa pauta visavam dar à feira um caráter mais profissional e foram elaborados a pedido de parte do grupo de feirantes.

Pode-se perceber que havia a tentativa de instituir comportamentos semelhantes ao já presente em atividades comerciais formais. Entre os tópicos do regulamento que apresentaram maior discordância, estão o estabelecimento de padrões de vestimenta (camiseta da feira e saias ou calças abaixo do joelho) e a proibição de consumo de bebidas alcoólicas pelas feirantes durante a feira. Esses tópicos causaram calorosos embates. A discordância se tornou tão vultuosa que gerou questionamentos acerca da gestão administrativa e financeira da feira. Em duas reuniões distintas, a discussão impossibilitou a continuidade e, posteriormente, se transformou em justificativa para o rompimento permanente de algumas participantes com feira. Um grupo de discordantes deixou as Manas e iniciou uma nova feira chamada de “Feira das Minas”. A disputa de narrativas que antecedeu esse evento pareceu ter, em seu âmago, o questionamento do poder das coordenadoras, pois, em diversas ocasiões, as participantes dissidentes clamaram por participação na coordenação. Quando questionadas sobre o assunto, as coordenadoras relataram que já haviam feito o convite para integrassem na coordenação, mas não havia sido aceito. Também foi narrado que uma das dissidentes era, até então, responsável pelas mídias e pelas divulgações do grupo e havia deixado as atividades há mais de quatro meses. Uma tentativa de descaracterização e difamação do grupo foi iniciada por parte das discordantes por meio do antigo *Twitter*.

A saída e a entrada de participantes na feira são constantes. Houve certa dificuldade de finalizar um levantamento socioeconômico das participantes por esse motivo. As Manas são um grupo que apresenta uma grande rotatividade, embora haja um núcleo central de cerca de 15 mulheres que são mais atuantes e estão fixas há mais tempo na feira, do qual as coordenadoras fazem parte. Os motivos para a desistência de participação, quando verbalizados, são variados. Algumas deixam de trabalhar para atender questões domésticas ou de emprego formal, poucas são as que saem argumentando que não perceberam mudanças significativas nas vendas após as feiras, e outras alegam estar em outros projetos pessoais e a feira seria um inconveniente temporário, mostrando-se abertas a um retorno breve.

4.1 A jornada criativa das Manas nas redes sociais

A netnografia permitiu observar o grupo a partir das redes sociais e acompanhar os registros de sua fundação e desenvolvimento. A partir de uma bricolagem, os relatos e as informações coletadas foram utilizados para retomar a jornada criativa das Manas. Segundo foi relatado por diferentes integrantes, a fundação do grupo se deu em novembro de 2018, mas sua primeira feira ocorreu apenas em 2019.

As fundadoras foram participantes de uma comunidade do *Facebook* chamada Indique Uma Mana no Tocantins (IUMT). O IUMT é uma rede virtual de sociabilidade presente no *Facebook*, que agrega apenas mulheres no Tocantins. Esse grupo permanece ativo e com fluxo de interações e mensagens constantes, porém só é possível integrá-lo para acesso a partir de convite feito por outra participante, pois a comunidade é invisível aos demais integrantes da rede social. A entrada no IUMT é exclusivamente permitida a mulheres.

O IUMT foi fundado pela professora da Universidade Federal do Tocantins, Dra. Gleys Ially Ramos. Segundo relato da fundadora, essa foi uma demanda surgida em decorrência de seu projeto de pós-doutoramento em 2017, enquanto objeto de ações concretas para mulheres no estado do Tocantins. O IUMT foi inspirado no grupo Indique uma Mana em Goiás, com o qual a fundadora tomou contato quando residiu em Goiânia. Segundo relato, após a criação em 2017, o IUMT atingiu rapidamente a marca de sete mil mulheres participantes.

Posteriormente, a plataforma de gerenciamento de rede do aplicativo excluiu os membros que não demonstravam atividade na comunidade. Essa exclusão em massa foi feita de maneira generalizada em grupos do *Facebook*, em decorrência dos problemas com *fake news* durante o pleito eleitoral de 2018 no Brasil. O grupo, que passou a ter cerca de quatro mil participantes nessa ocasião, voltou a crescer e conta com cerca de 6.200 participantes, exclusivamente mulheres (informações extraídas durante o mês de setembro de 2022). Segundo a fundadora, o IUMT é um espaço de integração cuja gestão é coletiva. O grupo possui administração compartilhada com outras integrantes na moderação de publicações, aceite de novos membros e verificação de conteúdo, além de contar com a colaboração de outras 32 mulheres.

Segundo Gleys, IUMT é uma rede de solidariedade entre mulheres, “para indicar serviços, trabalhos, espaços básicos aos quais temos domínio” (Ramos, 2018). Declaradamente feminista, a comunidade só permite a entrada de mulheres cis e trans, conforme orientação explícita nas normas de participação e permanência dispostas no perfil do IUMT. Seu espaço permite, além

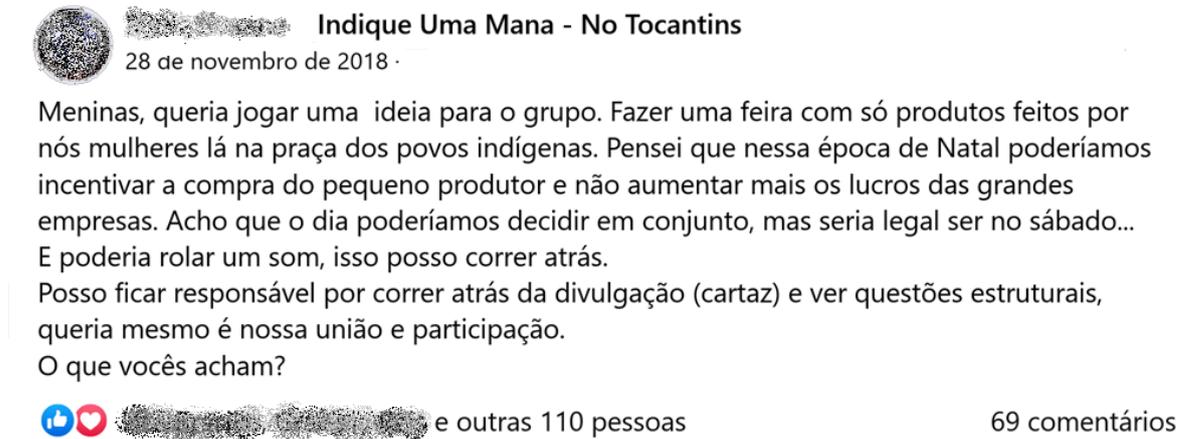
de indicações de produtos e serviços realizados pelas participantes, divulgação de vagas de emprego, pedidos de ajuda e de informações, denúncias e anúncios para compra e venda de produtos comercializados pelas participantes.

O espaço virtual de convivência articula a interação de mulheres de todo o estado e promove, por meio do auxílio mútuo, o empoderamento feminino. As administradoras e moderadoras zelam pelos princípios do grupo, mantendo as publicações mais recentes sempre atualizadas e buscando proporcionar auxílio às participantes que usam o grupo como canal de apoio. A luta contra o machismo e a prevenção da violência contra mulheres são temáticas que perpassam muitas de suas publicações desde a fundação.

A primeira tentativa do grupo de iniciar uma feira de pequenas produtoras e artesãs, exclusivamente formada por mulheres, se deu no início de 2018, a partir de um comentário publicado no IUMT. Na ocasião, uma das participantes sugeriu que a feira tivesse sua primeira edição durante o Simpósio Feminista da Universidade Federal do Tocantins, ocorrido em março daquele ano, como parte dos eventos alusivos ao dia das mulheres. Essa tentativa obteve muitas respostas contrastantes nos comentários da publicação e não se pode determinar se naquele momento houve uma primeira feira. As interações da publicação se direcionaram para a organização estrutural, articulação política e divulgação do evento.

A Feira das Manas, nos moldes como existe atualmente, foi organizada a partir de outra publicação (Figura 11), no dia 28 de novembro de 2018. Nela, outra integrante da comunidade IUMT propôs uma feira para exposição e venda de produtos confeccionados pelas pequenas produtoras e artesãs de Palmas que deveria ser feita antes do Natal daquele ano. A publicação repercutiu rapidamente e agregou 116 reações e diversos comentários em resposta à proposta inicial. E o local proposto seria o Parque dos Povos Indígenas.

Figura 11 – Publicação no *Facebook* que gerou a organização da primeira feira exclusivamente formada por mulheres no Tocantins



Fonte: Grupo Indique uma Mana Tocantins no *Facebook* (2018).

A partir da investigação netnográfica, pode-se apurar que diversas decisões sobre o modelo da feira, o local, o formato e até mesmo o nome foram tomadas na discussão aberta por essa publicação. Após contabilizar a mobilização para organização da feira a partir dos comentários, 18% das respostas eram de pessoas manifestando o desejo de integrar a feira ou indicando para terceiros, 29% foram manifestações de apoio à proposta, e a maioria (44%) são propostas, ponderações ou deliberações para articulação da realização da feira.

Algumas dessas proposições são características da feira até os dias atuais. Foi nessas postagens que surgiu a ideia de, por exemplo, fazer uma feira itinerante e que fosse um espaço exclusivamente para expositoras mulheres que pudessem vender artesanatos e demais produtos que já comercializavam e não encontravam espaço nas feiras já promovidas em Palmas. Outra proposta amplamente aprovada na ocasião foi de a feira ser um evento maior, com espaço para apresentações culturais, atividades sociais e oficinas, que fosse para além da mera comercialização de mercadorias. Após a definição de uma data prévia, as interessadas formaram um grupo de discussão no aplicativo *WhatsApp* e o fluxo de discussão reduziu até cessar nessa publicação.

A oportunidade de iniciar uma atividade econômica empodera mulheres, resgata-as do papel exclusivo de mãe, dona de casa e esposa. A independência econômica é um fator primordial para romper com uma possível sujeição em uma relação conjugal. Essa migração da rede de sociabilidade da internet para o presencial está na contramão das relações estabelecidas *online*. As redes e os meios de interação por mediação tecnológica, como o *Facebook* e *Instagram*, foram concebidos para interconectar pessoas que, supostamente, se conheciam *offline*.

Nas redes sociais *online*, a interação social e a conexão se tornaram um objetivo por si só. O IUMT foi construído como um espaço para as mulheres compartilharem histórias pessoais, dúvidas e dificuldades em palavras e imagens com outras mulheres.

Entretanto, as redes de interação, em geral, se fizeram meios de relações marcadas pela impessoalidade. O meio digital, enquanto meio de intercâmbio moderno (Santos, Cypriano, 2014), transformou-se em um sistema perito, e os perfis das pessoas em fichas simbólicas, tal qual se refere Giddens (1991) ao designar os mecanismos de desencaixe e, agora, despersonalização do espaço e do tempo, surgiram com o advento da modernidade.

A criação de uma feira a partir de um espaço impessoal de sociabilidade vai à contramão dessa concepção moderna, que, ao invés de desvincular, aproxima e materializa os perfis digitais dando corpo e personalidade a nomes e fotos utilizados nas redes sociais, transformando-os em um coletivo. Nesse sentido, o movimento de desencaixe proposto por Giddens (1991) sofre uma inversão com a materialização de uma relação que vai além de perfis sociais da esfera digital.

Os avanços tecnológicos, em especial dos aparatos midiáticos e de comunicação, e a popularização do uso da tecnologia, segundo Reis (2008), atuaram em sinergia para o aumento da produção de bens culturais, em especial pela abertura de novos canais de acesso e distribuição, seja por meio de espaços personalizados ou pela popularização desses produtos nas redes sociais, ou por meio de *marketplaces*. Essa aproximação fortalece as atividades econômicas, culturais e criativas e colabora para a inversão do movimento de naturalização do desencaixe ao qual Giddens (1991) se refere.

A concepção da feira foi inspirada na Feira das Minas, que ocorre na cidade de Goiânia/GO, também uma feira exclusivamente formada por mulheres, mas que não pode ser classificada por uma atividade exclusiva com produtos da economia criativa, uma vez que também agrega pequenas comerciantes de produtos industrializados. A Feira das Minas de Goiás inspirou o caráter empoderador da Feira das Manas no Tocantins e também mantém formato parecido, com apresentações artísticas e culturais, palestras e cursos para as participantes.

A Feira das Manas foi concebida como um ideal coletivo, construído por mulheres que desejavam encontrar seu espaço na cidade, mas essa proposta não foi de fácil concretização, como pode ser observado no comentário a seguir.

A feira ia ser no Parque dos Povos Indígenas, só que tava tendo uma decoração de Natal e também tinha uma feirinha. Os feirantes não queriam que a gente fizesse feira lá. Porque eles estavam acusando as Manas de utilizar da decoração que tinha lá e aí teve o primeiro embate. Não rolou a autorização, e a primeira edição ficou para dia 19 de janeiro do outro ano (KAREN, 2021).

Essa narrativa foi corroborada por diversas participantes entrevistadas. A partir desse momento, a feira iniciou seu processo de institucionalização, uma vez que houve necessidade de formalização junto à prefeitura para a concessão de autorização para funcionamento e cessão de espaço para a realização do evento, por mais informal que as Manas desejassem que a feira permanecesse em um primeiro momento.

A despeito do grande volume de comentários advindos da primeira publicação sobre a organização da feira, o processo se mostrou mais complexo do que o esperado, conforme foi descrito por diversas participantes.

Somos um grupo de mulheres e artesãs e queremos fazer uma feira, de forma itinerante em Palmas, para mostrar nosso trabalho. Não somos legalizadas, não queremos legalizar, mas queremos ser um projeto apoiado pela prefeitura (RENATA, 2022).

Após a proibição da prefeitura em realizar a feira em qualquer espaço que estivesse ocupado, na primeira data desejada, as Manas começaram a construir bases mais sólidas para o movimento. Mesmo antes da primeira feira, um grupo de cinco mulheres se dispôs a coordenar o evento. Para tanto, foi necessário apresentar à Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Emprego (SEDEM) um projeto contendo todos os interesses, os objetivos e o modelo de feira pretendido.

A partir desse momento, as participantes decidiram que a feira seria uma atividade periódica e itinerante, que percorreria vários pontos da cidade com a finalidade de demonstrar o trabalho das feirantes e ser mais conhecida pelos palmenses. Concomitante à organização formal da feira, as Manas estruturaram o ambiente virtual, cadastrando perfis sociais para a Feira das Manas no *Facebook* e no *Instagram*. A primeira publicação tem 90 curtidas no *Instagram*, que se tornou a rede social mais movimentada pelo grupo, e o perfil tem mais de 5.500 seguidores. Já no *Facebook*, o perfil tem um número de seguidores bem menor e as publicações são menos visualizadas e comentadas. No *Instagram*, o *@feiradasmanas.pmw* passou a ser um importante meio de publicidade para a feira e para as feirantes. Nele foi anunciada a primeira feira (Figura 12).

Figura 12 – Reprodução digital do anúncio da primeira Feira das Manas publicado no *Instagram* do grupo, no dia 4 de janeiro de 2019



Fonte: Perfil @feiradasmanas.pmw, *Instagram* (2019).

A primeira Feira das Manas aconteceu em 19 de janeiro de 2019, em uma área pública que serve como estacionamento no centro de Palmas. As outras feiras foram, respectivamente, na orla da Praia da Graciosa, no Parque Cesamar e em Taquaruçu.

Em entrevista para um jornal local, uma das primeiras coordenadoras da feira explicitou os objetivos do grupo:

[...] o nosso foco maior é ter em Palmas um local aonde a gente possa vender nossos produtos, expor para as pessoas conhecerem e saber que a gente existe. A importância da feira é dar para essas mulheres, a oportunidade de ter a própria independência e ter um equilíbrio financeiro melhor (Santos, 2019, p. 1).

Assim, o grupo nasceu sobre a égide da busca por um lugar para expor seus produtos e conquistar sua independência. Após a primeira feira, as participantes do grupo organizavam eventos ao menos duas vezes por mês. Com isso, rapidamente o grupo tomou notoriedade e começou a ser mais conhecido, e a feira passou a ser recebida em outros eventos enquanto atração e outros espaços de exposição. As publicações seguintes explicitam a dimensão que tomou a feira, a partir da quantidade de reações e comentários que antecedem a primeira edição. Nesse primeiro momento, o perfil já demonstra forte apelo visual e publicações que exibem o caráter feminista do grupo (Figura 13).

Figura 13 – Publicações do *Instagram* convidando para as edições da Feira das Manas, em 18 e 23 de janeiro de 2019, respectivamente.



Fonte: Perfil @feiradasmanas.pmw, *Instagram* (2019).

As primeiras publicações do perfil, além de divulgarem as edições de feira, expõem algumas das regras de participação, como a participação exclusiva de mulheres. Outra informação constantemente divulgada no primeiro momento é o local de realização das edições. Os comentários de incentivo são uma constante nas publicações e, em diversas ocasiões, são postados pelas próprias feirantes. As publicações do perfil também divulgam as atrações artísticas apresentadas durante a feira. Muitas publicações do perfil exibem fotos das edições. Em geral, essas fotos são divulgadas durante o evento, nos *stories*. Essas fotos estão arquivadas

por edição até a 24ª edição, a que aconteceu no final de semana anterior à chegada da pandemia da COVID-19 ao Brasil, em março de 2020. Posteriormente, tratamos de como essa tragédia sanitária abalou o grupo.

Ainda sobre a identidade visual do *Instagram*, o perfil da feira sempre tenta relacionar como uma atividade cultural e não somente como um espaço de vendas ou enquanto uma plataforma para o empoderamento feminino. A intenção parece ser transformar a feira em um espaço de convívio em que as pessoas, além de comprar, permanecem mais tempo naquele ambiente. A partir da publicação de 4 de setembro de 2019, a feira ganhou uma nova logomarca (Figura 13), e as postagens passaram a ser, predominantemente, para divulgação das edições vindouras do evento. Em paralelo às publicações do *Instagram*, algumas páginas de notícias locais também realizaram publicações e matérias, tanto no formato de reportagens em texto quanto em audiovisual, sobre as edições da Feira das Manas. Esses editoriais, geralmente, destacam a importância da feira enquanto parte de uma rede econômica solidária, além de destacar as histórias pessoais de superação de algumas das participantes, como no trecho abaixo, extraído do Jornal *online* Correio Popular.

A funcionária pública Letícia Câmara comercializa na feira geleias artesanais. “É uma renda extra. Comecei vendendo entre conhecidos. Agora com o projeto, todas nós que participamos da Feira das Manas já podemos dizer que nossos produtos estão se tornando mais conhecidos”, disse Letícia, que faz parte da organização da feira (Rocha, 2019, p. 1).

Em outras ocasiões, essas reportagens geram suposições sobre a feira refutadas pelas participantes. O trecho da reportagem original do Jornal do Tocantins, abaixo, é um desses casos.

A Feira conta com o apoio da Prefeitura de Palmas, que informou, inclusive, que estuda a inserção da iniciativa no projeto Desenvolve Palmas, da Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Emprego (Sedem), que busca fortalecer empreendimentos de Economia Solidária (Meltz, 2019, p. 1).

Quando questionadas sobre os incentivos dados pela prefeitura à feira, as coordenadoras se manifestaram de forma diversa ao que foi exposto no texto jornalístico:

Nós nunca tivemos recurso da prefeitura. A única coisa em que a prefeitura participou foi que nós fizemos o projeto, levamos, protocolamos e, depois de uns cinco ou seis dias, fomos ver o resultado. Eles disseram que o projeto estava muito bom e podia começar. Então nós começamos. Fizemos a primeira feira, e eles deram a licença do espaço público, geralmente espaços ociosos. Nos espaços em que não tem nada, nós podemos estar atuando. Nós nos comprometemos a manter o lugar, a não destruir o patrimônio público e deixar o lugar limpo e trazer movimentação para aquele espaço ocioso da prefeitura. E nunca trouxemos nenhum tipo de problema para a prefeitura, e a prefeitura nunca arcou com nada, nenhum centavo com a Feira das Manas. Absolutamente nada. Nunca nos foi dado nada. Chegamos a pedir algumas coisas para

prefeitura, mas nunca foi cedido. Eles nunca investiram na feira em absolutamente nada, além da autorização para ocupar os espaços ociosos do município (RENATA, 2022).

A incorporação da Feira das Manas pela gestão municipal certamente facilitaria a montagem da feira, pois ofereceria a estrutura de bancas padronizadas, montadas previamente. Foi relatado pelas representantes do grupo que essa afiliação acarretaria a perda da autonomia e autogerenciamento do grupo que permaneceria subordinado à gestão urbana, inclusive no que tange à escolha de locais para os eventos. Segundo as coordenadoras, além de descaracterizar as Manas, enquanto um coletivo de mulheres, essa adesão as dispersaria enquanto feira feminina, pois as incluiria em eventos e feiras fixas, nos quais expõem os demais feirantes que estão cadastrados junto à Secretaria de Desenvolvimento Econômico.

Outro ponto desfavorável é que as Manas não teriam mais liberdade de ação política e social, pois se tornariam parte do conjunto de ações da gestão pública municipal. Esse fator foi bastante importante, segundo as participantes, pois se encontram em um contexto sociopolítico de extremo personalismo de ações da gestão pública. Esse fenômeno, por vezes, acarreta o apagamento de eventos e atividades públicas e sociais de gestões governamentais de administrações anteriores, mesmo que se tenham tornado importantes eventos coletivos, como foi o caso da Feira Literária (FLIT). Porém essa é uma percepção inicial e parcial de um estudo que pode ser melhor desenvolvido em outra oportunidade.

Por ocasião do convite da prefeitura, segundo a coordenação da feira, após consultar o grupo, expondo os pontos favoráveis e desfavoráveis, já narrados, as Manas preferiram permanecer autônomas, mesmo que as consequências dessa decisão fossem manter a estrutura da feira despadronizada e houvesse o risco de dificultar a interlocução, já burocrática, junto à gestão municipal.

O grupo, em observação de campo, manifestou diversas vezes que após essa decisão a relação com a prefeitura se tornou mais difícil e as autorizações para funcionamento da feira passaram a receber mais negativas durante mais tempo, em especial nos momentos de retorno das atividades normais após a pandemia de COVID-19, no ano de 2021.

Para além de uma disputa de retórica, o confronto de informações possibilita perceber o repertório sobre o qual a feira erigiu sua base discursiva. A inserção no circuito da economia urbana é algo muito relevante para composição do discurso das Manas. As participantes da feira alegam contar com o suporte umas das outras e de pessoas próximas a elas. Sua força de trabalho, empenho para conquistar visibilidade, o empoderamento feminino e a solidariedade entre as

mulheres do grupo transparecem no discurso e nas redes sociais do grupo. A despeito da alegada falta de apoio público, a feira continua sua atuação nas redes sociais e nas ruas da cidade com bastante assiduidade.

4.2 A feira em tempos de COVID-19

A pandemia da COVID-19 iniciou na China e rapidamente se alastrou para outros países, fazendo milhares de vítimas. A Organização Mundial de Saúde (OMS) tornou-se canalizadora de esforços para entender a atuação da doença e como deveríamos nos comportar perante ela. Em março de 2020, os primeiros casos fatais aconteceram no Brasil, seguidos por outras ocorrências graves, inclusive em grande escala em todo país.

Em primeiro momento, os gestores municipais e estaduais decretaram medidas emergenciais para contenção de um possível colapso do sistema público de saúde. Uma dessas medidas se popularizou como *lockdown*, termo em inglês que recebeu uma adequação cultural no Brasil, para a expressão “fique em casa”. Como a aglomeração de pessoas contribui para disseminação mais rápida da doença, e os mecanismos de enfrentamento coletivo, tais como os dispositivos de proteção individual, ainda eram insuficientes para evitar a contaminação, a solução foi induzir a população a ficar em casa e, assim, impedir o aumento das infecções pela doença.

A despeito da grande quantidade de informações falsas, algumas inclusive disseminadas pelo governo brasileiro na época, as prefeituras e os governos estaduais tiveram uma longa e árdua jornada para priorizar a saúde da população (ou a maioria assim o fez). Em Palmas/TO, a maioria das atividades coletivas foi cancelada, e as atividades comerciais consideradas não essenciais tiveram as portas fechadas à recepção de clientela presencial, ainda no mês de março de 2020.

O Decreto nº 1.856/2020 (Prefeitura de Palmas, 2020) suspendeu, por tempo indeterminado, o funcionamento de feiras, centros comerciais, cinemas, casas de eventos, entre outros espaços de comércio e prestação de serviços, e recomendou atuação firme da vigilância sanitária, com aparato policial na fiscalização, inclusive das aglomerações de pessoas em ambientes domiciliares e em áreas públicas ao ar livre. Na época, a orientação era que se evitasse receber pessoas que não pertencessem ao núcleo familiar na própria residência.

Os trabalhadores que não puderam se abster do ambiente coletivo em que exerciam atividades laborais foram orientados a seguir estritamente as normas de distanciamento, usar equipamentos de proteção individual e se distanciar, em seu convívio íntimo, de pessoas suscetíveis a evoluir a doença para sua forma mais grave (pessoas do grupo de risco para COVID-19). A gestão pública decretou o distanciamento social e fechou os ambientes de convívio coletivo urbano, inclusive parques e praças. Essas medidas de contenção da doença se estenderam por um longo período de forma bastante dura, em especial para a Feira das Manas.

No período da pandemia da COVID-19, os sistemas legal, de saúde pública e econômico foram os três principais agentes que interagiram de diferentes maneiras com o funcionamento das cidades. Os estados e os municípios elaboram normas para o funcionamento dos ambientes públicos, enquanto se preocupavam em dar diretrizes para a população de como agir, tentando conter não só um colapso do sistema de saúde pública, mas também fornecer entendimento à sociedade em geral dos riscos que todos estavam correndo.

Por outro lado, os agentes de saúde buscaram se inteirar das regulações propostas por mecanismos internacionais, que, durante um primeiro momento, foram agregados pelo Governo Federal. As unidades de saúde, públicas e privadas, direcionaram esforços para diagnosticar e tratar os doentes, seguindo as orientações da OMS.

Posteriormente, a gestão federal deixou cada vez mais de ecoar o discurso da atenção à saúde para repercutir a retórica de parte dos agentes econômicos de poder, que perceberam muito rapidamente que o isolamento social poderia levar a uma queda no consumo e, conseqüentemente, à perda de lucros. Grande parte do empresariado se mostrou, todavia, consciente de que o momento demandava cuidado e reorganizou sua política de atuação institucional para o comércio *online*. O direcionamento de compras pela internet já estava crescendo e aumentando paulatinamente, e, durante a pandemia, esse modelo de venda se intensificou. A dinâmica de atuação e interação desses setores sobre as feiras, em especial as feiras livres, foi melhor investigada por diversas pesquisas (Nascimento *et al.*, 2020; Silva; Silva; Dutra, 2021).

A prefeitura de Palmas, por meio dos Decretos nº 1.856 e nº 1.859 (Palmas, 2020a, b), declarou estado de emergência em saúde pública e estabeleceu condutas para agentes públicos, órgãos de fiscalização e a população em geral.

Com a suspensão das feiras e dos eventos públicos, diversas Manas ficaram sem ponto de vendas, que era a única forma de escoar a produção e sua principal fonte de renda. Nesse período,

ocorreu a saída de diversas integrantes do grupo, que, em março de 2020, chegou a contar com 60 expositoras, ao final de 2021, tinha somente 20 integrantes, algumas recém-ingressas. Os registros de entrada e saída de novas participantes são responsabilidade das coordenadoras, que informaram essa variação. Segundo os relatos, algumas Manas decidiram pausar as atividades artesanais, outras se mudaram da cidade, e outras preferiram seguir sem vínculo com o grupo durante a pandemia.

Com a necessidade de afastamento social, ruas, parques e praças ficaram vazios. Os órgãos gestores das cidades e os instrumentos de regulação pública atuaram no sentido de manter as pessoas longe de aglomerações. Os circuitos da economia urbana (Santos, 1994) reagiram de diferentes maneiras à nova realidade. As empresas do circuito superior se adaptaram mais rapidamente, adequaram os *sites* e os mecanismos de entrega, além de fortalecerem seus canais de *marketing* digital. Já os pequenos comerciantes, trabalhadores autônomos e feirantes, além das demais empresas e trabalhadores do setor inferior da economia urbana tiveram mais dificuldade para se adaptar, em especial porque grande parte do fluxo de compra e venda migrou para os ambientes virtuais, ou passou a ser mediada pelo meio técnico informacional (Nassif; Corrêa; Rosseto, 2020).

Embora a sociabilidade seja uma forma importante para a maioria desses pequenos comércios, em especial para os que contam com ações locais ou com um fluxo de pessoas nas ruas e nos bairros, para gerar uma compra ocasional, a internet e os artifícios de comunicação em rede passaram a fazer esse papel naquele momento.

As feiras, os vendedores ambulantes, os pequenos lojistas do centro das cidades e o setor de eventos e cultura tiveram maiores perdas. Alguns conseguiram se adaptar, como foi o exemplo do ramo de alimentação, que encontrou nas entregas, privadas ou por meio de aplicativos, uma forma paliativa para o fechamento dos pontos de venda durante esse período. As pequenas produtoras, confeitadeiras e artesãs sentiram grande impacto, que transcenderam a perda de seu ponto de vendas, pois houve perda de um de seus espaços de sociabilidade. Em pesquisa realizada entre outubro de 2021 e janeiro de 2022, buscou-se perceber como o advento da COVID-19 refletiu sobre o cotidiano das Manas.

A suspensão do funcionamento de grande parte das atividades de serviço, público e privado, funcionamento de escolas e de grande parte do comércio, até mesmo de espaços de convivência coincidiu, em Palmas/TO, com o início da temporada de estiagem na região, em que as temperaturas ficam mais altas, e as pessoas procuram ambientes que tenham temperatura mais

amena, mesmo que climatizados. Sair nas ruas, na época, nos dava a impressão de estar vivendo em uma cidade abandonada, mesmo sabendo que grande parte das pessoas estava em casa.

Prioritariamente, formada por artesãs e pequenas produtoras, além de algumas integrantes do ramo alimentício, as Manas sofreram muitas transformações em sua atividade durante o período de pandemia de *Coronavirus Disease* (COVID-19), assim como a pesquisa científica teve de se adaptar. A impossibilidade de atividades de campo, entrevistas e pesquisa presenciais, devido à necessidade de isolamento social, levou à adaptação dos instrumentos de coleta de dados. Os métodos de pesquisa adequados à pesquisa *online* foram incorporados a esta investigação, ainda no primeiro semestre de 2020. Quando os casos de infecção por COVID-19 inspiravam medo e instabilidade, esta pesquisa estava em construção. Arquitetar mecanismos científicos qualitativos em meio à incerteza foi uma tarefa bastante desafiadora.

Em um primeiro momento, optou-se pelo uso de instrumentos da netnografia para lidar com a movimentação das participantes do grupo nas redes sociais. O método previsto no projeto inicial sofreu adaptação para a coleta de informações sobre a pandemia, enquanto ela estava ocorrendo, para que os relatos representassem os fatos em andamento. O aumento de pesquisas que utilizam netnografia contribuiu para elaboração de um plano de ação em meio à instabilidade vivida nos anos de 2020 e 2021.

Utilizou-se, como já estava previsto, a netnografia para acompanhar a saga das feirantes nas redes sociais, onde o grupo se formou e onde foi seu palco de atuação principal durante os períodos mais intensos de infecções e restrições ao convívio social durante a pandemia da COVID-19. Outro recurso de pesquisa usado foi a adaptação do método de entrevistas semiestruturadas. Optou-se por adequar esse recurso para manter coleta de dados, mesmo que por meio de aplicativos de mensagens, como o *WhatsApp*, e viabilizar a escuta sobre o período de pandemia enquanto estava em sua fase mais crítica.

A utilização de aplicativos de comunicação se deu com bastante cautela, para que a coleta de informações, a partir de depoimentos, se aproximasse o quanto fosse possível à técnica de entrevista semiestruturada, na qual, após a realização de uma pergunta, as respostas suscitam pedidos de novos esclarecimentos ou outros questionamentos, deixando a entrevistada livre para se expressar. Solicitou-se às respondentes que enviassem respostas em arquivos de áudio, pois assim poderiam se expressar de maneira mais livre, estimulando a comunicação aberta, dando maior liberdade para expressão.

Das 36 artesãs que compunham o grupo na época da coleta, 19 enviaram respostas, entre agosto de 2021 e fevereiro de 2022. Após a escuta dos depoimentos, buscaram-se novos esclarecimentos, caso fossem necessários, até cessarem as dúvidas sobre o assunto abordado. Os resultados obtidos foram tratados pela técnica de Análise de Conteúdo de Bardin (1995) e se transformaram em um artigo, já submetido e em análise para publicação. Faz-se importante abordar outros e alguns aspectos do percurso criativo das Manas para a sobrevivência do coletivo ante a pandemia da COVID-19 no documento de tese.

A vivência da pandemia da COVID-19 foi, de diversas formas, atroz para todos envolvidos na pesquisa: o grupo de feirantes, seus clientes e apoiadores e até mesmo para a pesquisadora. É necessário salientar que manter o contato com as Manas, nesse período, foi uma tarefa de persistência, realizada com cuidado. Em um primeiro momento, recebeu-se um retorno lacônico, pois o início da pandemia se tratava de um período de incertezas, que coincidiu com o período de formulação do projeto definitivo.

Outro cenário monitorado durante todo o período de isolamento foi a possibilidade do grupo se desfazer em consequência do afastamento social e da impossibilidade de articular as feiras presenciais, o que não se mostrou um risco em instante algum. Em seus relatos, as participantes afirmaram que o grupo permaneceu unido, passando por um período de dormência no primeiro semestre de 2021, momento em que as dificuldades econômicas e de sociabilidade se tornaram mais intensas para as participantes. Pessoalmente, com o apoio dos que estão à minha volta, em especial o estímulo e o direcionamento dados por minha orientadora, foi mantida e amadurecida a perspectiva inicial, adaptada à situação.

Para as feirantes, a chegada da COVID-19 e as medidas restritivas também causaram muitas dúvidas e anseios, como se percebe nos relatos abaixo:

O reflexo da impossibilidade de a gente voltar à feira presencial é muito grande, em relação aos reflexos emocionais, que nos abalam emocionalmente (ANA MARIA, 2022a).

A pandemia refletiu muito negativamente na feira, porque a gente estava vindo num ritmo de trabalho, de estar na rua, de clientes e de festa. A última que nós tivemos foi no Carnaval. Fizemos a nossa feira de Carnaval e, em março, já não fizemos mais. No primeiro momento, a gente não sabia o que fazer. Eu fiquei perdida, não sabia o que ia ser. A gente ficou com aquela ideia de “daqui a pouco volto”, daí foi dois meses, três meses, quatro meses (RENATA, 2021).

A cidade e as ruas, a sensação de liberdade e inclusão que o ambiente da feira provoca nas participantes alimentaram o imaginário e a esperança das Manas, materializada em suas falas. “Em breve vamos voltar para a rua” (JANEIDE, 2022) e “Nós queremos voltar para exposição

presencial” (JACIRA, 2022). Foram declarações constantemente reproduzidas de diversas maneiras em entrevistas, conversas informais presenciadas e nas reuniões que foram acompanhadas. A rua e a feira foram representadas como símbolo do empenho pessoal, do fazer parte de um grupo e de uma atividade diferente das vivências domésticas (da casa e da família).

DaMatta (1984) explicita como há interação entre as representações sobre a casa e a rua, enquanto uma das dualidades dicotômicas mais constantes em nossa sociedade. Essa dualidade gera uma gama de representações que se expandem para outros âmbitos da vida, inclusive e, principalmente, a família e o trabalho. O ambiente urbano é o *locus* em que essas relações se desenvolvem, sobretudo, representa o lugar da liberdade e da ação. A privação da presença nas praças e nos logradouros durante a pandemia deixou mais exposto o que essa cidade representa para o grupo e como a privação desse ambiente a afetou.

4.2.1 O costurando alternativas durante a pandemia

Com o fechamento do comércio e a suspensão de atividades coletivas, o grupo migrou suas atividades para o perfil do *Instagram* da Feira das Manas (@feiradasmanas.pmw). A publicação de 16 de março de 2020 (Figura 14) é um entre vários outros anúncios de suspensão de atividades de estabelecimentos comerciais e de serviços, públicos e privados, que ocorreram naquele mês, por todo país. Nessa publicação, o grupo expressou sua preocupação com a disseminação do vírus e declarou apoiar as medidas tomadas pelos órgãos reguladores e de gestão municipal perante a iminência (na ocasião) de uma crise sanitária.

Figura 14 – Comunicado sobre adiamento da feira do dia 21 de março de 2020



Fonte: Perfil @feiradasmanas.pmw, *Instagram* (2020).

Muitas pessoas, na época, demoraram para perceber que o afastamento social não duraria apenas alguns dias e a rotina cotidiana não retornaria a ser a mesma tão cedo, e as Manas também levaram um tempo para se rearticular.

A pandemia pra mim foi um susto. De repente apareceu a pandemia. A gente tava começando a empolgar nas vendas e de repente fechou tudo, e aí foi muito ruim, porque as peças ficaram paradas, e a gente teve que correr atrás de uma solução para vender esses produtos (JACIRA, 2022).

Me assustei um pouco no início, algumas clientes dispensaram [as encomendas] por cancelar os eventos, e outras alteraram para topos de bolo e menos lembrancinhas, porém mais caras, para dar para família (MARIELEN, 2021).

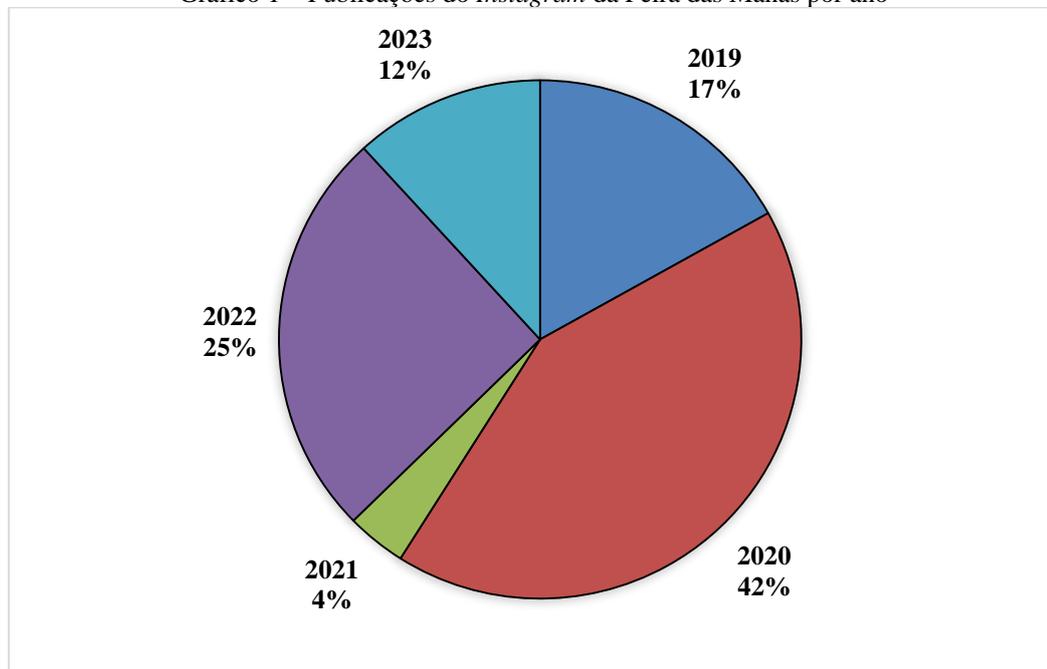
Após organizar uma estratégia de ação, muitas artesãs passaram a ter o *Instagram* como uma vitrine virtual de seus produtos. O perfil da feira se tornou um meio de sociabilidade e contato entre as Manas e delas com seu público-alvo, pois divulgava as produções das feirantes e redirecionava os interessados para as páginas particulares de cada uma, assim como antes da suspensão das feiras presenciais. Porém, relatos como a seguir demonstram que o momento de adequação foi mais complexo para artesãs de alguns ramos.

As vendas foram a zero. Não tinha festa e ninguém saía na rua, ninguém fazia nada, então não teve venda de bolsas. O perfil de artigos infantis também. As crianças estão nascendo, mas muita gente perdeu o ânimo de decorar, de comprar lembranças, pois não tinha mais visita, então praticamente foi a zero (FERNANDA, 2021).

Com a pandemia, tivemos perdas financeiras significativas. O isolamento que afetou o psicológico. A venda direta ao consumidor, que é a principal forma de comércio, deixou de existir, passamos a ter apenas alguns pedidos pelo *Instagram* (TEREZA, 2021).

Com a pandemia e a suspensão de atividades coletivas, o uso das redes sociais do grupo se intensificou. Foram analisadas publicações do perfil do *Instagram* do grupo desde a primeira publicação, em 2 de janeiro de 2019, até 12 de dezembro de 2023, perfazendo 568 publicações. Algumas análises foram suscitadas a partir da observação detalhada das publicações. Em especial, percebe-se a importância do perfil do *Instagram* para o grupo no primeiro ano de pandemia. O direcionamento para o virtual foi mais forte durante todo o ano de 2020, como demonstra o Gráfico 1, que compara percentualmente a quantidade de publicações realizadas no perfil considerando o período citado acima. Como 2021 foi um momento de readaptação para o grupo, foi nesse ano em que aconteceu o rompimento de algumas das participantes, em especial as que eram responsáveis pelas mídias sociais das Manas, que deixaram de alimentar o perfil durante o período. Os anos de 2019 (anterior ao COVID-19) e o ano de 2023 (posterior ao COVID-19) foram anos de relativa estabilidade de comunicações e interações no perfil, em que a maior parte das publicações eram anúncios de feira e apresentação das feirantes. Há pouca incidência de publicações que promovam a venda de produtos de maneira direta.

Gráfico 1 – Publicações do *Instagram* da Feira das Manas por ano



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Durante a pandemia de COVID-19, particularmente durante o ano de 2020, a transição para o virtual ocorreu de forma rápida e tornou-se parte importante da relação do grupo com seus seguidores. O número de publicações aumentou gradativamente em comparação com o ano

anterior, e as publicações de 2020 representam a metade do perfil da Feira das Manas no *Instagram*. Esse recurso foi confirmado por alguns relatos como o transcrito a seguir.

A gente não tinha como sair para vender, e eu ainda tava iniciando procurar entender como é que eu tinha que divulgar nas redes sociais, como que eu tinha que fazer esse trabalho de divulgação. Porque não é só ir lá e postar uma foto, tem todo um trabalho para você fazer em uma divulgação em rede social. Nesse primeiro mês, eu fiquei pesquisando, vendo alguns vídeos e fui aprendendo. Para nossa surpresa, no mês seguinte, a gente já começou a vender muito, começou aparecer muito cliente, muitas encomendas e que todos uma forma muito positiva para a gente porque muita gente começou a conhecer nosso trabalho pelas redes sociais, principalmente pelo *Instagram* e pelo *WhatsApp* (KÁTIA, 2021).

Mesmo com a pandemia, a procura aumentou. Porque eu acabei me dedicando mais às redes sociais... Na verdade, as meninas da feira mesmo... Elas incentivaram muito a gente na pandemia a postar sem parar, rrs (MARIELEN, 2021).

Ao conjunto de estratégias para a venda utilizando meios informacionais dá-se o nome de *marketing* digital. Esse modelo se intensificou com a pandemia da COVID-19, em que as empresas reorientaram suas estratégias de *marketing* digital para as plataformas mais utilizadas por seu público-alvo (Rezende; Marcelino; Miyaji, 2020). Tanto os ambientes específicos para compras, denominados *marketplaces*, quanto as redes sociais se tornaram canais para comunicação entre vendedores e compradores. As vendas *online*, que já vinham aumentando o volume de negociações em todo o país nos últimos anos, cresceram ainda mais com a pandemia, e o ramo se fortaleceu.

As pessoas continuaram entrando em contato comigo online, pelo *Instagram* e por indicação de outras pessoas. Desde o início, eu trabalhei com vendas *online*. Na pandemia, na verdade, o que houve foi a migração das pessoas que não estavam *online* e que tiveram que se adequar às vendas *online*. Porque ninguém queria sair de casa, ninguém queria ter o contato, né? Aqueles que não trabalhavam *online* tiveram que ir trabalhar *online* e eu já estava ali, então, para mim não mudou muita coisa. O que mudou mesmo, no primeiro ano de pandemia, foi o meu caos, com o medo, eu diminuí a minha produção. E as pessoas também acabaram igual a mim, paralisadas com o medo, então eu nem conto o primeiro ano de pandemia, porque foi um ano parado, de paralisação em todos os sentidos (GIANE, 2021).

O tempo foi passando. Em abril e maio, a gente começou a falar: “gente, vamos partir para o *online*! Vamos falar com as pessoas e vamos dizer que a gente tá parado por causa disso” (RENATA).

A Associação Brasileira de Comércio Eletrônico registrou um acréscimo nas vendas por meio eletrônico de 25,7% (ABCOMM, 2021). A migração de grandes empresas para as vendas virtuais e o fortalecimento das redes sociais das marcas, no período, podem ter estimulado pequenos vendedores a seguirem o mesmo caminho. Apesar de a maioria das artesãs já utilizarem o *Instagram* como uma forma de divulgar seus produtos, o grupo pareceu buscar diversos mecanismos para atrair os seus clientes costumazes e os novos por meio das publicações do perfil.

Tive muita dificuldade de conseguir novos clientes, e as vendas diminuíram. Ficou bem mais fria a relação com clientes e fornecedores. Tive que me redescobrir na parte de redes sociais para alavancar as vendas (GIANINE, 2021).

No início da pandemia, tive muita dificuldade. Porque todo mundo ficou em casa e foi quando a minha filha colocou meu *Instagram* pra funcionar. E eu achava o material em Goiânia pra comprar. O algodão saiu do mercado. Pararam tudo, e a gente não achava de jeito nenhum, era uma dificuldade, agora que está voltando sabe? Do ano passado pra cá foi que começou que voltou mais numa dificuldade (MARIA NEUZA, 2023).

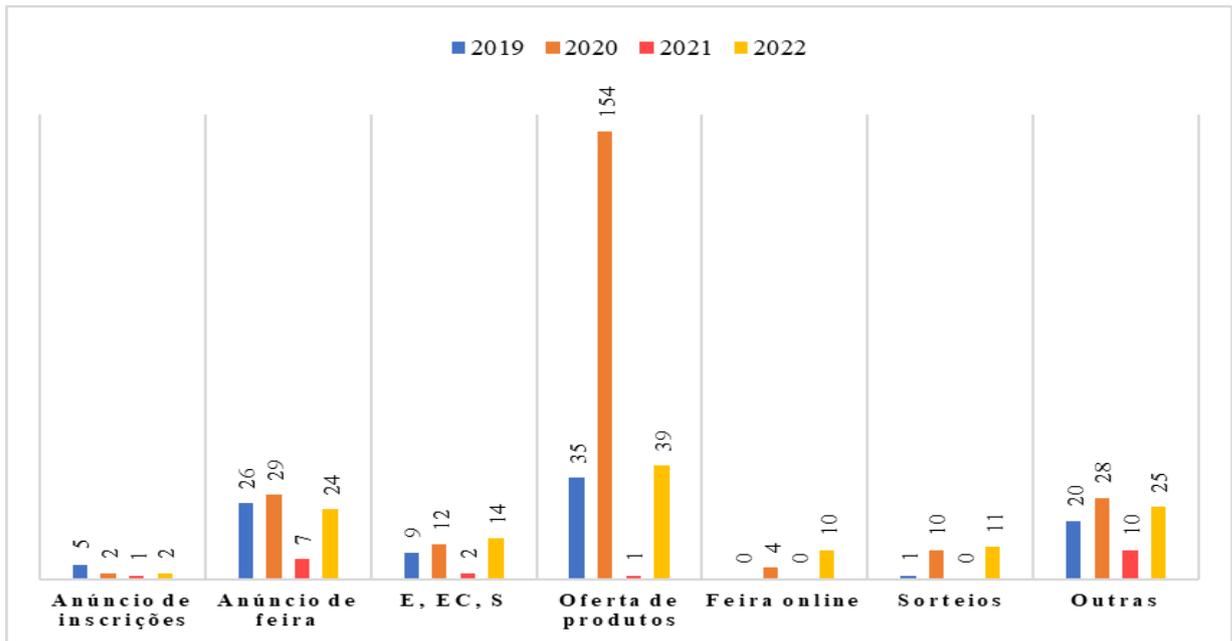
Hoje, a maioria dos clientes chega até mim é pelo *Instagram*. Eu tenho a página “Feltro com Carinho” e eles chegam através dela. Assim vão chegando até mim. Pelo *WhatsApp* também, mas através do *WhatsApp* com pessoas que vêm pelo *Instagram* (LISIANE, 2021).

Com os produtos parados, sem estar expondo, a gente teve que procurar a solução. Na solução foi que entrou a importância da internet. A gente começou a divulgar através da mídia, no *Instagram*, durante a quarentena. Foi como melhorou mais para nós. E graças a Deus até hoje tem sido de grande importância (JACIRA, 2022).

Para melhor percepção das publicações, foi necessário classificá-las, em especial no interstício entre 2019 a 2022. Para tanto, consideraram-se três informações: o conteúdo, a forma e a finalidade da publicação, além do período em que foram realizadas. Em especial no ano de 2020, observaram-se 96 publicações anteriores a 16 de março de 2020 (data da suspensão de atividades presenciais). A maioria delas prioriza divulgar novas edições do evento e suas atrações, e outra parte visa oferecer os produtos, apresentando as artesãs.

A decomposição das postagens em categorias possibilitou avaliar o desempenho digital da feira, uma vez que as feirantes estavam impedidas de ir aos espaços em que tradicionalmente realizavam vendas. Percebe-se o uso da rede social como forma de suprir a exposição presencial, pois se notou aumento de publicações anunciando os produtos e as participantes sempre direcionando os clientes para os perfis ou os ateliês virtuais delas. Em muitos casos, essas publicações apresentam mais de um produto, de mais de uma feirante. O Gráfico 2 representa numericamente as postagens agregadas por características em comum.

Gráfico 2 – Classificação de postagens do *Instagram* por ano (2019-2022)



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Após classificar em categorias as diferentes publicações, procedeu-se a quantificação de cada um dos tipos elaborados, expressa no gráfico acima. Nele, percebe-se aumento de 340% na quantidade bruta de publicações em 2020, se comparado ao ano anterior, no que tange à oferta de produtos com direcionamento para as páginas das feirantes, sendo a maior parte das postagens ofertas de produtos. Outrossim, publicações que tratam do empoderamento feminino, economia criativa e sustentabilidade (E, EC, S) mantiveram relativa estabilidade ao longo do tempo. Os anúncios de feira e de abertura para a inscrição de novas feirantes mantiveram esse mesmo ritmo. Embora durante a pandemia as feiras presenciais estivessem proibidas, esses anúncios são relativos ao início do ano de 2020 e deixaram de fazer presentes no ano de 2021.

A decomposição das publicações somente do ano de 2020 isoladamente, comparando as postagens dos períodos de antes e de depois da suspensão de funcionamento da feira, confirma aumento de publicações em todas as categorias. Essa conversão para o modelo de vendas tendo a internet como suporte foi abordada em algumas entrevistas. Algumas Manas tiveram aumento substancial na procura, mesmo se comparada a períodos anteriores, como narrado a seguir.

O que mudou em minha vida nesse período graças a Deus foram mudanças boas. Conquistei muitas coisas com meu trabalho, até dar entrada na minha moto, que era um sonho distante. Mesmo assim o que mais me fez falta foi estar nas feiras, nas vendas e o contato direto com os clientes e as colegas de trabalho (LUCIVÂNIA, 2021).

A pandemia, eu acredito que não só para mim, mas para muitas artesãs, até engraçado falar, mas ajudou muito. Porque, como eu trabalho com brinquedos educativos, muitas mães e professoras, devido à aula *online*, acharam nas minhas peças uma maneira de

entreter as crianças, para não as deixar muito tempo nas telas [computador, eletrônicos] (LISIANE, 2021).

A princípio eu fiquei apreensiva pensando que meu negócio iria fechar por eu não estar na feira por eu não estar na rua né, mas aí eu fui divulgando pela internet e fui percebendo que não, que na verdade o meu negócio fez foi ter um crescimento aí relação à pandemia (PATRÍCIA, 2022).

A busca por produzir peças únicas e que atendam a necessidades ou anseios dos consumidores, aliados ao uso da criatividade, colabora para que os pequenos produtores, assim como as grandes empresas do setor, se adaptem melhor e mais rapidamente a momentos de crise (Flew; Conningham, 2010). Essa é uma característica das atividades da economia criativa. Os discursos proferidos por diversas artesãs resgatam a adaptabilidade, além da criatividade, como formadoras das representações sobre a área. A autenticidade dos produtos e a diversificação permitem que, ante a situação e o contexto, os conhecimentos e as técnicas utilizadas para a produção sejam redirecionados para atender a anseios de compradores ou ao contexto apresentado.

Para lidar com as redes sociais, o grupo precisou superar algumas dificuldades. Parte das artesãs não sabia utilizar as redes sociais ou não dominava algumas de suas funcionalidades. Várias alegaram que tentaram se qualificar, outras contaram com ajuda das próprias participantes do grupo para realizar a transição para a nova realidade. Sobre os impactos da mudança das atividades para o meio virtual, os depoimentos demonstraram a necessidade de adaptação como uma das características mais apontadas pelo grupo.

[A pandemia] Impactou bastante, porque eu não era tão ligada às redes, ainda não sou muito, mas eu fui forçada a tentar me adaptar a essa era das redes. O que no início atrapalhou bastante as minhas vendas, porque eu não podia mais expor junto com a feira ou levar os produtos para rua (KAREN, 2021).

Quando a feira presencial não é feita ou não há possibilidade de fazê-la, temos que arrumar outros meios de venda. Essa venda é feita por telefone, através de clientes antigos, e a gente recorre às redes sociais, através do *Instagram*, do *WhatsApp*, mostrando os produtos e fazendo esse contato para que possa ser feita uma venda e também para que o produto não fique desconhecido e que as pessoas não mais procurem (ANA MARIA, 2022a).

Estar fora da feira para as vendas é péssimo, para divulgação é péssimo e principalmente estar longe das Manas. No final das contas, nós formamos uma grande família, uma grande rede de apoio. As Manas que estão com problemas ou que precisa de alguma coisa, a gente se junta e acaba ajudando. Agora vamos ver se a gente retoma (FERNANDA, 2021).

Figura 15 – Organização para a realização de uma transmissão ao vivo (*live*) para a venda de produtos em 19 de fevereiro de 2022



Fonte: Acervo de pesquisa (2022).

A feira criou diversas estratégias de retorno às atividades. Uma delas, registrada acima, eram as feiras *online*. Essa iniciativa consistia em uma transmissão de vídeo através do *Instagram* na qual eram oferecidos produtos que, se consumidos durante a transmissão, possibilitaram a entrega grátis e o acesso a sorteio de brindes. O grupo buscou, dessa forma, viabilizar o escoamento do que foi produzido durante o período de isolamento social.

Para algumas das participantes do grupo, a pandemia apresentou aspectos inesperadamente positivos. As soluções criativas encontradas e a migração para as redes sociais desencadearam melhora nas vendas. Para elas, o perfil (da feira e o pessoal) do *Instagram* teve papel semelhante ao da feira. Nele os produtos foram expostos e os clientes conheceram a marca e os produtos, realizando ali um primeiro contato com a clientela. Em geral, como descrito pelas artesãs, a negociação era direcionada para o aplicativo de mensagens, *WhatsApp*, em que maiores detalhes da encomenda, dos preços e das formas de entrega eram negociados. Algumas artesãs relataram que, durante o período de afastamento social em 2020 e 2021, tiveram aumento substancial nas vendas e creditam esse relativo sucesso ao uso das redes sociais. As artesãs, encontrando na internet um espaço de vendas, buscaram fortalecer sua ação *online*, aumentando em quantidade e amplitude sua presença em aplicativos que pudessem dar visibilidade a seu trabalho.

Geralmente as pessoas encontram a gente pelo *Instagram* e, no *Instagram*, tem o nosso *link* do *WhatsApp*. A gente tem uma página também no *Facebook*. A gente divulga no

Instagram e replica no Facebook, e a gente acaba tendo mais contato com o cliente pelo WhatsApp para fechar as encomendas. Nesse mês agora, a gente abriu também a conta no TikTok e no Twitter para ampliar mais ainda a nossa divulgação (KÁTIA, 2021).

No início, o impacto foi grande, mas logo, com postagens nas redes sociais, fui me tornando muito conhecida, e as vendas foram muitas. Teve mês de não poder pegar mais encomenda por não dar conta de tanto trabalho (LUCIVÂNIA, 2021).

Em 2020, a categoria de publicações que mais aumentou percentualmente, se comparada ao período anterior à pandemia, naquele mesmo ano, foram as mensagens sobre empoderamento, sustentabilidade e economia criativa. Apesar de se mostrarem um valor absoluto pequeno, o período de pandemia representa 92% das postagens abordando temáticas de incentivo ao empoderamento, à economia criativa e à sustentabilidade de todo o ano (essa categoria foi expressa no gráfico pelas letras E, EC, S). São mensagens de estímulo à atividade econômica das feirantes, à sua união, além de geralmente caráter informativo e estímulo às participantes a prosseguirem suas atividades, bem como incentivo ao grande público a colaborar com o fortalecimento do grupo perante a causa que representa. As dificuldades e os anseios da transição para a nova realidade podem ser melhor percebidos na narrativa das Manas:

Me deu um vazio, sabe? Eu não conseguia criar muita coisa, por causa do medo, né? A gente ficou no caos de medo e insegurança. O medo da morte, medo do marido morrer, da mãe morrer, do pai morrer, da família, dos amigos (GIANE, 2021).

Essa pandemia foi assustadora! Assustadora de todas as formas, pelas perspectivas que eu criei e que a pandemia frustrou (KAREN, 2021).

No início da pandemia, o impacto foi muito grande. Sofri com uma depressão, por ter que ficar só em casa sem poder sair pra vender, foi aí que comecei a fazer máscaras. Logo eu já não estava dando conta de tantas encomendas. Durante esse período, consegui através do meu trabalho comprar mais duas máquinas de costura (LUCIVÂNIA, 2021).

O medo, o surgimento e o adensamento de problemas psicológicos, da dificuldade de conciliar o artesanato e a produção manufatureira com outras atividades que lhes foram atribuídas são algumas das queixas mais constantes na narrativa das feirantes, quando o período da pandemia foi abordado. As publicações no perfil possivelmente refletem algo que estava ocorrendo no ambiente doméstico das feirantes.

A adaptação à pandemia intersecciona diversos fatores. Destituídas do espaço de vendas, as Manas, como muitas mulheres, acabaram por absorver todas as atividades de cuidado com os filhos e do lar. Se comparado com modelo de trabalho formal, carteira assinada, ou mesmo o emprego informal em atividades comerciais ou autônomas, que não são realizadas em ambiente doméstico e são reconhecidas pelo modelo econômico, o artesanato, assim como grande parte

das atividades laborais femininas, não é considerado pelo senso comum como trabalho. A vida moderna requer que sejam executadas atividades domésticas além das atividades de trabalho. Esse “segundo turno” engloba uma série de estratégias de gerenciamento da profissão e dos afazeres domésticos para os homens, mas especialmente para as mulheres. Esse gerenciamento pode ser conflituoso, requerendo a construção de uma identidade relativamente coerente para o indivíduo, que, além das atividades laborais, necessita cuidar da casa, dos filhos e manter uma relação afetiva no ambiente doméstico (Hochschild; Machung, 1998-2012).

As atividades de trabalho do segundo turno, ou até mesmo o trabalho doméstico exclusivo, são tradicionalmente realizadas por mulheres e dificilmente são percebidas enquanto atividade laboral. Conforme recorda Souza-Lobo (2021), embora o feminismo esteja conseguindo reverter essa situação e trazer a discussão sobre as atividades de cuidados com os filhos e a casa para o âmbito do trabalho, equiparar requer discutir as relações de poder perpassadas pelas questões de gênero existentes em nossa sociedade. Nunca pareceu tão complexo realizar essa tarefa como durante o período de pandemia. O modelo de sociedade patriarcal foi construído em torno do homem e da heteronormatividade. Quem foge desse padrão é relegado à subalternidade e sujeição (Pisano, 2001).

O trabalho feminino é ainda bastante percebido como uma ajuda ao orçamento doméstico. A capacidade de prover o lar ainda é vista socialmente como uma característica masculina. O trabalho feminino é visto geralmente como um distanciador das tarefas de afastamento do lar, dos filhos e do marido (Nascimento; Gianordoli-Nascimento; Trindade, 2008). Essas percepções podem ter levado as artesãs a optarem pelo trabalho no ambiente doméstico. A pandemia e a permanência da maior parte dos moradores da família no lar apenas ampliaram a gama de atividades que já são tradicionalmente atribuídas a muitas mulheres.

As publicações do grupo que tratam de questões de gênero durante a pandemia buscaram resguardar a ocorrência de problemas como violência doméstica e dificuldades econômicas. A mobilização em combate à violência doméstica apareceu em uma série de publicações no ano de 2020. Nelas informações sobre o que pode ser considerado violência doméstica, como se pode agir e como pedir socorro foram explicitadas, conforme se pode ver na Figura 16.

Figura 16 – Publicações de combate à violência doméstica no *Instagram* da Feira das Manas Tocantins, em 13 de maio de 2020.



Fonte: Perfil @feiradasmanas.pmw, *Instagram* (2020).

A dependência econômica e o abalo emocional causados pelo momento pandêmico podem ter levado o grupo a se preocupar com essa temática. Deve-se ressaltar que, nos anos de 2020 e 2021, foi registrado aumento substancial nos casos de violência doméstica em todo o país. O isolamento social, o crescimento da taxa de desemprego, da fome e o agravamento de outros indicadores sociais podem ter contribuído ainda mais para degenerar as relações de gênero e servir como fatores interseccionantes da violência doméstica. O fato é que esse agravamento se dá enquanto as vítimas passaram a permanecer mais horas, todos os dias, próximas aos possíveis agressores (Marques *et al.*, 2020). A Confederação Nacional dos Municípios relatou o aumento de 41,9% do registro de ocorrências de violência contra mulheres e crianças (CNM, 2021).

A rua é importante para gente em vários aspectos, tem muita Mana que nem sai de casa, trabalha em casa. Tem muitas costureiras na feira, elas têm o atelier em casa, então ficam o tempo todo em casa. Não têm oportunidade de sair à noite, de se divertir, e a feira é uma diversão, é uma terapia, é onde a gente revê pessoas maravilhosas, a gente se abraça. Agora não, né? Mas a gente sempre se abraçou muito, sempre conversou e sempre foi muito alegre, com circo, com cantora. A feira, para quem participa como feirante, é um evento para rever as amigas e participar de um dia muito ativo e muito feliz (RENATA, 2021).

[Estar na feira] também é um ponto importante para socialização e troca de conhecimento e experiências com outras Manas (ARIADNE, 2022b).

A feira presencial para mim ela é muito importante por causa do calor humano. Sabe? Esse calor humano, essa energia que as amigas têm. A feira é o contato com os trabalhos diferentes, que outras artesãs têm, e que é maravilhoso. Esse é um universo muito amplo, muito grande. É tão gratificante a gente conhecer outras pessoas, que têm um objetivo e que têm dons manuais, igual a mim. Cada uma do seu jeitinho, com a sua diversidade (GIANE, 2021).

As Manas têm a feira enquanto um espaço de sociabilidade, o lugar em que podem se comportar da maneira que considerarem melhor. É um ambiente de vendas e negócios, sobretudo a feira representa um ambiente positivo e de liberdade. Com o isolamento social e as escolas fechadas, a rotina doméstica se modificou substancialmente. A permanência das crianças em casa e a transferência temporária das atividades escolares para ambientes virtuais de interação solicitaram aos pais monitoramento dos filhos durante um maior tempo diário. Para grupos que já exerciam atividades laborais no ambiente doméstico, o gerenciamento de uma ou mais atividades extras acarretou acúmulo de atribuições. Em especial as artesãs do grupo manifestaram, em reunião *online*, a dificuldade de produzir devido ao acúmulo de outras atividades (com filhos e casa) que se avolumaram com a permanência dos filhos e, por vezes, dos cônjuges no ambiente doméstico.

A pandemia impactou mais quem tem filhos, porque tiveram que ficar com os filhos em casa ou pagar alguém para ficar com eles, tivemos que acompanhar os filhos na adaptação às aulas *online*. Algumas tiveram que deixar de trabalhar fora ou perderam o emprego e tiveram que abrir algum negócio que pudessem fazer em casa como comida e artesanato (KAREN, 2021).

Eu estava ficando louca. Porque elas estavam estudando *online*, né? Elas estavam estudando *online*. Três meninas, elas estavam, as três, com o celular na mão (BEATRIZ, 2022).

Esse acúmulo de atividades foi uma realidade sentida por outros grupos de trabalhadoras, inclusive no mercado formal de trabalho. A atividade artesanal talvez seja o ramo da economia criativa em que essa conexão de fatores intensificou a problemática entre gênero e trabalho. O trabalho de artesãs tem uma construção histórica que o aproxima do ambiente doméstico. Segundo Bartra (2000), o conteúdo criativo que a confecção de uma peça artesanal demanda o torna uma peça única, cujo conteúdo subjetivo a aproxima do mundo das artes, porém sua confecção por grupos marginais da sociedade o coloca como sendo parte de uma cultura periférica e produto inferior, em especial quando realizado por mulheres. A interação de questões de gênero na pandemia, com a desvalorização do trabalho artesanal e a interrupção da fonte de

renda vinda da feira, que justificava a produção artesanal, mostrou-se problemática no período de pandemia para as feirantes.

4.2.2 A feira retorna às ruas da cidade

Desde o início das atividades na cidade de Palmas, a Feira das Manas foi considerada, pelos órgãos gestores, como um evento público, por dois motivos em especial, que só puderam ser completamente compreendidos acompanhando sua jornada. As Manas narraram que, logo no início da atividade, lhes foi oferecida a oportunidade de integrar a organização de feiras da prefeitura de Palmas, assim as feirantes comporiam um universo maior de feirantes autônomos e pequenos comerciantes gerenciados pela Secretaria de Desenvolvimento Urbano. A proposta traria para o grupo um apoio estrutural, porém centralizaria na prefeitura todas as atividades a serem executadas, a feira seria gerida pelo poder municipal e não seria mais autônoma.

As feirantes relataram que essa proposta, apesar de lhes conceder o apoio estrutural de que necessitavam, com iluminação e barracas, por exemplo, poderia lhes tirar a liberdade de gestão e o caráter social do projeto, deixando as feirantes submetidas completamente à estrutura pública. Nas diversas ocasiões que as feirantes relataram ter recebido a proposta, ela foi encaminhada à avaliação do grupo e recusada. O outro motivo que as classificou como um evento foi que a feira não é somente um ambiente de comércio. Nela ocorrem apresentações musicais e culturais, além de oficinas e rodas de conversa. Não estar na estrutura municipal refletiu ao grupo, segundo a avaliação da coordenação, em especial durante a pandemia.

Eu comprei uma briga tremenda! Porque eu queria cesta básica para as meninas. Um monte de Mana passando por dificuldade e uma cesta básica faria muita diferença. Assim que o recurso veio para prefeitura, para os artesãos e os artistas aqui de Palmas, nenhuma das nossas Manas conseguiu. Nenhuma delas conseguiu cesta básica. Eu mandei os documentos, mandei fotos, eu mandei tudo. Eu falava diretamente, pedindo essas cestas para poder distribuir para as meninas. Dando todos os nomes, todos os documentos, provando tudo e nada adiantou. Eles, em um momento, ajudaram as meninas da feira (RENATA, 2022).

A Feira das Manas teve sua autorização de funcionamento revogada até o mês de julho de 2022. Nesse mesmo período, outras atividades comerciais, bem como outras feiras já haviam retornado às atividades normais. Por meio do Decreto nº 2.077/2021, a prefeitura de Palmas reduziu drasticamente as medidas de isolamento social, liberando inclusive o uso de máscaras de proteção na maior parte dos ambientes. As feiras livres e os eventos públicos já estavam ocorrendo com algumas restrições. Porém, foi relatada grande demora em conceder as

autorizações de funcionamento após a pandemia, e esse afastamento trouxe prejuízo para muitas feirantes.

Teve agora uma feira da prefeitura, uma feira de economia solidária, se nós não tivéssemos lá, não teria tido feira. [...] Muitas pessoas da prefeitura sempre compraram com a gente. Mas oficialmente ninguém nunca foi lá para falar que veio oficialmente, em nome do governador, ou em nome da prefeita, seja para parabenizar, para confraternizar, não! A não ser que seja um evento que eles precisam de gente, que precisa de organização, precisa mostrar para o Governo Federal que existe economia criativa aqui em Palmas. Aí eles levam a gente! Aí eles mostram a gente! Botam nossa foto lá. Fora isso não (RENATA, 2022).

Antes de ter as autorizações de funcionamento regularizadas, as Manas conseguiram, por meio de parcerias, fazer eventos em espaços privados, em áreas concedidas a outras entidades públicas e privadas e em órgãos do poder público. A parceria mais longa observada foi estabelecida com um restaurante da orla da Praia da Graciosa, que cedeu parte do espaço destinado a mesas e ao seu *hall* de entrada, no calçadão, para que as Manas organizassem uma feira. Lá, no espaço de espera para os frequentadores do estabelecimento, armaram suas bancas.

A última feira que nós fizemos foi em 2020, são quase dois anos nisso! Aí voltamos em 2021. No mês de junho, a gente já começou a se movimentar para voltar para rua. Mas aí a prefeitura começou: “não, porque não! Porque a gente tá ainda na pandemia e não tá liberando”. Só que começou a liberar as outras feiras. Foi aí que nós fizemos a parceria com o restaurante Dona Maria *Beach* (RENATA, 2022).

Figura 17 – Feira montada no espaço de mesas do restaurante em abril de 2022, na orla da Praia da Graciosa, em Palmas/TO.



Fonte: Acervo da pesquisa (2022).

Embora a parceria tenha possibilitado o retorno de muitas Manas à normalidade de vendas, a diferença do público-alvo do restaurante e bar para os consumidores costumeiros das artesãs gerou insatisfações, pois não atendeu à necessidade das que aguardavam o retorno às atividades de feira no mesmo molde das que ocorriam anteriormente. A coordenação do grupo relatou que, embora diversas tentativas junto ao poder público e órgãos diversos da prefeitura da cidade, desde de agosto de 2021, nenhuma autorização de funcionamento, sem ou com restrições, foi dada.

Eu fui selecionada para participar da feira no final de outubro, então só fiz feira em novembro de 2021, e não consegui efetuar nenhuma venda. Porque o público que passava ali no Dona Maria *Beach* com objetivo único de curtir um *happy hour*, mal olhava para o artesanato, não olhava para quem tava perto. Eu não vi vantagem, não vi positividade (JOYCE, 2022).

As demais feiras da capital já funcionavam normalmente. Mas, com a justificativa de a Feira das Manas ser um evento cultural de grande aglomeração de pessoas, somente no mês de junho de 2022, a primeira autorização para feira, após a ocorrência da pandemia, foi emitida, segundo depoimento da coordenação do grupo. Porém, as feiras continuaram sendo realizadas na orla da Praia da Graciosa, e o retorno da feira itinerante e sua presença em outros espaços livres da cidade se deu apenas a partir de agosto de 2022. As três edições, realizadas em diferentes lugares da cidade (Figura 18), marcaram a reconquista do espaço público pelas Manas.

Figura 18 – Publicação de *Instagram* realizada em 17 de agosto de 2022, anunciando o retorno das feiras itinerantes após primeira autorização dada pela prefeitura à feira em 2022.



Fonte: Perfil @feiradasmanas.pmw, *Instagram* (2022).

4.3 A feira em ação: a vivência etnográfica

As feiras artesanais parecem não ter uma ordem preestabelecida aos olhos menos atentos. A organização fica mais nítida com o decorrer das sessões de observação. Todavia, há de se notar que a feira é sempre um evento. E, embora sua organização não pareça seguir uma orientação hierárquica ou tradicional, tem marcadores que podem ser notados ao longo do tempo. As atrações culturais sempre são dispostas na extremidade da feira que fica mais próxima ao fluxo do público. Os visitantes, atraídos pela apresentação, adentram o corredor de feirantes, alguns bastante curiosos, outros apenas protocolarmente, muitos destes são consumidores flutuantes e, em geral, como as falas das participantes confirmam no momento da observação, não realizam compras, porém em muitas oportunidades mantêm contato para consumo posterior.

Apesar de se declarar como itinerante, os locais preferenciais de realização da feira foram se estabilizando ao longo de 2019, conforme se constatou durante a pesquisa etnográfica. A maior parte das edições oficiais foi realizada no Plano Diretor de Palmas, com exceção de uma edição em formato reduzido durante o Festival Gastronômico no distrito de Taquaruçu, em 2019. Um mapeamento preliminar das edições da feira permitiu constatar que não havia um local fixo para sua realização. A primeira edição ocorreu em uma área de estacionamento de Palmas, e, nos meses seguintes, vários outros espaços foram utilizados para a atividade. Paulatinamente, três áreas públicas receberam maior quantidade de eventos, até que se tornaram os principais locais de feira: a Praça dos Povos Indígenas, o Parque Cesamar e a Praia da Graciosa.

Mesmo não sendo espaços já adaptados para realização de eventos do tipo (como ocorre na feira coberta da quadra 304), as artesãs os determinaram como preferenciais para a realização da feira. A Feira das Manas é singular em muitos aspectos. Além de ser a primeira feira de artesanato da cidade em que as participantes são todas mulheres e moradoras de Palmas e região, trata-se de uma feira itinerante, não tem lugar fixo, seus eventos de feira são anunciados semanalmente pela página do grupo no *Instagram*. Desde a sua fundação, essa característica permite que a feira seja realizada em locais diferentes da cidade, com edições extras em espaços fechados. Ela sempre permaneceu nos espaços públicos e atrações turísticas, como praças, parques e na orla da praia mais central da cidade. Buscou-se, a partir de algumas imagens aéreas, verificar a disposição das bancas e sua integração ao ambiente urbano.

A organização espacial da feira é bastante variada, uma vez que as feiras observadas entre 2021 e junho de 2022 ocorreram somente em espaços internos de órgãos públicos por convite

dos gestores e na orla da Praia da Graciosa, em frente de um restaurante, no espaço de espera dos frequentadores (como exposto anteriormente). Nessa configuração, a parte do calçadão em frente da fachada do restaurante foi cedida para receber as Manas, desde que deixassem o fluxo para os frequentadores livre e que dispusessem as bancas à margem do gramado existente no local, nas laterais da via de trânsito, o que fazia com que as bancas permanecessem umas de frente às outras, com uma distância considerada por elas mesmas como muito grande (Figura 19), uma vez que não haviam recebido autorização oficial dos órgãos de gestão municipal.

Figura 19 – Feira em tempos de exceção, em dezembro de 2021, na Praia da Graciosa, em Palmas/TO.



Fonte: Acervo de pesquisa (2021).

As primeiras observações realizadas foram na orla da Praia da Graciosa, o local de início da montagem da feira, onde as primeiras feirantes montavam na época suas barracas, era sempre o mais movimentado. Porém, independentemente do momento em que chega ao local, a barraca de doces e quitutes de uma das coordenadoras e a feirante de idade mais avançada e mais antiga no grupo sempre fica no primeiro espaço, o mais próximo ao restaurante que cedeu o espaço naquela ocasião, por ser a pessoa responsável por manter contato com os representantes do restaurante.

Com o passar do tempo, após julho de 2022, a concessão de autorização para realização de eventos se normalizou e as feiras passaram a ocorrer mais constantemente nos três pontos principais: Praia da Graciosa, Parque dos Povos Indígenas e Parque Cesamar.

Figura 20 – Foto aérea da Feira das Manas após montagem das bancas em março de 2023, na orla da Praia da Graciosa, em Palmas/TO.



Fonte: Acervo de pesquisa (2023).

A disposição arquitetônica da feira, à primeira vista, parece ser fruto de improviso, porém a observação mais constante permitiu notar alguns critérios. Cada feirante, ao chegar, monta sua banca para exposição dos produtos, muitas vezes em armações confeccionadas por si mesma, frequentemente utilizando mesas de plástico, que podem ser desmontadas rapidamente. Essa funcionalidade é muito útil, segundo elas, para os dias chuvosos. Todas as mesas são ornamentadas com toalhas coloridas, sem padrão específico. As feirantes estão sempre com as camisetas iguais, confeccionadas em um tom de amarelo-claro, no qual foi impressa a logomarca da feira em lilás, que é a representação de uma mandala (Figura 10).

Figura 21 – Foto da Feira das Manas, em 21 de outubro de 2023, na Praia da Graciosa, em Palmas/TO.



Fonte: Acervo de pesquisa (2023).

A feira se organiza em poucos minutos, e, conforme chegam, as feirantes escolhem seus lugares de exposição. Na Figura 21, algumas bancas se encontram sem atendimento. Embora todos os produtos estejam expostos. Essa é uma constante que chamou atenção da pesquisa.

As coordenadoras ficam sempre em posições centrais de tal forma que, em qualquer lugar da feira, sempre uma delas está próxima. Não raramente elas transitam entre as bancas e conversam com as demais participantes. Nesse ínterim, outras feirantes ficam solidariamente responsáveis por observar suas bancas. Devido a esse comportamento, pode-se observar uma lógica na disposição das bancas com o passar do tempo: uma coordenadora está sempre ao lado da banca de uma feirante mais antiga e que geralmente permanece mais tempo em sua própria banca. Como registrado na Figura 22, Beatriz e Janeide (à esquerda da foto) montam sua banca próximo à de Suely (à esquerda da foto em primeiro plano). A última raramente deixa sua banca e sempre se dispõe a colaborar com as coordenadoras em caso de sua ausência momentânea.

Figura 22 – Manas realizando a montagem de suas bancas, em 21 de outubro de 2023, na orla da Praia da Graciosa, em Palmas/TO.



Fonte: Acervo de pesquisa (2023).

Cada Mana é responsável por montar sua banca na feira e não há estrutura padronizada, apesar de a prefeitura de Palmas ter oferecido apoio ao projeto, segundo informado pelas responsáveis pela feira. Porém essa aproximação com gestão municipal ocasionaria a dissolução da coordenação do grupo, enquanto movimento, e a adesão de todas as feirantes à associação que coordena as feiras livres da cidade. As Manas arcaram com certos custos, financeiros e políticos, para se manterem autônomas. Cada feirante adquire ou constrói o aparato necessário para expor. A montagem mais comum é feita com mesas desmontáveis e cadeiras de plástico. Algumas, porém, necessitam de aparatos para expor seus produtos ou para manter acondicionados os alimentos vendidos durante a feira. A sequência de imagens a seguir foi registrada durante um dia típico de feira, dessa vez no Parque dos Povos Indígenas.

Figura 23 – Ana Maria realizando a montagem de sua banca, em 16 de setembro de 2023, no Parque dos Povos Indígenas, em Palmas/TO.



Fonte: Acervo de pesquisa (2023).

A montagem de cada banca procura imprimir uma estética. A banca é a vitrine de cada ateliê, de cada projeto de empreendedorismo de cada feirante. As formas, os tecidos, as cores e os produtos interagem para apresentar não somente os produtos, mas também a estética proposta pela artesã. A feira itinerante reúne, além das bancas de artesanato e brechó, shows, atrações e barracas de comida, estas últimas com fluxo relativamente maior de vendas, se comparadas às demais. A feira busca reproduzir a estética presente em outras feiras e locais de exposição de produtos artesanais, como as narradas por Sato (2007).

Figura 24 – Stelamares realizando a montagem da sua banca, em 16 de setembro de 2023, no Parque dos Povos Indígenas, em Palmas/TO.



Fonte: Acervo de pesquisa (2023).

A montagem da feira deve ser realizada oficialmente entre as 16:30 e 17:00, porém, não raro, parte das Manas só chega à feira após o pôr do sol. O momento de chegada de cada uma é precedido de uma movimentação geral de outras feirantes, que prontamente se aproximam para ajudar a carregar mesas, sacolas, cadeiras e os itens a serem expostos. Em alguns casos, as Manas também colaboram na montagem das bancas umas das outras.

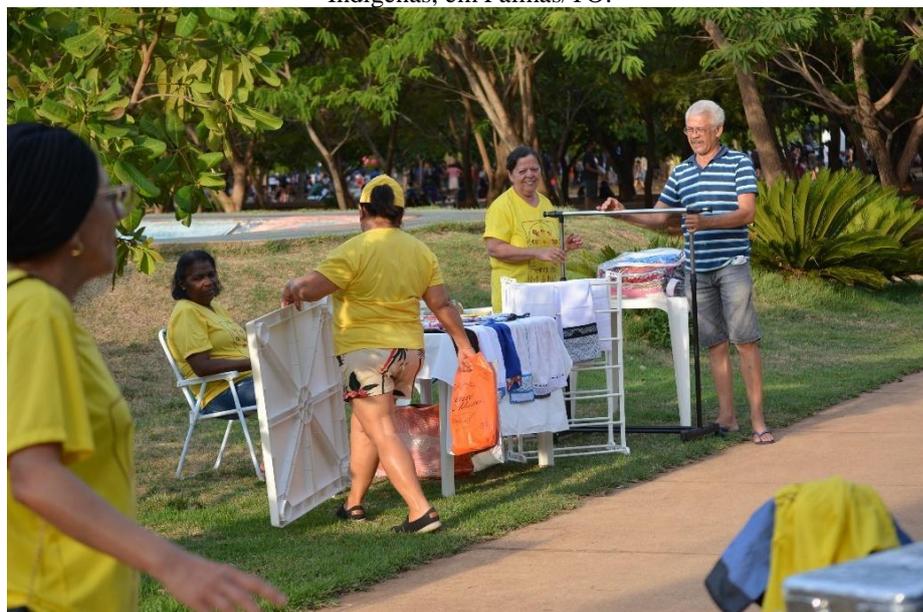
Figura 25 – Feirantes unem-se para ajudar umas às outras na montagem de suas bancas, em 16 de setembro de 2023, no Parque dos Povos Indígenas, em Palmas/TO.



Fonte: Acervo de pesquisa (2023).

É importante observar que, como ocorre em outras feiras, a das Manas também é um ambiente em que a família está sempre presente. Embora a expositora deva ser obrigatoriamente uma mulher, é bastante comum que as feirantes levem para o dia de exposição filhos, cônjuges, parentes e amigos que permanecem junto à banca.

Figura 26 – Feirantes durante a montagem de suas bancas, em 16 de setembro de 2023, no Parque dos Povos Indígenas, em Palmas/TO.



Fonte: Acervo de pesquisa (2023).

O ambiente é bastante receptivo, em especial às crianças. As feirantes cuidam dos próprios filhos e dos das outras. Quanto aos esposos, quando presentes, permanecem timidamente dispostos atrás de cada banca, em geral, pouco interagem, nunca com os clientes. As Manas transitam de banca em banca, convidam transeuntes, entregam seus cartões de visita, fazem contato com os visitantes sempre com sorriso no rosto. Assim mostram que esse é seu lugar na cidade.

Após a montagem da feira, é bastante comum ver barracas sem sua feirante e ela estar conversando com outras feirantes. Durante a observação, fui diversas vezes deixada para cuidar de uma banca, enquanto a feirante transitava pela feira comprando ou colocando a conversa em dia com outras Manas. Sorrisos, abraços e brincadeiras são comuns, a alegria estampada nos olhares e o grande fluxo de trocas de produtos e compras entre as feirantes. Ouvi uma feirante dizer que ela sempre sai da feira devendo mais do que vendeu, pois ela e suas filhas visitam as barracas das outras Manas e adquirem diversos produtos.

Figura 27 – Feira das Manas após montagem parcial das bancas, em setembro de 2023, no Parque dos Povos Indígenas, em Palmas/TO.



Fonte: Acervo de pesquisa (2023).

Figura 28 – Foto aérea da Feira das Manas após montagem parcial das bancas, em setembro de 2023, no Parque dos Povos Indígenas, em Palmas/TO.



Fonte: Acervo de pesquisa (2023).

O clima da feira é de descontração e diálogo. A Feira das Manas não se assemelha, nesse aspecto, com as feiras que frequentamos ou mesmo as descritas corriqueiramente como um lugar de trabalho pesado e labuta. A feira parece um ambiente de catarse, despecho e confraternização, em que as Manas estão reunidas para celebrar, expor e vender o fruto de seu trabalho. Quando as interpelava durante a feira se as vendas estavam sendo boas naquele dia, corriqueiramente eu recebia como resposta: “Tem feira que eu não vendo nada, mas o importante é o pós-feira, aqui o cliente vem pra ver o produto, pegar e ver a qualidade. Essa pessoa depois entra em contato e escolhe o que quer, e eu faço personalizado” (PATRÍCIA, 2022).

Figura 29 – Foto da Feira das Manas, em 22 de abril de 2023, na Praia da Graciosa, em Palmas/TO.



Fonte: Acervo de pesquisa (2023).

Em diversas ocasiões, a feira recebeu atrações, como lançamento de livros, oficinas de laços e de turbantes e apresentações musicais e circenses. As apresentações circenses foram as que aglomeram sempre grande quantidade de pessoas e, nessas ocasiões, foram convidadas duas palhaças que realizaram um show. Após caracterizadas, as artistas montaram um picadeiro improvisado com uma lona e dispuseram tecidos em suas margens para receber o público. A cena circense se completa com um veículo estacionado ao fundo do picadeiro: uma Kombi com carroceria adaptada de caminhão baú, na cor amarelo-ouro, salpicada de desenhos a óleo de flores tropicais. A apresentação reuniu grande quantidade de crianças e adultos, e a feira ficou repleta de pessoas transitando nas bancas (Figura 30).

Figura 30 – A feira durante a apresentação circense em 16 de abril de 2022, na Praia da Graciosa, em Palmas/TO.



Fonte: Acervo de pesquisa (2022).

O fluxo de pessoas nos espaços públicos, dos clientes da feira, se mescla à movimentação das feirantes transitando entre as barracas conversando, abraçando-se. A partir do produto das observações em campo e dos relatos, percebeu-se que a Feiras das Manas constitui uma comunidade que agrega as feirantes, seus cônjuges, parentes, filhos, amigos. Ali há apoio mútuo nos momentos de necessidades. A prática de escambo é uma grande arma para manter vínculos com as demais e realizar compra de um item desejado. Como em outras feiras, é nesse ato que as relações de cumplicidade se tornam relações de amizade, como narrado por Sato (2012) e Bernardo (2014). Assim como nas feiras livres, o dia de Feira das Manas é um dia de festa, de encontrar as amigas, de receber ou entregar uma encomenda e de fazer compras também para as feirantes.

5 PALMAS: CONCRETUDE E IMAGINÁRIO

A história da formação do tecido urbano é atravessada por fatores ambientais, econômicos, sociais e simbólicos historicamente construídos. A aceleração do desenvolvimento econômico, com a criação de parques industriais, impulsionou a urbanização brasileira após as décadas de 1930 e 1940, concentrando a mão de obra nas capitais da região Sudeste. A partir da década de 1970, a população urbana brasileira passou a ser maior que a rural. O êxodo rural já existente, somado à industrialização, colaborou para o crescimento populacional das áreas urbanas. Esse processo aprofundou as desigualdades sociais, e o aumento do preço da terra foi um dos fatores que colaborou para essa realidade. O perímetro urbano se tornou o palco de algumas das mazelas econômicas, sociais e ambientais que atingem os brasileiros (Matos, 2012).

A correlação, historicamente estabelecida, entre a organização produtiva capitalista e o espaço urbano é significativa na contemporaneidade. É nas cidades que o sistema produtivo se objetiva mais intensamente. O modelo de acumulação do capital e a centralização do poder econômico geram efeitos sociais, entre eles, a intensificação da desigualdade, a exclusão e a marginalização social no ambiente urbano, local em que essas fissuras sociais estão mais expostas. As áreas centrais e privilegiadas da cidade são produtos de consumo e pertencimento para os indivíduos com maior poder aquisitivo (Souza, 2019).

A atuação política e dos agentes econômicos interessados na monopolização do setor fundiário opera com bastante eficácia para valorização, por meio da captação de recursos públicos e privados, e direcionamento para áreas das cidades destinadas à comercialização em detrimento de áreas periféricas ou marginais. Assim, parte do processo de segregação urbana entre classes sociais se relaciona com a posse do território, que tem seu valor determinado a partir da combinação de três fatores.

O primeiro deles é a renda capitalizada da terra, estipulada a partir do custo de insumos e do trabalho dispendido para tornar o terreno habitável e valorizá-lo, considerando todas as modificações e as construções efetivadas nele e em seu entorno. Em segundo, a composição de preço se relaciona com a localização do imóvel, que pode ser considerada uma forma de mais-valia em seu estado puro, pois nenhum trabalho agrega à terra esse valor, e o seu aumento se deve unicamente à sua proximidade a marcos urbanos valorizados. Finalmente, a terceira parte da composição de preço se relaciona ao monopólio da terra; áreas consideradas nobres em uma

cidade podem ter assim se constituído devido a processos históricos e sociais de valorização de algumas áreas em detrimento de outras (Villaça, 2012).

O planejamento espacial do ambiente urbano e o modelo econômico se relacionam intermediados pelo poder político, exercidos pelos gestores públicos por meio de leis reguladoras que direcionam a organização do espaço urbano e a alocação de áreas de zoneamento, traçado das vias, localização de equipamentos públicos ou edificações de uso coletivo, por exemplo (Souza, 2019). Nesse sentido, os indivíduos não conseguem atuar diretamente sobre o planejamento urbano sem estar vinculados à gestão política do espaço, aos proprietários dos meios de produção, ou a uma organização da sociedade civil (Sposito, 1994).

A ação do cidadão comum nas cidades parece estar sutilmente articulada à forma como as pessoas aderem às instituições e aos grupos sociais. Esses componentes somados influenciam na concentração fundiária e na desigualdade social, intensificando a segregação espacial e a marginalização das camadas sociais empobrecidas em conjuntos habitacionais, periferias, encostas, morros ou áreas longínquas em que faltam equipamentos urbanos de uso coletivo, como escolas e postos de saúde. O território urbano se torna o lugar em que processos econômicos, sociais, ambientais e políticos grafam a desigualdade.

No modelo de produção capitalista, as cidades representam locais privilegiados de articulação entre mercadorias e consumidores, sintetizam o funcionamento do sistema econômico, sua estrutura e seus reflexos, entre esses, a poluição, a exclusão social, a desigualdade, o desemprego e os desequilíbrios ambientais são ampliados pela explosão demográfica ocorrida nos anos do pós-guerra. Acesso à saúde, à educação, à mobilidade urbana e à cidadania são pautas importantes na busca por um ambiente urbano mais democrático e adequado para todos (Lefebvre, 2001).

Assim como as diferenças sociais e de classes são institucionalizadas, os contextos espaciais das áreas urbanas também o são, normalizando a diferença urbanística e arquitetônica entre as áreas centrais e periféricas das cidades, e as desigualdades materializadas no espaço geográfico são naturalizadas, legitimando a exclusão social no ambiente urbano.

O modelo produtivo capitalista está relacionado à organização e ao crescimento das cidades. Não é possível separar o modelo econômico de produção do crescimento populacional e da expansão das grandes cidades no mundo sobre o território, notadamente naquelas que seguem o modelo cultural ocidental, que tem a natureza como uma força a ser dominada pela humanidade. A ocupação heterogênea do solo urbano se relaciona à desigualdade social, inerente

ao modo de produção vigente. Se verificarmos o mapa de uso e a ocupação do solo das cidades, encontraremos, na mesma área, diferentes espaços, com diferentes usos, convivendo lado a lado (Corrêa, 1989).

A segregação espacial resulta de um processo de competição e gera espaços de dominação para os diferentes agrupamentos humanos, como a expressão espacial das diferenças de classes. A estrutura dicotômica da sociedade capitalista, em que os poderes político e econômico estão intimamente conectados, reproduz a desigualdade social e as relações de dominação no espaço urbano. A transposição do fetichismo da mercadoria para o território resulta na extinção das marcas territoriais históricas, no apagamento das heranças culturais e arquitetônicas do coletivo humano e na modificação do território natural ancestral (Anderson, 1973). Novas formas de perceber o planejamento sustentável das cidades emergem ao longo da história humana para sanar os impactos da ação humana organizada e institucionalizada no ambiente natural, e novos modelos de cidade são propostos a fim de gerar melhor equilíbrio ecológico.

5.1 A promessa de uma cidade sustentável

Os princípios da sustentabilidade também influenciam as disposições humanas e os projetos urbanos para adequação e fundação de cidades em todo mundo. O advento de um novo paradigma, que pretende desconstruir a lógica capitalista de produção para a acumulação do capital e a expropriação do trabalho, é uma possibilidade desenvolvida pela epistemologia ambiental (Leff, 2002). Essa tentativa de reordenação ocorreu a partir da década de 1970, com a iminência de uma crise ambiental. A movimentação de cientistas, instituições governamentais e organismos de atuação internacional, como a Organização das Nações Unidas, pretendeu alertar a sociedade e empenhar esforços para expor as consequências da extração indiscriminada de recursos naturais, da poluição das fontes de água e do ar, do crescimento populacional que, somados à desigualdade econômica, entre outros reflexos da produção industrial em larga escala, geram desequilíbrio ambiental irreversível.

Várias ações conjuntas foram propostas nas conferências sobre clima, e as pesquisas que buscaram entender a situação por meio de uma perspectiva interdisciplinar se desenvolvem, até hoje, ao redor do globo. O termo *sustentabilidade*, antes utilizado para se referir à capacidade de os ecossistemas manterem sua resiliência, foi ressignificado para integrar à preservação do meio ambiente o comportamento democrático e a equidade social enquanto mecanismos para novas

agendas de comportamento individual e coletivo, alinhadas à epistemologia e aos valores ambientais (Leff, 2002; Veiga, 2011).

O distanciamento dos indivíduos do ambiente natural acentuou uma falsa dicotomia entre rural e urbano, indivíduo e natureza, provida de um forte componente ideológico, que sobrepõe os interesses humanos ao natural. A extração desordenada de recursos naturais e o mal gerenciamento de resíduos trazem impactos ambientais potencializados pela desigualdade social, pela exclusão e pela marginalização de parte da população, em especial nos grandes centros urbanos, muitas vezes naturalizados como reflexo do que é necessário para a boa vida em comunidade (Clement, 2010). Esta é a lógica do desenvolvimento: promover uma vida abundante em que possamos desfrutar dos benefícios da sociedade de consumo.

O modelo ocidental de organização social e produtiva tem, como uma de suas bases, a urbanização das populações humanas. Elaborar metas consonantes de desenvolvimento econômico e preservação ambiental é um desafio de urgência para as cidades. A formação de novas formas identitárias, fundadas na relação entre diferenças e antagonismos, aloca a sustentabilidade como resultado do advento do saber ambiental, que se funda na reestruturação do modelo social e produtivo (Leff, 2002). Muitas propostas foram feitas e se encontram em aplicação para ações coletivas que pretendem colaborar para o sucesso nessa jornada.

A produção de cidades mais sustentáveis desencadeia diversas iniciativas para gerir os espaços urbanos a fim de minorar os impactos ao meio natural e ao território e, ao mesmo tempo, proporcionar qualidade de vida, acesso cidadão e equidade a seus habitantes. Caberia ao planejamento urbano sustentável o ajuste de elementos aparentemente contraditórios, tais como desenvolvimento econômico, preservação ambiental e direito à cidade. O urbanismo sustentável ressignificou a relação entre cultura e economia ao deixar de lado o arcabouço cultural-industrial da modernidade, a cultura de massa, a impessoalidade e a globalização. As cidades sustentáveis valorizam o regionalismo, as relações interpessoais, a história, a cultura de seus moradores, a paisagem, a diversidade ambiental, a redução da produção de resíduos urbanos, a reciclagem e o sentimento de pertencimento ao lugar (Romero; Silva, 2007).

Essa forma contemporânea de pensar a constituição de centros urbanos sustentáveis foi absorvida na formulação do Estatuto da Cidade, que trata das funções sociais das cidades brasileiras e pretende garantir o “direito à terra urbana, à moradia, ao saneamento ambiental, à infraestrutura urbana, ao transporte e aos serviços públicos, ao trabalho e ao lazer, para as presentes e futuras gerações” (Brasil, 2001, p. 1). Nessa intencionalidade, as cidades sustentáveis

seriam o lócus da vida social, no qual as pessoas teriam “consciência de seu papel de agente transformador dos espaços e cuja relação não se dá pela razão natureza-objeto e sim por uma ação sinérgica entre prudência ecológica, eficiência energética e equidade socioespacial” (Romero, 2007, p. 51).

A busca por sustentabilidade perpassaria por constituir um modelo que engendre a solução dos principais problemas ambientais urbanos e melhore a qualidade de vida da população. A interligação de áreas de preservação e parques, no formato de corredores verdes urbanos que proporcionam equilíbrio ecológico, colabora para manutenção da biodiversidade e para redução dos impactos da urbanização, é uma das ferramentas mais utilizadas para proteger a fauna e a flora locais e proporcionar escoamento hídrico, tornando o espaço urbano mais sustentável. Outras ações ambientais também são de fundamental importância, tais como coleta seletiva de lixo, tratamento de resíduos, canalização e escoamento pluvial.

Para os habitantes, a ideia de morar em uma cidade sustentável adquiriu forte conotação simbólica ao relacionar a concepção de “bem-estar” ao contato com a natureza. Nesse imaginário urbano, os espaços verdes representam refúgio à vida moderna acelerada, aos desequilíbrios ambientais e ao trânsito. Nesses espaços, pode-se passear, praticar esportes e atividades de lazer.

Palmas é uma cidade que tem parques, espaços verdes e bosques. Eu consigo usufruir desses espaços urbanos? Sim. Aos 66 anos eu participo de grupos de terceira idade. Eu sou frequentadora do Parque da Pessoa Idosa Francisco Xavier. Lá eu faço prática de esporte, socializo com pessoas da minha faixa etária (MARIA MARTA, 2023).

Historicamente, as áreas das cidades em que há proximidade com ambientes naturais, em forma de parques e bosques urbanos, passaram a ser valorizadas, não só pelo imaginário, mas também pelo mercado imobiliário, que percebeu essa tendência de valorização da sustentabilidade e se apropriou do componente imagético e simbólico em torno do tema para incorporá-lo em diversos projetos de moradia, empreendimentos comerciais e até centros de comércio e convívio para as classes privilegiadas da sociedade (Carneiro, 2017).

Outra perspectiva para a cidade é tê-la como o lócus da manifestação de formas culturais, políticas e sociais historicamente construídas por seus cidadãos. Esse ambiente, ao mesmo tempo que facilita e aproxima diferentes aspectos da vida dos moradores, também colabora para sua submissão. É preciso lembrar que toda cidade tem seus habitantes, os pedestres, ou os “praticantes ordinários da cidade”, os quais escrevem o texto sobre o espaço urbano, as mais das vezes, sem lê-lo, conforme nos lembra Certeau (2014). Não é unicamente o planejamento urbanístico ou o poder econômico que gravam suas marcas sobre o espaço, a cidade reflete a

organização social dos que a habitam. As histórias cruzadas de parte desses cidadãos é que se pretende ler para desvendar parte de seu sentido simbólico.

Castoriadis (2000, p. 13) chama de imaginário social a criação de “figuras/formas/imagens a partir das quais somente é possível falar-se de ‘alguma coisa’” que formam um complexo responsável por estabelecer simbologias, imagens, significados, representações, ideologias, crenças e mitos sobre as coisas e direcionam as interpretações da realidade; o imaginário influencia o sentido atribuído às ações das pessoas em situações sociais, gerando “aquilo que denominamos ‘realidade’ e ‘racionalidade’”.

As representações são fundamentais para originar e fixar padrões e formas de comportamento. A sensação de pertencimento ao lugar, a memória coletiva, a percepção do tempo são exemplos de interlocuções simbólicas que servem de base a formas sociais nas quais se podem buscar respostas sobre a realidade.

O imaginário social é composto por um conjunto de relações imagéticas que atuam como memória afetivo-social de uma cultura, um substrato ideológico mantido pela comunidade. Trata-se de uma produção coletiva, já que é o depositário da memória que os indivíduos e os grupos recolhem das relações cotidianas. Podem-se nessa dimensão identificar as diferentes percepções dos atores em relação a si mesmos e de uns em relação aos outros, ou seja, como eles se percebem enquanto parte da coletividade. Esse conjunto de conhecimentos, compartilhado por meio da cultura, fornece estabilidade para comunicação, e suas RS geram coesão no tecido social e fornecem base sobre a qual são feitas as interpretações e elaboradas as comunicações, compondo parte do que chamamos de senso (Moscovici, 2015).

Em se tratando do ambiente urbano, cabe às RS interpretar e instituir a imagem simbólica que os indivíduos têm da cidade e seus lugares. São elas que alimentam a sensação de pertencimento ao lugar e servem de base para percepção do tempo, do espaço e da memória, que, por sua vez, elabora imagens simbólicas sobre a realidade. Essas representações serão abordadas novamente neste texto, tendo em vista que compõem parte da base teórica para este trabalho.

Voltemos ao imaginário social, esse grande alicerce no qual as representações se formam, para refletir sobre o imaginário urbano. Os sujeitos reais, individuais ou coletivizados são influenciados pela coletividade no que tange à concretização do projeto urbanístico e sobre como a cidade deve ser organizada e reestruturada. As pessoas não pensam sobre “a cidade” e “o urbano” constantemente, elas apenas vivem suas histórias, encenando-as, tendo a cidade enquanto palco e o urbano como mapa mental.

Certeau (2014) apresenta a cidade como uma formulação mítica. A “cidade-conceito” é uma proposição imagética e utópica de como a cidade é percebida à maneira como os cidadãos gostariam que ela fosse. Articula imaginário e as expectativas dos cidadãos no planejamento dos espaços públicos. Algumas dessas construções imaginárias são melhor desenvolvidas e até fomentadas por agentes que têm interesses (na maior parte comerciais) sobre o imaginário urbano e muitas vezes são mais estruturadas a nível subjetivo e especulativo que na concretude. Vários desses conceitos de cidade se tornam bastante populares e são alimentados e direcionados para servir como base interpretativa de espaços urbanos no Brasil. Exemplos desse tipo de construção são a cidade de São Paulo, ou a “Selva de Pedra”, e o Rio de Janeiro, ou a “Cidade Maravilhosa”.

Ítalo Calvino, na obra *As cidades invisíveis* (1990), concebe várias dessas construções imagéticas. Da mesma maneira, em Palmas, construiu-se a ideia de cidade ecológica ou sustentável, relacionando a cidade com a preservação ambiental e o equilíbrio ecológico com o ambiente.

O imaginário sobre as cidades é objeto de estudo de diversas vertentes do conhecimento. É bastante significativo compreender como forma e imagem se relacionam e como esse é um produto da relação entre os indivíduos e a sociedade. Essa relação pode ser parte do instrumentário de pesquisa, uma vez que se refere à influência do imaginário no tecido urbano e em suas manifestações sociais.

O acesso ao capital, as desigualdades, a luta por poder, o imaginário social, a memória e o consciente social são exemplos de intervenientes que, subjetivos ou não, influenciam como a paisagem urbana é percebida. Segundo Gomes (2017, p. 134), “A ideia de paisagem nos ensina a olhar de outra forma, nos ensina a ver coisas, conteúdos, valores, onde parecia antes nada haver de admirável”. É assim que essas representações de mundo são naturalmente incorporadas à percepção das pessoas. Esse conceito remete à apreciação valorativa do quadro geográfico, seja urbano, rural ou natural, assim como as fotografias e as pinturas são representações do ambiente físico realizadas pela vontade humana.

Para Gomes (2017, s/p), o imaginário geográfico é o “conjunto de imagens convocado pela imaginação que pensa geograficamente” e pode estar relacionado à leitura gráfica da imagem ou da paisagem (quadro geográfico) ou ao acesso ao espaço por meio da memória, da percepção ou da narrativa oral. Essa composição relativamente complexa da imagem mental que se tem sobre o espaço agrega tanto nas relações afetivas quanto nas distorções, num “conjunto articulado de inúmeras cenas, de relações e fluxos, no qual a sucessão de imagens produz sentidos

diversos e arranjos de significação intercambiáveis” (Gomes, 2017, s/p). A organização do ambiente urbano oferece padrões visuais e simbólicos que interagem quando se observa a cidade.

Lynch (2011) utiliza o método da percepção ambiental para apreender a perspectiva dos moradores sobre o ambiente urbano. O que as pessoas desejam para o espaço urbano se relaciona profundamente com seu lugar nele e na sociedade, o lugar que lhes é atribuído pelo coletivo e se percebem nesse contexto, enquanto habitantes desse lugar. Cada indivíduo tem experiências diferentes que geram expectativas de como a cidade deve ser e o que torna sua vida mais agradável. “Em ocasiões diferentes e para pessoas diferentes, as consequências são invertidas, interrompidas, abandonadas e atravessadas. A cidade é vista sob todas as luzes e condições atmosféricas possíveis” (Lynch, 2011, p. 1).

As cidades planejadas, como Palmas, têm uma função e um tema dominante, que pretendem generalizar o modo de vida e consolidar as aspirações de seus fundadores. Elas passam uma mensagem por meio de sua forma, seu traçado e seus símbolos para os habitantes. Essas mensagens implícitas no projeto urbanístico servem ao controle social, por exemplo, como exibição de força ou domínio, o que provoca o exílio ou o medo de parte dos moradores. Esse era um artifício muito comum nas cidades coloniais.

Após o término do processo de colonização, os novos grupos de poder assumiram e se apropriaram dos símbolos já existentes na cidade: parques, praças, monumentos etc. Esses signos foram recontextualizados a favor da nova classe dominante e colaboraram para a consolidação da nova estrutura de poder, em que “as hierarquias e segregações são simplesmente assumidas e perpetuadas por uma nova elite nativa” (Lynch, 2007, p. 27).

Na modernidade, entre os processos de constituição das cidades em países colonizados, também acontece a ressignificação do conteúdo urbano para atender às elites recém-instituídas e a alternância de poder, mesmo em um ambiente democrático. Em outros casos, não há somente a ressignificação simbólica, mas o espaço também é reajustado para refletir os interesses das esferas dominantes. A atribuição de sentido simbólico, nesse contexto, é parte de uma estrutura de legitimação de poder que favorece a manutenção do *status quo*.

O conjunto dos hábitos e dos costumes que compõem as formas de viver dos cidadãos se liga ao planejamento elaborado pelos gestores, colaborando para dar à forma urbana uma identidade cultural. Essa interação ordena ou reorganiza o ambiente para atender às necessidades ou às peculiaridades comportamentais coletivas. Essa influência cria padrões na organização das áreas urbanas e representa uma intencionalidade, nem sempre explícita.

A continuidade histórica, o equilíbrio e a estabilidade, a eficiência econômica, as decisões e a administração capazes, a interação entre indivíduos e a evolução da luta política colaboram para a composição da forma como os sujeitos percebem a cidade (Lynch, 2007). Por meio das ações e dos pensamentos expressos na fala, pode-se investigar as RS e os movimentos de objetivação e a ancoragem que orientam as pessoas.

Lynch (2011, p. 11) se preocupa com a capacidade das formas da cidade de gerar uma imaginabilidade “característica, num objeto físico, que lhe confere uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador dado”. Nesse sentido, essa percepção do ambiente aproxima-se da TRS de Moscovici (1963, 2015), uma vez que essas formas imagéticas estão relacionadas à capacidade de gerar – para além de uma representação física do espaço ou objeto observado – uma representação mental, formando um *corpus* de conhecimento que é mais que a mera junção figurativa das estruturas presentes na cidade e/ou da disposição geográfica do espaço. Há uma clara conexão entre o plano mental e o ambiente.

5.2 Tangibilidade e simbologia na capital do Tocantins

O planejamento urbanístico de algumas cidades brasileiras, em especial as fundadas mais recentemente, se baseou em um modelo de expansão territorial racional e controlado, baseado em um determinado modelo imagético de organização espacial e de qualidade de vida de seus habitantes. Essas metas têm uma complexa materialização, se considerados os contextos formadores e as políticas de uso do solo e de expansão das cidades empenhadas ao longo da formação dos estados brasileiros e a apropriação desses modelos enquanto estratégia de *marketing* de grandes incorporadoras e agentes do setor fundiário.

A cidade Palmas, no Tocantins, a última capital planejada do século XX (Silva, 2010), tem sua origem em um complexo projeto político e econômico de interiorização do Brasil, subsidiado pelo imaginário sobre equilíbrio ambiental, representado pela pauta do planejamento urbano e da sustentabilidade. O projeto urbanístico de Palmas/TO sintetizou diferentes heranças históricas, concepções urbanísticas e perspectivas socioculturais em seu planejamento espacial. O complexo estrutural e simbólico da Marcha para o Oeste brasileiro pretendia integrar a economia das regiões Norte e Centro-Oeste do país e desenvolver e povoá-las ao máximo nas áreas de baixa densidade até a década de 1940.

O projeto se apropriou da estrutura simbólica da construção da capital de Goiás, Goiânia, ainda na década de 1930, para promover a interiorização do Brasil. Esse projeto foi inspirado no movimento que atraiu migrantes e mão de obra para a construção de Brasília-DF e, posteriormente, da capital do Tocantins, estado criado a partir do desmembramento de Goiás após o processo de redemocratização política do Brasil, em 1985 (Trevisan, 2011). Brasília/DF (1960) e Palmas/TO (1989), junto à capital de Goiás, representam a modernização econômica do interior brasileiro.

O planejamento dos espaços urbanos, cada um com sua utilidade, servindo à moradia, ao lazer, ao comércio, à circulação, à administração, à educação, à saúde ou à memória, em um modelo de cidade planejada, com territórios demarcados previstos em projeto urbanístico, não consegue prever as mudanças decorrentes da atuação dos moradores, dos agentes políticos e econômicos. Nesse sentido, Palmas/TO, Goiânia/GO e Brasília/DF compartilham de similitudes. As três jovens capitais foram pensadas e concebidas com propósitos semelhantes de serem sedes administrativas dos poderes públicos, estaduais e federal. Sua gênese histórica não pode ser comparada à de pequenos vilarejos ou aglomerados rurais, que, devido ao crescimento populacional, se transformaram em cidades a partir do ajuste das forças sociais sobre o território.

A estética do planejamento urbano até a terceira parte do século XX intencionava adequar a cidade às necessidades de seus habitantes. Toda base tecnológica desenvolvida seria direcionada para o ambiente urbano, nesse sentido, para conceber um ambiente agradável e compatível aos princípios da modernidade e da sustentabilidade. Outra preocupação bastante presente nos projetos urbanísticos de então era colaborar para redução das desigualdades sociais materializadas no tecido urbano e que ampliaram a exclusão social e a marginalização de parcela significativa da população (Carvalho; Pereira; Santos, 2018). Essas metas não condizem com a realidade, de vazios urbanos e segregação social. As Manas revelaram sua perspectiva sobre a cidade de forma esparsa durante as entrevistas, em geral quando estimuladas a se pronunciar sobre o que pensam sobre a cidade.

Ela é uma cidade muito espalhada, dispersa e que dispersa as pessoas também nesse aspecto de convivência. Por outro lado, ela é uma cidade que tem uma beleza que é incrível, talvez o fato de ser planejada, de ter sido pensada para ser planejada, ela proporciona bolsões de beleza. É quase que pinturas, mas que não têm, volto a dizer, não têm um aconchego, não trazem um aconchego, você não vê pessoas na rua (ALBÂNIA, 2023).

Esses ensejos se tornaram parte de um planejamento ideal para as cidades e têm uma das mais difíceis propostas de concretização para o término da segregação espacial, uma vez que,

sobre o território, atuam os interesses dos detentores de poder político e econômico, que repercutem no ambiente o mesmo conteúdo marginalizador presente na vida social. Segundo Souza (2010), uma forma de mudar a cidade passa por proporcionar a participação das pessoas na construção e na transformação do meio. Transicionar a visão coletiva de espaço urbano, de um meio de circulação de mercadorias e consumo para um lugar onde as pessoas possam viver com qualidade de vida e exercer sua cidadania plena, é um desafio atual. Somente uma abordagem crítica sobre as transformações urbanas e suas consequências para as pessoas e para a cidade como um todo permite que sejam enfrentados os desafios das cidades contemporâneas, visando à promoção de mudanças para um espaço urbano mais inclusivo, justo e democrático.

A elaboração do projeto do Plano Diretor de Palmas, em um primeiro momento, pareceu se empenhar em ser um exemplo de um modelo contemporâneo de cidade, com formas arquitetônicas e até mesmo monumentos históricos remetendo a uma concepção de modernidade (Silva, 2008). Entretanto, o traçado viário geométrico nas ruas e nas avenidas, claramente inspirado no traçado do Plano Piloto de Brasília, se mostrou tão segregador quanto ao planejamento concretizado na capital da nação.

As formas e as linhas modernistas também aparecem nos projetos urbanísticos de alguns equipamentos públicos, como parques, monumentos e bosques. A Praça dos Girassóis e seu desenho, as construções que nela estão dispostas e sua peça central, o Palácio Araguaia remetem às linhas e à concepção arquitetônica da capital do país e às aspirações imagéticas hiperbólicas de Juscelino Kubitschek, planejadas por Lúcio Costa, Oscar Niemeyer e outros tantos, como simbolismo de mudança e executadas por milhares de trabalhadores que, ao se instalarem nas cidades que construíram, se viram em situação de marginalização.

Essa similitude foi percebida pelas Manas e aparece nas entrevistas quando questionadas sobre como percebem a cidade. O imaginário deu lugar à aproximação ao conhecido e muitas vezes o sentimento de esperança foi materializado.

Quando eu cheguei, eu não fiquei morando aqui em Palmas, eu fui morar em Miracema, eu morei quatro anos lá [...]. Aí uma vez que a gente veio com mais tempo, que a gente veio a passeio a Palmas, aí o meu marido falou assim: “Olha só essa região aqui”. A gente estava andando ali nas secretarias. Falei: “Isso aqui parece os ministérios em Brasília, né?” Meu esposo falou assim: “É! Eu ouvi dizer que Palmas foi projetado em cima de Brasília, eles pegaram a visão de Brasília e projetaram aqui” (JANEIDE, 2023).

A cidade superou minhas expectativas por um lado e por outro não. O lado bom é que eu conquistei algumas coisas que me propus a conquistar. E, por outro lado, eu perdi coisas e pessoas, como meu marido que faleceu, como meus filhos que foram embora, porque não encontravam emprego na área deles. Mas Palmas deu uma oportunidade maravilhosa de estudo para eles. Então, eu fui a única que permaneceu em Palmas,

porque eu adotei Palmas, não quero sair de Palmas. Daqui, da minha casa, só saio para o cemitério. Não abro mão de Palmas não, outro lugar, para mim, não me cabe (MARIA MARTA, 2023).

Minha mãe esses dias ligou e perguntou: “O que está acontecendo em Palmas que você tá gostando tanto?”. Eu falei assim: “Eu acho que que eu tô me encontrando aqui, antes tava mais difícil, mas agora tenho muita amizade”. Por isso que eu peguei tanta atividade. Pra suprir o vazio e deixar de sentir saudade (FLAVIANA, 2022).

O espaço causa no migrante uma impressão que vai além da materialidade das formas. Apesar de uma estética ter sido deliberadamente criada para a cidade de Palmas (Lynch, 2011), o plano imaginário complementa a percepção dos migrantes, remetendo tanto a espaços e lugares quanto a oportunidades de uma nova vida, fazendo surgir um sentimento de satisfação com o lugar e reciprocidade com os demais habitantes. O imaginário desempenha um papel significativo na formação das aspirações e das decisões dos indivíduos em relação à mudança de localidade, semelhante à construção de Brasília, que pretendia ser a representação de um país de vanguarda. Essa pretensão, porém, se tratava de um discurso para construir uma consciência coletiva validadora de modelos econômicos e políticos menos tradicionais, que têm em seu escopo o aprofundamento da lógica capitalista (Silva, 2008). Palmas não fugiu ao modelo. Também foi fortemente construída sobre representações que direcionariam o comportamento popular de uma determinada maneira. O teor desenvolvimentista do planejamento urbano para o Plano Diretor de Palmas ressoou para os novos habitantes e foi também percebido nas entrevistas.

Eu não imaginava como era Palmas, não tinha nem ideia na minha cabeça de como era Palmas, mas eu me surpreendi quando eu cheguei aqui, da dimensão que Palmas é, e nem das possibilidades que Palmas traz (PATRÍCIA, 2021).

Durante o processo de urbanização de Palmas, que ocorreu a partir da década de 1990, o imaginário desempenhou um papel crucial ao criar uma imagem positiva e promissora da cidade. Essa imagem foi construída a partir de diferentes estratégias, como a divulgação do potencial econômico, as oportunidades de trabalho e o desenvolvimento urbano planejado.

Meu marido conseguiu um emprego aqui, aí a gente veio. Eu tive que começar tudo do zero (BEATRIZ, 2022).

Foi há cinco anos atrás, quando eu mudei de Luís Eduardo Magalhães para Palmas. Viemos eu, meu filho e meu marido, só nós três, sem mais ninguém da família, sem ninguém, sem amigos. Me virei sozinha, na capital, né? Meu marido trabalha na lavoura, e o filho está sempre na escola, e eu ficava meio desnorreada (GIANE, 2021).

Meu esposo é militar, então a gente foi transferido do estado de onde morávamos para um outro estado, e eu comecei [a fazer artesanato] como uma forma de manter a mente ocupada e porque lá era difícil voltar para o mercado de trabalho. Até tentei, mas não deu certo. Então era mais como um passatempo, como um *hobby* (LISIANE, 2021).

Embora a maior parte dos relatos das Manas sobre a chegada à nova cidade seja de mulheres que acompanharam os cônjuges, o reforço aos estereótipos de gênero deve ser evitado. Assim se faz significativo considerar a perspectiva feminina ao analisar as experiências migratórias. As mulheres geralmente enfrentam desafios únicos durante esse processo, como a conciliação de papéis familiares e profissionais e a adaptação a novas normas de gênero e papéis sociais. Portanto, compreender como elas elaboram mentalmente e vivem emocionalmente seu trajeto migratório é crucial para garantir uma análise abrangente e sair de estereótipos de gênero.

Conforme esclarece Castoriadis (2000), a vida cotidiana é composta por todas atividades e interações que ocorrem no dia a dia, como trabalho, estudo, relacionamentos, entre outros. Essas vivências têm impacto em nossas ações, pensamentos e comportamentos, influenciando diretamente nossa maneira de ser no mundo. Estamos inseridos em instituições sociais, estruturas organizadas que regulam e orientam as relações entre os indivíduos, colaboram na coesão social e oferecem redes simbólicas que são sistemas compostos por símbolos, representações e significados que atribuímos a coisas e relações sociais. Esses símbolos e significados são construídos socialmente e compartilhados entre membros de uma determinada sociedade. Grupos como instituições religiosas, família, trabalho e outras instituições colaboram para que o indivíduo crie uma relação de pertencimento com o espaço, por meio do estabelecimento de canais de interação social.

Na verdade, no começo, eu sentia muita falta de Goiânia, por conta da família e também pela praticidade de achar as coisas, de comprar as coisas, de ter as coisas, mas, como Palmas também foi crescendo e aí tem muitas coisas que a gente acha, que a gente precisa, gente acha, então assim é eu assim eu amo morar aqui. Então, quando eu cheguei, eu nem imaginava como era essa cidade, mas, eu chegando aqui, eu já fui me apaixonando pela cidade, pelo clima, pelas pessoas e não pretendo sair daqui tão cedo (PATRÍCIA, 2021).

A perspectiva da mulher perante o trajeto migratório deve considerar o esforço necessário para rearranjar os vínculos que colaboraram para adaptação e integração à nova sociedade. Poucas foram as narrativas de artesãs que se deslocaram para Palmas em busca de trabalho, como as explicitadas abaixo.

Eu estou morando em Palmas há um ano e sete meses, sou de Belo Horizonte, vim pra cá transferida pela empresa em que trabalho no intuito de ver se filial dá certo. Ver se as pessoas daqui se adaptam ao produto, que já tem quarenta e dois anos que tá no mercado (FLAVIANA, 2022).

Eu vim pra cá com uma propaganda de que aqui havia concursos, havia possibilidades de trabalho e eu peguei essas possibilidades pra mim. Palmas supriu, sim, essas expectativas do ponto de vista de me proporcionar concursos (ALBÂNIA, 2023).

Essa análise nos permite compreender razões e motivações dos migrantes, como também nos lembra da necessidade de equilibrar as expectativas com as realidades e os desafios enfrentados pelas cidades em desenvolvimento, em face da potente força imagética criada em torno do espaço urbano. Entre os componentes simbólicos, relevantes para compreender o imaginário sobre a construção da cidade de Palmas, o desenvolvimento sustentável tem papel de destaque. A qualidade de vida é parte desse constructo do imaginário urbano, composto por elementos econômicos, culturais, ambientais e comportamentais. Esse termo, ainda muito subjetivo, abarca a integração de fatores que compõem a representação social sobre o que proporciona uma boa experiência urbana, entre eles, estão o equilíbrio ecológico e a sustentabilidade (Silva; Souza; Leal, 2012). Nesse sentido, as migrantes que participam da feira apresentam diversas narrativas em torno da importância da qualidade de vida oferecida e a encontrada quando realizaram a mudança para a nova cidade.

Eu conhecia Palmas quando eu morava no Maranhão. Eu conheci Palmas há 8 anos atrás, e eu sempre achei uma cidade muito bonita, muito limpa. Eu sempre fui apaixonada por Palmas, tanto que eu até brincava com meu esposo que, se a gente tivesse uma oportunidade de vir morar aqui, a gente nem pensava duas vezes, a gente ia vir, porque eu sempre fui apaixonada por Palmas. Aí ele foi transferido pra cá (BEATRIZ, 2022).

E uma das coisas que eu admiro muito na cidade de Palmas é a quantidade de pássaros, né? As árvores frutíferas eu acho que ainda é pouco. Porque, pelo calor que faz aqui, nós necessitaríamos de muito mais árvores, né? Mas, em vez de plantar árvores que dão sombra, eu queria que a prefeitura também se preocupasse em plantar árvores frutíferas. Porque eu mesmo sou uma das pessoas que pega o caju, manga e outras frutas pela cidade, na época em que elas estão produzindo. Eu faço um acordo com os passarinhos que numa altura que dá pra mim pegar são minhas. As que estão no alto são deles. E assim não falta nem pra mim e nem pra eles (MARIA MARTA, 2023).

O projeto urbanístico da mais jovem capital da Federação reflete, além de seu apego pelo novo e pelo moderno, a busca pelo equilíbrio ambiental. A simbologia ligada à consciência ambiental e social e a preservação de áreas verdes foram materializadas em bosques, praças arborizadas e jardins e estão presentes na paisagem urbana e se mesclam com a ideia de modernidade, vivacidade e energia que impregnam os discursos sobre Palmas (Velasques, 2010). Esse modelo de urbanismo, entretanto, quando colocado em prática na cidade de Palmas, se reflete em vazios urbanos e em paisagismo muito semelhante à capital federal, repleta de áreas verdes, que na verdade são canteiros gramados com poucas espécies de árvores e arbustos paisagísticos, restando pouco da flora original da região. Além dessa realidade, a cidade que se coloca como a capital futurista contemporânea, que se baseia nas mais modernas concepções de

arquitetura, também foi percebida como atrasada em termos de infraestrutura social pelas migrantes.

Quando eu me mudei para Palmas, eu esperava uma cidade mais desenvolvida, porém, como era uma cidade que ainda estava em construção, na realidade, ela não supriu todas as minhas expectativas. Eu achava que eu conseguiria ter aqui muito mais infraestrutura, de lazer, e não tínhamos, até em termos de estudo deixava a desejar. Agora não, após 22 anos estando aqui na cidade de Palmas, ela já é uma cidade que supre boa parte das minhas expectativas (SUEN, 2023).

Um dos principais fatores que estimularam a migração para Palmas foi o imaginário de uma cidade moderna e planejada. A capital foi projetada e construída de forma a oferecer qualidade de vida, com ruas arborizadas, espaços públicos bem estruturados e áreas destinadas à preservação ambiental. Essa visão atraiu muitos migrantes em busca de uma cidade que proporcionasse melhores condições de existência. As discussões sobre as demandas ambientais ocorridas durante os anos de 1970 e 1980 influenciaram a incorporação do conceito de cidade sustentável enquanto indicador da qualidade da vida nos centros urbanos, mas não se seguiram, exatamente, os princípios para desenvolver uma vivência sustentável para todos e todas. A interligação entre sustentabilidade e qualidade de vida no consciente coletivo foi um movimento cooptado pelo setor imobiliário e pelas grandes incorporadoras e convertido em estratégia de *marketing* para novos empreendimentos.

De igual maneira, os gestores públicos utilizaram o arcabouço simbólico e imaginário das cidades sustentáveis e do equilíbrio ambiental como estratégia de *marketing* e propaganda para atrair migrantes para as cidades recém-construídas. Fundada em 1989, no ano de 1991, Palmas já era habitada por cerca de 25 mil pessoas, residindo entre a Serra do Lajeado e o rio Tocantins, que, após represado, em 2002, formou o lago da Usina de Lajeado. Esses marcos naturais e o projeto urbanístico deram à cidade uma forte característica paisagística e bastante comercial, em especial em áreas próximas de elementos naturais, como os parques e o lago (Teixeira, 2009).

Eu vivi 52 anos no Rio de Janeiro. Para mudar para cá, eu fui muito impulsiva. Falei: “Vamos fazer! Vamos embora. Bora! Bora arrumar as coisas!”. Eu arrumei as coisas e vim para cá. A família toda mudou para cá. Chegamos em Palmas e só conhecíamos duas pessoas: meu filho e minha nora. Como você vem para um lugar em que você não conhece ninguém? Aqui é totalmente diferente do Rio de Janeiro! É uma capital do interior, digamos assim... Cheguei aqui e falei: “Gente, o que que eu tô fazendo? O que eu fiz da minha vida?” (RENATA, 2022).

Essa impulsividade no ato de mudar-se para a nova cidade, narrada pela informante, é reflexo comportamental de um denso aparato simbólico, construído para o objeto de desejo em questão: viver na cidade de Palmas. Imagens, simbologias, ideia de cidade moderna e alinhada

com os princípios de sustentabilidade, enquanto arcabouço imagético da jovem capital do Tocantins, ofereceram materialização nos prédios públicos, nas praças e nos monumentos, fortalecendo o arcabouço identitário da cidade como fruto da pós-modernidade (Silva, 2008, 2010). Silva (2008, 2010) destaca que as RS sobre Palmas relacionam a mais jovem capital do Brasil aos movimentos estéticos contemporâneos, à ideia de cidade projetada para o futuro. As áreas verdes e a parte central são alegorias importantes do modelo de urbanização planejado, aparentando proximidade entre o meio natural e os locais de morada. Essa força intelectual estruturou uma onda migratória para o Norte do país.

Porém, percebe-se que os princípios da sustentabilidade ideologizados ou não foram materializados em um ambiente urbano sustentável ou se mantiveram restritos à área central da cidade, uma porção privilegiada, que conta com infraestrutura, segurança, mobilidade, em especial se comparado às porções mais periféricas do perímetro urbano.

Para Lynch (2007, 2011), a identidade da cidade se apresenta por meio de seu significado ou de como cada um de seus elementos se apresentam a seus habitantes, revelando a relação que as pessoas têm com o meio, como se sentem, o que desejam, suas memórias e como os lugares são utilizados em função da maneira como são percebidos. Assim como o social reflete no urbano, o urbano molda o consciente social em alguma medida. Palmas é um exemplo de cidade que existe primeiro no imaginário. Os habitantes da capital acabam percebendo o planejamento urbano a partir dos modelos de cidade que conhecem. Em geral, esse modelo anterior é permeado de problemas e desilusões provocados por grandes aglomerados humanos.

Eu tenho, vai fazer vinte e dois anos. Vim pra cá para ter uma vida mais tranquila (ANAMARIA, 2022b).

Eu acho legal, gosto daqui, é uma cidade bonita, uma cidade tranquila em vista das capitais grandes, é uma cidade muito tranquila. Eu acho que é um lugar muito bom para qualquer pessoa vir morar. Pelo menos, por enquanto, está tudo muito calmo, tranquilo. O índice de violência aqui é muito mais baixo que nas outras capitais, então acho que vale a pena (JANEIDE, 2023).

O poderio simbólico emitido pela criação da capital atrai aqueles que, cheios de esperança em um futuro melhor, se mudaram para a nova capital, ostentada como sendo a mais jovem capital planejada. O imaginário de cidade projetada para o futuro, por mais fantasioso que fosse, foi deliberadamente articulado para atrair e manter novos moradores que levariam esse projeto urbanístico à frente. Bezerra (2013) relata como o discurso dos pioneiros de Palmas reflete a memória sobre a migração, de quem, buscando felicidade, consumiu o imaginário formulado para a cidade.

Olha só, [Palmas/TO] é uma cidade linda, planejada, quente, mas eu vejo possibilidades “n” de negócios, de amizades, de prosperidade. Eu assim, particularmente, sou apaixonada por Palmas (PATRÍCIA, 2022).

Eu acho a cidade de Palmas uma cidade boa para morar, que ainda não tá tão grande, não tem tanta violência ainda, é muito arborizada. Eu gosto de morar aqui, apesar do calor, que é muito quente, mas eu gosto (ALIETE, 2023).

A imposição de um arcabouço imagético absorvido pelo discurso dos migrantes, segundo Oliveira (2012), é uma estratégia que tem a intenção de fortalecer o local de pertencimento e dar subsídio ao movimento separatista, que fundou o estado do Tocantins. Então, atrair e fixar uma população foi estratégia fundamental para consolidar a implantação do novo estado e para a consolidação das estruturas próprias de poder e governança.

Por isso, a população não se rebelava contra a forma utilizada para governar, para não ser excluída do processo de estruturação e consolidação do Estado. Nessa relação, os migrantes e a população histórica radicada no Estado, para não perderem a perspectiva de pertencimento em construção, não ousavam contrariar diretrizes político-partidárias do governo determinada pela ideia de união (Oliveira, 2012, p. 65).

A construção de uma identidade social para o morador dá fixidez ao processo de instalação em um novo lugar. O poderio político colaborou diretamente para a criação dessa imagem, não só como subsídio ao imaginário sobre a capital, mas estendendo a todo estado. Anjos (2017) esclarece que a iniciativa de institucionalizar um modelo cultural regional e um complexo imaginário sobre o Tocantins e sua capital esteve presente na pauta alavancada por um projeto político para o estado e concretizado por seus gestores, em especial desconectando-a culturalmente do estado de Goiás.

Não sou só eu que sou diferente aqui. Todo mundo veio de fora. Eu me senti em casa, né? Quer dizer. Porque, quando a gente chega numa cidade que é todo mundo daquela cidade e você é de fora, a gente fica sentindo um patinho feio. Aqui não (FLAVIANA, 2022).

A concepção do Plano Diretor de Palmas serve, como em Brasília/DF, para reafirmação de *status*, poder ou prestígio, imprimindo no espaço a dominação sobre a classe trabalhadora e os grupos socialmente marginalizados. Apesar de ser considerada uma cidade planejada, Palmas não está imune às influências políticas, econômicas e jurídicas na organização do espaço, em especial no que tange ao capital imobiliário e fundiário, que, atendendo a necessidades particulares e cambiantes ao longo do tempo, gerou discrepâncias no plano original, algumas intencionais, outras não (Bessa; Oliveira, 2017). Desde a concepção do estado até a determinação do local no qual foi construída a capital, o poder público interferiu arbitrariamente, atingindo, na época, pequenos proprietários de terras.

Antes de morar aqui, eu não tinha nem muita ideia do que era Palmas. Porque eu me lembro só de quando ela foi fundada, que teve aquela correria, aquele tumulto. Era muito pó, muita dificuldade, aquele corre-corre, muito sofrimento às pessoas, vim trabalhar de outros lugares. Mas valeu a pena para aqueles que enfrentaram e as coisas que hoje estão conquistando. Eles conquistaram através de seus sacrifícios, então acho que valeu a pena (TEREZA, 2021).

Assim como percebido por Bezerra (2013), acompanhar o surgimento e o desenvolvimento da cidade, criar laços com outros moradores e permanecer nela fazem com que os migrantes se sintam protagonistas de uma história individual e coletiva. Em Palmas, muitos são os migrantes que não permanecem na cidade, os motivos variam desde as questões climáticas, passando por fatores econômicos e estruturais.

Em especial na América Latina, o Brasil passou a receber um fluxo, cada vez mais intenso, de pessoas oriundas dos mais diversos lugares. As migrações femininas são, muitas vezes, invisibilizadas em decorrência de uma quantidade relativamente grande de migrantes homens que se deslocam em busca de emprego, dinamizando os deslocamentos entre nações por todo mundo. No mais das vezes, essas migrações também são consideradas reflexo dos arranjos sociais de gênero, em que a mulher estabelece um local de cuidados junto à família, na lógica de *care circulation*, ou ciclo de cuidados, conceito atribuído às mulheres migrantes não provedoras econômicas de suas famílias e que migram acompanhando e cuidando de seus familiares (Baldassar; Merla, 2014). Porém, entre as emigrantes no Brasil, percebe-se que há alto interesse em aderir ao mercado formal de trabalho. Segundo estudo realizado por Tonhati e Macedo (2020), embora grande parte das mulheres vindas de países próximos (Venezuela, Haiti e Cuba, em sua maioria) para o Brasil busque o mercado formal, elas ocupam apenas 30% dos postos de trabalho dos migrantes. Do total de carteiras de trabalho emitidas para estrangeiras, 30% jamais são usadas para registro de emprego.

Em relação à idade, a maioria das imigrantes com vínculo formal de trabalho no Brasil são mulheres jovens, de idade de 20 a 39 anos, com nível de instrução correspondente ao ensino médio completo e proveniente dos países do Sul Global, com destaque para as haitianas, venezuelanas, cubanas e paraguaias (Tonhati; Macedo, 2020, p. 152).

Essa configuração do trabalho de estrangeiras no Brasil demonstra processos de exclusão que vão para além da dificuldade de adaptação ao trabalho em uma nova realidade. Há fatores estruturais que compõem o desemprego de mulheres, em especial as migrantes em nossa realidade. É possível perceber uma circulação interna de mulheres que acompanham familiares em movimentos migratórios, mulheres que deixam seus postos do local de origem e migram sem

perspectiva de emprego formal ou que são essenciais para a manutenção dos cuidados domésticos e com seus filhos, pais e cônjuges.

Os desenvolvimentos no campo da investigação sobre o cuidado (*care*) indica que o deslocamento feminino está conectado ao papel historicamente atribuído de mãe, esposa, dona de casa a mulheres (Baldassar; Merla, 2014). Para as Manas, essa é uma realidade bastante presente. Algumas das narrativas já expressaram essa situação. As participantes da feira têm histórias diferentes de como chegaram ao Tocantins, mas, em sua imensa maioria, as narrativas demonstram a migração do ciclo de cuidados brasileiro.

Eu comecei a trabalhar com artesanato em 2012, por conta de nossa primeira transferência. Meu esposo é militar, então a gente foi transferido do estado de onde morávamos para um outro estado, e eu comecei [a fazer artesanato] como uma forma de manter a mente ocupada e porque lá era difícil voltar para o mercado de trabalho. Até tentei, mas não deu certo (LISIANE, 2021).

Eu morei em Brasília 34 anos, mas eu sou pernambucana. Eu sou nascida em Pernambuco. E eu estou aqui no Tocantins desde 2000. Eu saí de Brasília e morei quatro anos em Balbina, uma vila da Eletronorte lá no Amazonas. Aí, de lá a gente veio pra cá, e ficamos quatro anos em Miracema e depois viemos pra Palmas por causa da transferência do meu marido que trabalhava na Eletronorte (JANEIDE, 2023).

Na época que eu mudei pra cá, foi porque meu marido passou em um concurso e veio trabalhar aqui (PATRÍCIA, 2022).

Lá no Rio foi que a gente começou, meu pai trabalhava, minha mãe não trabalhava. Então papai sofreu um acidente de carro em 1991. Aí mamãe teve que começar a ajudar no sustento da família, porque a renda dele caiu demais. Então, mamãe começou a me ajudar. Quando nós viemos pro Tocantins, meus pais trabalhavam com feira, alimentos. E eu cheguei depois que eu me formei em fisioterapia, eu vim pro Tocantins+ ficar com eles e não conseguia emprego. Então eu fiquei com eles na feira (SUEN, 2023).

A gente veio pra cá [Palmas/TO] no meio da pandemia. Eu morava em Rio Verde até então, e lá eu vendia muito bem. Meu marido conseguiu um emprego aqui, aí a gente veio pra cá, e eu tive que começar tudo do zero (BEATRIZ, 2022).

De diferentes maneiras as Manas chegaram a Palmas como parte do ciclo interno de cuidados. Apenas duas das participantes das Manas vieram para cidade por iniciativa própria. Flaviana veio trabalhar como representante comercial de uma marca para gerenciar uma loja de roupas íntimas femininas. E Albânia se mudou para Palmas a fim de prestar concurso, hoje é, além de artesã, servidora pública na Universidade Federal do Tocantins.

A Feira das Manas parece articular, mesmo que não intencionalmente, as acepções do termo *Manas*: mulheres migrantes que uniram forças e propósitos para implementar uma atividade de feira com finalidade de divulgar e alavancar seus negócios no ramo alimentício e de

artesanato, saindo da condição de exclusão. Sua essência conta com fatores que as une como irmãs, em torno de um projeto: o empoderamento, fator que ainda será tratado adiante.

Apesar de Palmas ser planejada, os problemas habitacionais na cidade são uma constante, não fugindo da realidade da maioria das capitais brasileiras. As partes centrais da cidade são supervalorizadas, nela ainda podemos encontrar imensos vazios urbanos, fruto da especulação imobiliária, que aumenta sensivelmente os custos de urbanização. A segregação social é bastante visível (Bazolli, 2009). No caso de Palmas/TO, a atuação dos agentes do setor imobiliário e dos gestores públicos, na distribuição, no uso, na liberação, na venda e na demarcação de áreas, acabou por supervalorizar as áreas centrais da cidade. No Plano Diretor, porção central, estão a maior parte das entidades públicas, as habitações de luxo, os parques, as grandes redes comerciais, os *shopping centers*, a rede de bancos. Esses locais são referência da população como local de trabalho. Esse processo intensificou a periferização de uma parte da população.

O território mais central da cidade, chamado de Plano Diretor, está subpovoado, enquanto nas áreas mais distantes do centro da cidade foram fundados conjuntos habitacionais, e a população com menor poder aquisitivo vive fora do Plano Diretor, de forma desordenada, nas porções periféricas do tecido urbano, nem sempre atendidas pelo poder público. Na prática, a urbanização da cidade reflete o mesmo modelo excludente – com baixa eficiência ecológica – das demais cidades brasileiras, e o componente ambiental serve somente à legitimação de projetos econômicos e políticos, como um “capitalismo verde” (Ariès, 2013).

A distribuição desigual do espaço urbano foi largamente fomentada por políticas de gestão municipal. A posse do monopólio da violência institucionalizada, a legalidade do cargo e a ordem discursiva ideológica são utilizadas pelos operadores do estado e legitimam ações engendradas a favor de grupos privados específicos (Lucini, 2018).

Os princípios de urbanismo sustentável desde o projeto, introduzidos em alguns dos elementos urbanos e que colaboraram para alimentar o imaginário sobre a cidade, não obtiveram materialização exitosa. Os reflexos da proposta de qualidade de vida e sustentabilidade, quando se materializaram, foram exclusivos às camadas mais abastadas da população, moradoras das regiões centrais. Concomitantemente, o modelo de distribuição e ocupação do território marginalizou espacialmente a porção mais empobrecida da classe trabalhadora para as áreas consideradas periféricas. Assim, o simbólico e o concreto interagem para produzir a cidade que aparta ao invés de incluir (Carvalho; Pereira; Santos, 2018; Lucini, 2018; Silva, 2010).

Na proporção inversa de que Palmas é bela e te dá oportunidades, ela também te torna um ser isolado. Então, não me senti incluída quando mudei pra cá. Eu olhava ao redor, eu olhava a paisagem, eu olhava para a cidade e eu pensava: “O que eu estou fazendo aqui?”. Não parecia uma cidade, parecia um tabuleiro com aquelas montagens, mas não parecia uma cidade, que eu vou chamar de cidade orgânica, que é uma cidade com pessoas, com ruas que têm nomes, com vielas, com becos, com a realidade com a qual eu vivi por 31 anos. Então, eu tinha uma ideia, uma imagem de cidade que era a minha cidade, e as cidades circunvizinhas, as cidades da minha Paraíba (ALBÂNIA, 2023).

Então... Eu acho que é um lugar bom para se viver. Em relação aos parques, realmente, aqui tem muitos, mas infelizmente eu não usufruí muito não, tudo devido ao clima ser muito quente. Assim... Eu não saio muito. Não gosto muito de sair, mas eu acho que são espaços bons para usufruir. Precisam de manutenções constantes e mais cuidado, tanto do poder público como também da população, porque não adianta só o poder público fazer e a população também não colaborar. Muitas das vezes têm falhas, principalmente por culpa das pessoas também que, em vez de cuidar, destroem as coisas (ALIETE, 2023).

Palmas/TO, além dos espaços vazios, tem a distribuição de quadras, alamedas e avenidas dispostas em relação ao centro da cidade e às duas vias principais, a Avenida JK (Juscelino Kubitschek) e a Avenida Teotônio Segurado, que representam seus caminhos mais significativos e as principais rotas de deslocamento. Os deslocamentos a pé são feitos pelos passeios, por dentro das quadras ou pelas vias públicas, em geral, para curtas distâncias. A Feira das Manas optou por não se fixar em local algum, mas atuar de forma itinerante em alguns importantes marcos de Palmas. Os marcos são pontos de referência para os habitantes e frequentemente utilizados como marcadores referenciais da cidade.

É preciso ressaltar que, em Palmas, há espaços públicos destinados a feiras, com estrutura coberta e organizada para receber público e proteger os frequentadores das manifestações climáticas, porém, as edições da Feira das Manas ocorrem, preponderantemente, em parques, praças ou na orla da Praia da Graciosa. Essa localização espacial do evento pode estar relacionada às representações das Manas sobre a cidade. Para tanto, faz-se necessário refletir sobre a relação entre a feira e o espaço urbano, e como outros fatores podem ter influenciado a escolha das artesãs para esse tipo de atividade, além da escolha do grupo em realizar uma feira itinerante. Para tanto, será necessário trazer as demais categorias para dialogar a fim de construir uma análise das informações produzidas pela pesquisa.

6 NAS FEIRAS, A ECONOMIA, A CULTURA E O AMBIENTE SE ENCONTRAM?

A consolidação do ordenamento urbano é resultado de processos de transformação da/natureza nativa e do território, além do produto da produção e da reprodução do espaço geográfico, no qual o modelo econômico vigente na sociedade direciona a técnica e a ciência para a transformação do ambiente, atendendo aos anseios dos grupos que têm maior poder aquisitivo. Somente parte da população tem fácil acesso ao circuito econômico urbano, enquanto outra parte somente tem acesso ao circuito inferior da economia, em especial quando observadas as cidades dos países subdesenvolvidos (Santos, 1979). No circuito inferior, localizam-se grande parte dos trabalhadores informais, autônomos e pequenos produtores urbanos, bem como as feirantes, participantes desta pesquisa.

As feiras urbanas, em seu formato atual, têm profundas raízes históricas. Seu surgimento, em formato itinerante, coincide com o ressurgimento das cidades, durante a transição da Idade Média para o modo de produção mercantilista. Segundo Sato (2012), vocábulo *feira*, cuja origem está no latim *feria*, que significa, em uma tradução livre, um dia de descanso ou de festa, evoca a ideia de comemoração, uma vez que retoma as feiras realizadas nas proximidades das igrejas, nos dias de celebração religiosa ainda durante o período medieval. Então, as feiras ocorriam próximas aos locais de culto somente em datas especiais, porém, os feirantes não submetiam a organização econômica ou espacial dos locais de venda e trocas à autoridade eclesiástica. Desde então, a feira aparece com um certo teor de subversão à ordem.

Ainda sobre o vocábulo *feira*, salienta-se que os nomes dados às coisas estão intimamente ligados à organização material delas. Em Portugal, os dias da semana receberam a adição da palavra *feira* (segunda-feira, terça-feira etc.), pois indicavam os dias, na antecedência do período da Páscoa, em que as autoridades permitiam a instalação de comércio de rua nas proximidades dos locais de celebração, e esses eram considerados dias livres ou de “feira”. Essa foi uma iniciativa apoiada pela autoridade religiosa, pois assim se modificaram os nomes dos dias da semana anteriormente utilizados e que faziam referência ao Sol e à Lua, aos planetas, como ainda o são na língua espanhola e foram considerados nomes pagãos e abolidos com influência da Igreja Católica em diversos países.

À medida que as feiras se consolidaram como ambientes de comércio intenso e labuta, os nomes se consolidaram e passou-se a se usar a palavra *feira* anexa aos dias de trabalho (Liska; Lima, 2020). A criação vocabular e a manifestação econômica e social das feiras no tecido urbano

são movimentos de vínculo insolúvel. Enquanto instituições do comércio popular, as feiras representam um fenômeno urbano ancestral que ainda é bastante comum na atualidade. Aprofundar sobre essa historicidade pode trazer respostas sobre a ancestralidade do que é ser feirante.

6.1 Uma breve narrativa sobre a história das feiras

Esse modelo de comércio, que assumiu diferentes modelos ao longo do tempo, na contemporaneidade, representa uma adaptação às necessidades e ao contexto do circuito inferior da economia urbana, de diferentes formas e em diferentes agrupamentos urbanos. Em diferentes contextos e países, as feiras representam uma forma embrionária de organização comercial urbana. Essas formas tradicionais de atividade varejista têm uma historicidade que remete a 2000 a.C. e coincide com o advento de algumas das grandes cidades mundiais. Os primeiros relatos desses eventos encontram-se dispersos em espaço e em uma linha temporal que vai desde a Grécia Antiga, passando pela Índia entre 1500 a.C. e 500 a.C. até regiões da África e da Ásia, antes mesmo de se tornar um fenômeno observável no continente europeu, onde, após a Idade Média, colaborou para fundação de diversas cidades (Mumford, 1982).

Os relatos mais consistentes sobre as feiras na Antiguidade as relacionam às primeiras caravanas de comércio. Muitas das caravanas comerciais se encontravam periodicamente em locais pouco habitados para realizar trocas. Essas rotas de viajantes dificilmente respeitavam limites geográficos, tanto para criação de rotas, quanto para promoção dos encontros para troca, tornando-se, paulatinamente, locais fixos de feiras.

Foi durante a expansão do Império Romano que o comércio de rua não organizado se consagrou na Europa. O comércio urbano e a feira eram, em um primeiro momento, equivalentes e só se dissociaram com o passar do tempo e com a regularização do uso do solo urbano e as leis protetivas das atividades comerciais e do trabalho (Allix, 1922). Segundo Allix (1922), as feiras eram ambientes em que pessoas se encontravam para, por meio da troca, sanar suas diferentes necessidades. Eram considerados ambientes neutros, se comparados à belicosidade de alguns povos e à insegurança das relações sociais de então. Nas feiras ou *marketplaces*, as caravanas de feirantes se utilizavam de diversos artifícios de coercitividade a furtos e violência, para garantir a segurança de caravanas, comerciantes e consumidores, com a intenção de atrair mais público

consumidor, fazendo das feiras um lugar de relativo respeito a leis e normas de convivência estabelecidas nesses espaços.

No Norte da Ásia, esse tipo de comércio tinha sazonalidade anual, devido a distâncias percorridas pelas caravanas de comércio, assim, multidões eram atraídas para áreas em que costumeiramente as caravanas faziam paradas. O estabelecimento de comerciantes fixos e moradores no entorno desses espaços passou a ser uma questão de tempo (Allix, 1922).

Algumas das aglomerações comerciais itinerantes eram realizadas próximas aos locais de festas e de celebrações periódicas, tanto as que marcavam o início de estações climáticas e as colheitas quanto as que eram regidas por rituais da fé predominante no local. Allix (1922) e Bakhtin (1999) narram a trajetória histórica dos espaços de trocas e sua progressiva transformação em ambientes de comércio popular. Segundo os relatos históricos realizados por esses autores, as caravanas de mercadores buscavam os locais mais adequados para fixar espaços de troca, o que favoreceu a periodicidade desse tipo de evento, gerando a intermitência temporal na realização do que viriam a ser as primeiras feiras. Outros fatores, como calendário das festas religiosas, território e clima, influenciaram na sazonalidade dos mercados que paulatinamente foram se fixando e transformando seu entorno. Nessas ocasiões, os vendedores ambulantes de alimentos, produtos religiosos, diversos tipos de utilidades, animais de pequeno porte, brinquedos e também os artistas de rua aproximaram suas atividades das áreas em que eram realizadas as feiras. Esses mercados se tornaram mais comuns desde o século V a.C., e um modelo de comércio foi sendo estruturado a partir da cultura popular.

Nos países cristãos, as feiras passaram a acompanhar as celebrações durante as estações quentes na Europa. O clima também pareceu ditar o ritmo e o volume das aglomerações de trocas, porém, segundo registros, a coincidência desses eventos com festividades religiosas ou políticas colaborou para a sua paulatina fixidez (Bakhtin, 1999).

Esse é um modelo de comércio profundamente arraigado na cultura popular, embora a materialização do comércio popular seja moldada, ao longo do tempo, em decorrência das normativas do comércio formal nas cidades e da cultura do povo em que foi estruturado. Em várias cidades do globo, desde Meca, na Arábia Saudita, até em pequenas cidades brasileiras, as festas religiosas ainda atraem vendedores ambulantes, feirantes tradicionais e ocasionais para o entorno dos locais em que são celebradas. Muitas dessas feiras tornaram-se eventos em si, atraindo um público próprio.

Foi na Idade Média que a tradição das feiras se tornou referência para a formação do setor econômico das áreas urbanas em parte da Europa. No século XII, as feiras eram espaços de troca e sociabilidade muito relevantes para a vida dos cidadãos, em especial nas pequenas comunidades e, em alguns casos, foram responsáveis por fomentar o surgimento de cidades em torno de si. Esses ambientes eram tão relevantes à vida coletiva que chegaram a rivalizar, tanto em importância econômica, quanto social, com a Igreja. Por vezes pode ser erroneamente creditada exclusivamente a proprietários de terras a responsabilidade pela determinação de áreas e faixas de terra que se transformaram, posteriormente, em espaço urbano, tendo em vista que os documentos sobre transferências de terras são uma importante fonte histórica. Todavia, o motor que impulsionou a aglomeração de pessoas nos territórios que dariam origem a diversas cidades foi comercialização e troca de mercadorias em feiras, conforme resgatou Walker (2015).

A historicidade das feiras mostra que esses são ambientes de fixação de pessoas, que geraram diversas formas de ocupação do espaço. As vias de troca, existentes antes do século X, se mantiveram relativamente ativas com o passar do tempo: a modificação do modelo produtivo e a instituição de regulamentações econômicas e fundiárias. Algumas rotas comerciais, enquanto entreposto para troca de produtos específicos, como as feiras de Saint-Denis e Champagne, que eram feiras de vinho até o século XII, se solidificaram como centros comerciais variados. Champagne, em especial, se tornou um dos principais polos de comércio de tecidos, que dominou o mercado no ramo por quase dois séculos (Fourquim, 1979).

As grandes feiras temáticas, como Flanders (Bélgica), Champagne (França), Kiev (Ucrânia), Nijni Novgorod (Rússia), Leipzig (Alemanha), entre outras, foram suplantadas à medida que as rotas comerciais foram substituídas por ferrovias, o que descartou a necessidade de caravanas para transporte e comercialização de produtos. As vendas passaram a ser feitas por interpostos comerciais ou por representações, e as mercadorias avaliadas por meio de amostras. Essa sistemática estruturou o comércio internacional, e as grandes feiras temáticas, também chamadas de feiras de *commodities*, deixaram de ter os moldes do comércio popular realizado durante a Idade Média para se transformarem em verdadeiros eventos em que vendedores expunham amostras dos produtos e recebiam encomendas de representantes comerciais (Allix, 1922). Os encontros entre vendedores e compradores se tornaram cada vez mais raros, e o comércio exterior se organizou até assumir diversos formatos: feiras livres, feiras de parque de diversão, feiras de *commodities*, feiras de exposição, feiras de artesanato etc.

Outros intervenientes colaboraram para o declínio do modelo anterior de feira e sua reestruturação conforme a cultura local. O advento do comércio urbano formal, com a sedentarização dos mercadores e o fim do nomadismo, foi parcialmente responsável por essa mudança, mas é preciso salientar que esse é um movimento que vai se fazer por décadas. As feiras de comércio popular da Europa, por exemplo, paulatinamente se institucionalizaram por meio da concessão de permissões pela coroa para uso do espaço e para atividade comercial. Com as cartas de permissão comerciais, o agente público também controlava a arrecadação de impostos (Allix, 1922; Walker, 2015). Outros fatores contribuíram para a modificação das formas comerciais a partir do século XIV. Na Europa, que possui registros mais abundantes, a Guerra dos Cem Anos e a propagação da Peste Negra foram dois eventos que desestimularam as aglomerações humanas por um longo período, assim, outras formas de comércio se fizeram necessárias.

O século XVIII marcou o reavivamento das feiras em diversos países enquanto espaços de lazer. Os parques de diversões itinerantes passaram a atrair muitas pessoas e, em geral, também recebiam em seus espaços grandes feiras comerciais. A arquitetura dos parques de diversões engendra dispositivos para atrair frequentadores, organizados para entretê-los e mantê-los o maior tempo possível consumindo em seus espaços (Walker, 2015). Esses ambientes tornam mais nítido o caráter socializador e cultural das feiras para a sociabilidade urbana, diferentemente das feiras de séculos anteriores, em que a negociação de grandes volumes de produtos, as grandes caravanas e o aglomerado desordenado de multidões deixavam o clima comportamental da feira instável e perigoso, pois atraíam os compradores tanto quanto os famintos e os criminosos, catalisando o comércio local e a violência urbana. A feira de parque de diversões, com atrações musicais, circenses e culturais, além do comércio de bens e alimentos, tornou-se bastante comum na Europa e nos Estados Unidos e um valorizado bem cultural, especialmente popular no Reino Unido. As feiras dos parques temáticos são um misto de cores, formas, sons e brilho que provocam sensações e atraem multidões para suas barracas de comida, jogos, brinquedos e atrações culturais.

As feiras transfixaram e estabeleceram relações socialmente constituídas e, portanto, são consideradas espaços de sociabilidade úteis à observação e à percepção das RS. Nelas são instituídas práticas e comportamentos que se estabilizam até se transformarem em costumes. Mesmo sendo um ambiente estável de convívio entre os membros, muitas vezes a instabilidade de uma feira itinerante torna a desorientação e a reconfiguração como parte da estratégia de ação

coletiva e de ordenação de espaço. Essa característica de transmutação faz da feira um objeto transgressor do ambiente. Segundo Walker (2015), os domínios transgressores interconectam o lugar, a organização, a identidade de grupo e as subjetividades a eles relacionadas. A teoria sobre a transgressão parece adequada para percebermos como a feira, subversiva de uma certa ordem urbana, possui a dissonância em seu âmago, os encontros e os desencontros entre o que é simbolicamente diverso e antagônico. Em especial, entende-se a relação da feira com o contexto urbano em que se instala. Essa dinâmica pode ser explicitada quando se observa a construção histórica das feiras livres brasileiras e sua relação com a economia urbana (Santos, 1979).

6.2 As feiras e a economia urbana no Brasil

No Brasil, as feiras livres marcam o advento do comércio urbano de maneira bastante característica e fundam o comércio popular. É preciso destacar que, conforme conhecemos, as feiras livres são características de países subdesenvolvidos, sendo espaços multi polarizados e originados de uma grande desigualdade de renda entre os estratos ou os segmentos das sociedades em que ocorrem (Sato, 2012).

Nos países subdesenvolvidos, a economia urbana é marcada por dois circuitos de circulação distintos: um deles, o circuito superior, que é composto por frutos do desenvolvimento tecnológico; e o outro, o circuito inferior, que engloba as atividades de menor dimensão e que são foco do interesse das camadas mais empobrecidas da população.

O circuito superior da economia urbana é representado pelo comércio de exportação, pela indústria, pelas empresas de livre mercado e de sociedade anônima, pelos agentes do sistema financeiro, pelos *shoppings centers* e pelos grandes mercados. Esses empreendimentos econômicos são claramente parte da economia de mercado, representada por grandes e médias empresas e pequenas organizações que dão suporte a elas.

O sistema corporativo preza por uma burocracia organizacional, e seus trabalhadores são predominantemente assalariados. Os comércios e as distribuidoras de produtos têm grandes estoques de produtos, seja para venda local ou para o despacho por empresas de distribuição. A relação com a clientela é bastante formal e impessoal. Em contrapartida, o circuito inferior da economia tem maior proximidade com as tradições culturais e locais, sem estar necessariamente incluído nos planos de desenvolvimento econômico regional, que parece ter absorvido o desenvolvimento tecnológico como válvula propulsora (Santos, 1979).

O circuito inferior não representa imagetivamente a cidade. Seus negócios, produtos, trabalhadores e parte dos consumidores são inter-relacionados por laços solidários, simbólicos e complexos. Para a compreensão da realidade da vida nos aglomerados urbanos, a observação do circuito urbano inferior se faz necessária, uma vez que ele representa grande parcela dos trabalhadores formais e informais da cidade. É composto por organizações primitivas em termos de gestão organizacional em que o trabalho é intenso e muitas vezes braçal. Nesses modelos organizacionais, são característicos os baixos estoques de produtos, e a fixação dos preços dos produtos pode advir da negociação no momento da venda. Para haver a margem de lucro, a sustentação do negócio tem de ser elevada, dado o baixo estoque e o modelo de produção, mas não resulta em um volume elevado de lucro, por ter um volume pequeno de vendas (Santos, 1979).

O circuito inferior, em geral, reduz a propaganda e o *marketing* de seus produtos e serviços à indicação ao “boca a boca” e a pequenas ações locais de divulgação. Em geral, não há capital de giro significativo, e essas organizações dificilmente exportam seus produtos. Os comerciantes desse circuito têm na venda de produtos sua garantia de sobrevivência, não fazendo acúmulo de capital. O modelo de comércio não é moderno, e a fabricação de produtos, quando é feita pela organização desse circuito, não é industrial. O circuito inferior é mais consumido pelas classes trabalhadoras e empobrecidas majoritariamente (Santos, 1979).

As pessoas que laboram no circuito inferior da economia não têm como interesse primário a acumulação de capital ou a manutenção de poupança para aquisição de bens duráveis, ou de capital, pois sua sobrevivência é a meta diária. Esses indivíduos, no mais das vezes, estão envolvidos em relações de subalternidade e precarização, e, em um país subdesenvolvido, sua história é permeada pela desigualdade, essa é sua realidade. Os chefes de família se preocupam em adquirir produtos que possibilitem qualidade de vida para si e para os seus (Santos, 1979).

A lógica social do capitalismo provoca a desigualdade, assim, as estratégias de reapropriação do território são elaboradas por parte da população que é periferizada geográfica e economicamente. As feiras se inserem no circuito inferior da economia urbana e reproduzem as territorialidades presentes na sociedade. São mercados que intermedeiam a relação entre o campo e a cidade. Na atualidade, no denominado período técnico-científico-informacional, a vida nas cidades é marcada por um jogo de forças que se refletem na ocupação do território urbano, em que diferentes interlocutores, com interesses diversos e muitas vezes opostos, e na disputa por espaços (Jesus, 1992; Santos, 2013).

O tema das feiras, em especial das feiras livres semanais com locais definidos pela tradição urbana, enquanto objeto de exame científico, perpassa diferentes áreas do saber. A oficialização das feiras livres, na cidade de São Paulo, data de 1914 enquanto local de resistência à política de preços do comércio formal. Esse tipo de comércio se popularizou, nessa e em outras cidades brasileiras, como um ambiente de trabalho e sociabilidade de referência para as classes populares (Dolzani, 2008; Jesus 1992; Mascarenhas; Marcelino, 2020; Sato, 2007, 2012; Santos, 2013). Esse também é um espaço de interesse ao circuito superior, em especial a alguns atacadistas, que veem a feira como mais uma oportunidade para o escoamento de grandes quantidades de produtos, a maior parte vindos da agroindústria (Jesus, 1992).

A lógica moderna de racionalização do espaço urbano ou absorveu ou suplantou a dinâmica comercial ancestral, representada pelas feiras em diversas ocasiões. Essa modalidade de comércio varejista de rua entrou em crise no Brasil, na década de 1960. O período de decadência e instabilidade das feiras livres foi causado pelo redirecionamento dos hábitos de consumo para o comércio formal e pelo advento de leis mais rígidas para comércio de produtos *in natura* pela gestão pública em vários municípios. As feiras livres se remodelaram, sobreviveram e, em alguns casos, cresceram inclusive em grandes capitais, apresentando-se como um importante espaço de trabalho ao gerar empregos formais e informais e como uma tradição cultural (Jesus, 1992).

Com o desenvolvimento e a consolidação do comércio de rua, também houve, em diversas localidades, o redirecionamento dos comerciantes para grandes espaços coletivos de comércio popular, retirando as feiras das vias públicas. A reorganização espacial dos centros urbanos impactou diretamente a estética das feiras e sua relação com o ambiente das cidades. As feiras se transformam no local de comércio dos excluídos da ordem dominante, dos ambulantes, dos trabalhadores informais, dos pequenos agricultores, dos comerciantes de produtos com procedência desconhecida e, de modo geral, daqueles que se opõem ou não se adequam (nem sempre de maneira intencional) ao modelo de mercado formal (Marcelino, 2020; Mascarenhas; Dolzani, 2008).

A feira livre ainda permanece profundamente relacionada à produção rural e proporciona relação direta entre a economia camponesa e urbana, seus padrões de distribuição e consumo. Em muitos casos, as feiras representam as tendências produtivas agrárias de um local. Embora seja uma tradição que sofreu um período de decadência nas grandes cidades, nos pequenos

agrupamentos urbanos e no interior do país, as feiras tiveram continuidade, estabelecendo relação entre a cidade e o campo.

O desenvolvimento de rotas de comércio de produtos rurais em diversas regiões do país se caracterizou pelo surgimento de feiras. Nas redes comerciais do Nordeste brasileiro, as feiras eram espaços de comercialização direta dos produtores rurais da região. Ainda no século XVII, as feiras foram suporte para a expansão da cultura de cana-de-açúcar e, posteriormente, para a pecuária. A abertura de vias para o escoamento de grandes produções favoreceu também o pequeno agricultor e o escoamento da produção de gêneros de consumo em feiras que se fundaram em conjunto com alguns povoados (Forman; Riegelhaupt, 1970).

Nesse sentido, as feiras representam o escoamento direto dos produtos do campo e da pesca, sempre privilegiando as tendências regionais do setor agrário ou extrativista. A evolução da economia urbana fez com que o sistema de escoamento de gêneros alimentícios se complexificasse e distanciasse, cada vez mais, da produção do comércio.

Além do pequeno produtor rural ou extrativista, as feiras livres passam a ter, na modernidade, outros atores importantes em sua manutenção. Quanto mais imersa na economia urbana, mais extensa é a rede de relações que se forma para atender a feira. Hoje, para um produtor chegar às bancas, ele passa pelas mãos de atravessadores, distribuidores, representantes comerciais.

Esses espaços de vendas e sociabilidade presentes no cotidiano das cidades – em locais muitas vezes planejados e construídos com finalidades diversas ao recebimento de fluxo de comércio (logradouros, praças, parques) – são subversivos, nos momentos de feira, da lógica originalmente proposta para esses locais, como se fosse um ato de resistência e sobrevivência das parcelas periféricas da sociedade. A feira livre é um caos organizado de barracas, corpos, cheiros, sabores e sons. Essa energia contrasta com os bairros de classe média e alta, com suas ruas imaculadamente limpas, calçadas revestidas e seus moradores.

Uma subversão estrutural e cultural dos locais em que por vezes se instala, a feira disputa e divide o espaço com as vias de circulação de pedestres e automóveis, com as edificações e os equipamentos públicos, também é um ambiente de disputa interna entre os feirantes, que tentam captar os clientes (Santos, 2013).

Apesar de serem microempresas, funcionando muitas vezes como empresas formalizadas, na maioria compostas por pessoas de uma única família, os feirantes mantêm na feira um clima de impessoalidade, seja entre as bancas, ou em relação a seus funcionários e clientes,

transformando esses eventos em importantes referenciais para entender como se dão redes de sociabilidade nos centros urbanos por meio de movimentos de comércio itinerante (Sato, 2012).

O ambiente acolhedor é marcado por dinâmicas comportamentais bastante características, até mesmo ritualísticas. O convite aos fregueses engloba performances audaciosas e, muitas vezes, poéticas, que podem também envolver jogos de palavras e anedotas. A relação com os clientes também é de negociação; a “pechincha”, por exemplo, é um costume ainda mantido em muitos locais (Bernardo, 2014; Jesus, 1992; Sato, 2007).

Uma teia complexa de relações simbólicas se dá nesse ambiente de contínua reorganização de relações e acordos tácitos entre os participantes. As relações em curso em uma feira livre podem ser difíceis de se compreender ao olhar desatento. A desorganização aparente dos vínculos humanos, nesses ambientes, pode ser melhor apreendida e decifrada pelo olhar antropológico, que entende que, por trás das relações humanas, se estabelece uma imbricada rede de relacionamentos, regras de convivência, acordos tácitos e ajustes implícitos. “Para os que estão imersos no *métier*, nem sempre é possível explicitá-lo verbalmente, pois está tão próximo deles mesmos como a pele do corpo que não se destaca e nem sequer percebem que os constitui” (Sato, 2007, p. 99).

Segundo Sato (2012), os feirantes, em de seu local de atuação, têm suas próprias maneiras de garantir a sobrevivência cotidiana por meio de uma ocupação do território e de utilizar estratégias para organização coletiva, assim como para resolver as disputas por espaço, em especial com o poder público municipal.

Alguns estudos sobre a estrutura das feiras em diferentes centros urbanos podem colaborar para melhor compreensão do fenômeno e compor como o tema se desenvolveu no Brasil. Na cidade de São Paulo, ter uma banca na feira é um negócio de família. As permissões, concedidas pela gestão pública para a venda de produtos, são passadas de pai para filho ou ilegalmente vendidas por feirantes que estão deixando a luta diária de acordar de madrugada para passar a manhã nos logradouros comercializando frutas, verduras ou carnes, sob o sol ou a chuva. Conforme narra Bernardo (2014), o trabalho é companheiro diário, exaustivo e sem intervalo, mesclando vida laboral e pessoal de maneira indissociável. Peixeiros, verdureiros e bucheiros iniciam sua jornada no começo da madrugada, buscando produtos no entreposto ou montando as barracas.

Ainda sobre as feiras livres, aquelas situadas em áreas residenciais de elevado padrão socioeconômico, contribuem para evidenciar a disparidade existente entre os estratos sociais.

Nessas ocasiões, dois personagens são colocados frente a frente. De um lado as pessoas que trabalham de sol a sol (e sob o sol), todos os dias, retirando a sobrevivência de pequenas vendas, e que empenham uma intensa disputa por clientes no ambiente das ruas. Do outro lado, as austeras senhoras, muitas vezes seguidas de uma secretária doméstica, ou substituídas por estas, que consomem sempre os produtos mais frescos e com maior preço, nas primeiras horas da manhã (Bernardo, 2014).

Essa clientela, considerada mais nobre pelos feirantes, que consome grandes quantidades de produtos e que, mesmo na feira são considerados de luxo, evidencia a diferença das classes que convivem nesses espaços. Os feirantes muitas vezes consomem as sobras das barracas e/ou usam os restos para escambo de produtos com outros feirantes e, assim, completam a alimentação de suas famílias. A vida do pequeno comerciante das feiras livres é direcionada para a atividade. É em casa que se armazena parte dos produtos, todos os equipamentos, os expositores e todas as ferramentas de trabalho.

O tecido social que sustenta a feira vai para além de cada feirante, abarcando sua família, como também os personagens costumazes da feira, como vendedores ambulantes, pedintes e donos de comércio proximal (Bernardo, 2014). A vida na feira é uma luta diária. Nas pequenas e nas grandes cidades, essa realidade é muito semelhante.

Na cidade de Palmas/TO, sete feiras livres funcionam de terça-feira a domingo. Aos domingos à noite, há a Feira do Bosque, com ampla gama de barracas de alimentação, produtos importados, artesanato e atrações para crianças. Também há uma feira de gêneros alimentícios no período noturno no Parque dos Povos Indígenas, aos finais de semana. Os informes mais recentes da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano, 1.176 feirantes estão cadastrados junto à prefeitura de Palmas/TO. Calcula-se que somente na feira da quadra 304 Sul, a mais central de Palmas, mais de 500 comerciantes disputam a atenção de 16 mil possíveis consumidores que passam pela feira em cada dia de funcionamento.

Esses feirantes são, em sua maioria, pequenos produtores rurais, residentes próximos à capital ou em cidades vizinhas (Santos, 2021). Quase todos feirantes da capital dedicam-se exclusivamente à produção e à venda em feiras-livres da capital. Apenas alguns, segundo Santos (2021), formalizaram a atividade comercial e são gestores de micro ou pequenas empresas. Todos levam seu trabalho muito a sério, repetindo de sol a sol a saga de luta constante, muitas vezes sem descanso, performada pelos trabalhadores do ramo.

Para muitos, sua história como feirante se confunde com a vida pessoal. Muitos deles impregnam o conhecimento tradicional ou de família sobre os produtos vendidos e atualizam suas práticas com saberes e técnicas adquiridos em cursos em diversas áreas. Outros são feirantes desde a infância, pois acompanhavam os pais desde a tenra idade e têm na feira sua principal referência de sociabilidade e trabalho. Várias são as histórias que aproximam o cotidiano nas feiras livres de Palmas com as vidas pessoais desses trabalhadores, transformando os clientes em amigos, os parentes em sócios e a feira em sua segunda casa (Santos, 2021).

6.3 A economia criativa e a produção cultural

A dinâmica da afirmação das feiras como parte do equipamento social das cidades coincide temporalmente com a estruturação da economia criativa e a revalorização do artesanato enquanto produto de consumo.

O artesanato é parte do ramo da economia chamado de economia criativa. Esse conceito se originou do termo *indústria criativa*, criado no Reino Unido, por volta dos anos de 1990, como uma forma de delimitar um mercado e as políticas de gestão para uma categoria de empresas que utilizam conteúdos culturais e simbólicos para dar significado à produção. Esse é um modelo em ascensão desde os anos 2000, que se caracteriza por gerar bens e serviços que apresentem sentido próprio e interpretativo para um povo, uma etnia ou um grupo, em que a criatividade atue como fator significativo em sua concepção e execução (Castro; Figueiredo, 2016; Howkins, 2002; Oliveira; Araujo; Silva, 2013).

Segundo Howkins (2002), a economia criativa relaciona criatividade a fatores simbólicos e econômicos e é o ramo de economia cuja produção do produto final carrega elevado conteúdo cultural e imaterial, tendo a criatividade do produtor como alicerce para a concepção da mercadoria. Além de peças produzidas artesanalmente, a economia criativa abrange trabalhos intelectuais e artísticos, dos quais se pode obter um retorno econômico (Castro; Figueiredo, 2016). O setor abarca produção editorial (livros, revistas), audiovisual (conteúdos em áudio, vídeo), moda e *design* e as mais diversas produções culturais, artísticas, além do setor de tecnologia e criação de *softwares*, jogos eletrônicos e animação.

Como se trata desde o início de atividades intimamente ligadas à cultura e ao potencial criativo, é difícil determinar categorias que abranjam todo o potencial da economia criativa e seus produtos, com a finalidade de classificar empresas ou produtores do ramo. No Brasil, a

Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN, 2022) elaborou uma classificação para as indústrias criativas concentrando-as em quatro segmentos. Moda, *design*, arquitetura e publicidade estariam agrupadas no segmento de consumo. O segmento de mídias agrega as produções editoriais e audiovisuais. Desenvolvimento e pesquisa tecnológica, biotecnologia e TIC (*softwares*, sistemas e robótica) estariam no segmento tecnológico. O quarto segmento seria o cultural, que reúne as artes cênicas, a música, o patrimônio histórico e cultural e as expressões culturais, das quais fazem parte o folclore, a gastronomia e o artesanato.

Segundo a FIRJAN (2022), os estados brasileiros cuja participação das empresas criativas no PIB estadual em 2020 foi mais intensa foram Rio de Janeiro, São Paulo, Distrito Federal, Santa Catarina e Ceará. Tocantins e o Maranhão foram os dois estados em que a participação da indústria criativa no PIB apresentou as menores taxas em 2020 em comparação com os demais estados brasileiros.

Devem-se considerar duas informações: o ano de 2020 foi um ano em que o Brasil estava envolto em uma crise econômica, que em parte foi causada pela pandemia da COVID-19; também se deve considerar que esses dados são levantados tendo em vista as atividades formais e as empresas regularmente registradas. A conjuntura econômica é de desemprego e desregulação, grande quantidade de trabalhadores que permanecem na informalidade. O IBGE estima, por meio da PNAD (IBGE, 2022), que o Brasil atingiu, no primeiro trimestre de 2022, a marca de 39 milhões de trabalhadores informais, representando 40% da população ocupada. Muitos podem estar ligados à economia criativa que está em ascensão.

As atividades econômicas desse modelo produtivo têm foco em atividades não poluentes e sustentáveis, fortalecendo ou desenvolvendo potencialidades regionais para geração de renda, por meio da associação de diferentes segmentos. O desenvolvimento sustentável encontra, na economia criativa, a relação entre produção econômica e cultural enquanto parte de um processo mais amplo, característico de países que, como o Brasil, expressa fatores culturais, ambientais e regionais em seus produtos, promovendo desenvolvimento em amplo aspecto (Howkins, 2002).

A sustentabilidade se manifesta em muitas atividades de economia criativa, especialmente em aquelas cuja produção vive distante dos grandes centros urbanos ou com forte teor cultural regional (Luckman, 2018). Segundo o SEBRAE (2012), a economia criativa proporciona inclusão, mantendo princípios de multiculturalismo, igualdade e diversidade.

Segundo Figueiredo e Castro (2016), valores e qualidades intangíveis da cultura de um povo são incluídos nas produções desse ramo, em especial no artesanato. Esses artigos

representam autenticidade e valores cuja demanda mundial está em alta. Internacionalmente, os produtos manufaturados da periferia atraem consumidores dos grandes centros na contemporaneidade. Muitas dessas vendas ocorrem intermediadas por plataformas de consumo na internet (Collins; Mahon; Murtagh, 2018).

6.4 Entre a arte e a cultura: o artesanato e as artesãs em Palmas

O artesanato pode ser considerado como a primeira forma histórica de produção de bens. A produção manufatureira surgiu para atender uma demanda por produtos em quantidade e tempo que o artesanato não conseguia suprir. Posteriormente, a Revolução Industrial instituiu formas ainda mais eficazes de produção e consolidou o modelo capitalista em um primeiro estágio.

O ramo da economia em que o artesanato é formalmente inserido é chamado de economia criativa. Nesse mercado, os fatores culturais e criativos podem ser supervalorizados em relação a outros aspectos envolvidos na produção, inclusive em detrimento do material utilizado ou do valor cobrado (Luckman, 2015). Trata-se de um tipo de produção não industrial, que resistiu através dos tempos, por manter suas raízes no solo fértil da cultura popular de diferentes povos e sociedades e estar intimamente relacionado à capacidade imaginativa e à habilidade de quem faz.

Segundo Moraes, Seraine e Barbosa (2020), no Brasil, o artesanato se fez e resistiu pela força da tradição por um longo período. O Primeiro Congresso Internacional de Artesanato (1930) desencadeou tímidas iniciativas por parte da Comissão Nacional de Folclore, para usar o artesanato como parte de um sistema de desenvolvimento econômico de base comunitária e rural. Nesse período, o artesanato era visto como um meio de estímulo educacional ao trabalho e “pré-ocupacional”, que pretendia inserir fundamentos produtivos a crianças e jovens por meio do aprendizado de trabalhos manuais.

Após 1970, o artesanato entrou na agenda governamental, porém o contexto de ditadura militar ainda o classificava como parte de uma política assistencial. Só após 1977 houve a iniciativa de, por meio dos Decretos nº 80.098/1977 e nº 83.290/1979, definir o que o Estado entenderia por artesanato e qual seria sua inserção no modelo econômico vigente.

A década de 1980 aproximou o conceito de artesanato ao uso da criatividade e à arte, como a tendência das discussões internacionais sobre o tema já o fazia. As discussões progrediram até a década de 1990, em que o artesanato passou a ser visto como um setor da economia, em que a autonomia dos trabalhadores e o *home based work* (trabalho feito a partir de

casa) eram parte da vanguarda das relações de emprego (como o teletrabalho). A delicada situação econômica brasileira de então, unida às altas taxas de desemprego e à inflação, direcionou a busca de trabalhos alternativos, estimulados pela gestão pública.

Com o aprofundamento nas políticas de estados neoliberais, a partir do Plano Real, o governo brasileiro promoveu a aproximação entre o artesanato e as instituições do Sistema S e, assim, tentou promovê-lo enquanto uma forma de geração de trabalho e renda, fixando-o enquanto um ramo da economia. Nesse momento, os componentes ideológicos do discurso empreendedor se aproximaram da área, que, por ser uma atividade majoritariamente realizada por indivíduos, acabou absorvendo a concepção de empreendedorismo que povoa parte do consciente coletivo.

Em 2003, o estímulo e o fomento governamental ao Ministério da Cultura geraram um plano de ação para desenvolvimento econômico do ramo, em especial a partir da criação da Secretaria de Economia Criativa, que permaneceu atuante entre 2011 e 2015. Em 2016, foi iniciado o Plano Setorial para o Artesanato, com término previsto para 2025, que pretendia alavancar criação, produção, formação e capacitação, divulgação, distribuição, comercialização, sustentabilidade ambiental e inovação a partir do artesanato, mas foi interrompido com a extinção do Ministério da Cultura pelo governo brasileiro em 2019 (Moraes; Seraine; Barbosa, 2020).

O mercado de artesanato brasileiro ainda se encontra em um plano de políticas públicas para o setor. Apesar de a profissão de artesão ter sido regulamentada pela Lei nº 13.180, de 22 de outubro de 2015, poucas medidas foram tomadas desde então para garantir que o artesanato efetivamente se consolidasse enquanto gerador de renda e desenvolvimento econômico ou social no país (Brasil, 2015).

Pode-se supor que o ressurgimento do trabalho artesanal, enquanto fonte de renda, seria uma forma de oposição ao modo de produção capitalista. A valorização do trabalho exclusivo e personalizado vinculado à habilidade única do produtor ou ao envolvimento da comunidade, enquanto ascensão meritocrática de artesãos especializados, é um dos princípios da produção artesanal, importante característica imposta pelo artesanato em discordância ao modelo de fabricação em grande escala.

Figura 31 – Artesã confeccionando tapetes durante a Feira das Manas, em abril de 2022, na Praia da Graciosa, em Palmas/TO.



Fonte: Acervo de pesquisa (2022).

O artesanato ressignifica o modelo produtivo, ainda assim, enquanto resultado de relações sociais que se opõem à mercadoria alienada da produção capitalista, subordina a pessoa e o meio ambiente às metas de crescimento econômico, à obtenção de lucro e à acumulação de riquezas por uma pequena parte da população em detrimento dos demais (Polanyi, 2000).

A ação empreendedora muitas vezes se apresenta como uma forma de modificação da própria profissão de artesão e da identidade do trabalho. Em geral, quando essa valorização ocorre, está imersa em padrões de comportamento e discursos que revelam componentes ideológicos e simbólicos que dão aparato estrutural ao neoliberalismo. A transformação de ocupações tradicionais em pequenas empresas, por essa via, pode afastar essas ocupações do seu cerne e interromper a relação delas enquanto manifestação da cultura popular, das práticas e do conteúdo simbólico que caracterizam um trabalho artesanal. A Feira das Manas inicia a trajetória e a constrói com a perspectiva de introduzir as participantes na dinâmica do empreendedorismo, como se pode perceber nas entrevistas realizadas em diferentes oportunidades, algumas transcritas abaixo.

Sâmia explica que a repercussão de expor na Feira das Manas continua depois do evento. “Não é só o que a gente vende no dia que importa. Este espaço nos permite divulgar nossa arte, além de ampliarmos nossas redes de relacionamento”, avalia a professora, que tem sua impressão compartilhada pela amiga Nelma: “Esse espaço

importa pela valorização que oferece à produção artesanal, pelo incentivo ao empreendedorismo feminino”, opina (Pinheiro, 2019).

Eckart explica que, no primeiro sábado do mês, a feira costuma ser itinerante, podendo ser realizada em praias, parques e feiras da cidade, mas, no terceiro sábado, a Feira é realizada no Parque dos Povos Indígenas. Ela conta ainda que as mulheres artesãs empreendedoras expõem seus produtos em outros espaços quando são convidadas, a exemplo da edição do Festival Gastronômico de Taquaruçu de 2019 (Jacome, 2020).

A Feira das Manas foi criada com o propósito de transformar economicamente a vida das pequenas produtoras, em especial daquelas que produzem artesanato em seus lares e não tinham meios de divulgação ou venda na cidade de Palmas. Acima os discursos expostos para o grande público em entrevistas concedidas em diferentes momentos por líderes e integrantes do grupo refletem não somente metas e propósitos coletivos das participantes do grupo, mas também um discurso coletivo sobre empreendedorismo. O aprofundamento do discurso das coordenadoras do grupo encontrou eco junto às participantes sendo expresso em diversas entrevistas.

Eu comecei a trabalhar com artesanato há 10 anos atrás. Eu gostei de artes, fiz um curso de empreendedorismo e comecei a trabalhar. Desde então, continuo como artesã (GIANINE, 2021).

A importância da feira é a relevância do objetivo: ser uma feira motivadora e do empreendedorismo feminino (JOYCE, 2022).

Quando você trabalha com o que você gosta, você não trabalha... Quero ver se a gente coloca na cabeça uma mentalidade de empreendedora (PATRÍCIA, 2021).

Você vê que tem mulheres que são outra pessoa. Viraram realmente empreendedoras. Saem, falam, fazem *live no Instagram* (SUEN, 2023).

O artesanato representa uma das iniciativas locais para desenvolvimento sustentável e social. Apresenta forte característica contra hegemonia, colabora para o fortalecimento do capital social local. Iniciativas produtivas que sejam alternativas à lógica desenvolvimentista de reprodução em larga escala, representada pelo capitalismo, colaboram para a introdução de modos de vida sustentáveis. As narrativas acima representam diferentes características que compõem as representações sociais sobre o tema. Nessas narrativas, o artesanato é transfigurado para adequar-se ao modelo ideológico do capital. O aparecimento do empreendedorismo, como parte desse arcabouço de representações, demonstra como a ancoragem de conteúdos realizada colabora para adequação dos conceitos do senso comum.

Segundo Betjemann (2008), a lógica do capital direciona a produção artesanal para a redução da variedade dos produtos e para a empresarização do pequeno artesão pela via ideológica do empreendedorismo e da produção padronizada. De forma semelhante para

Marquesan e Figueiredo (2014), a incorporação do discurso empreendedor como forma de conduzir a prática artesanal pode acarretar perda de valores caros a essa atividade, tais como liberdade de produção, criatividade e expressão do imaginário social contestatório da ordem presente. Precarizar atividades de pequenos produtores por meio da lógica do empreendedorismo representa incorporação do modelo sistêmico de precarização e exploração do trabalho humano, em especial em grupos marginalizados, além de provocar alienação em trabalhadoras que não vendem sua força de trabalho, mas ainda sim estão sujeitas aos processos econômicos formais e à ideologia do mercado. A partir desse movimento, os possíveis conflitos e contradições existentes na produção e na acumulação do capital são abafados diante da força sistêmica do contexto ideológico. Grande parte dos depoimentos das Manas demonstrou que o grupo se atenta para essa questão.

Eu acho que ser artesã não é só você fazer uma peça, você tem que estudar pra aprender a técnica cada vez melhor e aprender a se posicionar, divulgar o seu trabalho (PATRÍCIA, 2022).

O que eu mais gosto é de preparar, de separar o material e montar, por trás da produção e de produzir. Fazer acabamento é a coisa que mais toma tempo, porque é o que eu mais gosto de investir. Eu gosto de investir no detalhe. De você se impressionar com detalhes. Se fosse pra não impressionar, pra não ter o detalhe, seria uma produção industrial, não seria artesanal, sabe? É o que eu mais gosto (ALBÂNIA, 2023).

Figura 32 – Albânia expondo seus produtos na Feira das Manas, em abril de 2022, na orla da Praia da Graciosa, Palmas/TO.



Fonte: Acervo de pesquisa (2022).

Albânia (Figura 32) explicita a contraposição de sua atividade à lógica da produção em massa, uma vez que cada peça produzida é dotada de intrincados elementos que a tornam singular e exclusiva.

Eu gosto de fazer meus próprios produtos, eu não gosto de pegar modelos prontos [...]. E aí eu seleciono o conteúdo e eu mesma faço *design*. Escolha de fonte, criação de desenho (ARIADNE, 2022b).

Figura 33 – Mãe e filha (Ariadne e Suely) expondo suas peças na Feira das Manas, em abril de 2022, na orla da Praia da Graciosa, Palmas/TO.



Fonte: Acervo de pesquisa (2022).

Ariadne (Figura 33) e Beatriz (Figura 34), cada uma a seu modo, demonstram o quanto de subjetividade do artesão influencia na realização de uma peça, independente da técnica utilizada. Com isso, o artesanato foge das padronizações. Por sua vez, Patrícia ressalta que ser artesã é apropriar-se de um conjunto de técnicas e que esse aprendizado é cotidiano.

O meu produto não vai ser igual ao dela [outra artesã para quem ela ensinou sua técnica]. Não tem como pegar o meu trabalho e o dela e falar que são exatamente iguais. Porque o artesanato vai muito de quem faz. Como que eu vou te explicar? Eu não consigo achar a palavra... Mas o trabalho, o jeito de fazer, o jeito de manusear, as ideias... Você pode ter outra ideia. Pode com o mesmo molde, mas não vai sair igual. Não é como uma máquina. É a pessoa que está dedicando o seu tempo (BEATRIZ, 2022).

Figura 34 – Beatriz expondo suas peças na Feira das Manas, em abril de 2023, no Parque Cesamar, Palmas/TO.



Fonte: Acervo de pesquisa (2023).

Desde o início do grupo, a feira assumiu o caráter divulgador dos trabalhos das participantes, sejam as artesãs, sejam as pequenas vendedoras ou as que se inserem no ramo de alimentação.

A feira na rua é muito importante para Mana, é uma espécie de vitrine. A pronta entrega, comida é um show, artesanato se vende sim, mas não essa loucura, não é um *shopping*. A gente coloca os produtos, e as pessoas têm oportunidade de tocar aquilo que elas veem na internet, testar a qualidade do produto e conversar com quem faz. Então nós temos ali uma vitrine (RENATA, 2022).

Tem todo um processo, né? O biscoito decorado, por exemplo, são dias pra ele ficar pronto. É trabalho! Além de ser um trabalho de culinária, ele tem todo um trabalho de pintura em cima dele, né? [...] [Neste trecho, Suen detalha todo o processo de confecção do biscoito decorado e pintado à mão]. É uma obra de arte, né? Se a gente analisar, né? Então, assim, são coisas que a gente tem que ter tempo, né? Então, na confeitaria, às vezes é igual na costura, né? A costura também tem etapas, né? Mas, às vezes, você consegue fazer tudo no mesmo dia [na confeitaria não] (SUEN, 2023).

Renata ressalta, quando trata da feira como uma forma de aproximar a artesã do consumidor, ainda que ela própria não seja, sua perspectiva é, enquanto uma representante do grupo, de transformar o ambiente da feira em um meio de sobrevivência para as integrantes da

feira. Já Suen (Figura 35), embora seja confeitadeira, encara sua atividade como artesanal, e até mesmo artística, por dedicar-se a elaborar, confeccionar e pintar os biscoitos, utilizando a criatividade e a personalização como parte do processo produtivo.

Figura 35 – Suen expando seus produtos na Feira das Manas (esq.), biscoitos decorados (dir.), em abril de 2022, na orla da Praia da Graciosa Palmas/TO.



Fonte: Acervo de pesquisa (2022).

A rede de trabalho precarizado e a produção em massas do modelo capitalista não atendem integralmente os desejos de consumo, em especial quando se trata de envolver o produto com características únicas ou personalizadas, ou em se consumir um artefato que traga em si uma projeção de uma organização social ou simbólica. Quem fabrica o artesanato é popularmente conhecido como artesã ou artesão. Nem sempre a fabricação de uma peça artesanal envolve uma

subsequente relação de compra e venda. A prática também pode ser considerada um passatempo ou uma forma de produzir bens de uso próprio. Há um significativo entreposto relacional entre cultura, meio ambiente e sociedade, que ressignifica o fazer manual. Para tanto, procurou-se, doravante, buscar, além do conteúdo teórico, histórico e formal sobre o tema, oferecer impressões e experiências das artesãs, entrevistadas durante a pesquisa, para dialogar com outras realidades e sobre o significado do artesanato em seu cotidiano.

Eu coloquei meu nome no ateliê porque eu quero mostrar para as pessoas que sou eu que faço. Que tem alguém ali por trás. Que tem um ser humano aqui, que pensa (BEATRIZ, 2022).

Eu gosto de trabalhar com *designs* meus mesmos. Até produtos mais simples, eu pelo menos gosto de escolher cor etc. E não trabalho só com personalizados, a ideia do *site* era realmente criar (ARIADNE, 2022a).

A gente é um modelo de sociedade materialista, né? A gente sempre quer mais. Quer mais. Quer mais. E quer mais, né? Às vezes não é tanto financeiramente. Mas você quer mais viver espiritualmente. É a busca incessante do indivíduo do ser humano (SUEN, 2023).

O fazer manual é a expressão individual e cultural ao mesmo tempo. Porém, determinar o que é o artesanato não é uma tarefa fácil, pois pode ser caracterizado por uma mercadoria feita à mão, um bem personalizado, ou, como Becker (2010) afirma, uma obra de arte gerada em um dado contexto e a partir de uma motivação distinta das obras artísticas, em sentido estrito, cuja única intencionalidade é expor a subjetividade do artista. Além do conhecimento de um conjunto de técnicas de manipulação dos materiais utilizados na composição da peça artesanal, considera-se que o artesão necessita de habilidades criativas e um certo “dom” que imputa características subjetivas ao produto artesanal (Keller, 2014; Marquesan; Figueiredo, 2014).

As artesãs da feira se utilizam de técnicas consagradas, como pintura, costura e bordado, para gerar peças únicas que são fruto de sua criatividade. Um exemplo são as peças feitas pela artesã Patrícia. Apesar de confeccionar bolsas e *nécessaires* de uso pessoal, um item bastante comum no mercado formal, ela realiza grande parte de seu produto de forma artesanal. O desenho que é sublimado no tecido de cada peça, a elaboração do molde até a confecção de cada *nécessaire* é personalizado ou artisticamente concebido pela criatividade da artesã (Figura 36).

Figura 36 – Patrícia expando suas peças de costura criativa na Feira das Manas, em março de 2023, na orla da Praia da Graciosa, Palmas/TO.



Fonte: Acervo de pesquisa (2023).

Segundo Lima (2005), à vontade artística do artesão se sujeitam equipamentos e ferramentas que moldam os materiais na criação de um objeto único/exclusivo. O indivíduo tem domínio total da produção e incorpora, no fruto de seu trabalho, componentes simbólicos, culturais, estéticos, valores, costumes e crenças individuais e/ou do grupo com o qual se identifica.

A produção artesanal recebe influência de fatores regionais, tradicionais, sociais, espaciais e das visões de mundo dos artesãos, portanto, não pode ser homogeneizada em suas características ou em seu resultado. Essa arte popular é, antes de tudo, um processo e deve ser visto por si mesmo (Canclini, 1983). Nas narrativas das Manas, percebe-se o artesanato e o fazer manual por estas duas perspectivas: manifestação de um conjunto de técnicas e saberes adquiridos coletivamente para expressar o escopo cultural e enquanto manifestação do belo e produto artístico da artesã.

Muitas peças em exposição na Feira das Manas carregam características do artesanato brasileiro, como é o caso dos tapetes em barbante, ou as peças de arte sacra. A arte regional, por sua vez, é exposta em peças em capim dourado, de diferentes maneiras (Figura 37). Para Keller

(2014), a confecção de uma peça artesanal tem seu desenvolvimento alojado no trabalho intencionalmente orquestrado pelo indivíduo, em geral, com propósito comercial. Porém, em muitos casos, pode ser uma prática orientada por fatores culturais e/ou de manutenção de uma tradição do patrimônio cultural de um povo. Exemplos de intencionalidade na produção artesanal podem relacionar-se a práticas ancestrais de um povo ou grupo. Belas (2008) aprofundou esse tema ao tratar da extração e do uso do capim-dourado no Tocantins ao expor a relação simbólica que direciona extração, manejo e uso artesanal em princípios ambientalmente corretos e como mecanismo de justiça social e preservação da história e da cultura, em especial o observado por ela junto aos remanescentes quilombolas no povoado Mumbuca.

Figura 37 – Janeide expondo suas peças na Feira das Manas, em 8 de outubro de 2022, na orla da Praia da Graciosa, Palmas/TO.



Fonte: Acervo de pesquisa (2022).

O termo *artesanato* é atribuído a diversas práticas manuais que produzem bens de uso e consumo, como também caracteriza uma prática, um fazer que resgata o saber tradicional de um povo, por meio de técnicas manuais ancestrais, fortemente sedimentadas na cultura popular. Essa pode ser considerada uma forma de arte que demanda esforço técnico, criativo e subjetivo, empregado na confecção de um produto artesanal único ou personalizado. A principal característica dos produtos artesanais é o domínio do uso integral de uma técnica de manipulação, desde a matéria-prima até o produto final, em que todas as etapas da concepção e da confecção

são executadas pelo artesão (Andrade, 1938; Keller, 2014; Luckman, 2015). O artesanato não é só uma atividade de lazer ou uma habilidade manual, é parte da vida laboral da artesã, mas também se relaciona a seus gostos artísticos pessoais, àquilo que a artesã sente prazer em confeccionar.

Entrevistadora: Há quanto tempo que a senhora faz artesanato?

Marlene: Há quinze anos. Eu comecei com moda íntima, né? E fui abrangendo, fui criando, fui inovando e hoje eu tô com uma gama de trabalhos, né? Muitas variedades.

Entrevistadora: Quais são os principais produtos que a senhora faz?

Marlene: Eu gosto de todos, mas ultimamente o que eu mais gosto assim que eu é a minha afinidade maior são enxoval de cama e mesa, bordados e enxoval de criança, de bebê (MARLENE, 2022).

Figura 38 – Marlene expondo suas peças na Feira das Manas, em abril de 2023, no Parque Cesamar, em Palmas/TO.



Fonte: Acervo de pesquisa (2023).

Em outros casos, o fazer artesanal é instrumentado enquanto dispositivo de mobilização popular e política, materializando, por meio da arte, as demandas sociais. Um grupo de artesãs chilenas são exemplo desse comportamento. As Arpilleras costuram e bordam, materializando peças únicas que unem o tempo presente ao passado, para expor suas percepções sobre a repressão política sofrida. Essa foi a forma utilizada para resgatar e manter viva a memória das dores e das dificuldades do período mais brutal da ditadura pela qual passou aquele país

(Ertzogue, 2018). Nesse caso, a arte produzida por essas artesãs exprime dores, significados e valores em torno da liberdade e da democracia conquistadas, como também dor e violência sofridas por elas e por seus ancestrais. O artesanato também pode ter, em seu âmago, a construção de um modelo socioambiental ao representar os valores preservacionistas de uma comunidade. Nesse caso, a produção artesanal inicia-se na extração da matéria-prima e completa-se com a utilização integral do elemento natural por meio da confecção de diversos tipos de bens. O aproveitamento, em muitos casos, percorre toda a cadeia extrativista, e o uso integral do recurso natural gera renda de maneira sustentável, como esclarecem Silva, Araújo e Barros (2015) ao tratarem dos desafios sociais, econômicos e políticos vividos pelas comunidades agroextrativistas babaqueiras do estado do Piauí.

A confecção artesanal não é necessariamente produto do trabalho individual, pois muitas vezes a gestão solidária é uma maneira eficaz de adaptar redes de artesãos ao mercado competitivo na atualidade, colaborando, por meio de redes solidárias, para aumento da estabilidade econômica de grupos marginalizados, pessoas em situação de desemprego e/ou com baixa renda e escolaridade. A feira é um exemplo dessa ação conjunta. Algumas das bancas são gerenciadas por duas ou mais mulheres, em geral, parentes ou amigas, como na Figura 39. As amigas Analice e Kátia, do ateliê As Beneditas se uniram para produzir panos de prato decorados e bolsas artesanais. Além de proporcionar rendimento, a participação na feira é vista por elas como uma forma de demonstrar a qualidade de seus produtos.

Figura 39 – Analice e Kátia expõem suas peças na Feira das Manas, em março de 2023, no Espaço Cultural José Gomes Sobrinho, em Palmas/TO.



Fonte: Acervo de pesquisa (2023).

O artesanato é a expressão de um saber milenar, entrelaçando passado, presente e futuro por meio das formas de fazer. À medida que gera subsistência econômica, repercute no íntimo de quem o produz, satisfazendo a artesã intimamente. Há aproximação com a arte popular, a

busca pelo significativo para o artesão e pelo que representa e que é desejado por um grupo, apresentando-se enquanto alternativa produtiva sustentável à sociedade global de indústria de massa e à precarização das relações formais de trabalho e renda (Lira; Gonçalves; Cândido, 2007). Isso ocorre não só por sua cadeia produtiva, mas, em especial, por alinhar uma superestrutura intelectual que produz e comercializa bens únicos e significativos, impossíveis de se materializar em uma indústria de massa.

Jourdain (2018) relata que grupos de artesãos franceses, geralmente compostos por indivíduos em faixa etária elevada, têm na produção artesanal seu principal meio de sustento. Nesses casos, a produção artesanal se transformou em uma ocupação tradicional desenvolvida, muitas vezes, por várias gerações de toda uma família e dominada pelos anciãos. São comuns os relatos de artesãos que “herdaram o talento” para uma técnica artesanal de um parente, ou que se inseriram na ocupação ainda na infância, incentivados por familiares ou por instituições escolares.

A Feira das Manas teve, como foco inicial, proporcionar um lugar para exposição e venda do artesanato produzido exclusivamente por mulheres. Muitas delas têm o artesanato como única fonte de renda. A história com artesanato, muitas vezes, se confunde com a história de vida da artesã.

Desde adolescente, eu sempre gostei dos trabalhos manuais, que antigamente chamava trabalhos manuais, né? Então, na minha época de escola, nós aprendíamos muitos trabalhos manuais durante as aulas. Eu tenho um apreço muito grande pela pintura. Meus primeiros trabalhos manuais foram com pintura em tecido e depois pintura em tela (ALBÂNIA, 2023).

Eu sempre fiz artesanato, desde criança. Eu sempre pintava nas minhas roupas, eu sempre tinha uma presilha diferente. Porque eu estudei no convento, e antigamente existia aula de artes, e a gente aprendia tudo isso (FERNANDA, 2021).

Minha mãe é artesã, e eu segui os passos dela (GIANINE, 2021).

Desde minha infância e adolescência, o artesanato já era uma paixão, que foi se tornando uma profissão e hoje é minha atual fonte de renda (LUCIVÂNIA, 2021).

Eu comecei no artesanato vendo a minha mãe fazendo boneca para vender na feira hippie, então artesanato é uma coisa que vem de família (PATRÍCIA, 2021).

Crochê eu sei fazer desde criança (STELAMARES, 2022).

Assim como demonstram os relatos acima, a tradição do artesanato é forte componente presente em muitas famílias e durante a infância de grande parte das artesãs que compõem a feira. Segundo Jourdain (2018), os artesãos franceses percebem o artesanato enquanto uma forma de manutenção e resgate de tradições e valores coletivos, diminuindo a importância econômica da

venda de produtos manuais. O arcabouço de representações coletivas em torno do artesanato para as Manas se difere dessa perspectiva por abarcar não somente o peso de manter as tradições. Para essas mulheres, o artesanato representa uma expressão cultural e artística que reflete as tradições culturais, como também tem forte componente econômico.

A economia criativa, em especial os trabalhos artesanais, têm uma relação direta com os modelos ecossocioeconômicos que priorizam o desenvolvimento de comunidades locais para o desenvolvimento sustentável. A valorização do artesanato como parte do arcabouço cultural, para além de um meio de vida, perpassa pelos saberes tradicionais de um povo ou grupo, sua forma de vida e como os materiais são coletivamente utilizados. Essa valorização não apenas preserva a diversidade cultural, mas também fornece suporte econômico para as envolvidas nesta pesquisa enquanto indivíduos, melhorando suas vidas.

A comercialização do artesanato também pode ter um impacto positivo na ecossocioeconomia local. Ao incentivar o consumo de produtos artesanais locais, apoiamos diretamente a economia de uma região, ao invés de estimular a importação de produtos industrializados. Isso promove a circularidade econômica, mantém o dinheiro na comunidade e gera um ciclo virtuoso de desenvolvimento. Além disso, a venda de artesanato pode impulsionar o turismo local, ao atrair visitantes interessados na cultura e nos produtos artesanais da região.

Em suma, a relação entre artesanato e ecossocioeconomia contempla diferentes aspectos. A produção de artesanato a partir de recursos naturais, o estímulo à economia local, a valorização da cultura e a conscientização ambiental são apenas algumas das dimensões dessa relação. Como cientista ambiental, defendo o incentivo ao artesanato como uma forma de promover o desenvolvimento sustentável, tanto em termos econômicos quanto ambientais e sociais. Esses fenômenos característicos da ecossocioeconomia visam ao fortalecimento econômico e cultural de uma parte marginalizada da sociedade, operando, de forma conjunta, para a formação de capital social (Martins; Caldas, 2009; Zdepski; Grimm; Procopiuck, 2018).

O grupo de artesãs é muito variado em termos de tipos de artesanatos e produtos comercializados. O viés sustentável da produção manual das Manas se apresenta de diversas maneiras. A redução do desperdício se figura como central para o grupo, uma vez que não é somente uma estratégia para minimizar quaisquer impactos ambientais, mas um mecanismo de sobrevivência econômica. No dia da entrevista, a artesã me atendeu enquanto produzia algumas peças. Em determinado momento, ela percebeu um defeito em uma delas e abriu uma gaveta, que observei estar repleta de retalhos. Diante do meu pesar pelo transtorno em descartar um pedaço

de tecido tão expressivo, ela informou que não joga nenhuma peça defeituosa ou resto de material fora. Segundo ela, todo retalho, sobra de material ou uma peça defeituosa mais tarde compõem um mosaico de retalhos que se transforma em forro ou enchimento para outras elaborações criativas. As Manas expressaram essa preocupação de diferentes formas.

O meu material que uso para fazer a parte de perfumação e velas eu sempre digo para as pessoas reutilizarem os recipientes, né? [...] [Os produtos que faz] têm muito esse apelo do consumo consciente. Eu evito usar sacola plástica, tenho só sacola de papel. Eu evito usar a sacola colorida, por conta da poluição pra tingir o papel, né? Então, na medida das possibilidades, a gente tenta fazer aquele produto com consciência ecológica sim! (ALBÂNIA, 2023).

Eu, graças a Deus, eu não tenho desperdício de produto. Tanto que tem pessoas que vão lá em casa pra pegar retalhos pra fazer tapete. Mas meus retalhos são bem pequenos, eu não desperdiço nada. Porque eu sou bem econômica, eu não desperdiço nada. O que não dá pra fazer de adulto, eu faço infantil, o que não dá pra fazer de menino de quatro anos, eu faço de dois. E não dá pra fazer de dois, eu faço RN e assim vai. Aproveito tudo (MARIA NEUZA, 2023).

A sobra de material eu evito. E eu os aplico novamente, ou eu faço doação, né? Tem as pessoas que já sabem que eu dou, então elas já procuram e vou escoando minha sobra pra virar produção de outra pessoa (MARLENE, 2022).

A ecossocioeconomia serve de arcabouço para perceber a gestão organizacional a partir de arranjos produtivos de base comunitária. Essas atividades econômicas, provenientes de práticas sociais cotidianas, visam suprir a falta de ações institucionalizadas para atender necessidades dos indivíduos, assim, acabando por produzir tecnologias sociais que colaboram para diminuir as desigualdades, um dos princípios de desenvolvimento sustentável regional (Grimm; Sampaio; Procopick, 2018; Sampaio; Dallabrida, 2009). As ações do grupo são mais eficazes que os discursos para compreender como a sustentabilidade e o artesanato se relacionam intimamente para a realidade das Manas. Quando questionadas sobre o tema, há um conflito entre o conhecido e o que é realizado.

A feira é um projeto social e sustentável, mas precisamos de mais braços para tomar conta de tudo [...]. Eu vou te contar! Não é fácil! Não é fácil um trabalho social que tem resultado, que tenha uma meta como é o nosso. Não é fácil. Mas também é muito satisfatório e é muito bom. Você se sente muito feliz em saber que está fazendo alguma coisa. Essa já é a diferença. As pessoas veem e se inspiram (RENATA, 2022).

Modelos ecossocioeconômicos são permeados por aprendizagem expansiva. Esse é um processo de aprendizagem coletiva e colaborativa, que geralmente envolve troca de conhecimentos e experiências em um grupo, no qual o aprendizado pode ou não ser a meta principal, e gera a mudança do indivíduo. Esse modelo é bastante importante para pessoas do artesanato e comum em modelos ecossocioeconômicos. A interação com outras artesãs faz com

que as Manas aprendam novas técnicas, seja por meio de aprendizagem deliberada, ou troca experiências, fortalecendo, assim, a identidade do grupo, como no estudo realizado por Grimm, Sampaio e Procopick (2018).

Eu tenho recebido encomendas por causa da visibilidade que a Feira das Manas dá. É a visibilidade no *Instagram*. Eu tinha *Instagram*, nunca tinha postado nada, depois que eu fui pra Feira das Manas, aí eu aprendi a movimentar essa parte, né? (STELAMARES, 2022).

Será uma questão financeira? Eu acho que não é só a questão financeira. Eu acho que a mulher, depois que entra na feira, ela aprende a se impor mais. Impor as vontades dela. E observar que a mulher é realmente uma parceira, que o marido sabe que ele pode contar e sabe que ela tem voz ativa dentro da sociedade (SUEN, 2023).

Então tem muitas delas que entraram na feira e deslancharam. Hoje elas têm um ateliê mesmo! Com página no *Instagram*, têm seu ateliê com marca, com logo e estão ganhando seu dinheiro. Então, acho que o intuito da feira é esse. É auxiliar essas mulheres a entenderem esse universo que às vezes elas ainda não conseguiram visualizar o negócio delas, enquanto um negócio pra ganhar dinheiro (PATRÍCIA, 2022).

Tem dois tipos de mulheres que passam pela feira. Uma pega uma experiência, pega um o que estavam precisando para poder montar seu próprio negócio, e a feira foi só uma passagem. Outras saem porque realmente não conseguiram se adaptar a essa rede que a gente tem dentro da Feira das Manas (RENATA, 2022).

A conjuntura moderna é muito ampla e diversificada, por isso não é possível, sem ampliar as categorias de estudo, concluir este trabalho. O artesanato não é o único fator preponderante para a discussão do tema, apesar de as representações sociais do grupo sinalizarem o artesanato e a pequena produção enquanto ponto de virada na vida de muitas das Manas entrevistadas ao longo da pesquisa. Em especial, durante as observações de campo, a feira foi sendo aclamada como um mecanismo importante e de peso para o arcabouço simbólico e representativo das participantes. Contudo, a busca por fonte de renda permanece enquanto motivação relevante para a atuação com trabalhos manuais como o artesanato, a panificação e a confeitaria (Suárez; Bonfil, 2004 *apud* Martelo; San Roman, 2007).

No trabalho de Wright Mills (2009), o processo de pesquisa é abordado como um artesanato intelectual, destacando o pesquisador como o agente responsável por questionar e aprofundar suposições. Isso implica análise crítica das estruturas sociais observadas e vivenciadas, particularmente no contexto de uma pesquisa dessa natureza. Buscando aprofundar essa concepção, fez-se necessário aproximar as categorias especiais e econômicas e localizar o artesanato na cidade, se podemos fazer tal analogia, pois a feira de produtos artesanais foi eleita

como ponto fundamental de permanência e conexão com o urbano. Esta pesquisa é, sobretudo, um processo desafiador e criativo que demandou boa dose de habilidade artesanal e de dedicação.

6.5 As feiras de artesanato

As feiras de venda de produtos artesanais são bastante comuns no Brasil. Pode-se, com relativa facilidade, visitar uma dessas feiras tanto em grandes cidades, quanto em cidades históricas e turísticas. Elas existem em vários modelos, em diferentes ambientes, muitas vezes enquanto parte do atrativo cultural e turístico, para além de serem espaços comerciais. Os processos de territorialização baseados no modelo civilizatório ocidental orientaram a disposição dos equipamentos sociais urbanos, direcionando as feiras urbanas para locais específicos das cidades. Muitas das feiras artesanais, da mesma forma, foram alocadas em pavilhões de exposição, centros de convenções e até *shopping centers*, locais aparentemente privilegiados quanto à estrutura, porém de alto custo para os feirantes (Vieira, 2014). As feiras de artesanato sofrem um processo de mercadorização dos espaços. Suas estruturas aproximam-se de modelos comerciais que priorizam lucro em detrimento da manutenção das representações culturais da comunidade em que estão inseridas.

Em alguns casos, a participação nas feiras é condicionada à confecção de produtos artesanais que atendam a padrões de produção e consumo específicos, equiparando o artesanal às mercadorias industrializadas. Em especial, a regulamentação de algumas dessas feiras, além de impor normas sanitárias a artesãos e pequenos produtores, solicita adequação a determinações impostas por seus grupos gestores. Essas imposições acabam por interferir na produção artesanal perenemente, modificando não só técnicas, mas também artigos feitos, aproximando-os de padrões da fabricação em massa (Marquesan; Figueiredo, 2014).

A atuação de agentes externos e internos sobre as feiras é bastante comum, em especial quando se trata de regulamentar normas de segurança e instalação. Os gestores municipais têm poder para autorizar locais específicos para funcionamento da feira, e a disposição de barracas está diretamente relacionada ao público que se pretende atrair. É o caso da Feira Híppie de Belo Horizonte, que, além das normativas e das regulações de gestores públicos, ocorreram institucionalização de comportamentos, taxas de exposição, regras de funcionamento e fiscalização sobre os produtos vendidos por artesãos por parte dos próprios participantes (Carrieri; Saraiva; Pimentel, 2008).

A instauração de normas que se transformam em costumes e tradições e se institucionalizam a ponto de perder a referência da motivação original de sua instauração pode se dar sem que as pessoas tenham consciência desse movimento, transformando-se em formas de pensar coletivas, que modelam comportamentos. Modificar as formas coletivas de atuação requer empenho relativamente complexo que ancore novos significados inconscientemente e que viabilize uma nova representação social sobre a atividade.

Ao observar uma feira e, em especial, uma que tem características de movimento social, sabe-se que, para além de sua configuração espacial ou social, uma série de processos e relações coadunam para o desenvolvimento de uma organização única e processos de racionalidade específicos. Para que se possa chegar à compreensão apurada da realidade, a mera descrição de fenômenos não é suficiente. É necessário expor os processos e como o imaginário, seus símbolos e significados atuam, pois coordenam, a partir do consciente coletivo, a manifestação social. Por isso a necessidade de se realizar uma descrição densa do objeto de estudo, nos moldes do que foi proposto por Geertz (2008).

7 AS DIVERSAS INTERFACES DE UMA FEIRA COMPOSTA EXCLUSIVAMENTE POR MULHERES

Para estabelecer maneiras de viver mais sustentável e alcançar o equilíbrio ambiental, é necessário integrar diversos fatores. Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) defendem a necessidade de reorganizar as tensões econômicas e sociais que influenciam nossa relação com os recursos naturais do planeta (Bifani-Richard, 2003; Hernández, 2010; Rico, 1998). As Manas, cada uma à sua maneira, buscam formas de se transformar diariamente. Seus relatos evidenciam preocupações com diversos aspectos.

Eu acho que a gente faz a nossa parte. Se a gente tivesse mais recursos e condições para se dedicar só à feira, acho que, em muita coisa, a gente seria mais sustentável. Tem tanta gente incrível que faz trabalhos sustentáveis fora da feira e poderia estar trabalhando com isso na feira. Mas para isso precisamos de parcerias ou patrocínio. E ninguém vive de brisa. Materiais sustentáveis e aproveitamento de alimentos e materiais são algo que já fazemos. A gente queria ter mais na feira, mas como? (RENATA, 2022).

Atividades e produtos que priorizam reuso, consumo consciente, como venda de livros ou roupas de segunda mão e produtos feitos com materiais reciclados são uma constante entre feirantes ocasionais, aquelas que expõem em algumas edições da feira, mas não se dispuseram a integrar o coletivo e participar das decisões do grupo. Em sua versão original, a feira tinha presente, em seu quadro de expositoras, brechós e um sebo.

“As nossas peças do brechó são garimpadas e algumas são customizadas com ideias próprias. Há todo um trabalho para que se chegue nas araras. A gente seleciona, vê possibilidade do que fazer com as peças, lava, tira foto, faz combos”, afirma Jéssica, que completa afirmando que “a Feiras das Manas tem tudo a ver com a identidade do brechó, levando ideia de empoderamento e valorização do trabalho realizado, na feira tem um intercâmbio de produtos/serviços, onde a gente troca divulgação, ideias e faz uso de produtos umas das outras”, finaliza (SANTOS, 2019).

Figura 40 – Foto registra presença do brechô Wild Pequi, na primeira Feira das Manas



Fonte: Santos (2019).

Propostas como o Sebo da Vovó, para livros, e o Wild Pequi, para roupas usadas, foram rapidamente aceitas na Feira das Manas, desde suas primeiras edições. Um dos motivos observados durante as primeiras observações de campo foi a adesão das Manas à proposta de tornar a sustentabilidade um mecanismo de mudança de comportamento na sociedade. Atualmente, nenhuma das duas propostas faz parte da feira, ambas abriram seus próprios negócios, seja em lojas físicas ou de venda direta.

A Figura 41 é uma reprodução de um conjunto de publicações expressas na página do *Instagram* da Feira das Manas em que o grupo demonstra parte de seu arcabouço imagético sobre o que representa a feira enquanto projeto sustentável de apoio a mulheres em situação de exclusão social.

Figura 41 – Conjunto de publicações do *Instagram* da Feira das Manas em 9 de novembro de 2019



Fonte: Perfil @feiradasmanaspmw, *Instagram* (2019).

Essas publicações, que datam de novembro de 2019, primeiro ano do coletivo, demonstram a correlação imagética entre sustentabilidade e empoderamento feminino para as RS sobre a feira. Durante as reuniões do grupo observadas, formalmente os registros produzidos confirmam essa relação. As representações servem como instrumento para agir sobre o mundo e o outro na produção de saberes sociais. A centralidade desta análise se detém nos saberes produzidos e modificados no cotidiano das participantes. As Manas assimilam conceitos, mesmo os que são parte de um universo não familiar do conhecimento, presentes ou não nas teorias do senso comum (Jodelet, 2002). Veem-se como iguais e igualmente competentes para falar em nome do grupo e assimilam componentes do universo consensual (senso comum) e do universo reificado (conhecimento científico ou qualificado) de maneira imbricada, conforme afirma Arruda (2009).

O processo de formação de um grupo pressupõe o entendimento mútuo e o uso de uma série de palavras ou termos de autodesignação que os torna solidários. Quando nomeamos algo, tiramos do anonimato, tornamos parte de um acervo de pesquisa e coletivo de conhecimentos. Moscovici (2015, p. 66) usa a figura de linguagem de uma rede de pesca, cuja malha tem de ser suficientemente justa para “impedir que o peixe escape”, formando uma conexão de sentido e também um ambiente afável para os membros da sociedade ou do grupo. A pauta das Manas, ao

longo do processo de construção e reconstrução da feira, passa a coincidir com alguns dos ODS, especialmente no que se refere à relação entre gênero e sustentabilidade.

7.1 Gênero enquanto categoria útil de análise: o patriarcado e o feminismo

Perceber as relações entre sexos como fruto de um arranjo de forças, aproximadamente desigual, é tradição dos estudos feministas há algumas décadas. No âmbito das ciências humanas, esses estudos se desenvolveram em uma vasta teia de conhecimentos e pesquisas que reorganizou as percepções sobre a vida social em diversos aspectos. Para Bila Sorj (1992), o mais tradicional modelo de unidade familiar sobre o qual os estudos de gênero erigiram se refere à família mononuclear, em que a distribuição de poder é desigual entre homens e mulheres, e as atribuições domésticas se centralizam sobre a mulher, colocando-a em uma posição de subalternidade econômica e, conseqüentemente, social. O feminismo compõe-se fundamentalmente pela imponente força da emancipação enquanto resultado de uma racionalização do mundo moderno, relacionando empoderamento e libertação das mulheres enquanto reflexo do progresso da sociedade (Sorj, 1992).

Na perspectiva de Sorj (1992), o feminismo, em especial sua versão pós-moderna, poderia (então) abdicar do dualismo estruturalista que o construiu. Nesse caso, “a dinâmica de um feminismo pós-moderno seria tal que perderia qualquer denominador comum diante da afirmação de infinitos particularismos” (Sorj, 1992, p. 21). Para entender essa (des) e (re)construção do feminismo, é preciso buscar a essência de um de seus principais conceitos: gênero.

As pesquisas que tratam de gênero na sociedade não permanecem exclusivamente no ambiente intelectual do feminismo, mas tratam de colocar a questão da igualdade e da diferença como objeto de análise, verificando as relações entre sexos e mantendo diversas vezes a lógica do dualismo conceitual. Subjetivamente construído, em um contexto social e histórico, segundo Joan Scott (1995), o conceito de gênero exprime um saber a respeito das diferenças sexuais e como são historicamente construídas, produzidas e reproduzidas no tecido social. O estabelecimento de regras de poder e controle em uma sociedade é realizado por homens e segue uma lógica instituída e reproduzida, cuja base é a sujeição do feminino em amplo aspecto, denotando uma distribuição desigual de poder entre homens e mulheres.

Minha definição de gênero tem duas partes e diversos subconjuntos, que estão inter-relacionados, mas devem ser analiticamente diferenciados. O núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento

constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder (Scott, 1995, p. 86).

No mesmo arcabouço conceitual, o patriarcado é o contexto social que naturaliza a sujeição do feminino no âmbito cultural e a exploração do trabalho pelo capital na mesma medida. A representação da ordem genérica do mundo, os estereótipos sociais e suas normas são fundamentais na configuração da subjetividade de cada pessoa e nos padrões culturais. O patriarcado, enquanto uma visão de mundo, ordena o componente feminino em segundo plano e subordinado ao masculino (Lagarde, 1996). Esse arcabouço que relaciona economia, cultura e política caracteriza-se pela justaposição de diferentes formas de injustiça social (Fraser, 2009).

Discutir o patriarcado, enquanto categoria de análise que interage com as formas econômicas, perpassa por entendê-lo enquanto uma rede de relações de poder. A dominação da mulher pelo homem, que é anterior ao sistema capitalista e remonta à Antiguidade, foi aproveitada no capitalismo como parte de seu sistema de valores e representações sociais, para manter uma lógica de dominação. As ponderações de Saffioti (2004, p. 60) atravessam o tempo para caracterizar por que o termo patriarcado deve ser central em estudos sobre mulheres:

1. não se trata de uma relação privada, mas civil;
2. dá direitos sexuais aos homens sobre as mulheres, praticamente sem restrições [...];
3. configura um tipo hierárquico de relação, que invade todos os espaços da sociedade;
4. tem uma base material;
5. corporifica-se;
6. representa uma estrutura de poder baseada tanto na ideologia quanto na violência.

Outra importante relação instituída pelo modelo patriarcal se refere às categorias gênero e trabalho. Esse binômio conceitual se entrelaça na prática acadêmica tanto quanto em grande parte das lutas interpostas por movimentos e grupos feministas. Essa relação permeia discussões e problemáticas das mulheres, como relata Tiburi (2018, p. 14):

É mais do que curioso analisar onde, como e quando as mulheres trabalham. Desde que nasce, não é um exagero dizer que uma menina está condenada a um tipo de trabalho que se parece muito com a servidão que, em tudo, é diferente do trabalho remunerado ou do trabalho que pode escolher dependendo da classe social à qual se pertence. Em muitos contextos, lugares, países e culturas, meninas e jovens, adultas e idosas trabalharão para seu pai, os irmãos, para o marido, para os filhos. Serão, apenas por serem mulheres, condenadas ao trabalho braçal dentro de casa, a serviço de outros que não podem ou não querem trabalhar como elas.

Embora tente se amparar no caráter biológico da diferença entre sexos, nada há de natural na concepção patriarcal de feminino ou de masculino. A força do discurso utilizado está condicionada à reprodução da cultura e à manutenção do ordenamento social desse conteúdo imagético (Tiburi, 2018). Transpor a diferença material entre os sexos para o comportamento

cultural e, portanto, simbólico entre gêneros representa uma falácia, porém uma representação social com uma força avassaladora, que apoia seu conteúdo explicativo e objetificador em um sistema de dominação política e econômica. “Gênero é um termo usado para analisar os papéis masculino e feminino que se tornaram hegemônicos. A aparência de homem e mulher está profundamente ligada a regras de comportamento” (Tiburi, 2018, p. 16).

A teoria e a prática do feminismo não são tarefas fáceis e certamente não são exercidas sem causar um pouco de debate e alguma dose de polêmica. Se por um lado há pessoas profundamente preocupadas em estabelecer modelos de pensamento e métodos científicos a partir do feminismo, além de se posicionarem criticamente sobre suas próprias vidas e de outras pessoas, há aqueles que invalidam o tema como um conteúdo meramente ideológico. Nesse último caso, deturpam e desconhecem o próprio significado de ideologia.

A lógica do sistema econômico dos países americanos, em especial dos que permanecem em um modelo econômico periférico, carece de uma análise criteriosa, uma vez que nossa percepção dicotômica da atuação dos diferentes gêneros na vida cotidiana não se originou de uma predisposição biológica, mas de lógicas historicamente construídas desde antes do pensamento ocidental se consolidar como uma realidade generalizada, imposta por meio do processo colonizador, à qual os povos das Américas foram renovadamente submetidos. Bila Sorj, em texto de 1992, demonstrou profunda preocupação com os efeitos de uma provável pulverização de temas nas análises feministas. Porém, a diversidade que compõe o universo de problemáticas femininas vai, por si só, direcionar os estudos para panoramas mais diversos. Os estudos decoloniais, a intersecção e o ecofeminismo são importantes contribuições para o feminismo na modernidade, que abordam a importância da contextualização dos estudos de gênero para que as pesquisas não caiam em armadilhas patriarcais que normatizam o consciente coletivo.

O colonialismo é responsável por adicionar uma camada justaposta de fatores políticos, sociais e econômicos à vida de mulheres de alguns países subdesenvolvidos. A composição ideológica e imagética do período colonial pode ser melhor percebida na alegoria que tem o homem europeu, burguês e branco como detentor do poder em si. Nessa perspectiva civilizatória, densamente presente no imaginário coletivo, inclui-se o processo de invasão e instalação da condição de sujeição do Brasil (Lugones, 2014). Descolonizar requer a desconstrução do modelo de dominação, no qual o corpo feminino é atravessado por diferentes formas de opressão, não somente de gênero, raça ou classe social.

Conforme nos recorda Garcia (2017), vivemos em uma sociedade gendrada. Esse termo equivale dizer que as relações sociais, políticas, étnicas e econômicas se organizam por meio de padrões de ação e funcionamento dos quais o gênero é fator altamente relevante, sendo essa uma estrutura social que designa diferenças de papéis e atribuições sociais entre os sexos que foram construídas historicamente. Essa estrutura organizacional dispõe sobre comportamentos, atitudes e nossa forma de ser e agir coletiva, levando os indivíduos a seguirem padrões institucionalizados pelo coletivo e fazendo com que essa seja uma forma de violência.

A violência simbólica opera de forma perversa, fazendo com que a visão de mundo do dominador seja absorvida pelo dominado. Trata-se de uma modalidade de violência que domina integralmente, pois é um mecanismo que faz com que o dominado veja a si mesmo a partir do olhar do dominante (Garcia, 2017, p. 18-19).

O combate a esse estado de coisas é realizado a partir de diversas frentes nas sociedades. Movimentos organizados, grupos informais de mulheres, medidas judiciais e partidos políticos são alguns exemplos de instituições que se juntam à causa. As cientistas, estudiosas de diversas áreas, que realizam suas pesquisas com o viés de gênero se mesclam ou atuam em paralelo aos movimentos de luta. A esse conjunto das forças que se contrapõem à discriminação e à sujeição de mulheres é chamado de feminismo. Seja de forma coloquial ou científica, o movimento feminista tem diferentes interfaces, mas nem sempre uma liderança única ou institucionalizada. Algumas instituições que atuam em perspectiva feminista podem ser formalmente consideradas movimentos sociais, porém há outras tantas iniciativas que fazem parte do levante de mulheres e não se reconhecem enquanto movimento. Algumas delas nem mesmo se percebem como feministas, em parte devido às ancoragens sociais que o termo feminismo sofreu ao longo do tempo, descaracterizando-o ou difamando-o. Sobre o feminismo latino-americano, Schild (2017, p. 102) esclarece:

A América Latina é, obviamente, uma abstração, uma abreviatura de uma enorme variedade de experiências e tendências sub-regionais. Contudo, ainda que os novos movimentos estivessem modelados pela heterogênea composição social e cultural dos diferentes países, eles também desenvolveram características e dinâmicas em comum. Uma importante camada de feministas procedia dos movimentos revolucionários que haviam surgido na década de 1960 como resposta à desigualdade econômica e às intervenções imperialistas dos Estados Unidos, tendo na Revolução Cubana, sem dúvida, uma inspiração fundamental.

A ação coletiva de mulheres tem em si fatores históricos e regionais, que são retomados enquanto contexto para compreender sua atribuição de sentidos simbólicos. Deve-se ressaltar que, nesse sentido, a intensificação da emancipação econômica e social de mulheres perpassa pela articulação de diferentes marcadores de opressão. A intersecção entre gênero, raça e classe

social seria o conjunto mais intuitivo de motivadores para mobilização de mulheres em busca de empoderamento (Luna, 2016), embora se possam interseccionar diferentes fatores para compreender um determinado fenômeno. A justaposição e a inter-relação de formas de injustiças alimentam a mobilização feminina, na mesma medida em que instigam seu senso de solidariedade e a sua produção discursiva.

Embora a análise interseccional consiga abarcar uma multiplicidade de fatores bastante significativos, é fundamental ressaltar a importância sistêmica da lógica do capital para as discriminações de gênero. A construção do modelo de percepção da realidade que se procura desenvolver nesta pesquisa tenta se aproximar do que Vergès (2020, p. 39) propõe, aproximando ciência de ação política:

Eu partilho da importância atribuída ao Estado e sou adepta de um feminismo que pensa conjuntamente patriarcado, Estado e capital, justiça reprodutiva, justiça ambiental e crítica da indústria farmacêutica, direito dos/as migrantes, dos/as refugiados/as e fim do feminicídio, luta contra o Antropoceno-Capitaloceno racial e luta contra a criminalização da solidariedade. Não se trata de reconectar elementos de modo sistemático e, no fim das contas, abstrato, mas de fazer o esforço de observar se existem conexões e quais são elas.

Vergès (2020) tipifica o patriarcado enquanto comportamento socialmente instituído, que, portanto, dialoga com a economia e com o Estado. O caminho de uma investigação sobre mulheres perpassa pela crítica sistemática ao capital, enquanto sistema e instituição. As teorias e os movimentos feministas tentam desconstruir a lógica de dominação imposta a fim de promover igualdade e liberdade não somente a mulheres, mas a todos, todas e todes que se identifiquem enquanto diferentes do padrão do homem, branco e economicamente dominante, buscando igualdade de oportunidades. Conectar indissociavelmente economia e sociedade nas análises feministas é imperativo.

Segundo Garcia (2017), partir do olhar do dominado, percebendo as relações de gênero pelo ponto de vista de quem sofre constante violência simbólica e/ou física, é um desafio de reorientação da visão de mundo. À dependência econômica liga-se uma localização espacial, o lugar da mulher na sociedade. Pela perspectiva dominante, o lar representa o espaço de pertencimento da mulher. Com esse endereçamento, conectam-se, historicamente, a sujeição ao marido e à família e a alienação econômica, pois, em muitos casos, a esposa afasta-se do mercado de trabalho para se dedicar aos cuidados da casa e dos filhos.

Nessas situações, há dependência econômica em relação ao provedor do lar, o que também gera uma relação de sujeição, que muitas vezes ganha a máscara de afeto, cuidado e

proteção. A mulher, no mais das vezes, deixa em segundo plano sua formação acadêmica e profissional, a independência financeira e o mercado de trabalho para se dedicar integralmente ao ambiente doméstico e à família. Seu único lugar de referência passa a ser sua casa. A despeito de a igualdade de direitos entre homens e mulheres ser uma realidade em termos da lei e um princípio absoluto, sua prática é eventual.

Não se pretende estabelecer um dualismo entre casa e rua, público e privado. O dualismo, enquanto processo de construção de categorias opostas e excludentes, por meio das quais é realizado o julgamento de valores e formas, é um processo que impõe limitações, se utilizado como base para a análise de determinados comportamentos sociais advindos da modernidade. É essa construção dualista que determina uma lógica hierárquica em que o feminino fica em condição de subalternidade. Descolonizar a categoria gênero permite o entendimento histórico das relações sociais, da análise do subjetivo, do intersubjetivo e das construções das RS em questão. No arcabouço imagético, apoia-se nossa performance social, que foi percebida e estudada, academicamente, por um longo período, a partir do ponto de vista do colonizador. Pensar o feminismo pela perspectiva descolonial implica romper com a lógica de análise dicotômica, hierárquica, cujo pensamento central está circunscrito a comportamentos e fundamentos desenvolvimentistas propostos pelo modelo econômico vigente, incluindo as perspectivas de gênero, etnia, sexualidade, entre outras (Lugones, 2014).

Enquanto o modelo econômico e político de desenvolvimento e gerenciamento ambiental europeu for seguido, a ótica de subalternidade estará presente (Lugones, 2014). Somente estratégias que superem esse modelo ou que engendrem mudanças culturais, aplicando na prática a epistemologia ambiental, conseguem alcançar os objetivos previstos pela Agenda 2030 e efetivar modelos de desenvolvimento sustentável de base regional ou local. Por isso, há necessidade de verificar mecanismos sociais complexos por fatores e categorias que colaboram para sua composição. A revolução feminista emergiu uma nova maneira de se entender as questões de gênero em um primeiro momento nas relações políticas e no ambiente de trabalho, como salienta Nancy Fraser (2009) no artigo *O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história*. Assim como a epistemologia ambiental busca uma nova forma de perceber e conduzir, a partir de questões ambientais, as relações produtivas, outras forças interagem buscando reestruturar paradigmas sociais.

7.2 Ser feirante e produzir seu sustento: modos de ser feminista na contemporaneidade

A percepção das formas ocupacionais é perpassada por estudos de gênero, uma vez que as políticas de demissão e admissão praticadas revelam a diferença nas representações dos papéis de gênero consagradas, refletem diretamente no mercado de trabalho, aumentam não só a precarização, mas também o desemprego e as horas trabalhadas e reduzem salários, levando mulheres a buscar alternativas para obtenção de renda (Hirata, 2002; Sorj; Fontes; Machado, 2007).

Sempre tive gosto pelo artesanato e, ao me aposentar, esse entrou em minha vida como uma terapia ocupacional e um acréscimo na renda e superação dos problemas de saúde (aposentei por problemas de saúde), convívio social. Resumindo, a arte para mim é vida (TEREZA, 2021).

O artesanato, a produção de peças de decoração e arte e de gêneros de confeitaria se entrelaçam com a vida das Manas. O trabalho na feira, entre 2019 e 2023, vai se moldando e consolidando. Apesar de não se constituir um emprego formal, ganha contornos semelhantes ao exposto anteriormente sobre o duro trabalho cotidiano de feirantes. As narrativas das Manas, transcritas a seguir, sinalizam como elas percebem essa relação se construindo ao longo do tempo.

A iniciativa, que tem objetivo unir gastronomia, vestuário e artesanato produzidos por mulheres, está prevista para ser realizada quinzenalmente. “A Feira das Manas é mais que uma feira, é um grupo unido em prol de todas. Encontramos apoio, carinho e respeito mútuo. Temos que empoderar nossas mulheres e mostrar nossa força de trabalho e nossa luta”, segundo uma das feirantes e organizadoras, Paula Suzane (Melz, 2019).

O coletivo é composto por 30 mulheres expositoras e 6 integrantes que compõem a organização. Letícia Câmara, uma das organizadoras da Feira das Manas, comenta sobre o objetivo principal do grupo e a importância da feira, “o nosso foco maior é ter em Palmas um local onde a gente possa vender nossos produtos, expor para as pessoas conhecerem e saber que a gente existe. A importância da feira é dar para essas mulheres, a oportunidade de ter a própria independência e ter um equilíbrio financeiro melhor”, afirma Letícia (Santos, 2019).

Eckart explica que, no primeiro sábado do mês, a feira costuma ser itinerante, podendo ser realizada em praias, parques e feiras da cidade, mas, no terceiro sábado, a Feira é realizada no Parque dos Povos Indígenas. Ela conta ainda que as mulheres artesãs empreendedoras expõem seus produtos em outros espaços quando são convidadas, a exemplo da edição do Festival Gastronômico de Taquaruçu de 2019 (Jácome, 2020).

Eu comecei a trabalhar com artesanato depois que eu tive filho, desde que estava grávida e depois, com uma criança pequena, eu não tinha como trabalhar fora, porque eu queria me dedicar a cuidar da minha filha. Eu queria uma forma de trabalho mais flexível, para ter mais tempo para ficar com ela, eu comecei a investir mais em artesanato. O artesanato sempre foi um *hobby*, sempre esteve presente na minha vida, mas eu não

tinha trabalhado ainda. Mas, depois que eu tive filho, vi essa possibilidade. Como já estava produzindo em casa, produzir artesanato facilitou minha vida profissional e financeira (LORRANY, 2022).

Eventualmente eu faço “freela”. Eu sou formada em arquitetura. Agora eu não estou com nenhum trabalho estável, mas estou me organizando pra voltar com mais assiduidade. Esse ano tem oscilado bastante. Quando surge o trabalho de arquitetura, eu faço. O que é fixo mesmo é o ateliê (ARIADNE, 2022b).

[Pesquisadora] O artesanato se transformou numa profissão ou num trabalho informal, pra você? [Albânia] Profissão não! Porque eu continuo como meu vínculo obrigatório com o serviço público. Eu tenho um vínculo com a Universidade Federal de Tocantins, eu sou servidora de lá, estou afastada pra estudos. É pra mim uma complementação de renda. Porque eu faço, divulgo, participo da Feira das Manas e vendo os meus produtos. Então, ele é uma complementação de renda. Eu não digo que é uma profissão, mas é uma renda complementar à minha renda principal, é uma ocupação que gerou renda (ALBÂNIA, 2023).

De acordo com uma das coordenadoras, Ana Maria, a feira começou a ser realizada em 2019 e surgiu com a necessidade de espaços para mulheres. “A Feira das Manas de Palmas nasceu da necessidade de espaço. Sem muitas opções de expor os trabalhos artesanais, montamos um grupo através do *Facebook*, fizemos a reunião e cinco mulheres tomaram as rédeas da empreitada. Nossa primeira feira foi em janeiro de 2019 e, de lá pra cá, conquistamos espaço, amigas, cinco mil seguidores e o carinho de várias entidades públicas e particulares que nos apoiam, como é o caso do Tribunal de Justiça. Somos uma feira de mulheres, na qual tudo é realizado por nós, produtos, coordenação, mídia... Somos protagonistas da nossa história”, explica (Leão, 2023).

Figura 42 – Registro das Manas presentes em feira ocorrida, em 15 e 16 de dezembro de 2022, no Tribunal de Justiça do Tocantins, em Palmas/TO.



Fonte: Leão (2023).

Embora a palavra *trabalho* apareça de forma difusa nas representações das entrevistadas, as concepções de trabalho, enquanto um tema central que permeia a vida social, mediam a relação delas com o mundo, como em Marx. Para as Manas, essa relação aparece principalmente de duas maneiras: o cuidado com a casa e parentes e como forma de obtenção de renda. Tradicionalmente, desde a infância, às meninas se destinam às atribuições de cuidados domésticos e com a prole; e aos meninos, as posições de liderança e competição, que são facilmente percebidas nas brincadeiras e nos brinquedos infantis. Esse tipo de preparo para a fase adulta se reflete nas famílias e no mercado de trabalho (Nunes, 2011).

A historicidade das questões de gênero demonstra como a estrutura patriarcal se configurou enquanto uma estrutura de poder, muito bem engendrada e ideologicamente sustentada por uma gama de RS sobre o local social das mulheres. Fatores históricos, contextuais, geográficos, econômicos, étnicos, culturais e raciais incidem sobre gênero e atuam modificando as configurações específicas que incidem na vida das mulheres (e também dos homens) ao redor do globo. Para grande parte das Manas, o trabalho artesanal é gendrado, fruto da relação entre casa, família e renda, como as narrativas abaixo salientam.

Minha mãe fazia bonecas de pano pra vender na feira hippie de Goiânia, todo domingo. Ela trabalhava a semana inteira. Quando era à noite, a gente sentava, eu, as minhas irmãs e ela, e ia encher boneca com aquele algodão cru antigo. A minha irmã fazia os rostos, a minha outra irmã fazia os cabelos, e a minha mãe fazia os vestidos cada um mais lindo, mais rendado, mais bonito, com chapéu e tudo. Aí, quando era domingo, ia todo mundo pra feira hippie. É uma coisa que a minha mãe sempre falava e sempre falou, né? Eu vou te ensinar, de um pedacinho de pano, a fazer uma coisa pra você vender, porque, se nada na sua vida der certo, você tem como se sustentar sem fazer nada errado. Essa é a lição do artesanato que a minha mãe sempre deixou pra todas nós (PATRÍCIA, 2021).

Crochê eu sei fazer desde criança. Mas assim eu nunca tinha feito uma sequência, como eu tenho feito ultimamente. Quando me aposentei em 2018, foi meu último ano na ativa, eu senti necessidade de fazer alguma coisa para ocupar meu tempo. E aí comecei a fazer tapete de crochê de barbante, que é coisa simples e que rende muito trabalho. A gente consegue ter um quantitativo de produto rápido (STELAMARES, 2023).

Calhou de uma das minhas cunhadas ter feito cursos, ter comprado materiais pra fazer perfumaria de ambientes e ter desistido por conta da maternidade. Enquanto na maternidade eu decidi que eu tinha que voltar a fazer artesanato, já ela descobriu que estava grávida, ela disse que não dava não dava conta da maternidade mais o trabalho artesanal, o fazer, divulgar, enfim [...]. Então, a partir do material que ela me passou, eu fui à procura do fornecedor. Tem dois anos que estou me envolvendo nessa área (ALBÂNIA, 2023).

Um dia eu queria dar um presente pra minha mãe. Eu não tinha dinheiro pra comprar o presente pra ela, e eu sempre gostei de fazer coisas manuais e eu tinha salvo um tutorial no *Pinterest* ensinando como costurar um caderno. Foi no ano de 2013, já vai fazer dez anos que eu aprendi a costurar meu primeiro caderno (ARIADNE, 2022b).

As histórias de vida das artesãs se costumam às histórias ocupacionais. Segundo Silva e Eggert (2011), enquanto eminentemente feminina, a produção artesanal é tida como trabalho invisível, por ser geralmente uma atividade informal, realizada em ambiente doméstico, e a renda que dela provém não ser componente substancial do orçamento familiar. Para Daniele Kergoat (2003, p. 55), trabalho e gênero estão intimamente ligados para além de uma mera justaposição de tarefas, são indissociáveis:

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão social do trabalho decorrente das relações sociais de sexo; essa forma é adaptada historicamente e a cada sociedade. Ela tem por características a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apreensão pelos homens de forte valor social agregado.

A produção artesanal é eminentemente manual, em especial à maneira que se configura no Brasil, e está sempre envolta por linhas, agulhas, máquinas de costura, panelas, cordões, missangas, fitas. É um trabalho, em geral, repetitivo, apesar de contar com boa dose de criatividade. Porém também é uma ocupação com menor prestígio social e com baixo rendimento. Para Helena Hirata (2002, p. 280-281), essa inferiorização de atividades tradicionalmente femininas está relacionada com uma hierarquização do técnico e intelectual em relação ao trabalho manual e braçal:

A divisão sexual do trabalho é sempre indissociável das relações sociais entre homens e mulheres, que são relações desiguais, hierarquizadas, assimétricas e antagônicas. A divisão do trabalho é, assim, indissociável das relações sociais entre homens e mulheres, que são relações de exploração, de opressão entre duas categorias de sexo socialmente construídas.

A inserção no mercado de trabalho não retirou obrigações socialmente destinadas à mulher com relação aos afazeres domésticos e aos cuidados com filhos. Assim, muitas mulheres buscam ocupações que, simultaneamente, propiciem renda e ocasionam flexibilidade para a realização de outras atividades dentro da própria casa. A dupla jornada de trabalho e o desemprego são realidades do trabalho feminino ainda na contemporaneidade, o que faz com que o artesanato, a arte, a confecção têxtil e alimentícia sejam ocupações remuneradas atrativas a mulheres (Suárez; Bonfil, 2004 *apud* Martelo; San Roman, 2007). Casa, família e renda são parte dos compositores para o que a atividade representa para as Manas.

Entre as expositoras, estão as amigas Sâmia Carvalho e Nelma Matias. Ambas são professoras, servidoras públicas do Estado e avós. Em comum, as duas têm o fato de que desenvolveram seus artesanatos a partir da relação com os netos. Sâmia faz acessórios como laços de fitas, tiaras e outros enfeites para bebês e desde o nascimento de sua primeira neta ela intensificou sua produção. Já Nelma, que além de servidora pública, já trabalhou com costura no passado, resolveu confeccionar roupas infantis

femininas depois que sua neta mais nova passou por um problema de saúde e teve que tratar-se em outro estado. “Foi uma válvula de escape fazer essas peças tão delicadas, que também me trazem recordações afetivas da infância de minhas filhas e sobrinhas”, conta Nelma (Pinheiro, 2019).

Eu não posso te levar até o meu ateliê. O meu ateliê é a mesa que tem lá atrás que nós fazemos a refeição. Quando sai a refeição, eu limpo, tiro tudo, limpo e ponho a minha matéria-prima em cima pra fazer. Então, se eu estiver fazendo velas de manhã, quando dá onze horas, eu tenho que parar tudo, recolher tudo, botar num canto, porque ali vai ser a mesa onde vamos almoçar. Isso é o que eu menos gosto, porque atrapalha o andamento da casa (ALBÂNIA, 2023).

Na minha casa, eu tenho um lugar para o ateliê que é exclusivo pra trabalhar, pra receber as minhas clientes, mas é ainda na minha casa. No futuro não tão distante, ele vai sair de lá, mas aí com uma outra proposta muito maior do que ele é hoje (PATRÍCIA, 2022).

As mulheres participantes desta pesquisa estão imersas em uma realidade produtiva que fatores diversos interagem para a tomada de decisão para ação conjunta e elaboração da feira enquanto artifício empreendedor. Segundo Kergoat (2010), as relações sociais provocam um contínuo rearranjo de forças de negociação para a formação de identidades coletivas coesas. A reordenação de visões de mundo e das formas de existir é somente parte desse processo complexo de transformação.

Quando eu me formei, eu busquei um trabalho, mas eu ia ficar muito complicado. Meu marido falou: “Se quiser ir trabalhar, você vai”. Mas naquele momento eu tinha dois filhos pequenos, eu decidi ser mãe, não me arrependo! Fui mãe de quatro. Eu não deixei de ser mãe, eu não deixei, não deixei de ser dona de casa, mas hoje eu sou uma mãe empreendedora, uma mãe artesã, uma esposa empreendedora, uma esposa artesã. Então eu só acrescentei algo que já estava em mim. É complicado? É! Porque a gente sabe que esse mundo feminino é complicado. Você ser mãe, esposa, empreendedora e trabalhar é complicado, mas a gente sempre dá um jeitinho. É tudo junto e misturado na verdade (PATRÍCIA, 2022).

Eu sou uma pessoa que está entre as múltiplas tarefas do dia. Eu sou mãe de três. Eu sou aluna. Sou dona de casa. Eu sou artesã. E eu sou uma preguiçosa convicta, muito embora não pareça. Mas eu sou essa pessoa que desempenha várias tarefas ao longo do dia, vários papéis (ALBÂNIA, 2023).

Eu vejo o reflexo da feira, por exemplo, no meu filho. Eu entrei no serviço meu filho tinha três anos, hoje ele tem quatro, e ele agora na quarentena [entrevista concedida durante a pandemia de COVID-19], antes já fazia isso, mas ele pega seus brinquedinhos e monta feira, e ele fala que tá na Feira das Manas. Eu vejo o quanto a feira é receptiva com as crianças (KAREN, 2021).

Tinha mulheres que chegavam no nosso grupo que você via que ela não dava um sorriso. Tinha vergonha de falar. Por vezes era só timidez. Às vezes, é uma timidez que vinha de uma repressão desde pequena. Ou, às vezes, não, às vezes, era uma pessoa e chegou pra gente e falou: “Ah, mas é porque depois que eu arrumei esse parceiro, esse companheiro, eu vi que eu não podia falar muito. Ele não me apoia nisso. Ele não apoia naquilo”. Você vê que tem mulheres hoje que são outra pessoa. Viraram realmente empreendedoras (SUEN, 2023).

Os diversos grupos de mulheres unidas em torno de seus ideais talvez possam ser o futuro do feminismo. As ecofeministas estão na vanguarda desse movimento. Em um reposicionamento emblemático, relacionam economia e preocupação ambiental, a fim de instituir um novo modelo de comportamento sociocultural (Di Ciommo, 2003). Essa nova forma de ver as problemáticas de gênero na sociedade e como atingem mulheres em diferentes condições sociais expõe as limitações do sistema de sujeição imposto ao longo dos séculos. Segundo Regina Di Ciommo (2003), se cultura e natureza são ideologicamente dispostas enquanto opostos dualísticos de um sistema de percepção do mundo, o masculino e o feminino seriam os personagens do dualismo de gênero. O complexo cultural e das RS colocam “homem” e “cultura” como complementares no sistema ideológico.

As teorias feministas, em especial em um primeiro momento, pareciam defender que, uma vez no mercado de trabalho, a estrutura de dominação do patriarcado deixaria de existir (Di Ciommo, 2003). Em verdade, as RS em torno do feminino não pareceram se estruturar nesse sentido, e a participação da mulher mais ativamente no mercado de trabalho não foi suficiente para modificar e romper com o sistema de dominação. Não é a percepção dual das estruturas de pensamento que conseguiria gerar o conhecimento sobre essa questão, seria necessário superar o dualismo. O ecofeminismo se apresenta como uma nova percepção das atuais RS sobre a mulher, que tem em sua história de vida oportunidades pessoais que caminham com autonomia para a liberdade, sem perder de vista o fator ambiental, em que a maternidade é valorizada em uma lógica em que ser mulher não define a totalidade do sujeito. É preciso entender e aperfeiçoar a análise incluindo um outro fator importante: as relações de poder.

7.3 O levante feminista é todo dia: a Feira das Manas e o empoderamento feminino

De maneira geral, as sociedades são permeadas por distribuições desiguais de poder, enquanto capacidade de implementar uma ação social conforme a vontade de um indivíduo ou um grupo sobre outro(s). Para entender o tema do empoderamento, é necessário subir um degrau e verificar como se estabelecem as relações de poder. Essa temática está intimamente relacionada à ação política, fortalecedora da união de pares e transformadora da realidade. Poder é exercido em uma conjuntura interpessoal e perde força quando os indivíduos que se ligam por alguma forma de subordinação não estão agregados física ou simbolicamente.

O espaço político é caracterizado por grupos em que os componentes agem e sustentam discursos coesos. Segundo Arendt (2001), poder não é característica de um indivíduo, a menos que tenha sido conferido a ele por um coletivo e existe apenas se o grupo mantém interpelações. Para a autora, “o poder emerge onde quer que as pessoas se unam e ajam em concerto, mas sua legitimidade deriva mais do estar junto inicial do que de qualquer ação que então possa seguir-se” (Arendt, 2001, p. 41). Não é somente nas esferas institucionalizadas que as relações de poder se concentram, ele permeia todas as relações sociais, o que Foucault (1979) chama de microfísica do poder, e contamina toda a estrutura social e não somente os ambientes onde a retórica das relações de mando e desmando é dinamizada enquanto tal. Em especial, se há uma predisposição estrutural para o estabelecimento de subordinação, a dominação se acopla ao modelo predisposto e amplifica o processo, tal qual na relação entre ambiente, economia e gênero. Para o indivíduo ou o grupo superar as amarras das estruturas de poder, tanto institucionais quanto no nível das relações pessoais, é necessário empoderamento.

Carvalho (2004) elucida que a esse conceito são atribuídas duas acepções: uma psicológica e outra social (ou comunitária). Psicologicamente, o empoderamento remete à tomada de consciência e à ação individual perante uma situação de opressão ou de inação de uma pessoa em relação ao opressor ou à situação limitadora.

O empoderamento, enquanto uma ação social, relaciona-se a um grupo ou uma comunidade, revela o caráter político do termo. Nessa perspectiva, cada membro de um grupo se percebe e é percebido enquanto empoderado perante os demais. Ação social é um reflexo coeso dessa reciprocidade. A acepção coletiva do termo empoderamento possibilita que a atuação dos sujeitos seja politicamente ativa, legitimada pela comunidade, em uma dinâmica que privilegia a atuação dos indivíduos, ao mesmo tempo que potencializa a eficiência na conquista das demandas comuns a todos (Carvalho, 2004).

O empoderamento feminino está ligado à ascensão econômica das mulheres. Mesmo que a legislação – em âmbito civil, administrativo ou trabalhista – preconize a igualdade de direitos políticos, trabalhistas e sociais entre homens e mulheres, na prática, essa igualdade não se manifesta. O relatório de 2009 do Fórum Econômico Mundial de Davos e o documento *O Progresso das Mulheres no Mundo (2015-2016): transformar as economias, realizar direitos*, promovido pela ONU Mulheres, demonstraram a importância das políticas de desenvolvimento econômico para mulheres, não só para promover igualdade de direitos, mas também enquanto medida de dinamização da economia mundial (Alves, 2016). Essa perspectiva do

desenvolvimento relacionada com o empoderamento feminino alinha-se com os objetivos do grupo, expresso nos depoimentos das Manas, em especial daquelas que estão sem posição de comando dentro do grupo.

Eu acho que a cada dia que passa as mulheres estão aprendendo a se organizar em torno de si. Então a Feira das Manas, pra mim hoje, é um exemplo real de que as mulheres podem se organizar em torno dos seus próprios objetivos (ALBÂNIA, 2023).

Agora, em geral, eu acho que a feira é um meio muito bom que a gente tem de tirar as mulheres de casa. Essas mulheres que se dedicam a produzir algum produto artesanal, que elas mesmo confeccionam, e ter esse campo de exposição. Ter esse lugar onde elas podem mostrar o que fazem e podem gerar, que seja pouca ou muita, renda pra elas e elevarem o seu astral, a sua importância (ANA MARIA, 2022).

Entretanto, a equidade de gênero não é um percurso fácil. Grupos organizados têm historicamente maior facilidade de dialogar com as instâncias de poder e exercer influência na dinâmica social. Não se trata de retirar direitos ou avanços de uns para conceder a outros, mas de promover justiça social para todas as pessoas igualmente. A Feira das Manas parece ser uma dessas iniciativas.

Eu acho que a mulher, depois que entra na feira, ela aprende a se impor mais. Impor as vontades dela. E observar que a mulher é realmente uma parceira, que o marido sabe que ele pode contar e sabe que ela tem voz ativa dentro da sociedade (SUEN, 2023).

A primeira coisa que você tem que saber e colocar na sua cabeça é que a partir de hoje você está numa rede de proteção de mulheres. Essa é a primeira coisa que a gente fala. Elas saberem que estão ali não só para vender, mas para se apoiar, para conversar, para chorar, para falar, para poder expor o que sente, para poder mudar de opinião. Então é diferente. Não é uma feira só. São amigas (RENATA, 2022).

A organizadora enfatiza ainda a heterogeneidade do coletivo, por se tratar de mulheres com religiões e situações financeiras diferentes umas das outras, fator que não atrapalha o relacionamento do grupo. “Existem mulheres das mais diferentes classes intelectuais, financeiras, religiosas e nada disso impede de trabalharmos juntas. E o espírito da feira é exatamente esse, uma incentivar a outra”, completa (Santos, 2019).

Empoderamento, embora remeta a um estado individual, seu alcance é coletivo, pois pressupõe reciprocidade e legitimidade como as demais relações no campo do poder. Para as Manas, a Feira representa esse voo coletivo. A sociabilidade existente no coletivo de mulheres demonstrou ser o mecanismo que coopera para a mudança dos valores das integrantes e colabora para a objetificação de uma nova significação do que é ser artesã e ser Mana. A ancoragem, na teoria das representações sociais, pode ocorrer de diversas maneiras. Portanto, a mudança de significação do que é ser mulher acompanha, no caso das integrantes da feira, a mudança de termos. Ser mulher ganha a mesma significação de ser Mana.

E eu não estou nem falando de amizade das Manas. Não é que todas as Manas sejam amigas entre si. Mas existe um companheirismo e uma percepção de que uma tem que ajudar a outra porque quer, não é porque está ali, mas porque quer. Por isso o pertencimento da feira que é incrível. Então as Manas, elas são um exemplo de como a gente pode conviver tranquilamente e agregar sentimentos umas às outras em tão pouco espaço. Porque a gente se vê a cada duas vezes, três vezes no mês, por quatro horas (ALBÂNIA, 2023).

Mudou muita coisa na minha vida, em questão de socializar, em questão de amizade. Eu acho que vir pra cá, no sábado e nas reuniões, é muito bom. Eu gosto muito, porque a gente tá interagindo. E sem contar que também tem as ideias que você discute. Ouvir o que outras pessoas têm pra ti. Esse diálogo faz diferença e muita diferença (MARIA NEUZA, 2023).

Criamos laços de amizade aqui. Tem gente que a gente já percebe que uma é meio que família da outra (ARIADNE, 2022b).

A feira é ótima! As meninas são ótimas! É igual eu falei pra Ana. Eu estava querendo ir embora porque é difícil aqui. É só a gente. Não tem mais ninguém, né? E depois que eu comecei na feira me deu outro ânimo. É excelente estar aqui com as meninas, é maravilhoso (BEATRIZ, 2022).

Isso aí é interessante demais e me supriu a falta da minha família, que tá longe, sabe? Hoje eu tô cheia de atividade aqui em Palmas. Eu me enchi de atividade pra me esquecer um pouco de Minas e não querer voltar pra trás, entendeu? (FLAVIANA, 2022).

Depois que eu conheci a Feira das Manas, eu, que sou nutricionista de formação, entrei lá para dar um auxílio às Manas e acabei ficando. Nunca havia ganhado dinheiro com isso (artesanato), eu ganhei depois que conheci as meninas, quando eu passei a vender minhas peças (FERNANDA, 2021).

Adoro a interação das Manas, me sinto realizada no meio de tantas mulheres batalhadoras, guerreiras, que buscam o seu espaço na sociedade (JANEIDE, 2023).

Antes eu era tímida, não tinha idealização de futuro pro ateliê, pra nada, eu não era empoderada, e aí a gente vai convivendo com mulheres diferentes, com jeitos diferentes, com ideologias diferentes, e aí as pessoas vão motivando, e aí você vai se transformando sem querer (PATRÍCIA, 2022).

As esferas pessoal, intersubjetiva e política se entrelaçam no processo de empoderamento, complementam-se e atuam em conjunto tanto nas pessoas quanto em uma plataforma de colaboração conjunta como é a feira. Parte considerável de empoderar-se é refletida nos depoimentos no espaço de conexão e reciprocidade que a feira representa para as migrantes.

Uma vez incluídas, na grande maioria em um ciclo de cuidados internos, em uma nova realidade urbana, as mulheres se veem sem amparo direto de amigos ou familiares. Palmas, como os depoimentos demonstraram, é uma cidade fruto de seu tempo e de seu planejamento. Moderna, esteticamente planejada, urbanisticamente estruturada para ser sustentável e oferecer qualidade de vida a seus habitantes, mostrou-se um centro urbano excludente. A desconexão sentida por essas mulheres apartadas do círculo produtivo formal e de parte do convívio social no perímetro

urbano demanda um estudo mais amplo que engloba outras áreas do conhecimento. Nesta análise, pretende-se deter no que ser Mana colabora para o processo de inclusão social. O empoderamento feminino produzido na feira é ancorado nas representações sociais e objetiva novo referencial simbólico às participantes da pesquisa. Empoderar-se inter-relaciona diversos campos da vida, conforme nos lembra Sharma Batliwala (1994, p. 130):

O termo empoderamento se refere a uma gama de atividades, da assertividade individual até à resistência, protesto e mobilização coletivas, que questionam as bases das relações de poder. No caso de indivíduos e grupos cujo acesso aos recursos e poder são determinados por classe, casta, etnicidade e gênero, o empoderamento começa quando eles não apenas reconhecem as forças sistêmicas que os oprimem, como também atuam no sentido de mudar as relações de poder existentes. Portanto, o empoderamento é um processo dirigido para a transformação da natureza e direção das forças sistêmicas que marginalizam as mulheres e outros setores excluídos em determinados contextos.

Nesse sentido, faz-se necessária a realização de uma gama de considerações, embora não se pretenda esgotar aqui esse tema. O empoderamento feminino é, não por acaso, a última parte desta análise. É o conteúdo imagético a ser ancorado e colaborar para a mudança de imaginário e, por sua vez, de comportamento das mulheres do grupo. A ancoragem é o processo em que nossas atribuições de significado vão fazer parte do conjunto de valores, crenças e compreensões do mundo. Completando essa marcha, a objetivação é o movimento em que as representações passam a atuar de forma diferente, estão amadurecidas de tal forma que geram novos comportamentos. As narrativas de mudança implementadas por muitas participantes são a materialidade do processo de objetivação.

Logo, tem-se que a cidade de Palmas é representada como um lugar que reúne a esperança de qualidade de vida, sustentável, moderna e financeiramente estável, mas apresenta-se como excludente e intimidadora, enquanto realidade, como demonstrado nas narrativas anteriores. O patriarcado reforça o sistema de exclusão, pois coloca a casa como o lugar da mulher e os cuidados com parentes, ambiente doméstico e o marido como seu trabalho.

A feira é para grande parte delas um resgate de diferentes formas de violência e exclusão. As narrativas de violência física e simbólica recebida por algumas das entrevistadas foram a parte dolorosa da escuta. Registradas, mas não reproduzidas aqui. As representações sobre ser mulher na sociedade são fortes indicadores de comportamento. Ser Mana rompe com o processo de sujeição imposto às mulheres. Nas narrativas, quem melhor descreve como o patriarcado se materializa é uma das coordenadoras do grupo ao falar sobre o que o futuro pretensamente reserva para as mulheres.

Eu sempre trabalhei e sempre tive um dinheirinho meu, né? E sempre foi muito bom pra mim. Mas, pra muitas mulheres, essa não é uma realidade. Pra maioria, não é a realidade, né? As mulheres são criadas ou pra ser bonequinha, né? Aquela bonequinha de estimação que a mamãe faz tudo e ela fica lá no pedestal. E, depois quando ela se vê no mundo, ela fica perdida porque ela não sabe como ela vai fazer e o que que ela vai fazer. Como é que ela vai proceder para se manter? Se ela perde aquele círculo em que ela vive, ela fica sem chão. Muitas mulheres foram criadas assim (ANA MARIA, 2022b).

O uso da figura de imagem do “chão”, à qual entrevistada se refere, é, por um lado, a rede de sociabilidade que lhe garante reciprocidade e, por outro, o sustento econômico proporcionado pela exposição do produto. Durante o processo de entrevistas, ocorreu o diálogo com outra participante da pesquisa:

Pesquisadora: Você conseguiu se inserir na dinâmica da cidade com facilidade quando começou a fazer artesanato? Foi fácil encontrar locais para expor e comercializar, por exemplo?

Participante da pesquisa: Olha, quando eu comecei a fazer artesanato, eu fui oferecer nas escolas e nos lugares. Tiveram pessoas que aceitaram e outras recusaram. Não foi fácil não! Na verdade, eu só encontrei lugar para expor, mesmo depois que eu entrei para a Feira das Manas (PATRÍCIA, 2022).

Moradora de Palmas desde 2006, em 2012, iniciou a confecção das primeiras peças artesanais, conforme narrado em entrevista. O ingresso na feira se deu em maio de 2020. Percebe-se que o lento processo de empoderamento se dá em etapas. Junto a cada fase da vida dessa Mana, há uma série de ressignificações de conteúdos e valores. As mulheres passam por desafios e limitações que reduzem oportunidades de independência econômica. O trabalho, formal ou informal, tem centralidade para o empoderamento, pois confere autonomia e alça a mulher para posição de igualdade de fato, não só de direito. Para que mulheres possam atuar em igualdade, é necessário proporcionar condições básicas de sustento e autonomia, completando o ciclo de empoderamento.

Muitos foram os relatos de mulheres que eram dependentes economicamente antes da feira. Essa vulnerabilidade as colocava em uma situação delicada e constrangedora. Por não haver previsão na concepção feita pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) para pesquisa no ramo da violência e para não expor as interlocutoras, não realizei essas narrativas durante a pesquisa. Mantenho apenas a narrativa da então coordenadora do grupo sobre as narrativas por ela ouvidas durante o tempo que estive junto às Manas. A seguir, ela descreve o efeito da feira para as participantes.

A mulher sai daquela bolha que ela está em casa, porque dentro de casa, quando acontece a violência, não é só violência física, também tem a violência emocional. Às

vezes, da violência física a mulher ainda consegue se defender, pode ir para cima, jogar alguma coisa, mas da violência emocional para a mulher não. Agora temos exemplos de mulher não abaixar mais a cabeça. De marido dizer: “Eu não quero que você vá!” [para a feira], e ela dizer: “eu vou porque eu gosto, porque eu vendo”. Antes não tinha coragem de falar. Sabendo que você tem ajuda, você começa. Nós ajudamos as Manas que não têm coragem de sair do lodo. E esse exemplo ela passa dentro do ambiente dela, seja para uma prima, seja com a tia, seja uma amiga, ou vizinha (RENATA, 2022).

Os fatores econômicos são basilares para superação de contextos de submissão das mulheres no sistema patriarcal. Fomentar modelos de desenvolvimento que assegurem a equidade nesse âmbito colabora para que mulheres sejam protegidas na sociedade. A igualdade de gênero perpassa pela alteração dos paradigmas e pelo fortalecimento da independência feminina, na mesma medida que a implementação de mecanismos de suporte financeiro, social e político.

Com a feira, eu ia em diversos lugares e dava uma visibilidade muito boa. Muitas pessoas conheciam meu trabalho, eu levava um cartão para divulgar e compartilhava nas redes, e depois sempre alguém encomendava a partir daquilo (LORRANY, 2022).

Estar na feira é muito bom, assim. Porque eu vejo que a Feira das Manas é uma porta aberta, né? É uma porta aberta porque, no meu caso, eu sou fabricante. Se eu não tiver uma porta aberta, eu não tenho como vender o meu produto (MARLENE, 2022).

A princípio entrei na feira por curiosidade e também a intenção de expandir, né? Porque eu tinha na minha mente que, se eu saísse de dentro de casa, eu ia expandir meu negócio. Graças a Deus eu consegui. A feira foi pra mim um abrir das portas, entendeu? (MARIA NEUZA, 2023).

A feira foi muito importante para divulgar. É desse jeito que os clientes chegam (FERNANDA, 2021).

Eu me incluí no mercado quando eu entrei na Feira das Manas. Antes eu não vendia, eu fazia sim para alguns amigos, pessoas conhecidas, mas no comércio eu me incluí a partir da Feira das Manas (JANEIDE, 2023).

Antes da feira, era só eu dentro de casa, meu marido trabalha o dia todo, chega tarde. Era só eu e as meninas [...]. Quando eu vi a oportunidade da feira, fiquei louca querendo entrar, porque eu vi que era uma oportunidade que valia a pena (BEATRIZ, 2022).

Historicamente, percebe-se que a desigualdade entre mulheres e homens é tornada invisível, o que contribui para a opressão das mulheres, ao não nos considerar como parte da sociedade, do desenvolvimento e da democracia. Mesmo em atividades econômicas, como a feira, a perspectiva de gênero rompe a concepção liberal que se apoia em representações de igualdade de direitos, supostamente contidas no sistema legal, que alimenta mitos culturais. É preciso extrapolar o binarismo de gênero tradicional. Sabe-se que há uma experiência subjetiva de empoderamento, mas está sempre inserida em um contexto econômico e político amplo. Diversos governos assumiram compromissos juridicamente vinculantes junto à Organização das

Nações Unidas (ONU), no sentido de respeitar, proteger e garantir os direitos humanos das mulheres. É preciso que as instituições públicas aprendam as lições com os movimentos sociais e coletivos de mulheres, como a Feira das Manas, a fim de estabelecer uma sociedade mais igualitária, justa e sustentável. Empoderar mulheres em amplo aspecto é parte desse processo.

8 ÚLTIMAS CONVERSAS

A jornada, a minha e das Manas, não foi fácil. Alguém pode achar que foi, mas ouvi tantas histórias, e sei que não é tão simples quanto podem achar que é. Até cada uma de nós, por ter vivido uma coisa de cada vez, pode achar que foi fácil. Porém, todas as histórias de vida são importantes de serem registradas. Primeiramente sou grata pelas Manas terem me permitido conhecê-las melhor. Estivemos juntas por mais de três anos, e elas cativaram minha atenção e não só meu olhar investigativo, tornaram-se exemplos de vida para mim.

As Manas são referência de dedicação, força e união. As Manas são tantas e tão diversas, que seria difícil resumi-las em uma só. Cada Mana é maravilhosamente única. Cada uma representa criatividade, resiliência, determinação e persistência. São mulheres empoderadas, que não desistem nunca e que se dedicam com afinco ao que desejam. Por encontrar qualidades únicas em todas as Manas, as que passaram pela feira e saíram e as que ainda estão nela, é que consigo ter a percepção de cada uma individualmente e de todas em uma só.

Ser Mana é pertencer ao grupo harmônico e único. Sim! Há brigas, disputas de espaço verbal e político, como em toda parte. Ser Mana está em cada uma e representa aquilo que as torna únicas em si e solidárias umas às outras. Essas últimas conversas, ou este monólogo (pois neste momento vocês apenas leram minhas impressões) é para uma narrativa de como vejo as Manas a partir do mais íntimo que foi ouvido e percebido por mim no tempo em que convivemos. É claro que algumas se abriram mais e outras tiveram de ser desvendadas. E é claro que todas permanecerão comigo, pois hoje eu me sinto uma de vocês, Manas, mesmo que eu seja uma Mana honorária, como já ouvi tantas vezes.

Este é o primeiro fato que quero relembrar. A primeira reunião em que a Dona Ana me apresentou para o grupo e em que, ao perceber os olhares de dúvida e interrogação, a Renata, ainda coordenadora na ocasião, fez questão de ressaltar:

A Juliana é uma Mana honorária. Ela não é Mana, mas é alguém que vai estar com a gente e ajudar a gente, né, Ju? É como se fosse Mana (RENATA, 2021).

Criar laços de reciprocidade e confiança não foi tarefa fácil. As Manas, como qualquer outro coletivo, estabelecem relações de confiança, como também de embate. Disputas e discordâncias são fatos normais, e eu via nas expressões de muitas de vocês outro olhar... o de desconfiança. Ali eu era o novo, o exótico e o estranho. Era alguém que insistia que vocês poderiam ser transformadas em um foco de interesse científico. Eu era um ponto supérfluo na

tapeçaria tão habilmente tecida que as Manas representam. Afinal, para que vocês me aceitariam e, mais importante, o que eu queria?

Explicar os objetivos e os métodos científicos para alguém do mundo acadêmico nem sempre é fácil. A bem da verdade estamos constantemente em busca do descobrir e só conseguimos entender o que buscamos após de fato nos depararmos com os nossos resultados. E, para as Manas, pessoas práticas, em que problemas são resolvidos rapidamente, com uma costura, um alinhavo, uma cola rápida, ou um pouco mais de tempero, açúcar, um pouco mais de essência, era ainda mais difícil explicar minhas intenções tão eruditas sem parecer pedante, foi um desafio. Eu nem tinha uma resposta do porquê as Manas seriam tão relevantes, era isso que eu estava investigando, não era? Então ofereci o que podia, pois ser aceita e integrada ao grupo era o que eu mais precisava e também desejava de vocês para levar à frente a pesquisa, mas também para mim. Eu nunca quis ser Mana honorária. Eu queria ser Mana. Percebi isso depois de um tempo.

Certo dia, solicitei autorização à coordenação para levar uma máquina fotográfica e fazer registros da feira, e fui atendida prontamente. Na feira seguinte, lá estava eu, com uma máquina semiprofissional, lentes objetivas, tirando fotos e novamente recebendo alguns olhares desconfiados. A fim de diminuir a sensação de mal-estar, passei a fotografar as Manas e seus produtos e, após as feiras, enviar um *link* do espaço de armazenamento na nuvem para que utilizassem as fotos para divulgar seu trabalho. Fotografar vários de seus produtos, para que exibissem em suas redes sociais, sem pedir nada em troca colaborou para que mais uma barreira fosse transposta, mas às vezes ainda levantava alguns olhares de suspeitas ou os questionamentos: “Quanto eu te devo pelas fotos?”, “Ué! Você tá fazendo isso de graça?”.

A bem da verdade nunca foi “de graça”. Recebi tanto ou até mais que vocês. Passei a conhecê-las melhor. Eu recebia sorrisos. Eu recebia afeto. Eu recebia acolhimento. E também recebi alguns doces da Dona Ana e da Suen, ganhei geladinho gourmet da Nilza, uma ou várias *nécessaire* da Patrícia, tapete da Stelamares, e muitos outros mimos, que nem consigo aqui contabilizar. Alguns ganhei mesmo, outros comprei com muito prazer, pois são produtos maravilhosos de qualidade. São muitas boas recordações.

É certo que uma pergunta se tornou corriqueira, e pode ser resumidamente parafraseada em: o que é essa pesquisa? Essa talvez seja a pergunta mais temida por qualquer aluno de pós-graduação. Muitas vezes ainda vinha com uma entonação de humilde desconhecimento de seu potencial e a descrença de que as Manas poderiam ser alvo de interesse acadêmico, ou até mesmo

se poderiam representar algo inovador o suficiente para que alguém se dedicasse a fazer seu doutorado junto a elas. Não posso dizer o mesmo quanto ao fato de que em alguns momentos fui interpelada por colegas de trabalho e até por outros pesquisadores, em especial os que desconhecem a importância de pesquisas interdisciplinares que envolvem temáticas modernas ou nas quais o foco está em fatores sociais ou grupos politicamente engajados. Nesse caso, a descrença era palpavelmente pedante.

Para explicar esse meu interesse, é preciso iniciar pela história de cada uma. Algumas das Manas me mostraram como começaram a dedilhar sua independência a partir do artesanato. Talvez nem se lembrem de que já me contaram a sua história, mas eu me lembro. A primeira entrevista presencial foi com a Stelamares, ela é uma mulher sempre muito sorridente que vende lindos tapetes. Em todas as feiras, ela alterna entre atender os fregueses e crocheter. É com ela que inicio o relato de muitas outras:

Eu me lembro de eu bem pequenininha, eu já sabia fazer crochê. Não lembro quem me ensinou, mas eu toda vida eu tive envolvimento com crochê desde criança (STELAMARES, 2022).

Eu sempre fiz artesanato, desde criança. Eu sempre mexi nas minhas roupas, eu sempre tinha uma coisinha pintada, eu sempre tinha uma presilha diferente. Porque eu estudei no convento, e antigamente existia aula de artes, e a gente aprendia tudo isso, como fazer caixas. Eu sempre fiz minhas coisas (FERNANDA, 2021).

Com seis anos de idade, eu já costurava a roupa das minhas bonecas. Minha tia caçula fez seu enxoval de casamento. E ela fez uma colcha lindíssima, eu vi aquele monte de linha, aquela agulha, aquele ziguezague, aquela concentração. [...] E eu era muito curiosa, né? Nas horinhas que ela saía para ir tomar um café, eu pegava aquela agulha dela e ficava olhando aquela agulha. Um dia eu cheguei na casa da minha mãe, e ela estava fazendo a unha, e eu vi o pau de laranjeira. Eu peguei um, levei para o banheiro e fiz uma agulha do pau de laranjeira usando a gilete de barbear do meu pai. E essa agulha eu guardo até hoje! (MARTA MARIA, 2023).

Por diversas vezes ouvi histórias semelhantes a essas. Também são parecidas com a minha própria história. Minha mãe trabalhou muito para me sustentar, não tive pai até os 23 anos, então ela, além de servidora do estado de Goiás, costurava para complementar renda. Lembro passar horas brincando ao lado da máquina de costura. Aquela máquina de costura Singer antiga, preta, que precisava pedalar para funcionar. Se eu soubesse que sentiria tanta falta daqueles momentos, teria impedido a família de vender a máquina depois que ela desencarnou. Mas eu tinha só 21 anos e não estava pensando muito bem sobre nada na ocasião. Assim como as Manas, cresci crochutando, pintando, bordando ou fazendo tricô, mas costurava muito mal.

Só aprendi a costurar quando mudei para Palmas. Uma mulher muito bondosa e paciente me ensinou. Começamos a fazer roupinhas para doar a gestantes em situação de risco social. Isso

mudou minha vida em Palmas, pois me sentia muito sozinha. As Manas entendem essa sensação de solidão em um lugar novo. Recebi diversos relatos sobre ela. Giane, embora não esteja mais na feira, me relatou os motivos que fizeram ela voltar a produzir artesanato.

E eu pensei: e agora o que que eu vou fazer, estando sozinha aqui? Porque cada um tinha sua tarefa: meu marido na lavoura, o filho na escola, e eu ficava meio desorientada. Quando veio a pergunta: “E agora o que que eu vou fazer aqui em Palmas?”, a resposta veio logo em seguida: “Você vai fazer bonecas! Porque foi o que você se identificou”. E foi o que eu fiz (GIANE, 2021).

A Ariadne mostrou o elemento que faltava. Ela tem um talento excepcional. Tudo o que faz é lindo e de bom gosto. Embora fosse uma artesã que conseguia um volume grande de vendas e tivesse incluída no meio acadêmico e profissional, parecia sentir falta de pertencer a um lugar. A Bia (Beatriz), embora já tivesse uma renda significativa fazendo e vendendo laços e estivesse cercada de sua família, buscava reciprocidade, alguém com quem dividir a carga cotidiana de ser mulher e artesã.

Até 2018 só eu produzia. Eu fazia as coisas no ateliê e era sozinha. Era só eu no ateliê e eu não interagía com outras pessoas que também produziam artesanato. E aí, quando eu entrei na feira, eu sofri esse impacto de ter um grupo de pessoas que estavam vivendo uma realidade parecida com a minha, e a gente podia trocar experiências e até fornecedores e ideias. Isso foi muito bom (ARIADNE, 2022b).

Quando eu faço artesanato, eu mostro meu lugar. Não só o de esposa, mãe e dona de casa. Eu consigo mostrar que eu sou, sou muito mais que isso. Não que isso não seja uma coisa importante, mas eu consigo mostrar que eu sou muito mais do que isso. Me dá orgulho de falar e eu tenho o meu ateliê. Essas coisas são eu que faço. É muito bom (BEATRIZ, 2022).

Para mim, honestamente foi uma surpresa. Eu esperava ver mulheres que buscavam primeiramente aumentar o volume de suas vendas e inserir-se economicamente no circuito de comércio urbano, e é claro que as encontrei. Mas também encontrei muitas outras histórias muito mais profundas, diversas e significativas, que modificaram o que eu acreditava ser empoderamento feminino sensivelmente. O relato que me causou mais interrogações ocorreu logo na primeira entrevista, em que a Stela, logo no início, declarou:

Eu realmente não tenho objetivo de ganhar dinheiro, de financeiro não. Eu só não faço de graça porque toma um pouquinho do meu tempo, né? Então eu preciso cobrar alguma coisa pra eu ter dinheiro pra eu poder comprar o material de um outro trabalho. Mas, no final de 2019, eu dei de presente mais de vinte tapetes para meus parentes lá em Belo Horizonte. Eu faço o meu crochê quando eu estou vendo televisão. Enquanto eu tô vendo tevê, eu tô tecendo (STELAMARES, 2022).

Palmas é uma cidade em que você não constrói relações de amizade tão facilmente, de companheirismo. Na Feira das Manas, eu conheci pessoas que, em Palmas, eu jamais conheceria (ALBÂNIA, 2023).

É importante destacar que a Stelamares e Albânia não passavam por dificuldades financeiras. Ambas servidoras, uma aposentada e outra em exercício, buscavam algo mais. Para elas, a feira ocupa um lugar especial, que proporcionou novas perspectivas. Conversamos longamente e sou muito grata a elas por me abrirem os olhos sobre o fato de que uma rede de mulheres é mais que um grupo, é um lugar. A ideia de que o lugar é onde encontramos reciprocidade. Inclusive cheguei a explorar essa perspectiva em um artigo. Esses relatos apareciam, geralmente quando eu perguntava por que elas entraram na feira.

A motivação era sair mesmo de casa, né? Fazer um novo ciclo de amigos, talvez, e tentar sair daquela situação que eu me encontrava de depressão, de solidão, né? De me sentir muito só e vazia, né? (ANA MARIA, 2022b).

Ah, Dona Ana, tantas conversas que tivemos! Você, com seu jeitinho meigo e cabelos brancos, me disse uma vez que a mulher precisa ser independente. Lembro-me de escutar de você um discurso tão potente de empoderamento! Esses sentimentos se misturam com outros tantos que me relataram solidão, depressão, abandono, desesperança... Penso que ter momentos na vida em que nos sentimos assim são muito comuns, em especial se viemos de outros lugares. Após mudar para Palmas, também senti um grande desânimo e solidão, embora sempre estivesse rodeada do esposo e da filha. Aqui, em Palmas, o fator cultural pesou muito para as migrantes. Quem me lembrou isso foi a Bia:

As pessoas aqui são muito difíceis, tem umas pessoas aqui que não são receptivas. Eu acho que, se eu não tivesse entrado pra feira, eu não estaria mais aqui em Palmas. Eu já teria mudado. Já! Eu já teria voltado pro Mato Grosso. Não ia aguentar em casa com três crianças, não é fácil! A feira me ajudou demais, demais, demais! (BEATRIZ, 2022).

Quando eu me mudei para Palmas, eu esperava uma cidade mais desenvolvida, porém, era uma cidade que ainda estava em construção (SUEN, 2023).

Como as demais, Bia e Suen são guerreiras, muito diferentes entre si, compartilham a mesma docilidade e abnegação em cuidar dos que amam. Sobre esse processo que se abateu sobre elas, ouvi muitas narrativas semelhantes. Quando nos mudamos para cá, imaginávamos que encontraríamos uma outra realidade. Esse é o poder da imaginação sobre a cidade moderna, verde e com qualidade de vida que nos gerou diversas expectativas. Todas viemos para cá por diferentes motivos, somos, em imensa maioria, migrantes. Deixamos o nosso lugar de segurança e familiaridade para trás e, aqui, de alguma forma, buscamos um sonho.

Eu morei em Brasília, há 34 anos, mas eu sou pernambucana. E eu estou aqui no Tocantins desde 2000. Eu saí de Brasília e morei quatro anos em Balbina, numa vila da Eletronorte lá no Amazonas, meu marido trabalhava na Eletronorte. Aí de lá a gente

veio pra cá. Ficamos quatro anos em Miracema e depois viemos pra Palmas (JANEIDE, 2023).

Eu morava em Porto Velho, Rondônia. Tem vinte anos que eu mudei pra cá (MARIA NEUZA, 2023).

Eu morava em Rio Verde até então, e lá eu vendia muito bem. Meu marido conseguiu emprego aqui, e a gente veio pra cá, e eu tive que começar tudo do zero (BEATRIZ, 2022).

Meu marido passou em um concurso e viemos para Palmas. Na verdade, no começo, eu sentia muita falta de Goiânia, por conta da família e também pela praticidade de achar as coisas, de comprar as coisas, de ter as coisas. Aos poucos, eu fui me apaixonando pela cidade, pelo clima, pelas pessoas e não pretendo sair daqui tão cedo (PATRÍCIA, 2022).

Eu vim pra Palmas pra trabalhar, e os meus primeiros trabalhos, e únicos aqui, eu trabalhei na área da educação. Estou como servidora pública, sempre na área de educação e já tem dezessete anos. Eu fiz três concursos, fui aprovada em três concursos. Então eu tenho trabalho, eu tenho uma carreira, eu tenho estabilidade financeira, e isso eu consegui aqui em Palmas, por conta da propaganda que era verdade. Vendida fora daqui, fora do estado, inclusive. Eu vim por conta de concurso público e encontrei muito mais coisas aqui, encontrei pessoas também (ALBÂNIA, 2023).

A liberdade e a reciprocidade que senti com a Albânia é muito interessante. Eu já estava acompanhando a feira quando ela entrou. Arretada que só, sem papas na língua e com um dom único para transformar ambientes com cheiros e cores. A história da Albânia é parecida com a minha. Também sou professora e vim para cá devido a uma promessa de emprego. Logo busquei concursos públicos e me fixei aqui.

A Dona Ana, foi quem me alertou sobre como o imaginário se constrói, como ele se apoia em fatores psicológicos e sociais ao mesmo tempo. Além de tantos outros depoimentos, os da Bia e da Marta foram os mais significativos e explícitos, neste sentido.

Como eu estava começando a adoecer, minha filha falou: “Você sai disso aí tudo e começa uma coisa nova mais calma”. Aí assim eu fiz eu vim, né? (ANA MARIA, 2022b).

Eu estava com umas expectativas muito altas, mas não foram atingidas, mais por questão dos habitantes mesmo. Aqui é tudo muito diferente! E eu acho um pessoal muito fechado, e isso dificulta um pouco a gente viver, mas com o tempo as coisas foram mudando, graças a Deus. E hoje eu estou bem adaptada aqui, é um lugar que eu não pretendo ir embora (BEATRIZ, 2022).

O meu marido era funcionário da Embratel e ele recebeu uma transferência. E nós tínhamos três opções: Rio Grande do Sul, Mato Grosso e Palmas. Eu quem escolheu Palmas, que era uma cidade começando e era um recomeço no nosso casamento e íamos ajudar na construção de uma nova cidade (MARIA MARTA, 2023).

A gente muda de lugar, mas continua sozinha, mesmo em meio àqueles que amamos. Parece que adaptação é uma palavra ou sentimento que permeia a vida das mulheres. Em parte,

nesse processo de adaptação, o artesanato teve um papel importante. Falei muito com as Manas sobre o que produzem, para quem vendem e por que iniciaram sua produção. Realmente cheguei a pensar que o fator econômico era mais importante, mas percebi, aos poucos, que, embora seja importante, não foi o único motivo. Cada Mana tem sua história.

No ano de 2018, eu e meu namorado trabalhávamos, eu sou servidora pública estadual, e ele trabalhava numa empresa de comunicação visual, mas a gente ainda tava precisando de algo para complementar nossa renda. A gente pensou em fazer alguma coisa, pensamos em plaquinhas decorativas que era algo que tínhamos conhecimento (KÁTIA, 2021).

Eu comecei a trabalhar com *biscuit* porque, na verdade, eu já tinha vontade de trabalhar com isso. Quando eu trabalhava fora, na Energisa, e tive um mês de férias e não viajei, estava sem fazer nada, eu pensei em colocar isso em prática. Quando eu tive minha primeira encomenda e todo mundo elogiou, eu decidi que ia continuar e intercalar até que eu tive minha primeira filha. Então, eu vi a necessidade de ficar com ela, porque eu a deixava com a minha mãe e estava sobrecarregando a minha mãe, além do que eu nem participava da vida dela, da minha bebê. Então, eu decidi largar o emprego e ficar só com *biscuit*, que, graças a Deus, deu muito certo (MARIELEN, 2021).

Antes nunca vendia nada. Tudo que eu fazia eu dava. Minha nora me aconselhou vender. Eu fiz um *sousplat* pra ela, de crochê. Ela mostrou para uma amiga, eu fiz outro e vendi. Aí depois foram aparecendo mais amigas da minha nora (JANEIDE, 2023).

Eu comecei com moda íntima, né? E fui abrangendo, fui criando, fui inovando e hoje eu tô com uma gama de trabalhos, né? Muitas variedades (MARLENE, 2022).

Acho que uns dois anos depois que aprendi a fazer caderno em 2013, lá pra 2015, eu comecei a fazer nas minhas horas pra distração, porque eu achei muito gostoso fazer. E aí depois uma amiga da faculdade viu e falou: “Ah! Me ensina a fazer e vamos fazer pra a gente vender aqui na UFT”. E aí eu levava pro Bloco 1. A gente organizava quando tinha algum evento lá, colocava pra vender. Depois de um tempo, eu abri um *site* (ARIADNE, 2022a).

Eu parei [de fazer artesanato] depois que eu casei, nunca mais mexi. Aí, depois fui fazer enxoval no centro espírita, costurando. Daí que eu voltei a mexer com a máquina de costura. Foi aí que eu aprendi a costurar. Eu fiz uma *nécessaire* pra mim. Eu comecei a fazer *nécessaire* pra dar pros outros, e então uma amiga minha me estimulou a fazer organizador de bolsa. A gente fez um monte de organizador de bolsas, nem sei onde foi parar. Vendemos um e ela ficou com um, também dei presente pra outros. Foi aí que começou! Com o incentivo dessa minha amiga maravilhosa e da minha irmã, que eu comecei a fazer disso um negócio (PATRÍCIA, 2022).

A Patrícia me ensinou tanto! Mãe de quatro filhos e uma grande profissional, abriu mão de tudo para cuidar de sua família e vir para Palmas. Sempre disposta a ajudar a todos, está com um sorriso no rosto em todas as feiras. Já a Janeide me intrigava. Sempre quietinha, raramente saía de sua banca. Eu achava que ela não gostava de feira. Sempre muito calma e serena. Ela desabrochou. Tornou-se coordenadora e passou a defender a feira com unhas e dentes. Ela arrasta muitas com seu exemplo.

Para todas, a jornada, para se tornar uma pequena produtora, pareceu ter sido longa, intuitiva e árdua, até cada Mana se estabelecer. Foi necessária muita criatividade para desenvolver sua atividade. Vender a produção foi uma etapa significativa, por isso eu sempre perguntava se foi fácil se inserir no circuito comercial da cidade. As respostas somente confirmaram o que eu já imaginava.

Então, se você olhar ao redor, existem muitos homens com seus comércios e as mulheres auxiliando. É uma coisa que eu estava prestando atenção. A gente, a gente fica cercada de homens ou de comércios que são organizados por homens, e mulheres trabalhando naquele comércio, auxiliando seus companheiros e tudo mais. A Feira das Manas é a única que você só vê mulher. É mulher que leva material, que traz material, é mulher que vende, é mulher que monta, que desmonta, que limpa e que vai pra casa. Então é uma estratégia sim de enfrentamento, de resistência! (ALBÂNIA, 2023).

Eu acho que a feira me deu uma certa liberdade. Eu era muito de ficar em casa, só cuidando de casa mesmo, né? E aí, eu acho que, com a feira, eu abri meus horizontes, sabe? Hoje eu sei que tem muito mais além dessa porta pra lá. E eu acho que a feira me abriu os olhos e eu consigo enxergar e ter uma visão diferente. Eu penso que eu consigo ir além. Eu consigo muito mais. Eu sou capaz! Antigamente eu não pensava assim (JANEIDE, 2023).

A minha primeira concepção da feira, que eu me lembre agora, foi assim... Eu tava desbravando, eu tava começando a costurar, e eu tava na “raça” mesmo. Quando tinha algum evento, eu ia com minhas coisinhas e colocava um varal e estendia. Às vezes, levava uma mesa de bar, dessas de desmontar. E aí, quando eu vi a oportunidade, eu falei: “vou me cadastrar” (KAREN, 2021).

Meu serviço é dentro de casa, eu fico muito isolada. Isso, justamente isso foi um dos meus objetivos de vir pra feira, porque é o único lugar que eu venho. Como eu tenho esse compromisso, eu tenho que vir. Então eu deixo tudo lá em casa e venho, sabe? Pra mim foi o principal. Um abrir de portas pra mim, sabe? (MARIA NEUZA, 2023).

A importância da feira para as mulheres é começar a sair de casa e mostrar um negócio que às vezes fica escondidinho. A mulher começa a deslanchar no seu negócio. Eu acho que a importância da feira é essa: mostrar que existem mulheres talentosas dentro desse Tocantins (PATRÍCIA, 2022).

Dona Maria Neuza tem os mais belos pijamas infantis que já vi. São tão bem feitos que eu tinha medo de perguntar o preço. Ela é uma costureira de mão cheia! Outra pessoa que sempre vai ser flagrada com um sorriso no rosto. Ela é uma comerciante nata. Precisamos lembrar que o comércio, tipicamente, é um ambiente masculino. A Feira das Manas passou a ser um contraponto a isso. É um ambiente de segurança e reciprocidade para mulheres, que dá às Manas uma nova perspectiva. A feira as faz sentir pertencentes a um lugar.

Foi mais ao meio da pesquisa que a “Mana” começou a se revelar para mim como uma identidade independente. Diferente de cada uma das integrantes da feira, sem que as características individuais fossem apagadas. A Mana é uma persona que todas as integrantes da

feira assumem e que as transforma em alguém novo, diferente do que era antes. Uma mulher mais forte e ativa na sociedade. Não se trata de uma fantasia, personagem ou máscara, pois essa forma de ser e agir se funda à de cada mulher. Na minha profissão, esse é um conceito que chamamos de identidade cultural ou social.

A Feira das Manas é uma janela para o mundo, pois possibilitou a muitas mulheres novas perspectivas. Uma delas foi sair de casa. Parece algo simples, mas só sabe a importância de estar fora do ambiente doméstico quem está sempre dentro dele. Isso foi uma coisa que a pandemia e o doutorado me ensinaram. Com a feira, cada Mana se sente mais integrada a outras facetas da vida: à coletividade. Cada uma passou a ser um membro mais ativo e mais integrado à nossa cidade, à vida social pungente de uma capital.

A rua é importante para gente em vários aspectos, em vários, tem muita Mana que nem sai de casa, trabalha em casa. Tem muitas costureiras na feira, elas têm o atelier em casa, então ficam o tempo todo em casa. Não têm oportunidade de sair à noite, de se divertir, e a feira é uma diversão, é uma terapia, é onde a gente revê pessoas maravilhosas, a gente se abraça. A gente sempre se abraçou muito, sempre conversou e sempre foi muito alegre, com circo, com cantora. A feira, para quem participa como feirante, é um evento para rever as amigas e participar de um dia muito ativo e muito feliz. A gente sempre teve uma grande movimentação na feira, entre nós mesmas, independente das pessoas que vão comprar (RENATA, 2022).

Porque a maioria das mulheres da feira tá sempre dentro de casa. Quando a gente vai pra feira, a gente se sente livre, né? Parece que a gente tá num espaço diferente, sabe? Tudo muda. É como se você tivesse achado um lugar pra você. É! Eu acho que é exatamente isso (JANEIDE, 2023).

Ver as outras tendo liberdade e tomando a frente. A gente observa muito isso, né? Algumas mulheres desabrocham, né? E isso é importante! Por quê? Dentro do nosso grupo, a mulher ela tem que ter voz. Então, eu observo hoje que muitas mulheres estão mais, a palavra da moda é empoderada, mas estão realmente. Elas têm mais voz ativa. Elas se sentem realmente importantes, não só dentro da feira, mas como em casa e dentro da sociedade (SUEN, 2023).

Recentemente, tivemos um período difícil. A pandemia de COVID-19 modificou, por um tempo, a nossa forma de vida. Sei que esse período foi difícil para as Manas, pois já falamos disso. Lembro-me de que, quando ouvi os depoimentos sobre esse período, ainda estávamos todas em casa, isoladas, passando mais ou menos pelos mesmos problemas.

Me deu um vazio, sabe? Eu não conseguia criar muita coisa, por causa do medo, né? A gente ficou no caos de medo e insegurança, o medo da morte, medo do marido morrer, da mãe morrer, do pai morrer, da família, dos amigos e a gente. Eu nunca pensei na minha vida que eu fosse, que nosso mundo, fôssemos passar por um negócio desse. Eu precisei cuidar do lado espiritual para poder ficar em pé, porque o medo foi grande. Eu já ficava em casa e, mesmo em casa, eu não conseguia produzir. E não era porque as pessoas não queriam comprar, e sim porque eu não conseguia fazer. Eu fiquei paralisada, a pandemia me impactou me paralisando. O medo me paralisou, e eu acabei não conseguindo fazer muitas criações (GIANE, 2021).

A pandemia refletiu muito na feira. Negativamente por um ponto e positivamente por outro, porque a gente estava vindo num ritmo de trabalho, de estar na rua, de clientes e de festa. A última que nós tivemos foi a feira do Carnaval, e em março já não fizemos mais, né? No primeiro momento, a gente não sabia o que fazer. Não podia mais ter feira. A gente não sabia o que ia ser. A gente ficou com aquela ideia de “daqui a pouco volto”, daí foram 2, 3, 4 meses. O tempo foi passando. Em abril e maio, a gente começou a falar: “gente, vamos partir para o *online*! Vamos falar com as pessoas e vamos dizer que a gente tá parado por causa disso” (RENATA, 2021).

A pandemia impactou mais quem tem filhos, porque tiveram que ficar com os filhos em casa ou pagar alguém para ficar com eles, tivemos que acompanhar os filhos na adaptação às aulas *online*. Algumas tiveram que deixar de trabalhar fora ou perderam o emprego e tiveram que abrir algum negócio que pudessem fazer em casa, como comida ou artesanato (KÁTIA, 2021).

Os impactos da pandemia no começo foram difíceis, sim! Um dos pontos que me afetou bastante foi o preço dos produtos: das linhas, do enchimento. O preço das coisas aumentou bastante na pandemia. No começo, durante um período, não encontrava material para comprar. O preço impactou bastante e as minhas vendas diminuíram, mas não ficou zerado. Eu continuei pegando encomendas durante a pandemia, só que complicou em alguns sentidos, por exemplo, na hora de entregar o produto (LORRANY, 2022).

A pandemia foi uma loucura. Eu estava ficando louca, porque elas estavam estudando *online*, né? Três meninas! E elas estavam as três com o celular na mão. [...] Meu Deus! Eu acho que com 80% das mães isso aconteceu. É difícil demais você conseguir ajudar. E você não tem essa paciência que o professor tem (BEATRIZ, 2022).

No início da pandemia, tive muita dificuldade porque todo mundo tava em casa. Foi quando a minha filha colocou meu *Instagram* pra funcionar. E eu achava o material em Goiânia pra comprar, mas o algodão saiu do mercado. Pararam tudo, e a gente não achava de jeito nenhum! Era uma dificuldade! (MARIA NEUZA, 2023).

Esse é um ponto que quero me deter. Ser mulher, ser migrante e ter um trabalho no ambiente doméstico são características que se mesclam e com as quais todas tivemos de lidar. Todas tivemos de superar alguns desafios. Nossa vida vai além da casa, do trabalho. Ser mulher é gerenciar uma gama de realidades e expectativas sobre o que somos e representamos que não está relacionada apenas como nos vemos ou ao que sentimos. Parece que sempre temos de gerenciar os outros e como os outros nos veem e nos interpretam.

Hoje eu percebo o reflexo da feira no meu filho. Eu entrei no serviço meu filho tinha três anos, hoje ele tem quatro, e ele agora na quarentena pega seus brinquedinhos e monta uma feira, e ele fala que tá na Feira das Manas. Eu vejo o quanto a feira é receptiva com as crianças. O quanto fez bem pra ele conhecer outra criança. Algumas que eram mais tímidas e aprenderam a se relacionar melhor participando da feira, junto com suas mães. Esta união, em geral, está sendo muito rica em conhecimento, em troca de ideias. Por exemplo, quando eu tenho problema com meu filho que eu não sei administrar, eu pergunto para as mães mais antigas. É uma troca inexplicável. Não se pode deixar ela acabar (KAREN, 2021).

Acho que a mulher precisa ter mais visibilidade, eu acho que tem que ser mostrado, realmente, com mais frequência o valor das mulheres. Eu acho interessantíssimo a feira ser só de mulheres (STELAMARES, 2022).

Na feira, eu não vendo quase nada, mas o dia que eu vendo, aquilo pra mim é uma glória. Pra mim eu posso ter minha independência financeira se eu quiser. Pode não ser grande coisas, mas eu consigo. E à medida que eu vejo o pessoal muito animado... A cada uma chega lá e fala assim: “Olha vendi tanto”. Isso é bom demais! Você se sente livre pra criar! Pra sua imaginação voar! É uma liberdade que eu acho que a gente procura. Todas as mulheres do grupo, eu acho que elas procuram essa liberdade. De não depender só do marido. De não viver às custas do marido. De viver pensando: “Ah! Eu não sou capaz de fazer isso!”. Lá você consegue! Na medida que você vai conversando com uma e com outra, você vai vendo os ideais delas. Você vê os sonhos que ela tá tendo. E você vai falando: “Poxa, é bom a gente ser livre pra criar, pra fazer o que a gente quer”. É liberdade! Parece que a gente tá solta (JANEIDE, 2023).

A mulher sai daquela bolha que ela está em casa, porque dentro de casa, quando acontece a violência, não é só violência física, também tem a violência emocional. Com a feira isso acaba! Temos exemplos de a mulher não abaixar mais a cabeça. De marido dizer: “Eu não quero que você vá!”, e ela dizer: “eu vou porque eu gosto, porque eu vendo”. Antes ela não tinha coragem de falar. Sabendo que você tem ajuda, você começa a se posicionar. Nós ajudamos as Manas que não têm coragem de sair do lodo. E esse exemplo ela passa dentro do ambiente dela, seja para uma prima, seja com a tia, seja uma amiga, ou vizinha. Ela começa a levar o que ela tá passando para outras pessoas. Ela começa mudando a vida dela e acaba mudando a vida de outras pessoas e aquelas pessoas mudam de outras, e isso dá resultado. Quando você compra uma coisa que você gosta, você fala pra todo mundo, e isso vai de boca a boca, e você se deixa envolver pelo que a pessoa fala porque você acredita nela, e ela absorve aquilo e vê que você está diferente (RENATA, 2022).

Hoje algumas mulheres, que a gente sabe, e que está na feira, mas não relata isso. Ou demora-se a relatar. Mas já tivemos Manas que sofriram violência, até física. Violência emocional, principalmente, né? A dependência socioeconômica do parceiro, também tem a questão da depressão. Temos muitas Manas com problemas de depressão, que fazem acompanhamento, que fazem tratamento (SUEN, 2023).

Conversando com as Manas, tem sempre alguém que fala: “Lá em casa nem sempre é tranquilo vir pra feira”. Não é fácil falar sobre isso. Eu penso que pra algumas não seja fácil falar sobre isso, mas é uma realidade. Por isso que é de enfrentamento e de resistência. Então, quando eu pego as minhas borocas e vou pra feira, eu estou enfrentando e resistindo ao mesmo tempo. Por isso que eu acho que a feira tem sim esse viés feminista, muito embora pra algumas Manas o feminismo seja algo, assim, aterrador. Sinto apresentar, mas tem! (ALBÂNIA, 2023).

Algumas Manas demonstraram resistência à palavra feminismo. Como o último relato demonstra, esse ainda é um tabu. Mesmo em uma rede tão ativa de empoderamento de mulheres, a incompreensão sobre o feminismo e sobre que é ser feminista está presente. Esses são fortes resquícios do conservadorismo de direita que ainda resistem modificando o sentido do termo, na tentativa de manter as mulheres disciplinadas e às sombras. A Feira das Manas certamente é uma plataforma de empoderamento feminino em um mundo que constantemente nos diz que não podemos ou não conseguimos atingir nossos objetivos sendo as mulheres que somos.

O empoderamento é algo com o qual vocês, Manas, estão bem familiarizadas. Ele representa a teoria feminista colocada em prática. E, mesmo que algumas resistam à palavra, cumprem todo o trâmite do empoderamento que o feminismo provoca. Isso é bem interessante

do grupo. Houve resistências em se perceberem feministas, embora a prática do feminismo estivesse toda lá, o tempo todo. Se eu perguntava para uma Mana se ela era feminista, via de regra a resposta era não. Mas então ela, às vezes na sequência, tinha comportamento, falas e ações políticas, de completo empoderamento feminista. Por isso vou deixar uma Mana falar por mim. Esse é um dos poucos momentos que conversamos mais sobre o tema, ele aconteceu na casa da Albânia, entre fragrâncias maravilhosas e as diversas interrupções para ela atender às necessidades de atenção das fofurinhas que são seus filhos:

É uma estratégia de enfrentamento, sim! E de resistência! Porque muitas delas [Manas] saem a contragosto dos companheiros de casa, e a gente sabe disso. E é de enfrentamento, porque a gente está dizendo: “Olha, aqui só tem mulher. Você vai comprar de mulher, é mulher que faz, que vende”. Quando eu decidi que ia fazer artesanato e que ia vender perfume para ambientes, velas e sabonetes, não foi só um homem, nem dois, nem três, que disseram: “Mas você já tem tanto o que fazer, ainda vai arranjar mais pau pra cabeça?”. Vai existir sempre: “Ah! Mas você tem feira duas vezes no mês, então dois sábados você vai pra feira?”. “Vou!”. “Você tem uma reunião mensal todo mês!” Eu digo: “É mensal? O adjetivo diz alguma coisa?”. Então, no início, não foi simples, não foi fácil. Porque pra o homem parece que é só uma ideia que está no imaginário masculino, e no imaginário feminino machista: “Ah não! aquele monte de mulher vai parecer um monte de cacatua velha pipirando!”. Até entendam que não! Que o negócio é sério! Que na reunião você tem que ir por obrigação, que as feiras você tem que ir por obrigação, que você só pode sair no horário certo. Então, a gente tem resistência dentro de casa mesmo. É do filho, é do marido, é do parente, da sogra, do sogro: “Ela poderia estar aqui conosco, tomando um banho de piscina. Mas ela tá na feira pegando sol na cara”. Porque parece que é só aquele encontro de desocupadas pra tricotar e falar mal da vida alheia. O velho e bom imaginário machista e patriarcal que gira em torno de mulheres, quando mulheres resolvem se organizar: “Não vai dar certo. Só vão fofocar. Só vão falar besteira. É desorganizado”. “Vocês vendem alguma coisa?” É uma das perguntas mais recorrentes, principalmente pelos familiares que não visitam a feira. Pois é! Eu já escutei demais de colegas, de familiares: “Ah! Mas tu vende nessa feira?” “Vendo!” Ou então quando você diz assim: “Nessa feira, eu não vendi nada”. Escuto: “Pra que continua indo?”. Já escutei sim, tá? Quando a gente acha que é tranquilo... Não, não, nem sempre é tranquilo você decidir fazer alguma coisa que saia da sua rotina. Daquela rotina pra qual você “foi feita” [fez aspas com os dedos]: “Depois de três filhos, o seu final de semana é em casa com os seus três filhos. Porque eles passaram a semana na escola, então eles têm que passar o final de semana com você. Como é que você é tão egoísta a ponto de deixar os meninos em casa com o pai pra ir pra uma feira por quatro horas?” [finalizou dramatizando algo que ela já ouviu, como se fosse outra pessoa falando] (ALBÂNIA, 2023).

Não quis cortar sua fala, pois, apesar de longa, foi completa. Foi uma das últimas que eu ouvi e sintetiza como as pessoas veem o trabalho de mulheres, em especial de feirantes, como os outros observam seu percurso e como tentam nos oprimir, nos colocar em nosso lugar social de sombras e opressão: os bastidores. O mais bonito da jornada é que existimos e resistimos e nem sabemos como e como tão bem fazemos isso. Fazemos tudo e muito mais, inclusive o papel que foi socialmente imposto a nós e ainda conseguimos alçar voo.

Quando eu me formei, eu busquei um trabalho, mas eu ia ficar muito complicado. Meu marido falou: “Se quiser ir trabalhar, você vai”. Mas naquele momento eu tinha dois filhos pequenos, eu decidi ser mãe, não me arrependo! Meus filhos são maravilhosos. Mas aí, agora não, agora eles tão mais velhos e, depois que eu comecei a fazer esse artesanato, eles me apoiam. É muito engraçado que eles tão sempre me incentivando. [...] Então eu só acrescentei algo que já estava em mim. É complicado? É! Porque a gente sabe que esse mundo feminino é complicado. Você ser mãe, esposa, empreendedora e trabalhar é complicado, mas a gente sempre dá um jeitinho. Sempre tá conversando aqui. Levando as coisas com um pouco mais de leveza, a gente consegue levar. É tudo junto e misturado na verdade (PATRÍCIA, 2022).

Porque antes pra ele [se refere ao marido da Mana] ela podia ser um objeto. Vamos dizer assim: “a minha esposa, minha parceira, dentro da minha casa é a minha empregada. Vamos viver assim porque ela que faz tudo. Cuida da minha casa, cuida dos meus filhos, cuida das minhas coisas. E ainda faz a minha alimentação e ainda me serve na cama”. Literalmente era isso. Só que agora não. O dia que ela quer dizer não pra ele, é não. O dia que ela não quer limpar a casa, ela não limpa a casa. Entendeu? O dia que ela não está a fim de fazer a comida, ela não faz a comida e manda comprar. Entendeu? “Hoje eu estou cansada e pronto, simplesmente. Acabou. Não faço.”. Porque a gente não pode ser escravo do outro (SUEN, 2023).

Minha sogra e minha cunhada disseram que eu não precisava disso, já que meu marido ganha tão bem. E eu disse: “Sim, eu preciso. É o meu serviço, é o que eu quero fazer. E se ele me apoia e minha filha me apoia, tá suficiente”. Esse é o meu trabalho, eu levo muito a sério isso (BEATRIZ, 2022).

Hoje a feira é uma parte muito importante pra mim, né? É uma parte, assim, que eu posso me doar às pessoas, né? E não é só pelo trabalho. Eu posso me doar no convívio com as outras mulheres, né? Outras Manas e ver a situação, de cada um e tentar ajudar de alguma forma, nem que seja com uma palavra, com um carinho, ou alguma coisa. Eu tento sempre. Eu tô sempre procurando trazer novas pessoas, sempre divulgando, porque eu acho muito importante, não só pra mim, como pra outras mulheres, né? Que também estiveram em situações difíceis e que eu vejo que a feira ajudou a levantar a autoestima delas e elas saíram da feira pra oportunidades melhores na vida delas. Isso foi muito gratificante pra mim (ANA MARIA, 2022b).

Reconheço hoje a importância que cada uma tem para a feira e a importância de uma Mana para outra. Embora para muitas a feira tenha proporcionado sustento, esse não foi o único ganho. A questão não é só financeira, mesmo que a autonomia proporcionada pela renda seja importante para todas mulheres. A importância de um coletivo como a Feira das Manas vai para muito além. As Manas se tornaram importantes umas às outras e se tornaram maiores juntas. Algumas ainda estão por lá. Outras saíram... Mas todas significam muito!

Falar das Manas é... é algo significativo, porque na Feira das Manas eu conheci pessoas que, em Palmas, sozinha, dentro da minha casa ou no meu ambiente de trabalho, eu jamais conheceria. A Feira das Manas também tem esse viés. Então, quando a gente tira a feira, deixa de lado [o grupo], e coloca as pessoas que compõem a feira, é o maior exemplo de espaço de trocas. Porque Palmas é uma cidade em que você não constrói relações de amizade tão facilmente. De companheirismo. E eu não estou nem falando de amizade das Manas. Não é que todas as Manas sejam amigas entre si (ALBÂNIA, 2023).

Criam laços de amizade aqui. Tem gente que a gente já percebe que uma é meio que a família da outra (ARIADNE, 2022b).

Eu parei com esse negócio de falar que eu vou embora e comecei ver um tanto de atividade pra fazer. Até que a dona Ana chamou eu e a Bia pra fazer parte da coordenação (FLAVIANA, 2022).

Eu acho que foi a feira me deu uma certa liberdade. Assim... Eu era muito de ficar em casa, só cuidando de casa mesmo, né? E aí eu acho que, com a feira, eu abri meus horizontes, sabe? É uma realização pessoal poder mostrar o que sei fazer (JANEIDE, 2023).

No sentido de propor pra vender, às vezes, eu tinha um medinho. Hoje sou escancarada mesmo. Já pergunto logo: “Tu quer uma *nécessaire*? Eu posso colocar a foto da sua mãe nela”. E ponto final. E eu falo pra você se vai dar certo, se não vai dar, dentro daquilo que eu conheço. Então, a feira me proporcionou isso. Quando eu comecei, as minhas exposições eram de *nécessairezinhas* feias, sem graça. Aí as meninas: “Você tem que apresentar seu produto, pois ele é bom!” E isso, e aquilo outro. Aí eu fui estudar, né? (PATRÍCIA, 2022).

Vai fazer quatro anos. A feira acabou ficando, e a depressão passou, graças a Deus. A feira me curou da depressão. Quer dizer, a gente é deprimido em alguns instantes na vida, a gente sempre tem uma recaidazinha, né? Mas naquele instante que eu estou recaindo, uma Mana liga e fala: “Dona Ana, isso e aquilo”. Ou me manda uma mensagem. Daí eu leio uma mensagem e novamente eu me desligo e volto a me conectar com o mundo através da feira. Aqui é sempre muito bom. É um problema de um, é um problema do outro, e a gente vai distraindo (ANA MARIA, 2022b).

As Manas são, sem dúvida alguma, mulheres fortes e empoderadas, porque estão juntas a outras iguais a vocês. Vocês têm mais em comum com as outras Manas do que podem supor. Vivemos em uma cidade cheia de expectativas e possibilidades, mas por vezes nos sentimos isoladas, sem o apoio de pessoas iguais a nós. As Manas romperam barreiras e buscaram unir-se para se sentirem pertencentes a algo. A feira lhes ofereceu um ambiente de convívio com outras mulheres que, embora diferentes, eram também muito parecidas entre si, que tinham os mesmos objetivos. Foi assim que vocês receberam e ofereceram apoio e reciprocidade que buscavam. Viram-se em uma nova cidade, sem perspectivas de integração e juntas construíram um lugar para chamar de seu. A feira é um projeto para as Manas que passaram por ela, para as que estão nela e para as que virão. Juntas as Manas vão acertar e errar, encontrarão obstáculos e superarão barreiras. Não há limites para o que vocês podem construir, portanto, não se detenham em pequenos desvios de percursos. Cada uma de vocês até pode sair da feira um dia, mas a feira dificilmente sairá de vocês. Ela sempre estará em vocês, como estará em mim.

Juliana Abrão da Silva Castilho
A Mana honorária

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Feira das Manas, iniciativa para gerar empoderamento feminino e que pode ser caracterizada como uma rede de pequenos negócios do ramo da economia criativa, foi fundada por pequenas produtoras de artesanato e comerciantes de reuso, como roupas e livros, que pretendiam dar vazão à sua produção. Rapidamente o grupo expandiu para receber também produtoras de produtos comestíveis. A feira é formada por mulheres migrantes, característica de grande parte da população palmense, por essa ser uma capital fundada muito recentemente e atrair trabalhadores de outras regiões, tanto do setor público quanto privado. Todas as mulheres entrevistadas presencialmente manifestaram a importância da feira para a integração no circuito informal do comércio urbano, bem como a reaproximação do artesanato como forma ocupacional adequada à realidade.

Os resultados da análise de dados quantitativos, levantamento estatístico de informações sobre o grupo, realizado na primeira etapa da pesquisa, proporcionaram uma gama de inferências sobre as participantes. Em especial, foram levantadas informações sobre estado civil, natalidade, cidade de origem e local de moradia. Esses dados colaboraram para elaboração de um questionário prévio para as entrevistas semiestruturadas. Não se pode determinar um perfil acurado das participantes do grupo. Essa percepção se deu a partir do convívio longo junto ao grupo, que apresentou uma grande rotatividade de participantes. Parte desse fluxo se deve à característica regional. Uma das inferências é de que o Tocantins possui um fluxo migratório peculiar. Novas Manas, em geral, são migrantes recém-chegadas, ou moradoras de Palmas e região que ingressaram na atividade artesanal e tomaram conhecimento da feira, passando a integrá-la devido a esse fator. Apesar dessa mudança quase constante no quadro geral, há um grupo de cerca de 15 pessoas que pertencem ao núcleo mais constante de participantes, entre elas as que integram a coordenação do grupo, todas entrevistadas na etapa etnográfica da pesquisa.

Sobre o processo migratório, é importante destacar que nenhuma das participantes entrevistadas é originariamente tocaninense e, durante a pesquisa, não foi detectada nenhuma Mana que fosse natural do estado do Tocantins. Em parte, infere-se que esse fator se deve à formação recente do estado. O aprofundamento da pesquisa permitiu verificar também que nenhuma é oriunda da região, mesmo quando o território integrava o estado de Goiás, antes da Constituição de 1988. A maioria das participantes da pesquisa migrou para Palmas para acompanhar familiares, seus pais, seus filhos e, mais comumente, seus cônjuges, transferidos

para a cidade a trabalho. Esse é um movimento de fluxo migratório denominado *care circulation*. Embora o termo faça acepção à circulação de um contingente de pessoas que migram entre países, oferecendo o amparo com cuidados da casa ou dos demais membros às suas famílias, reivindicasse o uso do termo para a percepção do fluxo de mão de obra, muitas vezes não remunerada, no território nacional. Grande parte das Manas da feira manifestou estar nessa situação, em alguma parte de sua trajetória ocupacional, embora muitas não se percebam nessa posição de cuidados (*care*). Poucas delas, três participantes, afirmaram ter migrado por fatores econômicos, nesse caso, em busca de emprego ou para ocupar um cargo no setor público.

A pesquisa buscou examinar possíveis correlações discursivas entre sustentabilidade, economia e gênero. É importante considerar que os fatores que motivaram a vinda das participantes ao Tocantins são eminentemente sociais e econômicos, mas há o componente que é ao mesmo tempo imaginário e ambiental e influenciou as expectativas das pessoas em processo migratório. A qualidade de vida que se esperava alcançar, ao se mudar para Palmas, se conecta ao imaginário sobre a vida em uma cidade sustentável. Os discursos que permeiam o imaginário tocantinense são reflexo e, ao mesmo tempo, um reforço objetivador das teias de significados sobre o urbano.

Essas representações sociais materializadas pelos indivíduos são reafirmadas por outros atores sociais – como os meios de comunicação e o poder público – como um processo chamado objetivação. Muitas pessoas são atraídas pela cidade que promete se tornar uma capital verde e sustentável e chegam em busca de oportunidades de emprego e melhoria na qualidade de vida. Originalmente para ser considerada uma cidade verde ou sustentável, o espaço urbano deve apresentar um projeto integrado de fornecimento de serviços ecossistêmicos, que possibilitem integração entre meio natural e ambiente artificial. A elaboração desse modelo de urbanização integra as áreas verdes ao modelo de vida comunitário, criando uma perspectiva ideal para relação das pessoas com os espaços naturais. Desde a fundação, Palmas foi idealizada como um modelo de planejamento urbano sustentável, com preservação dos recursos naturais presentes no território em que foi erigida sua pedra fundamental em 1998.

Outro enfoque do planejamento e construção de Palmas voltou-se para implementação de diversas obras de infraestrutura, que incluíram equipamentos públicos e pavimentação das vias. O propósito foi proporcionar à cidade estruturas essenciais para o pleno funcionamento da economia local, abrangendo o desenvolvimento de centros industriais, comerciais e turísticos. Nesse contexto, foram elaboradas políticas relacionadas à habitação, educação, saúde, cultura e

lazer. Essa idealização urbanística colaborou para a construção de um imaginário e das representações sociais sobre a nova capital, enquanto uma cidade verde e sustentável, visando atrair um fluxo migratório para o Norte do país e, assim, captar mão de obra. Com o passar dos anos, houve gradativa modificação dos rumos do projeto urbano ideal, em especial devido à atuação de agentes políticos e econômicos que visavam dar prioridade a projetos imobiliários, divergindo da proposta inicial.

A materialização da capital acabou por apresentar uma cidade com problemas estruturais e redução de áreas verdes e de integração propostas inicialmente. Os serviços ecossistêmicos urbanos, como parques, locais para práticas esportivas que colaborariam para integração da população com o meio natural e senso de comunidade para os habitantes, se mostraram desarticulados da realidade. Uma análise posterior sobre a cidade poderia investigar como o imaginário das pessoas que compõem o fluxo migratório se deparou com a realidade de uma cidade segregada, em que as áreas mais centrais acabaram por receber maior investimento público, e como a ancoragem dessa realidade e a ressignificação da perspectiva sustentável ainda mantiveram nos discursos a visão de Palmas como uma cidade bela e com qualidade de vida.

Nos relatos das participantes da pesquisa, percebeu-se a relevância desse constructo para percepção imagética de Palmas, que colaborou para a atração de migrantes, entre eles, as Manas e suas famílias. Uma vez fixada moradia, a realidade emergiu às participantes da pesquisa. Ao constructo mental positivo e ao sonho de uma cidade verde, integrada e moderna, impôs-se a situação de desconexão, isolamento, solidão, dependência social e econômica de seus familiares.

Em busca por empoderamento, surge, nesse contexto, o resgate do saber tradicional do artesanato. Esse ramo da economia criativa, no contexto brasileiro, tem sua historicidade alinhada com as histórias de vida de muitas mulheres por ser uma ocupação intimamente relacionada com afazeres domésticos, que ainda são atribuídos à figura da mulher. Os depoimentos das participantes da pesquisa colocam o artesanato e a produção caseira de itens de confeitaria como mecanismo para aumentar a renda familiar ou gerar uma fonte de renda exclusiva para si mesmas. Essa jornada é obstaculizada pela dificuldade de se inserir no circuito inferior da economia urbana, inclusive nas feiras já existentes na capital. A maioria das depoentes declarou se perceber isolada ou solitária antes de integrar a feira.

De fato, essa é uma decorrência esperada em um processo migratório, em especial, se os indivíduos não estão integrados em grupos de sociabilidade, como escola, um núcleo religioso, ambiente de trabalho, entre outros, que possibilitam estabelecimento de conexões de sentido com

outras pessoas. O lugar de sociabilidade inicial para as participantes se deu nas redes sociais, na comunidade virtual em que o grupo foi fundado. Posteriormente, as Manas da Feira partem para buscar seu espaço no tecido urbano. Apesar de a primeira feira ter sido feita em um espaço de estacionamento na porção mais central da cidade, os demais eventos públicos se instalaram em praças, bosques, áreas verdes e na orla central da praia urbana.

As Manas deixam, aos poucos, de se sentir isoladas e passam a se identificar com um novo lugar de socialização: a feira.

O período em que o mundo enfrentou a pandemia de COVID-19 também foi desafiador para o grupo. A transição da atividade de rua para o ambiente virtual marcou uma fase de enfrentamento de dificuldades de diferentes naturezas: isolamento, sobrecarga de trabalho (*care*), problemas econômicos e psicológicos devido à proibição das feiras, ao isolamento e ao luto. Mesmo diante de obstáculos, as Manas conseguiram se adaptar, vender sua produção, manter as interações por meio das redes sociais informacionais. Da mesma maneira, a pesquisadora passou por dificuldades, pessoais e de reorganização da pesquisa. Parte das angústias foram sanadas com a introdução do método etnográfico à plataforma de produção de dados elaborada. À medida que os casos de COVID-19 diminuíram, e o comércio voltou às ruas, outros desafios foram impostos. A Feira das Manas tornou-se aquilo que foi criada para ser: uma plataforma de empoderamento e sociabilidade, com base na solidariedade e na criatividade. Um movimento contínuo de capacitação e empoderamento de mulheres que resistem ao isolamento, à perda e às tentativas de influência de atores externos.

A feira é um lugar de convergência das participantes, embora, frequentemente, elas ocupem locais categorizados como espaços livres, que dão a esses ambientes uma carga simbólica significativa, fruto de suas expectativas pessoais e de sua reciprocidade enquanto grupo. As representações sobre o lugar da feira se referem às participantes e não a um espaço geográfico demarcado. Em ambientes de circulação dos cidadãos, essas mulheres destacam-se ao exibir sua produção artística, artesanal ou culinária. A feira representa um lugar construído coletivamente em que as Manas encontram um ambiente acolhedor e seguro, propício para expressar sua autenticidade e empoderamento umas às outras.

A memória histórica da presença feminina na sociedade, porém, encontra-se suscetível à perda devido aos mecanismos de dominação instituídos pelo patriarcado. A representatividade feminina na história tradicional ainda é bastante limitada. As mulheres, muitas vezes, quando aparecem, são colocadas à margem ou à sombra dos relatos sobre os feitos masculinos. Sua

presença raramente é examinada em sua individualidade, especialmente nos registros oficiais, nos quais somos frequentemente retratadas mediante estereótipos: a mãe dedicada, a esposa exemplar e abnegada, a filha dócil e bela. Dessa maneira, a vivência feminina é frequentemente relegada a um plano secundário.

A estrutura social fundamentada no binarismo de gênero, para além de legitimar exclusivamente as interações entre homens e mulheres, os concebe como dois extremos imaginários e divergentes, normatizando os comportamentos dos sujeitos. As Manas, por sua vez, adaptaram-se de modo a subverter esse paradigma, empregando uma estratégia de desconstrução da lógica patriarcal, mesmo que não intencional. Elas desenvolveram, de maneira peculiar, um arranjo associativo informal e dinâmico, caracterizado pela colaboração feminina, cujos vínculos transcendem a dimensão meramente comercial das relações.

A desconstrução da lógica patriarcal pelas Manas implica não apenas na subversão das normas sociais tradicionais, mas também na redefinição do espaço associativo, enquanto uma estratégia de resistência política e local. Ao reconfigurar as bases relacionais, o grupo propõe uma alternativa à normatividade tradicionalmente estabelecida, promovendo uma abordagem mais inclusiva e fluída. A prática de associativismo adotada pelas Manas, marcada pela sua natureza rotativa e informal, manifesta-se como um mecanismo de resistência à rigidez do sistema binário de gênero, ao mesmo tempo em que estabelece uma teia de interdependência que vai além das transações comerciais. Essa reconfiguração associativa não apenas questiona, mas também desmantela as estruturas patriarcais enraizadas na sociedade, contribuindo para a construção de uma geografia social mais flexível e igualitária, questionando, assim, as estruturas normativas arraigadas no tecido social.

Percebeu-se que, embora as integrantes do grupo estejam em constante reconfiguração, devido à sua natureza dinâmica e ao fluxo contínuo de novas Manas, há presença de uma articulação discursiva coesa. Esse discurso, marcado pela estabilidade e pela consistência, transcende tanto o que é explicitamente enunciado nos depoimentos, quanto aquilo que foi observado ou foi posto nas entrelinhas, deixando sua marca na percepção das participantes sobre as desigualdades de gênero e o reflexo em suas vivências. Essa tessitura discursiva, entrelaçada à resistência contra um modelo econômico excludente, revela-se como elemento crucial no panorama da feira.

Ao planejar e conceber uma organização exclusivamente feminina, orientada para conferir empoderamento econômico às mulheres por meio de um modelo alternativo ao consumo

de bens e serviços advindos de grandes conglomerados econômicos, a feira empreende um movimento que transcende os limites do discurso. Essa iniciativa, de cunho ambiental, econômico e social, contribui significativamente para o fortalecimento das pequenas produtoras e comerciantes regionais. A feira, assim, não se limita a um espaço físico, ela constitui-se como uma intervenção ativa no tecido urbano, transformando-se ao redefinir as relações econômicas e ao fortalecer a autonomia das mulheres envolvidas.

A estratégia utilizada pelas Manas colabora para que superemos, como povo, as profundas desigualdades enraizadas em nossa história. Porém há necessidade de verificar mecanismos sociais complexos por meio de fatores e categorias que colaboram para sua composição. Fatores econômicos e ambientais por si só não explicam o surgimento de mecanismos sociais específicos como os abordados na pesquisa.

O empoderamento feminino se entrelaça de forma intrínseca com a ascensão econômica das mulheres, conectando-se diretamente à formulação de novos modelos de desenvolvimento. A condução da igualdade e do empoderamento deveria ser liderada por instâncias governamentais, tanto em âmbito regional quanto global, enquanto força propositiva para o desenvolvimento dos povos. O movimento de mulheres observado conscientemente assumiu a responsabilidade de articular essa Agenda. Conforme movimentos sociais organizados conquistam espaços de diálogo com as esferas de poder e passam a influenciar as dinâmicas sociais, multiplicam-se os mecanismos de igualdade, desafiando as estruturas colonialistas que permeiam nossa sociedade.

Nesse contexto, é fundamental a construção de abordagens que considerem as interconexões entre gênero, ambiente, economia e poder. O diálogo entre os movimentos de mulheres e as instâncias de poder é essencial para construção de uma realidade mais justa e igualitária, capaz de dismantelar as raízes coloniais que perpetuam desigualdades de gênero em nossa sociedade.

Na Feira das Manas, a sustentabilidade, o artesanato e o empoderamento feminino convergem em um movimento sinérgico, amplificado pelas redes sociais. O cenário virtual não apenas serviu como mecanismo integrador de mulheres em um primeiro momento, a internet passou a funcionar como vitrine para trabalho e produtos das Manas, mas também como um espaço dinâmico para expressão e consolidação de uma comunidade comprometida com a construção de um futuro mais sustentável e igualitário.

Explorando as possibilidades de pesquisa e a realidade urbana, percebeu-se um déficit de perspectivas de análise que considerem outras formas de sociedade, inclusive a lógica do decrescimento e do bem viver. Um dos mercados em que essa perspectiva pode se fazer presente é a logística reversa, ainda pouco explorada em análises humanísticas, sendo essa uma das possibilidades futuras para dar continuidade a novas pesquisas acadêmicas.

REFERÊNCIAS

- ALLIX, Andre. The geography of fairs: illustrated by old-world examples. **Geographical Review**, [s. l.], v. 12, n. 4, p. 532-569, 1922. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/208590#metadata_info_tab_contents. Acesso em: 13 ago. 2022.
- ALVES, José Eustáquio Diniz. Desafios da equidade de gênero no século XXI. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 629-638, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/rkcC3bGTRQv5Lz59HJy6HRG/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 maio 2021.
- ANDERSON, James. Ideology and geography: an introduction. **Antipode**, [s. l.], v. 5, n. 3, 1973. Disponível em: <https://online.library.wiley.com/doi/epdf/10.1111/j.1467-8330.1985.tb00330.x>. Acesso em: 20 nov. 2020.
- ANDRADE, Mário. **O baile das quatro artes**. Itatiaia: Garnier, 1938.
- ANJOS, Ana Carolina Costa de. **Do girassol ao capim dourado: apropriação e ressignificação de elementos naturais na narrativa identitária do Estado do Tocantins**. Porto Alegre: Editora Fi, 2017.
- ARENDDT, Hannah. **Poder e violência**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- ARIÈS, Paul. **A simplicidade voluntária contra o mito da abundância**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- ARRUDA, Angela. Teoria das representações sociais e ciências sociais: trânsito e atravessamentos. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 739-766, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/JRPTJfbwPD7k7f5rDthFBgq/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 11 maio 2022.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE COMÉRCIO ELETRÔNICO. **Relatório anual do e-commerce em 2021 e tendências para 2022**. 7. ed. [s. l.]: Nuvem Commerce, 2022. Disponível em: <https://materiais.nuvemshop.com.br/ebooks/nuvemcommerce>. Acesso em: 25 jun. 2022.
- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Brasília: Universidade de Brasília, 1999.
- BALDASSAR, Loretta; MERLA, Laura (ed.). **Transnational families, migration and the circulation of care: understanding mobility and absence in family life**. Routledge Research in Transnationalism. Londres: Taylor & Francis, 2014.
- BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Trad. Lucie Didio. Brasília: Liber Livro, 2002.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1995.
- BARTRA, Eli. Arte popular y feminismo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 30-45, 2000. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/24327344>. Acesso em: 2 mar. 2022.

BATLIWALA, Srilatha. The meaning of women's empowerment: new concepts from action. *In: SEN, Gita; GERMAIN, Adriene; CHEN, Lincoln C. (ed.). **Population policies reconsidered: health, empowerment and rights.** Boston: Harvard University Press, 1994. p. 127-138.*

BAZOLLI, João Aparecido. Os efeitos dos vazios urbanos no custo de urbanização da cidade de Palmas/TO. **Estudos Geográficos: Revista Eletrônica de Geografia**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 103-123, 2009. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo/article/view/541>. Acesso em: 13 abr. 2022.

BECKER, Howard. **Mundos da arte.** Lisboa: Livros Horizonte, 2010.

BELAS, Carla Arouca. O consumo de bens culturais e a salvaguarda do patrimônio imaterial: o caso do capim dourado do Jalapão. *In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DO CONSUMO*, 4., 2008, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: ENEC, 2008. Disponível em: https://estudodoconsumo.com.br/wp-content/uploads/2018/03/enec2008-carla_arouca_belas.pdf. Acesso em: 20 nov. 2020.

BERNARDO, Julio. **Dias de feira.** São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

BESSA, Kelly; OLIVEIRA, Cláudia Fernanda Pimentel. Ordem e desordem no processo de implantação de Palmas: a capital projetada do Tocantins. **Geosp – Espaço e Tempo**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 497-517, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/117161>. Acesso em: 13 set. 2021.

BETJEMANN, Peter. Craft and the limits of skill: handicrafts revivalism and the problem of technique. **Journal of Design History**, Oxford, v. 21, n. 2, p. 183-193, 2008. Disponível em: <https://academic.oup.com/jdh/article-abstract/21/2/183/586634>. Acesso: 27 nov. 2021.

BEZERRA, Nívia Aparecida Pacheco. A felicidade na produção do espaço urbano de Palmas - TO por meio da migração. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 7, n. 2, p. 257-282, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/atelie/article/view/20476>. Acesso em: 19 maio 2022.

BIFANI-RICHARD, Patricia. Algunas reflexiones sobre la relación género-medio ambiente. **Revista de estudios de género. La Ventana**, Guadalajara, [s. v.], n. 17, p. 7-42, 2003. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/884/88401703.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2021.

BRASIL. **Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001.** Regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2001. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/LEIS_2001/L10257.htm. Acesso em: 15 jul. 2006.

BRASIL. **Lei nº 13.180, de 22 de outubro de 2015.** Dispõe sobre a profissão de artesão e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113180.htm. Acesso em: 12 jun. 2020.

- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CANCLINI, Néstor García. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CARNEIRO, Vandervilson Alves. **À sombra dos pequizeiros e dos edifícios**: as propostas de parques lineares urbanos nas cidades das pranchetas (Goiânia / GO e Palmas / TO). 2017. 320 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/6988>. Acesso em: 4 fev. 2021.
- CARRIERI, Alexandre de Pádua; SARAIVA, Luiz Alex Silva; PIMENTEL, Thiago Duarte. A institucionalização da feira hippie de Belo Horizonte. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 15, n. 44, p. 63-79, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/osoc/a/w3SqtxsLFbHR9GCLbszph5J/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 27 nov. 2021.
- CARVALHO, Giuliano Orsi Marques; PEREIRA, Olívia de Campos Maia; SANTOS, Marcos Antonio. Palmas em três atos: projeto urbanístico, implantação e consolidação da capital do Tocantins. **Revista Observatório**, Palmas, v. 4, n. 2, p. 236-264, 2018. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/4289>. Acesso em: 27 nov. 2021.
- CARVALHO, Sérgio Resende. Os múltiplos sentidos da categoria “empowerment” no projeto de Promoção à Saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, p. 1088-1095, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2004000400024&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 mar. 2020.
- CASTORIADIS, Cornélius. **A instituição imaginária da sociedade**. Trad. Guy Reynoud. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- CASTRO, Francisco Gómez; FIGUEIREDO, Luiz Eduardo. A economia criativa como proposta de valor nos modelos de negócio. **Navus: Revista de Gestão e Tecnologia**, [s. l.], v. 6, n. 3, p. 111-122, 2016. Disponível em: <http://navus.sc.senac.br/index.php/navus/article/view/111>. Acesso em: 10 dez. 2020.
- CASTRO, Paula. Notas para uma leitura da teoria das representações sociais em S. Moscovici. **Análise social**, Lisboa, v. 37, n. 164, p. 949-979, 2002. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41011617>. Acesso em: 11 maio 2021.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1**: artes de fazer. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- CLEMENT, Matthew Thomas. Urbanization and the natural environment: an environmental sociological review and synthesis. **Organization & Environment**, [s. l.], v. 23, n. 3, p. 291-314, 2010. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1086026610382621>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- COLLINS, Patrick; MAHON, Marie; MURTAGH, Aisling. Creative industries and the creative economy of the West of Ireland: evidence of sustainable change. **Creative Industries Journal**,

[s. l.], v. 11, n. 1, p. 70-86, 2018. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/citedby/10.1080/17510694.2018.1434359?scroll=top&needAccess=true>. Acesso: 8 abr. 2020.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE MUNICÍPIOS. **Pesquisa CNM - Covid-19**. 21. ed. Brasília: CNM, 2021. Disponível em: https://www.cnm.org.br/cms/biblioteca/Pesquisa-CNM_Covid-19_Ed_21_UFeGraficos.pdf. Acesso em: 27 abr. 2022.

CORRÊA, Roberto Lobato *et al.* **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DI CIOMMO, Regina Célia. Relações de gênero, meio ambiente e a teoria da complexidade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 423-443, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2003000200005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 mar. 2021.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho. Etnografia: saberes e práticas. **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 9, n. 21, p. 1-23, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9301>. Acesso em: 23 jan. 2021.

ERTZOGUE, Marina Haizenreder. Quando o bordado e a memória se entrelaçam. **História revista**, Goiânia, v. 23, n. 3, p. 104-120, 2018. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6982869>. Acesso em: 22 maio 2020.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO DE JANEIRO. **Mapeamento da Indústria Criativa no Brasil**. Rio de Janeiro: FIRJAN, 2022. Disponível em: <https://www.firjan.com.br/economicriativa/downloads/MapeamentoIndustriaCriativa2022.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2022.

FIGUEIREDO, Nice. Da importância dos artigos de revisão da literatura. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 23, n. 1-4, p. 131-135, 1990. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/_repositorio/2011/09/pdf_6245ece57c_0018790.pdf. Acesso em: 13 maio 2021.

FLEW, Terry; CUNNINGHAM, Stuart. Creative industries after the first decade of debate. **The Information Society**, [s. l.], v. 26, n. 2, 113-123, 2010. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/chapters/edit/10.4324/9781315868639-12/creative-industries-first-decade-debate-terry-flew-stuart-cunningham>. Acesso em: 6 jun. 2022.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Boobookman, 2004.

FORMAN, Shepard; RIEGELHAUPT, Joyce F. Market place and marketing system: toward a theory of peasant economic integration. **Comparative Studies in Society and History**, Cambridge, v. 12, n. 2, 188-212, 1970. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/comparative-studies-in-society-and>

history/article/abs/market-place-and-marketing-system-toward-a-theory-of-peasant-economic-integration/A700B6951F13D8C6A4BD1276DE519C98. Acesso em: 20 maio 2022.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOURQUIM, Guy. **História econômica do Ocidente medieval**. Trad. Fernanda Barão. Lisboa: Edições 70, 1979.

FRASER, Nancy. O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 14, n. 2, p. 11-33, 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/4505/0>. Acesso em: 10 fev. 2021.

GARCIA, Angela Cora; STANDLEE, Alecea; BECHKOFF, Jennifer; CUI, Yan. Ethnographic Approaches to the Internet and Computer-Mediated Communication. **Journal of Contemporary Ethnography**, [s. l.], v. 38, n. 1, p. 52-84, 2009. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0891241607310839?casa_token=t8_wNsOKmcYAAAAA%3AVQwNjJ8zjU4s2Df-iVI1MiUyhMrlzFG78zoxiNmVD17x-RMgoIvjWDh_6em4M_RUA3EMNq51izuhtE&. Acesso em: 10 maio 2021.

GARCIA, Loreley. **Meio ambiente & gênero**. São Paulo: Senac, 2017.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1999.

GOMES, Paulo Cesar Costa. **Quadros geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

GRIMM, Isabel Jurema; SAMPAIO, Carlos Cioce; PROCOPICK, Mario. Encadeamento ecossocioeconômico e gestão urbana: um estudo das feiras livres na cidade de Curitiba (PR). **Novos Cadernos NAEA**, [s. l.], v. 21, n. 1, p. 35-96, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/4884>. Acesso em: 10 ago. 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 5 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HERNÁNDEZ, Carmen Osorio. Gênero e meio ambiente: a construção do discurso para o desenvolvimento sustentável. **Ambiente y Desarrollo**, Rioja, v. 14, n. 26, p. 3-33, 2010. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3696165>. Acesso em: 2 dez. 2021.

HINE, Christine. **Virtual ethnography**. London: Sage Publications, 2000.

HIRATA, Helena. **Nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade**. São Paulo: Boitempo, 2002.

HOCHSCHILD, Arlie; MACHUNG, Anne. **The second shift: working parents and the revolution at home**. New York: Viking, 1989.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

HOWKINS, Jonh. **The creative economy**: how people make money from ideas. Westminster: Penguin, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios 2022- PNAD**. IBGE, 2022. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em: 3 set. 2022.

JÁCOME, Wédila. Com o apoio da prefeitura de Palmas, Feira começa às 17 horas, na Feira da 304 Sul. **Prefeitura de Palmas**, Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Emprego, Palmas, 30 jan. 2020. Disponível em: <https://www.palmas.to.gov.br/portal/noticias/com-apoio-da-prefeitura-feira-das-manas-promove-1o-grito-de-carnaval-neste-sabado/23175/>. Acesso em: 20 mar. 2020.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. O lugar da feira livre na grande cidade capitalista: Rio de Janeiro, 1964-1989. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 54, n. 1, p. 95-120, 1992. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg_1992_v54_n1.pdf. Acesso em: 20 jan. 2022.

JODELET, Denize. Representações sociais: um domínio em expansão. *In*: JODELET, Denize (org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002. p. 17-44.

JOURDAIN, Anne. Analysing the symbolic economy with Pierre Bourdieu: the world of crafts. **Forum for Social Economics**, [s. l.], v. 47, n. 3-4, p. 342-361, 2018. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/07360932.2015.1075895?journalCode=rfse20>. Acesso em: 5 maio 2021.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. *In*: GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVICH, Sandra (org.). **Textos em representações sociais**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 63-85.

KELLER, Paulo Fernando. O artesão e a economia do artesanato na sociedade contemporânea. **Política & Trabalho**, João Pessoa, v. 1, n. 41, p. 323-347, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/view/21342>. Acesso em: 11 maio 2021.

KERGOAT, Daniele. Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais. **Novos Estudos-CEBRAP**, São Paulo, [s. v.], n. 86, p. 93-103, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/nec/n86/n86a05.pdf>. Acesso em: 11 maio 2021.

KERGOAT, Daniele. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de gênero. Trad. Miriam Nobre. *In*: EMÍLIO, Marli *et al.* (org.). **Caderno Trabalho e cidadania ativa para as mulheres**: desafios para as políticas públicas, São Paulo, n. 3, p. 55-64, dez. 2003.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica *online*. Porto Alegre: Penso Editora, 2014.

- KOZINETS, Robert V. Netnography. **The international encyclopedia of digital communication and society**, [s. l.], v. 30, n. 3, p. 1-8, 2015. Disponível em: <https://online.library.wiley.com/doi/full/10.1002/9781118767771.wbiedcs067>. Acesso em: 12 jan. 2021.
- LAGARDE, Marcela. **Género y feminismo: desarrollo humano y democracia**. Madrid: Horas y horas, 1996.
- LA TAILLE, Yves; OLIVEIRA, Marta Kohl; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vigotski, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus Editorial, 2019.
- LEÃO, Samir. Espelho d'água do TJTO é palco da 2ª edição da Feira das Manas. **Notícias do Portal TJO/TO**, Palmas, 18 jan. 2023. Disponível em: <https://www.tjto.jus.br/comunicacao/noticias/espelho-dagua-do-tjto-e-palco-da-2-edicao-da-feira-das-manas>. Acessado em: 28 ago. 2023.
- LEFEVRE, Fernando; LEFEVRE, Ana Maria Cavalcante. O sujeito coletivo que fala. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 10, n. 20, p. 517-524, jul. 2006.
- LEFEBVRE, Henri. **De lo rural a lo urbano**. 4. ed. Barcelona: Ediciones Península, 1978.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.
- LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- LEWIN, Kurt. Action research and minority problems. **Journal of Social Issues**, [s. l.], v. 2, n. 2, p. 34-36, 1946. Disponível em: <https://spssi.online.library.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1540-4560.1946.tb02295.x>. Acesso em: 11 maio 2021.
- LIMA, Ricardo. **Artesanato: cinco pontos para discussão**. [s. l.]: IPHAN, 2005. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Artesanato__Cinco_Pontos_para_Discussao.pdf. Acesso em: 3 ago. 2019.
- LIRA, Waleska Silveira; GONÇALVES, Geuda Analise; CANDIDO, Gesinaldo Alaide. Alianças estratégicas para o desenvolvimento sustentável. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 19, n. 2, p. 217-232, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sn/a/vNKGSzsgSgWN4SbNqkxs8Tv/?lang=pt>. Acesso em: 20 fev. 2020.
- LISKA, Geraldo Jose Rodrigues; LIMA, Wellington Ferreira. Os dias da semana nas línguas românicas e germânicas: reflexões filológicas e lexicais. **Revista Digital Internacional de Lexicología, Lexicografía y Terminología**, Córdoba, [s. v.], n. 3, p. 182-193, 2020. Disponível em: <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/ReDILLeT/article/view/31820>. Acesso em: 20 ago. 2022.
- LUCINI, Andréia Cantuária G. C. **Palmas, no Tocantins, terra de quem?** As desapropriações e desposseções de terras para a implantação da última capital projetada do século XX. 2018. 230 f. Tese (Doutorado em Ciências do Ambiente) – Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2018.

LUCKMAN, Susan. **Craft and the creative economy**. Switzerland: Springer, 2015.

LUCKMAN, Susan. Craft entrepreneurialism and sustainable scale: resistance to and disavowal of the creative industries as champions of capitalist growth. **Cultural Trends**, [s. l.], v. 27, n. 5, p. 313-326, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09548963.2018.1534574>. Acesso em: 15 set. 2020.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo decolonial. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/QtnBjL64Xvssn9F6FHJqnbz/?format=html>. Acesso em: 2 dez. 2021.

LUNA, Zakiya. Truly a Women of Color Organization: Negotiating Sameness and Difference in Pursuit of Intersectionality. **Gender & Society**, v. 30, n. 5, p. 769-790, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0891243216649929>. Acesso em: 2 dez. 2021.

LYNCH, Kevin. **A boa forma da cidade**. Lisboa: edições 70, 2007.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do pacífico ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARCELINO, Marcelo dos Santos. Composição marcária e consumo nas feiras livres de São Paulo. **Anagrama**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 1-15, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/16357>. Acesso em: 10 maio 2021.

MARCONI, Marina; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

MARQUESAN, Fábio Freitas Schilling; FIGUEIREDO, Marina Dantas de. De artesão a empreendedor: a ressignificação do trabalho artesanal como estratégia para a reprodução de relações desiguais de poder. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 15, n. 6, p. 76-97, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ram/a/BNKF9DfPPmF4NPbFBKPBzkv/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 ago. 2021.

MARQUES, Emanuele Souza *et al.* A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, n. 4, 30 abr. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/SCYZFVKpRGpq6sxJsX6Sftx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 jun. 2022.

MARTELO, Emma Zapata; SAN ROMÁN, Blanca Suárez. Las Artesanas, Sus Quehaceres em la organización y em el trabajo. **Revista Ra Ximhai**, Ciudad de Mexico, v. 3, n. 3, p. 591-620, 2007. Disponível em: www.uaim.edu.mx/webraximhai/Ej-09articulosPDF/art%201%20Artesanas.pdf. Acesso em: 11 maio 2021.

MARTINS, Rafael D'Almeida; CALDAS, Eduardo de Lima. Visões do desenvolvimento local: uma análise comparada de experiências brasileiras. **Interações**, Campo Grande, v. 10, n. 2, p. 207-218, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-70122009000200008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 19 nov. 2020.

MARX, Karl.; ENGELS, Frieirich. **A ideologia alemã**. São Paulo, Moraes, 1984 (orig. 1846).

MASCARENHAS, Gilmar; DOLZANI, Miriam C. S. Feira livre: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 2, n. 2, p. 72-87, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/atelie/article/view/4710/3971>. Acesso em: 11 maio 2021.

MATOS, Ralfo. Migração e urbanização no Brasil. **Revista Geografias**, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, p. 7-23, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/geografias/article/view/13326>. Acesso em: 13 set. 2021.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EDUSP, 1974.

MAZZA, Adriana Carla Avelino; IPIRANGA, Ana Sílvia Rocha; FREITAS, Ana Augusta Ferreira de. O design, a arte e o artesanato deslocando o centro. **Cadernos Ebape**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 4, p. 01-11, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/qrVdggBkpvgtT8GfdnC3mjd/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 ago. 2020

MELZ, Talita. Com artesanato e atrações culturais, 2ª Feira das Manas ocorre na Graciosa neste sábado, 2. **Jornal do Tocantins**, Palmas, 1 fev. 2019. Disponível em: <https://www.jornaldotocantins.com.br/editorias/magazine/com-artesanato-e-atra%C3%A7%C3%B5es-culturais-2%C2%AA-feira-das-manas-ocorre-na-graciosa-neste-s%C3%A1bado-2-1.1720157>. Acesso em: 23 ago. 2022.

MILLS, Charles Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

MILLS, Charles Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MORAES, Maria Dione Carvalho; SERAINE, Ana Beatriz Martins; BARBOSA, Carol. Artesanato e políticas públicas no Brasil: uma trajetória entre economia e cultura. **Conhecer: debate entre o público e o privado**, Ceará, v. 10, n. 25, p. 159-182, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uece.br/index.php/revistaconhecer/article/view/3499>. Acesso em: 2 dez. 2021.

MOSCOVICI, Serge. Attitudes and opinions. **Annual Review of Psychology**, [s. l.], v. 14, n. 1, p. 231-260, 1963. Disponível em: https://www.annualreviews.org/doi/pdf/10.1146/annurev.ps.17.020166.002355?casa_token=5r24f5QU_uIAAAA:kAIYS2I5jcuZP6s7VBRyahVx1h8y4OBx7ybBbtzMwzQUxX4ikDlxe2FGho15rHODMsn0gVdeJ2FU. Acesso em: 2 dez. 2021.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em Psicologia Social**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história**: suas origens, desenvolvimento e perspectivas. Trad. Neil R. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

NASCIMENTO, Adriano Roberto Afonso do; GIANORDOLI-NASCIMENTO, Ingrid Faria; TRINDADE, Zeidi Araújo. A representação social do trabalho feminino para homens casados. **Mental**, Barbacena, v. 6, n. 11, p. 145-164, 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272008000200009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 22 ago. 2022.

NASCIMENTO, Rebecca *et al.* Feiras livres em tempo de pandemia: um estudo de caso do município de Belém-PA. **Papers do NAEA**, [s. l.], v. 29, n. 1, p. 142-165, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18542/papersnaea.v29i1.9324>. Acesso em: 13 out. 2021.

NASSIF, Vânia Maria Jorge; CORRÊA, Victor Silva; ROSSETTO, Dennys Eduardo. Estão os empreendedores e as pequenas empresas preparadas para as adversidades contextuais? Uma reflexão à luz da pandemia do COVID-19. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 1-12, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7608263>. Acesso em: 20 set. 2022.

NUNES, Jordão Horta. As transformações na divisão sexual do trabalho e os novos arranjos de gênero domésticos. In: NUNES, Jordão Horta; FREITAS, Revalino Antonio (org.). **Trabalho e gênero**: entre a solidariedade e a desigualdade. Goiânia: PUC Goiás, 2011. p. 69-90.

NUNES, Jordão Horta. **Interacionismo simbólico e dramaturgia**: a sociologia de Goffman. São Paulo: Humanitas, 2005.

OLIVEIRA, Fatima Oliveira.; WERBA, Graziela C. Representações sociais. In: JACQUES, Maria da Graça Corrêa *et al.* (org.). **Psicologia social contemporânea**: livro-texto. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 104-110.

OLIVEIRA, João Maria; ARAUJO, Bruno Cesar; SILVA, Leandro Valério. **Panorama da economia criativa no Brasil**. Rio de Janeiro: IPEA, 2013. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_1880.pdf. Acesso em: 5 jan. 2021.

OLIVEIRA, José Manoel Miranda de. **Estratégias separatistas e ordenamento territorial**: a criação de Palmas na consolidação do estado do Tocantins. 2012. 295 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

ORLANDI, Eni P. A casa e a rua: uma relação política e social. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 693-703, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3172/317227058008.pdf>. Acesso em: 11 maio 2022.

OSTI, Andréia; SILVEIRA, Cristina Andrade Ferreira; BRENELLI, Rosely Palermo. Representações sociais: aproximando Piaget e Moscovici. **Schème: Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 35-60, 2013. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/scheme/article/view/3176>. Acesso em: 11 maio 2022.

PALMAS. **Decreto Municipal nº 1.856/2020**. Declara situação de emergência em saúde pública no município de Palmas e dispõe sobre medidas de enfrentamento da pandemia provocada pelo coronavírus (COVID-19), conforme especifica. Palmas: Casa Civil do Município de Palmas, 2020a. Disponível em: <https://coronavirus.palmas.to.gov.br/storage/legislation/mo8weqqXCcgzSynBbrj3GYit00qQMZCFHHqOI6XB.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2021.

PALMAS. **Decreto Municipal nº 1.859/2020**. Altera o Decreto nº 1.856, de 14 de março de 2020, que declara situação de emergência em saúde pública no município de Palmas e dispõe sobre medidas de enfrentamento da pandemia provocada pelo coronavírus (COVID-19), nas partes que especifica. Palmas: Casa Civil do Município de Palmas, 2020b. Disponível em: <https://legislativo.palmas.to.gov.br/media/leis/decreto-1859-2020-03-18-13-4-2020-15-7-48.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2021.

PALMAS. **Decreto Municipal nº 2.077/2021**. Altera o Decreto nº 2.020, de 1º de abril de 2021, que estabelece o funcionamento de atividades econômicas no Município, de forma a manter a continuidade de serviços e fixar regras de reabertura de determinados segmentos, nas partes que especifica. Palmas: Casa Civil do Município de Palmas, 2021. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=417139>. Acesso em: 1 abr. 2022.

PALMONARI, Augusto; CERRATO, Javier. Representações sociais e Psicologia Social. *In*: ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira; SANTOS, Maria de Fátima de Souza; TRINDADE, Zeide Araujo (org.). **Teoria das representações sociais: 50 anos**. Brasília: Techno Politik, 2011. p. 402-441.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, v. 2, n. 42, p. 377-391, 2014. Disponível em: <http://journals.openedition.org/horizontes/781>. Acesso em: 2 mar. 2021.

PINHEIRO, Georgethe. Primeira edição da Feira das Manas reforça solidariedade e empoderamento feminino. **Jornal do Tocantins**, Palmas, 19 jan. 2019. Disponível em: <https://www.jornaldotocantins.com.br/editorias/magazine/primeira-edi%C3%A7%C3%A3o-da-feira-das-manas-refor%C3%A7a-solidariedade-e-empoderamento-feminino-1.1710335>. Acesso em: 9 mar. 2020.

PISANO, Margarita. **El triunfo de la masculinidad**. Santiago de Chile: Surada, 2001.

POLANYI, Karl. **A grande transformação**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

POLIVANOV, Beatriz Brandão. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. **Esferas**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, p. 61-71, 2014. Disponível em: <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/viewFile/4621/3243>. Acesso em: 11 maio 2021.

RAMOS, Gleys Ially. **Meninas, queria jogar uma ideia para o grupo**. Palmas, 28 de novembro de 2018. Facebook: grupo Indique Uma Mana no Tocantins (IUMT). Disponível em <https://www.facebook.com/groups/2433508566874491>. Acesso em: 13 jan. 2022.

REIS, Ana Carla Fonseca (org.). **Economia criativa como estratégia de desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento**. São Paulo: Itaú Cultural, 2008.

REZENDE, Adriano Alves de; MARCELINO, José Antônio; MIYAJI, Mauren. A reinvenção das vendas: as estratégias das empresas brasileiras para gerar receitas na pandemia de COVID-19. **Boletim De Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 2, n. 6, p. 53-69, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.3834095>. Acesso em: 13 out. 2021.

RICO, María Nieves. **Género, medio ambiente y sustentabilidad del desarrollo** (Documento Técnico). Santiago de Chile: Comisión Económica para América Latina y El Caribe (CEPAL), 1998. Disponível em: <https://repositorio.cepal.org/handle/11362/5867>. Acesso em: 27 nov. 2021.

ROCHA, Weslene. Feira das Manas reforça conceito de economia solidária entre mulheres de Palmas. **Correio Popular**, Palmas, 3, abr. 2019. Disponível em: <https://ocorreiopopular.com.br/feira-das-manas-reforca-conceito-de-economia-solidaria-entre-mulheres-de-palmas/>. Acesso em: 21 maio 2022.

ROMERO, Marta Adriana Bustos. Frentes do urbano para a construção de indicadores de sustentabilidade intraurbana. **Paranoá**, Brasília, [s. v.], n. 4, p. 47-62, 2007. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/paranoa/article/view/10522/9264>. Acesso em: 11 maio 2021.

ROMERO, Marta Adriana Bustos; SILVA, Geovany Jessé Alexandre. O urbanismo sustentável no Brasil a revisão de conceitos urbanos para o século XXI. **Arquitextos**, [s. l.], v. 1, [s. n.], p. 10-16, 2011. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.128/3724>. Acesso em: 11 maio 2021.

ROSALDO, Michelle. O uso e o abuso da antropologia: reflexões sobre o feminismo e o entendimento intercultural. **Horizontes Antropológicos**, [s. l.], v. 1, n. 1, 1995, p.11-36. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1581/rosaldo.pdf?sequence=1>. Acesso em: 13 fev. 2022.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática x revisão narrativa. **Acta paulista de enfermagem**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 5-6, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ape/v20n2/a01v20n2.pdf>. Acesso em: 11 maio 2021.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce; DALLABRIDA, Ivan Sidney. Ecosocioeconomia das organizações: gestão que privilegia uma outra economia. **Revista da FAE**, Curitiba, v. 12, n. 2, p. 17-33, 2009. Disponível em: <https://revistafae.fae.edu/revistafae/article/view/296/201>. Acesso em: 11 maio 2021.

SANTOS, Bruna. Empoderamento das manas: feira de exposição promovida por mulheres em Palmas abre mercado alternativo. **O Calangopress**, Palmas, 21, mar. 2019. Disponível em:

<https://ocalangouft.com/2019/03/21/empoderamento-das-manas-feira-de-exposicao-promovida-por-mulheres-em-palmas-abre-mercado-alternativo/>. Acesso em: 20 maio 2022.

SANTOS, Elismar Alves dos; GUARESCHI, Pedrinho Arcides. Representações sociais: seu status ontológico. **Psicol. rev.**, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 1213-1230, dez. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682019000300016&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 14 jul. 2021.

SANTOS, Francisco Coelho; CYPRIANO, Cristina Petersen. Redes sociais, redes de sociabilidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 29, n. 85, p. 63-78, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092014000200005>. Acesso em: 14 ago. 2022.

SANTOS, José Erimar. Feiras livres: (re)apropriação do território na/da cidade, neste período técnico-científico-informacional. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v. 17, n. 2, p. 39-56, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/index.php/geografia/article/view/10771>. Acesso em: 13 jun. 2021.

SANTOS, Lauane. **Banca exposta**: a vida e o trabalho dos feirantes de Palmas. São Paulo: Casa Flutuante, 2021.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SATO, Leny. **Feira livre**: organização, trabalho e sociabilidade. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.

SATO, Leny. Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre. **Psicologia & sociedade**, Recife, v. 19, n. 2, p. 95-102, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/bdJqKzcZ8CRK84M37MbWxJc/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 13 maio 2022.

SCHILD, Verónica. Feminismo e neoliberalismo na América Latina. **Nueva Sociedad**, jun. 2017. Disponível em: <https://nuso.org/articulo/feminismo-e-neoliberalismo-na-america-latina/imprimir/>. Acesso em: 30 ago. 2023.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 71-99, 1995. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1210/scott_gender2.pdf. Acesso em: 2 dez. 2021.

SERRA, Neusa; FERNANDEZ, Rafael Saad. Economia criativa: da discussão do conceito à formulação de políticas públicas. **RAI Revista de Administração e Inovação**, São Paulo, v. 11, n. 4, p. 355-372, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rai/article/view/110253/108816>. Acesso em: 12 abr. 2022.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. **Artesanato**. 2019. Disponível em: <https://datasebrae.com.br/artesanato/#sexo>. Acesso em: 3 abr. 2021.

- SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. **Termo de referência de economia criativa**. 2012. Disponível em: [http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/17d34b0fadf21eb375cb775f04a9249b/\\$File/4567.pdf](http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/17d34b0fadf21eb375cb775f04a9249b/$File/4567.pdf). Acesso em: 2 ago. 2020.
- SILVA, Antônio Joquim; ARAÚJO, José Luis Lopes; BARROS, Roseli Farias Melo. O desafio do babaçu (*Orbignya speciosa Mart. ex Spreng*) no Piauí. **Raega - O Espaço Geográfico em Análise**, [S. l.], v. 33, n. 2, p. 44-74, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/31960>. Acesso em: 8 fev. 2020.
- SILVA, Antônio Sergio; SOUZA, José Gilberto; LEAL, Antônio Cezar. A sustentabilidade e suas dimensões como fundamento da qualidade de vida. **Geografia em Atos (Online)**, [s. l.], v. 1, n. 12, p. 22- 42, 2012. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/geografiaematos/article/download/1724/sergiosilva>. Acesso em: 13 abr. 2021.
- SILVA, Márcia Alves; EGGERT, Edla. Descosturar o doméstico e a ‘madresposa’ a busca da autonomia por meio do trabalho. *In*: EGGERT, Edla (org.). **Processos educativos no fazer artesanal de mulheres do Rio Grande do Sul**. Santa Catarina: EDUNISC, 2011. p. 39-57.
- SILVA, Marcia R. F.; SILVA, Carlos A. F.; DUTRA, Maria C. F. Pandemia da COVID-19: riscos e incertezas na sociedade contemporânea. **Fórum Ambiental da Alta Paulista**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 67-78, 2021. Disponível em: https://publicacoes.amigosdanatureza.org.br/index.php/forum_ambiental/article/download/2976/2819. Acesso em: 10 abr. 2022.
- SILVA, Valéria Cristina Pereira. **Girassóis de Pedra: imagens e metáforas de uma cidade em busca do tempo**. 2008. 239 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual de São Paulo, Presidente Prudente, 2008.
- SILVA, Valéria Cristina Pereira. **Palmas, a última capital projetada do século XX: uma cidade em busca do tempo**. São Paulo: UNESP/Cultura Acadêmica, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/110754>. Acesso em: 21 abr. 2021.
- SORJ, Bila; FONTES, Adriana; MACHADO, Danielle. Políticas e práticas de conciliação: entre família e trabalho no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 573-594, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/Tncsync85TCBVCJWm7KHhT7J/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 2 dez. 2021.
- SORJ, Bila. O feminismo na encruzilhada da modernidade e pós-modernidade. *In*: COSTA, Albertina; BRUSCHINI, Cristina (org.). **Uma questão de gênero**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992. p. 15-23.
- SOUZA-LOBO, Elisabeth. **A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência**. 3. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2021.
- SOUZA, Marcelo Lopes. **Ambientes e territórios: uma introdução à ecologia política**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

- SOUZA, Marcelo Lopes. **Mudar a cidade**: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- SPOSITO, Eliseu Savério. **A vida nas cidades**. São Paulo: Contexto, 1994.
- TEIXEIRA, Luís Fernando Cruvinel. A formação de Palmas. **Revista UFG**, Goiânia, v. 11, n. 6, p. 91-99, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/48234>. Acesso em: 15 jan. 2021.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1996.
- TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum**: para todas, todes e todos. 4. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2023.
- TONHATI, Tânia; MACEDO, Marília. Imigração de mulheres no Brasil: movimentações, registros e inserção no mercado de trabalho formal (2010-2019). **Périplos: Revista de Estudos sobre Migrações**, Brasília, v. 4, n. 2, p. 125-155, 2020. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/obmigra_periplos/article/view/35905. Acesso em: 6 jan. 2022.
- TORRES, Cláudio; NEIVA, Elaine Rabelo. **Psicologia social**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- TREVISAN, Ricardo. Cidades plantadas na floresta Amazônica: ações estatais para ocupação e urbanização do centro-norte brasileiro. **Revista Geográfica de América Central**, Heredia, v. 2, n. 47, p. 1-18, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/2209/2105>. Acesso em: 11 maio 2021.
- TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3. p. 443-466, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>. Acesso em: 11 maio 2021.
- VEIGA, José Eli. **Sustentabilidade**: a legitimação de um novo valor. São Paulo: Senac, 2011.
- VELASQUES, Ana Beatriz Araújo. **A concepção de Palmas (1989) e sua condição moderna**. 2010. 245 f. Tese (Doutorado em Urbanismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- VIEIRA, Geruza Silva de Oliveira. **Artesanato**: identidade e trabalho. 2014. 180 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.
- VILLAÇA, Flávio. **Reflexões sobre as cidades brasileiras**. São Paulo: Nobel, 2012.
- VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, 2016, p. 203-220. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977/6250>. Acesso em: 11 maio 2021.

WALKER, Stephen. Illusory objects and fairground architecture. **The Journal of Architecture**, [s. l.], v. 20, n. 2, p. 309-354, 2015. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13602365.2015.1028425>. Acesso em: 20 ago. 2022.

ZDEPSKI, Fabiola Bevervanço; GRIMM, Isabel Jurema; PROCOPIUCK, Mario. Aprendizagem expansiva e ecossocioeconomias na prática artesanal da Feira de Arte e Artesanato do Largo da Ordem em Curitiba-Pr. **Revista da FAEBA - Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 27, n. 52, p. 26-43, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeaba/article/view/5311>. Acesso em: 11 maio 2021.